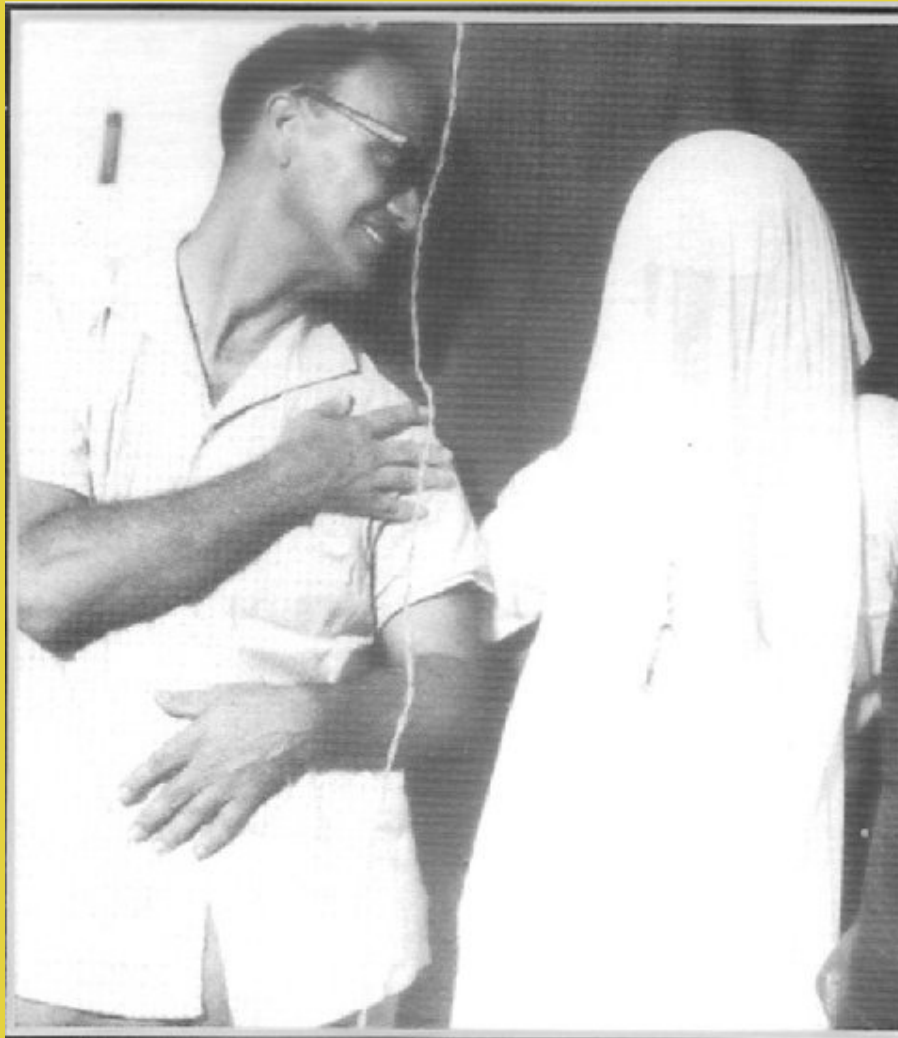


# MATERIALIZAÇÕES DE UBERABA



DOCUMENTÁRIO HISTÓRICO SOBRE A MAIOR CAMPANHA CONTRA O ESPIRITISMO NO BRASIL. CONTÉM OS DEBATES NA TV, FOTOS (NA CAPA, CHICO XAVIER E A FREIRA MATERIALIZADA) E O LAUDO DA POLÍCIA TÉCNICA DE SÃO PAULO REFUTANDO O DO RIO DE JANEIRO.

## JORGE RIZZINI

®

LIVROFÁCIL  
NOVA LUZ  
EDITORA

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

## Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org).



[www.ebookespírita.org](http://www.ebookespírita.org)

# **MATERIALIZAÇÕES DE UBERABA**

© 1964 – by JORGE RIZZINI

*Direitos reservados de publicação  
À LivroFácil-NovaLuz Editora e Distribuidora Ltda.*

*2ª. Edição – Julho de 1997 – 3.000 Exemplares  
LIVROFÁCIL-NOVALUZ EDITORA E DISTRIBUIDORA LTDA.  
Av. Lacerda Franco, 274 – Aclimação – São Paulo – SP  
Cep: 01536-000, Telefax: (011) 277.9530*

*Desenvolvimento da Capa, Projeto e Diagramação:  
Ricardo S. Magalhães  
Foto da capa: Chico Xavier e a Freira Materializada  
Fotolitos das Fotos: LivroFácil-NovaLuz  
Fotolito da Capa: Binhos Fotolito e Editora Ltda.  
Revisão: Angela Azevedo de Matos e Ricardo S. Magalhães  
Supervisão geral de Ricardo S. Magalhães*

**ISBN 85-85909-03-X**

***JORGE RIZZINI***

**MATERIALIZAÇÕES DE  
U B E R A B A**

®  
***LIVROFÁCIL***  
**NOVALUZ**  
**EDITORA**

## ÍNDICE

<b>I - O impressionante relato de “Fatos e Fotos” sobre as materializações com Otília Diogo.....</b>	<b>9</b>
<b>II - O que eu vi em Uberaba através de Otília Diogo.....</b>	<b>14</b>
<b>III - Os repórteres da revista “O Cruzeiro” na cidade de Uberaba.....</b>	<b>19</b>
<b>IV - Como decorreu a célebre sessão em Uberaba com os repórteres e os médicos.....</b>	<b>21</b>
<b>V - O escândalo de “O Cruzeiro” (e a Missão de Irmã Josefa).....</b>	<b>27</b>
<b>VI - Primeira fase da luta para restaurar a verdade.....</b>	<b>31</b>
<b>VII - Denúncia na TV-Continental contra a revista “O Cruzeiro”.....</b>	<b>35</b>
<b>VIII - Réplica dos médicos aos repórteres de “O Cruzeiro”.....</b>	<b>78</b>
<b>IX - Laudo técnico publicado pelo “O Cruzeiro” impugnado pelos peritos da Polícia de São Paulo.....</b>	<b>90</b>
<b>X - O desespero dos repórteres em face da verdade espírita.....</b>	<b>108</b>
<b>XI - O desmascaramento dos repórteres na TV-Continental do Rio.....</b>	<b>112</b>
<b>XII - Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira ameaçados de morte.....</b>	<b>202</b>
<b>XIII - Nova luz sobre o escândalo pela TV-Excelsior de São Paulo.....</b>	<b>204</b>
<b>XIV - Resposta dos médicos ao repto absurdo de “O Cruzeiro”.....</b>	<b>229</b>
<b>XV - Depoimento de Chico Xavier sobre as sessões com Otília Diogo.....</b>	<b>232</b>
<b>Obras do Mesmo Autor.....</b>	<b>238</b>

*Para*

*IRMÃ JOSEFA  
EMMANUEL  
e ANDRÉ LUÍS*

*– Em retribuição ao apoio que nos deram nesta luta épica pela Verdade Espírita.*



*A médium Otília Diogo na jaula de experimentação. Mãos algemadas e pernas presas na cadeira com correias e cadeados. Seu corpo está coberto, apenas, por uma camisola negra (os Espíritos se materializavam com roupas brancas).<sup>1</sup>*

---

<sup>1</sup> Esta foto não consta na 1ª edição. (N. R.)





## I

### O IMPRESSIONANTE RELATO DE “FATOS E FOTOS” SOBRE AS MATERIALIZAÇÕES COM OTÍLIA DIOGO

Começamos este livro já fazendo justiça: o primeiro trabalho de divulgação dos dons mediúnicos de dona Otília Diogo, nós o devemos ao jornalista Salomão Schwartzman; foi quem descobriu a notável médium de materialização na pequenina cidade de Andradas (MG) e, pela primeira vez, apresentou-a ao público através de uma magnífica reportagem, fartamente ilustrada, e que teve violenta repercussão em todo país.

O impressionante relato de Salomão Schwartzman — repórter que, diga-se de passagem, não é espírita — é hoje histórico e foi publicado no famoso semanário “Fatos e Fotos” no dia 3 de agosto de 1963. Vamos transcrevê-lo, na íntegra, a fim de que o leitor, desde já, sinta a grandiosidade dos dons mediúnicos de dona Otília Diogo e possa, no decorrer deste livro, aquilatar a extensão da irresponsabilidade da revista “O Cruzeiro” ao publicar uma longa série de reportagens e crônicas difamando a médium e os dezenove médicos que lhe experimentavam a mediunidade, na cidade de Uberaba.<sup>2</sup>

“Quero relatar de maneira minuciosa (escreve Salomão Schwartzman) tudo o que vi na sessão espírita do Centro Paz e Amor, na cidade de Andradas, no interior de Minas Gerais, no dia 17 de julho último. Eu e Geraldo Móri, dois descrentes em matéria de espiritismo, viajamos mais de 400 quilômetros para comprovar a materialização de um espírito e trazer aos leitores de “Fatos e Fotos” o relato honesto dos 120 minutos que passamos no interior da casa número 138 da Rua do Mercado.

“Em toda a minha vida, eu jamais havia assistido a qualquer trabalho dessa natureza. Movia-me o desejo da reportagem, tão somente, imbuído de um respeito simples que todos guardamos dentro de nós quando defrontamos com algo desconhecido. Confesso que, de início, antes que começasse a sessão, alimentei a vontade de descobrir uma possível fraude. Meus olhos bailaram de cá para lá, de baixo para cima, procurando um teto falso, um túnel, um buraco, uma porta secreta, qualquer coisa, enfim, que me levasse a por em dúvida a seriedade daquele espetáculo. Nada encontrei. A médium,

---

<sup>2</sup> Infelizmente, “Fatos e Fotos” não tomou posição contra as difamações publicadas pela revista “O Cruzeiro”...

uma mulher baixa, magra, aparentando 30 anos, naquela quarta-feira, com 38 graus de febre, voz fina de mulher do interior, usando um vestido largo e um suéter grosso e sapatos baixos, me dava a idéia de qualquer coisa incomum. Seu nome: Otília Diogo. Casada, mãe de duas filhas.

“Até aquele momento — quando o presidente do Centro, Antenor Risso, preparava a assistência, discorrendo sobre a necessidade que temos de expulsar de nossas mentes e corações a vaidade, o orgulho e a grandeza mesquinhos, a fim de que possamos nos aproximar mais e mais de Jesus — eu não imaginava o que para mim estava reservado, para alguns instantes depois.<sup>3</sup>

“Éramos, numa sala de uns vinte e cinco metros quadrados, 34 pessoas, entre homens e mulheres. O silêncio era total. A voz de Antenor era forte, mas simpática. Durante 30 minutos ele falou na bem-aventurança da vida extraterrena. Também um capítulo do Evangelho foi lido. Quando se deu por satisfeito e antes que todos passássemos a uma outra sala, três passistas percorreram um por um dos assistentes — nós dois, inclusive — fazendo gestos sobre as nossas cabeças, tirando os maus espíritos que porventura tivéssemos trazido. Benzidos, penetramos na sala onde se daria a materialização.

“Homens, de um lado, mulheres, de outro. Antenor conduziu a médium Otília até um tablado de madeira onde uma cadeira especial a esperava. Foi amarrada com duas correias em poder de Antenor.

“A minha expectativa aumentava. Subi até o tablado e examinei o local onde Otília já estava, pois assim que a sessão começasse uma cortina a separaria de todos nós, a fim de que lá não penetrasse a mínima réstia de luz. O teto era de cimento, como as paredes, que também não tinham o menor defeito, rachadura ou porta. Algumas garrafas com água ficavam ao seu lado, colocadas pelos crentes, esperançosos de que o espírito ali colocasse remédios divinos para seus males físicos. Uma vitrola e alguns discos também encontravam perto da médium: era para o espírito tocar a música que desejasse.

“Geraldo Móri tomou posição com a máquina e eu sentei no lugar que me fora reservado. Antenor suplicou que todos rezassem com fervor, a fim de que o fenômeno pudesse ocorrer, fortalecendo a mediunidade de Otília.

“A luz foi desligada. A escuridão era absoluta — eu não enxergava a minha própria mão. Cânticos, preces e invocações começaram a ser ouvidos. Todos rezavam em voz alta. Da médium, comecei a ouvir sons guturais, típicos de ânsia de vômito. Alguns dos assistentes tinham também espasmos. Senti que

---

<sup>3</sup> Foi Antenor Risso quem desenvolveu a mediunidade de dona. Otília Diogo; aliás, dentro dos princípios kardecistas. Antes, esteve obsediada durante anos, só encontrando a cura quando seu espírito-guia, Irmã Josefa, se manifestou. (Nota do Autor).

vomitaria e a custo consegui me dominar. Os segundos se passavam e eu esperava a qualquer momento a materialização de Irmã Josefa.

“Eu sabia que essa Irmã Josefa tinha vindo da Alemanha, com 17 anos. Entrando para um convento na cidade de Itu, no interior de São Paulo, lá conheceu um padre. Dessa ligação ilícita nasceu Otília. Irmã Josefa morreu há nove anos. Tempos depois de sua morte, seu espírito passou a manifestar-se na filha. Otília começou a desenvolver a mediunidade. E a primeira materialização de sua mãe foi conseguida há quatro anos, quando Josefa apareceu, dizendo, entre outras coisas:

“— Quando passei para o lado de lá, a única virtude que levei foi a de ter tido uma filha.

“A materialização é conseguida pelo ectoplasma que escorre pela boca e do nariz da médium — daí as ânsias de vômito. Com o plasmato da médium, o espírito molda seu corpo e aparece. “Se a flor exala um perfume, por que nós, mortais, não teremos qualquer coisa que emane sem que percebamos?” — argumenta Antenor.

“Eu continuava na cadeira, enquanto Móri permanecia agarrado à máquina e ao flash. Ordens severas haviam sido dadas no sentido de que somente tirasse fotografias depois da autorização do próprio espírito. Do contrário, a luz do flash cegaria para sempre a médium. Obedecemos para evitar qualquer tragédia.

“De repente, em meio à escuridão, vislumbrei um vulto branco. Era o espírito que aparecia e que se anunciava como Irmã Josefa. Todos renderam graças a Deus. Fiquei estático. A preocupação de descobrir qualquer indício de embuste tirou-me o medo. Mas não vi nenhuma mistificação. E a Irmã Josefa lá estava, com apenas uma pequeníssima parte de seu rosto e a laringe iluminadas por uma luz fosforescente. Não se lhe viam os olhos, a boca e o nariz. A luminosidade diminuta de uma parte de sua laringe — repito — era o se enxergava. E Josefa falou.

“Josefa falou com um sotaque alemão que me surpreendeu. Abençoou a todos e disse estar satisfeita com a presença dos dois homens de imprensa que ali tinham vindo conhecê-la. Para cada frase, ela repetia: “Viva Jesus, viva Jesus!”

“Antenor destacou-se da assistência e perguntou se o fotógrafo poderia tirar umas chapas. Irmã Josefa, numa voz muito meiga, envolvente, disse:

“— Sim. E por que, não?”

“O flash explodiu pela primeira vez dentro daquela colossal escuridão. Na claridade momentânea, vi o espírito materializado numa vestimenta branca, comprida, tocando o chão.

“Graças a Deus”, repetia a assistência. “Viva Jesus”, repetia sempre

Irmã Josefa. Eu não queria acreditar no que via. Mas via. Não podia deixar passar aquela chance de entrevistar um espírito. Tateei no escuro a mão de Antenor Risso, que sentava próximo de mim, e perguntei-lhe se poderia conversar com a Irmã. Ele transmitiu minha pergunta e obtive a autorização de Irmã Josefa. Levantei-me e falei:

“— Vim de longe para falar com a senhora...

“— Viva Jesus!

“— ...e quero saber se tenho bons fluidos para isso.

“— Ótimos.

“— A senhora nasceu onde?

“— Na Alemanha.

“— E onde morreu?

“— Em Campinas.

“— Qual o número de seu túmulo?

“— Número dez.

“Nesse instante, minhas pernas tremeram. Vacilei e me sentei. Mas meu espanto foi ainda maior quando Irmã Josefa dirigiu-se a uma moça que me acompanhava (e que ninguém dali conhecia, absolutamente). Eu sabia que ela tinha perdido seu pai, há sete meses. E irmã Josefa lhe disse, estendendo-lhe uma cruz:

“— Entrego esta cruz à mocinha que perdeu o pai há pouco tempo.

“Antenor entregou a cruz. A moça perguntou se o pai estava bem.

“— Está bem e agora estará melhor, porque andaré comigo — disse Irmã Josefa, enquanto sua testa se movia para cima e algumas vezes para o lado.

“Novamente o flash espocou e, a todo instante, Irmã Josefa repetia: “Viva Jesus!” As preces eram continuadas. De repente, a música do disco: voz de Inesita Barroso cantando uma modinha típica em que falava de Deus. Assistência em silêncio, desta vez. Irmã Josefa abençoa a reportagem de “Fatos e Fotos” e diz que gostou muito do fotógrafo. Pergunta-lhe o nome. Móri, do fundo da sala, ensaia um “Geraldo”. Antenor repete: “Irmão Geraldo”.

“O espírito materializado avisa que vai embora. O plasma está acabando. Todos rendem graças a Deus e a luz é ligada novamente. No aclarar-se a sala, já não se vê mais Irmã Josefa. Desapareceu.

“Meus olhos ardem. A cortina á aberta e a médium é libertada, sob as minhas vistas. Nenhum buraco no chão, nenhum teto falso, nada, nada. Um líquido branco — o plasma — escorre da sua boca. Móri fotografa sobre o tablado.

“Eu acabara de assistir a um espetáculo raro, como jamais sonhei ver!

Durou noventa minutos — noventas minutos a escuridão total. Saí da sala perguntando-me se tudo aquilo era mesmo verdade. Não sabia responder. Vi, ouvi, senti. E agora?”

A reportagem de Salomão Schwartzman (repórter, insisto, que não é espírita) além da esplêndida divulgação doutrinária teve um outro mérito: chamou a atenção de dezenove médicos para a pesquisa dos fenômenos ectoplásmicos. Essa equipe médica, que se vem reunindo na cidade de Uberaba, no consultório de Waldo Vieira (o conhecido psicógrafo que também é odontólogo e doutor em medicina) já comprovou, exaustivamente, a fenomenologia apresentada pela sensitiva Otília Diogo. O resultado dessa pesquisa será em breve apresentado ao público em uma obra revolucionária que podemos considerar, desde já, clássica dentro da biblioteca fenomenológica espírita — não obstante os ataques que lhe promoveram repórteres da revista “O Cruzeiro”, que pela imprensa, quer pela televisão.<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Infelizmente, essa obra da equipe médica não foi publicada.

## II

### O QUE EU VI EM UBERABA ATRAVÉS DE OTÍLIA DIOGO

Dias após fazer publicar em um semanário de São Paulo uma reportagem sobre dona Otília Diogo e as materializações através de sua mediunidade (éramos, então, chefe de reportagem da “Edição Extra”) foi o autor deste livro convidado por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira a assistir, em Uberaba, sessões com a referida médium de efeitos físicos. Era o primeiro contato que teríamos com dona Otília Diogo, e ansiávamos por ele. Minha incumbência específica era registrar em um documentário cinematográfico o encontro da médium com os médicos, com Chico e Waldo, etc.<sup>5</sup> E, assim ampliar a “Filмотeca Allan Kardec”, criada por nós.

Nessas sessões de Uberaba, que meses depois se transformariam em escândalo nacional e, por fim, em formidável publicidade em benefício do Espiritismo, estariam presentes os dezenove médicos. Além de dona Otília Diogo, também seria experimentado o médium Antônio Alves Feitosa, de São Paulo.

No dia marcado, em companhia do psiquiatra Alberto Calvo, dirigi-me a Uberaba, levando comigo a aparelhagem de filmar.

A sessão a que assisti, foi realizada no pequeno consultório médico de Waldo Vieira. E em condições capazes de evitar possibilidade de fraude. Rigorismo absoluto, inclusive entre os próprios médicos. Basta recordar que a ninguém foi permitido entrar na sala dos trabalhos trazendo lenço e nem relógio no pulso. Ainda mais: fomos obrigados a entrar na sessão sem paletó... e sem gravata! Quanto à médium Otília Diogo, devia trocar de roupa: ao invés do vestido colorido, que usava, devia ela vestir uma camisola negra, exclusivamente. A cautela se justificava: é que o espírito de Irmã Josefa se materializa como freira, vestida totalmente de branco. A jornalista “associada”, Wanda Marlene, foi incumbida pelos médicos de acompanhar dona Otília Diogo ao compartimento contíguo ao consultório e fiscalizar, também, a troca de roupa. Era a primeira vez que a jornalista se defrontava com a médium.

No consultório do médico Waldo Vieira estavam instaladas nove máquinas fotográficas: os espíritos que porventura se materializassem seriam fotografados em nove ângulos diferentes para exame e confronto. No teto, o “flash” eletrônico.<sup>6</sup> Viam-se, também, barômetros, balanças, etc. Frente às

---

<sup>5</sup> Essa película, hoje histórica, já foi mostrada ao povo de S. Paulo e Guanabara através da televisão e será também doada à Exposição Espírita Permanente, de Uberaba. (Nota constante apenas na 1ª edição)(N. R.)

<sup>6</sup> Nedyr Mendes da Rocha, fotógrafo profissional, foi quem comandou o laboratório fotográfico à sala vizinha da experimentação mediúnica. A revelação dos negativos era feita imediatamente após a sessão!

cadeiras, dispostas em fila para os assistentes, uma jaula de aço confeccionada em Uberaba; idêntica às que se vê nos jardins zoológicos e da qual (sem exagero) nem mesmo uma pantera ou um leão poderiam escapar. Jaula destinada aos médiuns.

Após verificação da temperatura do ambiente e pesagem de todos os presentes, foram introduzidos na referida jaula dona Otília Diogo, coberta por uma camisola de cor negra, e o Sr. Feitosa. Em seguida, amarrados pelos próprios médicos. Nos pés, foram colocadas fortes correias com cadeados; nos pulsos, ao invés de correias, algemas policiais prendendo também o braço da cadeira. Algemas do tipo espanhol: quanto mais o preso procura libertar-se mais apertam os pulsos.

Penalizou-me ver dona Otília Diogo naquela situação humilhante: vestida com roupa preta, dentro de uma jaula e algemada, como uma criminosa. Mas, ela pedira aos médicos rigor excessivo na fiscalização de sua pessoa, e esse pedido ela o fez com espontaneidade admirável, pois médium autêntica que é, sujeita-se a tudo, sem nada temer.

Tudo pronto, os médicos sentaram-se em seus lugares. Waldo Vieira leu um trecho do Evangelho, abrindo em nome de Deus a reunião e, em seguida, foi apagada a lâmpada do consultório.

A sala ficou em escuridão total.

A pedidos, Francisco Cândido Xavier, ao nosso lado, fez uma lindíssima prece, citando várias vezes o nome de Jesus. Terminada esta, a expectativa pareceu crescer. Algo aconteceria ou não? O mundo espiritual se faria presente ali?

Acredito que todos estivessem duvidando. Quanto a mim, acostumado a ver embusteiros fantasiados de “fenômeno”, confesso que não acreditava nos dons mediúnicos de dona Otília...<sup>7</sup> E muitíssimo menos nos do Sr. Feitosa. **Aquelas algemas policiais... A jaula zoológica... Os dezenove médicos, todos atentos com os olhos arregalados...**<sup>8</sup> Mas, para grande espanto nosso, de súbito ouvimos no lado esquerdo da jaula, onde se encontrava dona Otília Diogo, ruídos estranhos... Ruídos guturais. Deram a impressão de alguém estava a extrair algo da boca da médium. Dona Otília gemia.

Era o transe que se iniciava. Segundos depois, começou a liberação do ectoplasma; não apenas pela boca, mas também pelos ouvidos e nariz. Agora, o ruído que chegava até nós modificou-se: palavras ininteligíveis passaram a ser proferidas. Palavras gritadas. Evidentemente, o espírito manifestante estava a experimentar a garganta recém-formada com o ectoplasma fornecido pela médium.

Que estava por suceder? E, imediatamente, mãos invisíveis puseram em movimento a vitrola localizada fora da jaula e, ato contínuo, sob a luz de uma

---

<sup>7</sup> Versão da 1ª edição: Quanto a mim, acostumado a ver embusteiros fantasiados de “fenômeno”, confesso que, **não sei porque**, não acreditava nos dons mediúnicos de Dna. Otília...(N. R.)

<sup>8</sup> O trecho em amarelo foi excluído da 2ª edição. (N. R.)



*Materialização integral de Irmã Josefa, podendo notar-se sua roupagem volumosa e complicada. A entidade está abraçando Francisco Cândido Xavier e Wanda Marlene. A foto foi batida na presença da equipe médica.*



pequenina lâmpada vermelha, diante dos dezenove médicos surgiu a materialização total do espírito de Irmã Josefa: magnífica, toda vestida de branco, com roupa de freira. Trazia uma luz na fronte e no tórax.

— Vou a Jesus!<sup>9</sup> Disse ela, alegre, e sua voz com timbre brilhante e, no entanto, suavíssimo (oposto ao da médium) ecoou pelo consultório.

— Viva Jesus! Responderam todos, deslumbrados com o fenômeno.

E Irmã Josefa tornou a repetir, com seu sotaque alemão:

— Viva Jesus!

E esparziu sobre todos gotas de perfume. O ambiente parecia etéreo, não obstante vinte e poucas pessoas respirando e transpirando dentro de uma pequena sala hermeticamente fechada — a cadeados.

— Sabem porque estou aqui entre vocês, meus filhos? Para dar provas de que a morte não existe. Provas verdadeiras de que todos vocês são imortais.

E Irmã Josefa, mostrando-se muito feliz, deu em verdade provas magníficas. Permitiu dezenas de fotografias; entre elas, várias curiosas, como por exemplo, uma que mostra seu corpo ectoplásmico sendo interpenetrado pelas grades da jaula. Outro fenômeno curioso, foi o transporte de três fitas coloridas para o consultório. Essas fitas de pano foram colocadas na palma da mão de Chico Xavier e, entre Chico Xavier e Irmã Josefa havia uma distância de, pelo menos, três metros; o espírito, no entanto, para colocar as fitas na mão de Chico Xavier, não caminhou um passo! Seu braço ectoplásmico é que se alongou.

Nessa noite memorável, também se materializou através de dona Otília o espírito de Alberto Veloso, ex-médico da marinha. Materialização integral. Antes, fez-se anunciar no recinto esparzindo gotas de éter. Foi inúmeras vezes fotografado. Também o espírito de uma criança, sem se deixar ver, conversou com os presentes. Em seguida, materializou uma gaita e tocou-a, permitindo que nós outros (inclusive eu) a examinássemos. A gaita teria uns quinze centímetros de comprimento e cinco de altura.

Por tudo o que nos foi dado ver, podemos afirmar: dona Otília Diogo nos faz lembrar as médiuns do passado Eusábia Paladino, que também era analfabeta, e Mme. D’Esperance nos seus grandes momentos de mediunidade, D’Esperance; inclusive, pela sua comovedora simplicidade.<sup>10</sup>

Infelizmente, Antônio Alves Feitosa, dentro da jaula algemado, nada pode oferecer aos médicos no complexo campo da mediunidade.

Esse trabalho em Uberaba, dias depois foi repetido na residência do autor deste livro. Mas, em condições privilegiadas: não foi necessário o uso intermitente da lâmpada vermelha, que as materializações de Alberto Veloso e Irmã Josefa, em nossa sala de visitas, se verificaram sob a luz branca, indireta e

---

<sup>9</sup> Esse trecho na 1ª edição consta como “Viva Jesus!”(N. R.)

<sup>10</sup> Este trecho (de péssima pontuação em ambas as edições, por sinal), conta na 1ª edição como: “Principalmente, D’Esperance; inclusive, pela sua comovedora simplicidade, fora do normal.” Provavelmente o autor quis escrever isso: “Por tudo o que nos foi dado ver, podemos afirmar que dona Otília Diogo nos faz lembrar as médiuns do passado: Eusábia Paladino, que também era analfabeta, e Mme. D’Esperance nos seus grandes momentos de mediunidade; D’Esperance, inclusive, pela sua comovedora simplicidade.” (N. R.)

contínua. Iluminação excessiva; e, no entanto, Alberto Veloso, nessa noite, apresentou-se diante de nós sem véus. Com uma nitidez espantosa.

Aqui, termina o que podemos chamar de primeira fase do nosso histórico. Foi ela redigida a fim de que o leitor se inteire de fatos paralelos ao escândalo de “O Cruzeiro” e tome conhecimento de detalhes que vão esclarecer (ainda mais) certas questões que adiante serão levantadas.

### III

#### OS REPÓRTERES DA REVISTA “O CRUZEIRO” EM UBERABA

Agora, é chegado o momento de tocarmos em um ponto fundamental: o intrometimento da revista “O Cruzeiro” nas experimentações de ectoplasmia, em Uberaba.

A primeira reportagem (a favor das experiências) com catorze páginas ilustradas, traz a assinatura de José Franco e foi feita com o sentido de conquistar a simpatia dos dezenove médicos que examinaram a médium Otília Diogo.

Essa primeira reportagem, porém, nasceu como?

Por incrível que pareça, de um programa de televisão... O repórter assistiu ao programa organizado por Wanda Marlene na TV-Itacolomy, de Belo Horizonte, ouviu o depoimento de alguns médicos, viu diversas fotografias pelo vídeo e... foi aos estúdios buscar o material para a reportagem, que recebeu o nome de “Fenômenos de Materialização”.

Aqui começa a irresponsabilidade da revista “O Cruzeiro”: publicar uma vasta reportagem sobre materialização de espíritos, ilustrada com quinze fotografias, algumas ocupando página inteira, sem que seu autor, José Franco, tivesse, pelo menos, conhecimento do local das sessões!

Absurdo, evidentemente, em se tratando de uma revista que pretende ser mais ou menos honesta. Mas, má fé já estava patente nessa primeira reportagem; porque José Franco, ao fim da mesma, deu destaque à seguinte “nota do repórter” e para a qual chamo a atenção do leitor:

“Não houve neste texto (escreve o repórter) do princípio ao fim, nenhuma frase que denunciasse a opinião do repórter. Esta será expedida em outra ocasião, se me for dada a oportunidade de presenciar, com os próprios olhos, as pesquisas que a numerosa equipe médica procede na cidade de Uberaba”; etc.

Aqui, José Franco salvaguardou a sua reputação. Soube esconder bem a irresponsabilidade de repórter sensacionalista escrevendo que não houve, em sua reportagem, “nenhuma frase que denunciasse a opinião do repórter”. Mas, como acrescentou que sua opinião seria expandida em outra ocasião se lhe fosse dada a “oportunidade de presenciar com os próprios olhos” o fenômeno, os médicos (psicologicamente pressionados por essa reportagem) se viram obrigados a convidar José Franco para uma sessão experimental com dona Otília Diogo.

José Franco respondeu que se faria acompanhar de uma testemunha... Um outro repórter de nome José Nicolau. E a data da experimentação foi marca-

da, que já não era possível aos médicos voltar atrás... Se desfizessem o compromisso, fatalmente seriam massacrados pela revista como “embusteiros”... etc.

No dia da sessão, porém, tiveram os médicos uma surpresa: ao invés de apenas José Franco e uma testemunha José Nicolau, surgiu em Uberaba, vindo do Rio de Janeiro, um bando de repórteres e fotógrafos... “para assistir aos trabalhos”.

É evidente, portanto, que a trama de “O Cruzeiro” já estava preparada.

## IV

### COMO DECORREU A CÉLEBRE SESSÃO EM UBERABA COM OS REPÓRTERES E MÉDICOS

Era impossível recuar; e os médicos, sem saber o que iria acontecer (mas, apoiados espiritualmente com a presença de Chico Xavier) entraram no consultório de Waldo Vieira acompanhados de Jorge Audi, Henri Ballot, José Franco, Mário Moraes, Paulo Miranda, José Nicolau e Nilo Oliveira. Ao todo, sete repórteres e fotógrafos de uma revista sensacionalista. Participaram, também, dos trabalhos Cleusa Soares e a valorosa Wanda Marlene, ambas da TV-Itacolomy, de Belo Horizonte.<sup>11</sup>

O que foi essa sessão, vamos narrar agora; sem minúcias, mas com base em depoimentos. Não antes, porém, de tecer um elogio às entidades espirituais que, materializadas em uma pequenina sala, souberam tão bem dominar o impulso de sete repórteres declaradamente inimigos da Doutrina Espírita. Tenha o leitor em mente que essa sessão durou duas horas consecutivas; duas horas de luta, portanto.

Estavam presentes no consultório do dr. Waldo Vieira (local da experimentação) treze médicos, alguns professores de faculdades. Eram eles: dr. Eurípedes Tahan Vieira, dr. Cleomar Borges de Oliveira, dr. Adroaldo Modesto Gil, dr. Alberto Calvo, dr. Adelor Alves Gouveia, dr. Waldo Vieira, dr. Oswaldo de Castro, dr. Elias Barbosa, dr. Armando Valente de Couto, dr. José Américo Junqueira de Mattos, dr. Ismael Ferreira da Rezende, dr. Milton Skaff e dr. Sebastião de Mello, que dirigiu a sessão propriamente dita.

Treze médicos, mas a fiscalização foi entregue aos repórteres. Foi-lhes dada, para isso, ampla liberdade de ação.

Começaram eles examinando, através de batidas, as paredes do consultório; depois, o teto, o piso, a porta. O ventilador e o exaustor também passaram por uma revisão: por dentro e por fora. Nada de suspeito encontraram. Os próprios médicos foram revistados pelos jornalistas; inclusive, os sapatos e, mais detidamente, os saltos de borracha... Talvez que com uma pressão pudesse o salto do sapato de um médico mancomunado com dona. Otília Diogo e surgisse o vestuário enorme da freira...

Quanto a Francisco Cândido Xavier, que participava da reunião apenas na qualidade de assistente, teve as roupas um pouco mais policialmente examinadas. Era tal a desconfiança que inspirava, que os bolsos de sua calça

---

<sup>11</sup> A sessão foi realizada na noite de 3 de janeiro de 1964.

foram destruídos: alguém levantara a hipótese de que a vestimenta da freira poderia estar escondida na calça do médium mineiro...

Para completar a fiscalização, o próprio dr. Adelor Alves Gouveia aconselhou que se colocasse no ombro de cada participante um pedaço de esparadrapo fosforescente a fim de evitar-se movimentos suspeitos no consultório. Isso também foi feito.

Médicos e consultório revistados com perícia pela equipe de repórteres, restava, agora, um exame completo em dona Otília Diogo. Já sabe o leitor que ela é uma senhora humilde, sem nenhuma instrução (não sabe sequer ler e escrever) e que a exemplo dos médiuns Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, se sujeita a qualquer tipo de experimentação; inclusive, a exigida pela equipe de “O Cruzeiro”...

Antes de entrar na sala dos trabalhos, foi ela submetida a um exame (por razões óbvias) feito pelo dr. Ismael Ferreira de Resende. Em seguida, para evitar qualquer suspeita de fraude, convidada a vestir uma camisola negra, visto que a roupa da freira materializada é totalmente branca, dos pés à cabeça.

Tanto o exame no corpo de dona Otília Diogo como a troca de roupa foram feitos na presença dos repórteres Mário Moraes e Jorge Audi. Absurdo, evidentemente, mas era preciso que a verdade espiritual se manifestasse límpida e cristalina naquela noite.

Comprovado que nada de suspeito havia no corpo e nas vestes da famosa médium, foi ela conduzida ao consultório onde todos a aguardavam.

A cadeira destinada à médium era do tipo “espreguiçadeira”. Estava solidamente fixada ao solo, pois fora chumbada com cimento!

Tranqüila, dona Otília Diogo acomodou-se e os repórteres, imediatamente, procederam à sua prisão.

Nilo Oliveira, ex-repórter policial, comandou esse trabalho. Com grossas correias a médium teve as pernas presas aos pés da cadeira. Nas correias, cadeados; e, cobrindo a fechadura dos mesmos, teve ainda o arguto Nilo Oliveira o cuidado de colocar tiras de esparadrapo, todas elas com a sua rubrica. Mas, os repórteres não comem gato por lebre: o corpo de dona Otília não poderia ter movimentos livres... E fizeram uso de novas correias, as quais levaram a força o corpo da médium ao encosto da cadeira; prendendo essas correias, foram colocados novos cadeados envolvidos em esparadrapos, também rubricados por Nilo Oliveira.

Pés e tronco presos, restavam apenas as mãos de dona Otília Diogo: para impedir-lhes qualquer ação, estava reservada uma algema policial, que foi colocada nos pulsos pelo ex-repórter policial.

Não havendo necessidade de se fazer uso das correias e cadeados que haviam sobrado, foram eles, inclusive uma grande balança destinada a pesa-

gem dos assistentes, retirados do consultório. A saída da balança se prende à idéia de que no seu mecanismo poderia estar guardada a volumosa roupa da freira...

Tudo em perfeita ordem, os repórteres, já combinados entre si, distribuíram-se, estrategicamente, pelo consultório. Paulo Miranda foi incumbido de policiar a porta da entrada. Quanto a Nilo Oliveira, recusou-se a ficar no consultório, explicando:

— Se alguma coisa aparecer aqui dentro, é porque veio do lado de fora. Eu e o nosso motorista ficaremos vigiando o prédio.

Fechada a porta, foram as lâmpadas do consultório apagadas.

Dr. Sebastião de Mello, após fazer uma breve explanação sobre os fenômenos que certamente iriam se verificar, pediu a Francisco Cândido Xavier que abrisse a sessão com uma prece.

A experimentação foi cronometrada pelo dr. Adroaldo Modesto Gil e teve início, exatamente, às 21h 5min. Cinco minutos depois, porém, já a notável médium entrou em transe: primeiro, gemidos, em seguida liberação do ectoplasma pela boca, ouvidos e nariz. Às 21h 20min. (dez minutos depois) surgiu o primeiro fenômeno: aspersão de perfume em forma de chuva leve sobre os repórteres (aviso de que Irmã Josefa iria materializar-se). Sete minutos após a “chuva”, com espanto observaram todos o segundo fenômeno: uma luminosidade movimentando-se nas proximidades da médium, a qual se mantinha em sono profundo. A luminosidade continuou em movimento e um minuto depois foi constatado o terceiro fenômeno: uma voz feminina ecoou no consultório. Voz com timbre metálico, porém suave, meigo.

Os repórteres, é óbvio, começavam a assustar-se.

Sete minutos após a “voz direta”, para espanto e admiração de todos, foi visto o quarto fenômeno, magnífico e notável: a aparição de uma forma feminina, vestida com um volumoso e complicado traje branco de freira, trazendo luz na frente e no tórax. E no peito um crucifixo com cerca de dez centímetros de altura. Era Irmã Josefa.

O ambiente vibratório não era dos melhores<sup>12</sup>, mas, ainda assim, Irmã Josefa se manteve materializada durante meia hora. Além das provas que precederam sua aparição tangível, deu ela ainda outras: conversou com os repórteres e fotógrafos durante trinta minutos, permitiu que lhe tocassem o corpo, deixou-se fotografar ao lado de Mário Moraes, Jorge Audi e José Franco.

A conversa inteira entre Irmã Josefa e os repórteres foi registrada no gravador do dr. Eurípedes Tahan Vieira. A fita magnética foi emprestada ao autor desta obra, que a ouviu, atentamente. Durante a conversa, houve momentos curiosos. Como este, por exemplo: estavam sendo batidas fotografias, quando um dos fotógrafos disse à Irmã

---

<sup>12</sup> Na 2ª edição, consta: “O ambiente vibratório não **um** dos melhores”. (N. R.)

Josefa:

— Eu gostaria de tirar uma foto sua em pose especial. A senhora não quer abrir os braços?

Irmã Josefa captou imediatamente o pensamento do fotógrafo e respondeu, com seu sotaque alemão:

— Oh, que bonita... Está pensando que meu braço é braço de Otília...

E, abaixando a voz, acrescentou:

— Eu vou abrir os braços... Faça isso de coração. Pronto...

E, antes do flash explodir, Irmã Josefa exclamou, alegre:

— Viva Jesus!

Essa foto prova que Irmã Josefa é independente da médium; em termos, é óbvio.

Minutos depois de Irmã Josefa desaparecer, verificou-se no pequeno consultório o quinto fenômeno: de súbito, caiu sobre todos os presentes uma chuva leve de éter (prenúncio de que o espírito de Alberto Veloso iria também materializar-se). Um minuto depois, o fato deslumbrante foi visto. Como de costume, apresentou-se com barbas e vestido, por assim dizer, à moda oriental. Durante nada menos que quarenta minutos o ex-médico da marinha se manteve no ambiente. Foi inúmeras vezes fotografado. De pé e com os braços abertos. Em certo momento, para provar a Nilo Oliveira, que se encontrava do lado de fora, que algo de notável estava se processando dentro do consultório, jogou éter no exaustor. Ao respirar o éter, o repórter certamente pensou: “dona Otília conseguiu esconder um vidro de éter e nós não percebemos!” Ao terminar a sessão, Nilo Oliveira entrou no consultório e, bastante surpreso, encontrou a médium na posição exata em que a deixara: sentada, algemada e... presa com correias e cadeados. Libertou-a, depois de constatar, cuidadoso, que todas as tiras de esparadrapo que cobriam as fechaduras continham a sua assinatura. Mas um outro repórter não se conteve e quis examinar, mais uma vez, a roupa preta que os médicos haviam dado a dona Otília. Forçou-a, rasgou: a médium, na revista “O Cruzeiro”, aparece de soutien! Um dos fotógrafos bateu inesperadamente uma foto...

Ainda sob a emoção, diversos repórteres deixaram suas impressões sobre os fenômenos no gravador do dr. Eurípedes Tahan Vieira. Vamos transcrevê-las, integralmente, e na ordem cronológica, a fim de que o leitor possa compará-las com os depoimentos que, dias depois, publicaram na revista “O Cruzeiro”.

“Eu, Nilo Oliveira, posso declarar que algemei a dona Otí-



lia, médium que atuou nesta sessão, rubriquei e colei o esparadrapo na fechadura dos cadeados e tomei conta do exterior da casa onde se realizava esta sessão. Não observei absolutamente nada de anormal por fora. E terminada a sessão, penetrei na sala E ENCONTREI TUDO COMO HAVIA DEIXADO: a dona Otília algemada, tendo eu desfeito a algema, aberto os cadeados e encontrado as rubricas que havia feito anteriormente.”

“Eu (diz agora Mário Moraes) repórter de “O Cruzeiro”, declaro que assisti uma experimentação realmente estranha: NUNCA HAVIA VISTO NADA IGUAL, e é lógico que não sendo estudioso da matéria, NÃO TENHO EXPLICAÇÃO PARA O QUE VI. Passo a partir desse momento a me interessar pelo problema: procurarei no futuro próximo talvez dar uma explicação para o fato”.

“É difícil (confessa Henri Ballot) dar uma explicação... É a primeira vez que eu assisti a uma sessão assim... Eu fiquei SURPREENDIDO pelo fenômeno, que à primeira vista não se vê uma explicação plausível.... Deve haver uma, não há dúvida. Eu tenho algumas idéias a respeito disso. Mas eu não tenho autoridade para falar.”

“Sinceramente (diz o repórter José Franco) após essa reunião não sei o que dizer; fiquei bastante IMPRESSIONADO COM O FENÔMENO, mas ainda não tenho uma explicação a respeito.”

“Eu assisti a uma dessas sessões realizadas em Uberaba (diz Audi) e é REALMENTE ESPETACULAR; nós procuramos de toda forma encontrar alguma falha, algum defeito, alguma coisa que pudesse denunciar anormalidade. E, naturalmente, vai depender de algum raciocínio e, se possível, uma outra oportunidade em que a gente possa ter mais chance de observar melhor o fenômeno. No momento, o que eu posso dizer é que, para mim, FOI UMA COISA INÉDITA! EU JAMAIS HAVIA ASSISTIDO A COISA IGUAL, embora na vida de um repórter essas emoções são quase que diárias. Essas emoções novas e violentas são já um lugar comum na vida de um repórter. Posso afirmar que é realmente QUALQUER COISA ASSIM EMOCIO-

NANTE. Agora, eu gostaria de ter mais contato e mais oportunidade PARA PODER FAZER UM RACIOCÍNIO MAIS ABSOLUTO.”

Essas declarações dos repórteres logo após a sessão com a notável médium dona Otília Diogo.

Depois, porém...

## O ESCÂNDALO DE “O CRUZEIRO” E A MISSÃO DE IRMÃ JOSEFA

A sessão de Uberaba parecia haver terminado bem; o depoimento vibrante dos repórteres, aliás, deixa evidente que os jornalistas ficaram profundamente emocionados com o que viram e ouviram na famosa experimentação com a médium Otília Diogo. Em verdade, Irmã Josefa deu aos repórteres algumas das mais importantes provas da imortalidade do espírito. No entanto, dias depois, a revista “O Cruzeiro” divulgou em todo o Brasil uma reportagem (primeira de uma extensa série) assinada por seis dos sete repórteres e intitulada... “A Farsa da Materialização”<sup>13</sup>: uma reportagem enorme, com catorze páginas, arrasando a médium, os médicos e as reportagens subseqüentes, os repórteres se tornaram ainda mais agressivos (para efeito de sensacionalismo) e taxaram os médicos de mistificadores, levianos, escroques, petulantes, gangsters (...) etc.

Essa deprimente campanha de “O Cruzeiro” contra o Espiritismo teve a duração de quase três meses consecutivos! Ocupou onze números seguidos da revista! Nos onze números, foram gastas cerca de setenta páginas compactas... Ilustraram a campanha um total de oitenta e sete fotografias!

Foi, em verdade, o maior golpe sofrido pelo Espiritismo, por enquanto, em toda a América do Sul!

No grande escândalo, o nome venerável de Francisco Cândido Xavier também foi envolvido.

Vejamos as principais acusações da revista “O Cruzeiro” que pretenderam transformar em farsa as materializações de Uberaba:

- 1) O espírito masculino de Alberto Veloso se materializa com seios...
- 2) Em baixo do turbante de Alberto Veloso se esconde uma vasta cabeleira...
- 3) O ectoplasma que sai da boca, ouvidos e nariz de Otília Diogo é um chumaço de pano branco...
- 4) A roupa das formas materializadas é uma só...
- 5) A roupa das formas materializadas apresentam marcas nítidas de confecção mecânica: sinais de dobragem e costuras...
- 6) O fio da “roupa” de Irmã Josefa, encontrado após a sessão, não era fio ectoplásmico.

<sup>13</sup> Vide “O Cruzeiro” de 1/2/64. A capa é a foto de “Irmã Josefa”.

- 7) Apenas a barba diferencia Otília Diogo de Alberto Veloso...
- 8) Otília Diogo não é filha de Irmã Josefa, e sim de dona Maria Luisa Barbosa...
- 9) Otília Diogo tinha os pés praticamente soltos, após a sessão...
- 10) Dr. Waldo Vieira não permitiu aos repórteres o uso de infravermelho...
- 11) As algemas e cadeados eram de propriedade dos médicos...
- 12) Os repórteres não examinaram, antes da sessão, o corpo e as vestes da médium Otília Diogo...
- 13) Nilo Oliveira não pôde, a sua maneira manietar a médium...
- 14) Os Drs. Alberto Calvo e Oswaldo de Castro também manietaram dona Otília Diogo...
- 15) Os repórteres não tiveram liberdade para escolher suas cadeiras na sala de experimentação...
- 16) A vitrola, durante a sessão, não tocou...
- 17) O espírito de Alberto Veloso não fala...
- 18) Irmã Josefa disse, em determinado momento, que tinha apenas um dado materializado, mas na verdade tinha ela os cinco...
- 19) As roupas das materializações apresentam vincos e dobraduras...
- 20) As materializações, sob a luz, projetam sombras nas paredes...
- 21) As fotografias das materializações são truques grosseiros...
- 22) Há coleta de dinheiro nas sessões científicas...
- 23) Nos pés de Otília Diogo, após a sessão de Uberaba, existiam resquícios do círculo de giz feito pelos médicos...
- 24) Não foi permitida a prova do talco...
- 25) Chico Xavier estava “falsamente inebriado” ao lado da Irmã Josefa, em uma fotografia...
- 26) Waldo Vieira prometeu aos repórteres inúmeras sessões com a médium Otília Diogo...
- 27) A virgindade de Irmã Josefa é indiscutível...
- 28) Otília Diogo abandonou vilmente o marido e filhos...
- 29) Otília Diogo esteve ligada ao meretrício...<sup>14</sup>
- 30) Documentos “oficiais” provam que a materialização de Uberaba é farsa...

Antes de refutarmos as acusações, digamos que essas reportagens de “O Cruzeiro” abalaram profundamente os espíritas de todo o país e, por mais estranho que pareça, a convicção de alguns líderes... Não obstante, Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, dois médiuns notáveis e ímpolutos, colunas mestras da mediunidade no Brasil (instrumentos de Emmanuel e André Luís) estarem presentes à experimentação. Esse fato, por si só, deveria ser, pelo menos para os “líderes”, uma garantia da autenticidade dos fenômenos. E, apesar

---

<sup>14</sup> Item em amarelo constante apenas na 2ª edição (N. R.)

dos espíritas, em geral, saberem, perfeitamente, que a revista “O Cruzeiro” sempre foi inimiga declarada e feroz da Doutrina de Allan Kardec. Ou será, santo Deus, que não nos serviu de lição a reportagem que David Nasser (hoje, um dos diretores de “O Cruzeiro”) fez há alguns anos ridicularizando Francisco Cândido Xavier e o Espiritismo?!

Aproveitamos o momento para responder à pergunta, que, certamente, o leitor já formulou: Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira foram avisados pelos Guias espirituais que a sessão com os repórteres iria transformar-se em escândalo nacional?

A resposta, em se tratando de dois médiuns missionários e com grande responsabilidade na evolução do Espiritismo no Brasil, só poderia, evidentemente, ser esta: o mundo espiritual os avisou. Mas, não podiam recuar; porque os escândalos, em nosso planeta, são necessários...

Lembremo-nos de que o próprio Cristo serviu de escândalo... para o bem do cristianismo!

Quanto a Irmã Josefa, podemos dar nosso testemunho de que também ela sabia do que estava por suceder; e, com antecedência de meses!

Recordo-me de que em Uberaba, quando ainda não nos passava pela mente o nome da revista “O Cruzeiro”, Irmã Josefa, materializada, dirigiu-se nestes termos a Wanda Marlene, da TV-Itacolomy de Belo Horizonte e notável defensora do Espiritismo:

— Você, minha filha, vai ser soldado de Irmã Josefa. Você gosta de ser soldado de Irmã Josefa?

Naquele momento, ninguém entendeu nem deu importância às palavras proféticas de Irmã Josefa... Se as sessões de materialização, em Uberaba, estavam se processando na mais absoluta calma e tranqüilidade...

Também, em minha residência, em São Paulo, Irmã Josefa, plenamente materializada, disse, dirigindo-se a mim:

— Você vai ser mais que um soldado de Irmã Josefa... Você gosta, Rizzini?

Respondi automaticamente que sim; não me ocorreu interrogar a entidade... Mas, um ou dois meses depois, abria a revista “O Cruzeiro” guerra contra Irmã Josefa e as experiências de Uberaba: e a verdade é que nós, e Wanda Marlene, na qualidade de soldados, entramos na luta — e na linha de frente!

Já agora, na mente do leitor, se delineia a difícil missão confiada ao admirável espírito de Irmã Josefa: sacudir (e trazer) a consciência de todo o povo brasileiro para os problemas fundamentais da imortalidade. Irmã Josefa, como vimos, estava perfeitamente consciente dessa missão. Missão árdua, repetimos, pois materializando-se, como freira, agitou o clero da terra e o do

espaço... Para bem cumprir a missão (apoiada por Emmanuel e André Luís) tinha ela de, pacientemente, criar uma série de circunstâncias: aproximar a médium Otília Diogo de Chico Xavier e Waldo Vieira, cujos nomes já eram famosos no campo da mediunidade; reunir em Uberaba uma equipe médica que se responsabilizasse cientificamente pela sua materialização e de Alberto Veloso, espírito que podemos considerar como seu assistente. Mas, esse trabalho, apenas, não bastaria: era necessária a presença de divulgação! Agora, um outro detalhe importante que mostra a inteligência e a argúcia dos espíritos: a revista “O Cruzeiro” chegou em Uberaba representada não apenas por um jornalista, mas por uma equipe formada por... sete repórteres! Não se tem notícia de um tema para reportagem que exigisse a colaboração de tantos jornalistas...

Prontos os preparativos, presentes às materializações os sete repórteres da mais importante revista brasileira, os fenômenos se desenrolaram e... dias depois, a consciência popular foi violentamente despertada para os problemas espirituais; inclusive, a consciência dos espíritos adormecidos e vacilantes... e sem posição firmada!

Com a revista “O Cruzeiro” Irmã Josefa atingiu o objetivo. E o resultado, indiscutível, é que durante a publicação da extensa série de reportagens sensacionalistas todo o povo se interessou pelo Espiritismo; e como se vendeu no Brasil livro espírita — principalmente, os que relatam fenômenos da mediunidade! Quem o diz é o próprio Departamento Editorial da Federação Espírita Brasileira. Diversas edições se esgotaram em poucas semanas... Nesse sentido, o “caso Otília Diogo” nada fica a dever ao “caso Arigó”.<sup>15</sup>

Mas, paralelamente ao escândalo, era preciso promover a defesa da autenticidade das materializações de Uberaba, de acordo com o plano de Irmã Josefa. E, para alegria nossa, em um local de São Paulo, recebemos das mãos de Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira o material de que necessitávamos: a fita magnética que contém as declarações dos repórteres, fotocópias, filmes, fotografias, etc. E, inclusive, a roupa especial que a médium Otília Diogo usava durante a experimentação, e que foi violentada.

Agora, restava-nos, apenas, cumprir a obrigação: **ir à luta!**<sup>16</sup>

E foi o que fizemos, com a ajuda dos mentores espirituais.

---

<sup>15</sup> O trecho em amarelo foi excluído da 2ª edição.

<sup>16</sup> O trecho em amarelo não consta na 1ª edição.

## VI

### **PRIMEIRA FASE DA LUTA PARA RESTAURAR A VERDADE**

Por outro lado, evidentemente, cabia também aos dezenove médicos tomar uma posição e esclarecer a opinião pública, o quanto antes. E, dias após à publicação da primeira reportagem arrasadora, resolveram, então, organizar dois programas de televisão em São Paulo: o primeiro, no canal 4, TV Tupi, às 22h., com a presença exclusiva deles; o segundo, às 23h., nos estúdios do canal 2, TV-Cultura, quando médicos e repórteres se defrontariam, frente às câmeras.

Os dois programas seriam realizados na mesma noite. Uma grande cobertura publicitária foi feita pelos próprios “Diários Associados” e canais de televisão, anunciando, em primeiro plano, os debates.

No dia marcado, porém (18 de janeiro de 1964) foi o povo surpreendido com uma nota publicada pela Direção de “O Cruzeiro” nos principais jornais de São Paulo, comunicando que os repórteres haviam recusado o debate porque sua única tribuna é “O Cruzeiro”...

Vamos aos fatos. A nota, em questão, é a seguinte:

“O CRUZEIRO” E A FRAUDE DE UBERABA. Os repórteres de “O Cruzeiro”, Mário de Moraes, Nilo de Oliveira, Henri Ballot, Jorge Audi, José Franco e José Nicolau, foram convidados para um debate na TV Cultura onde seriam discutidos os fenômenos de materialização realizados na cidade de Uberaba. Não aceitaram o convite porque a sua única tribuna é a Revista “O Cruzeiro”. E não podem aceitar debate sobre fraudes já comprovadas. Há no Rio de Janeiro um grupo de médicos equipados com modernos aparelhos para pesquisa metapsíquicas. Os repórteres desafiam a sensitiva Otília Diogo a submeter-se a um teste com os mesmos, podendo ela cercar-se de todas as garantias que julgar necessárias. Esses médicos lutam pela criação de um Instituto Nacional de Metapsíquica, como existem em todos os centros adiantados do mundo, evitando fraudes e embustes inescrupulosos. Os repórteres aceitam qualquer experiência tendo Otília como sensitiva. E através de “O Cruzeiro” continuarão denunciando a fraude como será feito na próxima semana, quando terminarão de vez com todas as dúvidas que ainda possam subsistir sobre a tremenda mistificação de Uberaba. Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1964.

a) Direção da Revista “O Cruzeiro”

Essa nota, publicada como matéria paga em vários jornais de São Paulo, enquadra-se, perfeitamente, no espírito mentiroso das reportagens.

Os repórteres não aceitaram o debate “porque a sua única tribuna é a revista “O Cruzeiro”... Mais uma mentira da Direção da revista, porque antes da publicação dessa nota na imprensa paulista já haviam os repórteres estado na televisão Tupi do Rio de Janeiro, discutindo as materializações de Uberaba! Mais tarde, estiveram eles, também, na televisão Itacolomy, de Belo Horizonte e na TV Continental — o que deixa patente que a única tribuna deles não é a revista “O Cruzeiro”...

Digamos, logo, que a verdade é que temerem os repórteres um encontro, face a face, com os médicos experimentadores: seriam desmascarados e a revista perderia o prestígio, é evidente.

A farsa dos repórteres, em São Paulo, não pôde, pela televisão, ser desfeita pelos médicos. Mas, felizmente, já estavam eles redigindo uma réplica que seria publicada, de início, em alguns jornais de São Paulo...

De nossa parte, procuramos também ser rápidos no aparar o violento choque produzido pela revista “O Cruzeiro” — mas, com dificuldades, pois os canais 2 e 4 também se fecharam para a nossa defesa; não obstante, diga-se de passagem, sempre abertos quando procedemos à defesa do “Caso Arigó”...

Explica-se, porém, a atitude hostil dos canais 2 e 4: é que ambos e a revista “O Cruzeiro” pertencem a uma só organização: os “Diários Associados”.

Iniciamos, pois, a corrida, eu e o confrade Irineu Alves, indo, à noite no canal 5, Televisão Paulista, levando o material necessário para um programa esclarecedor. Aí, conversamos com inúmeros funcionários (locutores, produtores, etc.) mas nenhum parecia ter autoridade suficiente para nos permitir falar diante das câmeras sobre a escandalosa reportagem de “O Cruzeiro”. No entanto, para cada funcionário que entrava na sala, tive eu de mostrar, com paciência beneditina, o gravador com as declarações dos repórteres, fotografias, fotocópias, etc.

— Então? Estou autorizado a fazer o programa?

—O assunto é interessante... Espere um pouco; vou chamar fulano, talvez possa ele resolver...

E, assim, de entrevista frustrada em entrevista frustrada, perdemos quase duas horas! Por fim, fomos levados à Diretoria do canal 5. Mais uma vez, e para pôr à prova nossa paciência, tornei a explicar o que desejava. Quando terminamos de mostrar a documentação em nosso poder, o Diretor deu-nos uma desculpa qualquer... “Sabe, a revista “O Cruzeiro”... Não fica bem... Vamos entrar em choque ...” etc. E contou-nos um caso espírita de que fora testemunha no Rio de Janeiro... O que, aliás, me permitiu dizer-lhe:

— Se o senhor crê no Espiritismo, então, meu caro, sua responsabilidade é muito grande, não nos deixando fazer o programa!



Quando entramos, novamente, no carro de Irineu Alves, já eram dez horas da noite.

— Vamos ao canal 9! TV Excelsior!

— É tarde demais, ponderou Irineu. A programação já está no fim, não vão deixar você falar.

Mas, eu sentia estar sendo impulsionado por uma força espiritual.

— O mundo espiritual está conosco, meu filho! Vamos ao canal! Não é possível que todas as portas se fechem para nós.

O diretor do jornal de TV, João Batista Lemos, não se encontrava. Falamos com o assistente, que já nos conhecia devido ao “Caso Arigó”. Azevedo deu-nos quatro minutos para falar: eu seria encaixado dentro do “Jornal de TV”. Fomos ao estúdio e, ao invés de apenas quatro minutos, permitiram-me falar durante nove! Ainda assim, bem pouco, mas tempo suficiente para mostrar ao telespectador material de que eu dispunha e que desmoralizava a primeira reportagem escandalosa de “O Cruzeiro”. Nesse programa, tivemos ainda a oportunidade de rodar a fita magnética que contém a declaração dos repórteres.

Só mais tarde, é que vim a saber que o canal 9 e os “Diários Associados” tinham um “pacto de não agressão”... Certamente, o Azevedo também o ignorava...

Enfim, a denúncia contra a revista, em São Paulo, estava feita — bastava, agora, repisar o assunto sem intervalo. E isso foi feito, e de forma admirável, com a publicação da réplica dos médicos à revista “O Cruzeiro” e com os artigos doutrinários em série de Herculano Pires em sua coluna na página religiosa do “Diário de São Paulo”. Aliás, diga-se de passagem, que o primeiro artigo de Herculano Pires veio à lume no dia 19 de janeiro, quando então estava circulando a primeira reportagem difamatória da revista. Foi, portanto, soldado de primeira hora — também um exemplo para aqueles “líderes” (e grandes instituições espíritas) que, à semelhança do avestruz, cobriram a cabeça para não “ver” o perigo... Ai de nós, se a Doutrina dependesse deles!

Essa defesa inicial em São Paulo, porém, era frágil em face de uma revista poderosíssima como “O Cruzeiro”. Mas, com insistência nossa, outros órgãos de divulgação abririam suas portas e a Verdade se estabeleceria junto ao povo. Não apenas em São Paulo, adiante-se, mas em outros Estados!

Um fato importante podemos agora deixar evidente: a revista “O Cruzeiro”, poderosa como é, não nos julgava capazes, jamais de enfrentá-la. Por dois motivos: falta de meios para a defesa e... medo de uma represália, não sabemos de que espécie.

Nessa grande batalha, fomos como que David enfrentando o gigante Golias. Mas, o exemplo bíblico repetiu-se: fizemos com que o temível gigante

tombasse ao solo, e isso por diversas vezes. Só que a nossa arma não foi material, e sim... única e exclusivamente, a Verdade!

## VII

### DENÚNCIA NA TV-CONTINENTAL CONTRA A REVISTA “O CRUZEIRO”

Por uma questão de método, sigamos a ordem cronológica de nossa campanha contra as reportagens de “O Cruzeiro” difamando a experimentação de Uberaba e, pois, o Espiritismo. Campanha aparentemente desorganizada, no começo, mas depois parecendo obedecer a um plano, que não fizemos.

Antes que a réplica dos médicos fosse dada à publicidade em São Paulo, era necessário (e só hoje compreendemos isso) que pela televisão denunciássemos a revista, abrindo caminho: com a nossa denúncia, o povo, ao receber a réplica, melhor a entenderia, é óbvio. Por isso, levou-nos o mundo espiritual ao canal 5 e, em seguida, ao canal 9, onde as portas, enfim, se nos abriram... com a estranha ausência de seu diretor.

Mas, e o Rio de Janeiro?

Era preciso esclarecer o público de lá, imediatamente! Mesmo porque, a sede de “O Cruzeiro” era no Rio e lá viviam os repórteres...

E o movimento espírita, gigantesco!

No dia seguinte ao meu programa no canal 9, de São Paulo, ainda em companhia de Irineu Alves lembrei-me de que, em 1963, na TV-Continental, canal 9 do Rio de Janeiro, havia eu feito um longo programa sobre as atividades mediúnicas de José Arigó e projetado os filmes das operações. E que uma boa amizade, desde essa época, me unia a Carlos Pallut, um dos diretores daquele canal.

Só tínhamos uma coisa a fazer: telefonar, imediatamente, para a Guanabara. Assuntos, dessa natureza, não se resolvem por telefone, mas não podíamos ir ao Rio, sem antes avisar o Pallut... Infelizmente, ele não se encontrava na TV, mas deixamos com a secretária o recado de que sábado, dia 18 de janeiro, estaríamos na televisão, com ele “para um programa sobre o escândalo de “O Cruzeiro””.

Era um jogo: se tivéssemos sorte, desmancharíamos a primeira reportagem da revista perante o povo da Guanabara. Esse trabalho, dependeria, única e exclusivamente, de Carlos Pallut... Mas, teria ele coragem de nos ceder a televisão para uma luta contra “O Cruzeiro”? Só o mundo espiritual o sabia.

Agora, um parêntese desagradável. Aborrece-nos o fato, mas é imprescindível que eu registre neste livro a triste verdade (como advertência ao leitor do futuro) que até então os jovens líderes espíritas do Rio de Janeiro,

imitando os de São Paulo, não haviam tomado atitude nenhuma em defesa da Doutrina, seriamente atacada em todo o país! Não procuraram eles os jornais, não foram aos canais de televisão, nem sequer procuraram as estações de rádio para um esclarecimento popular!<sup>17</sup> Nada, nada.

Covardia moral?

Displícência?

Ou teriam, ingenuamente, dado crédito aos repórteres, aceitando como farsa a magnífica experiência de Uberaba?

Não sabemos. E o fato se agrava, porque, inclusive, as grandes instituições espíritas também não se manifestaram sobre o rumoroso caso... E os nomes de Chico Xavier e Waldo Vieira estavam envolvidos no escândalo!

Muito estranho, tudo isso... Agora, pergunto eu: essa atitude de indiferença em face de escândalos que desmoralizam a Doutrina e a fenomenologia espíritas, nós a encontramos na História do Espiritismo? Não, jamais. Kardec, Bozzano, Denis, Dellane, Crookes, Aksakoff, Flammarion (para citar apenas alguns dos grandes mestres estrangeiros) jamais ficaram apáticos, de braços cruzados e cabisbaixos frente aos opositores! Nem mesmo Francisco Cândido Xavier, que indiscutivelmente é um santo pela sua bondade comovedora se recolheu durante a luta. Esteve atento, o tempo todo, obtendo informações sobre a luta com os repórteres, dando-nos conselhos, apoiando-nos com a sua presença constante. Em um ponto de São Paulo, sempre ao lado de Waldo Vieira, de dia e de madrugada esteve ele como líder intelectual na guerra contra “O Cruzeiro”. Esse, é Francisco Cândido Xavier, leitor do futuro: santidade autêntica, aliada à ação!

Mas, deixemos de lado esse assunto. Porque aborrece e entristece.

No dia 18 de janeiro, conforme o combinado, em companhia de Irineu seguimos de avião para a Guanabara; terra onde a revista é impressa. Hospedamo-nos no apartamento de Wando Vieira, irmão mais jovem de Waldo Vieira. Aí, tivemos o prazer de conhecer o Henrique de Oliveira, que juntamente com Wando é proprietário de uma livraria espírita. À tarde, fomos visitados por Luciano dos Anjos. Até, então, eu não o conhecia, nem mesmo de nome. Mas, explica-se: Luciano escreve em “O Reformador”, órgão da FEB, e essa revista eu a recebo sem regularidade.

---

<sup>17</sup> Toda regra tem exceção. E elas, no Rio de Janeiro, foram Ruberval Deolindo Barreto, redator chefe de “Fiat Lux”, que após o nosso primeiro programa na TV Continental escreveu um vigoroso artigo que publicou naquele jornal, espírita, intitulado “De quem é a farsa?” e mestre Carlos Imbassahy, que fez publicar no “Diário Fluminense”, de Niterói, duas crônicas em defesa da experiência de Uberaba, apoiado, também, em nosso programa.

Quando o Luciano chegou, sobre a mesa da sala de jantar estavam as revistas, que eu folheava e anotava. Trocando idéias com ele, vi imediatamente o quanto poderia Luciano dos Anjos ser útil à Doutrina se fizesse, ao meu lado, a denúncia na TV.

Inteligentíssimo, excelente conhecedor da fenomenologia espírita, devia eu aproveitá-lo, é óbvio.

— Quer fazer o programa, comigo, na televisão Continental?

Pensei que fosse titubear; olhou-me, abriu os braços:

— Mas, é claro!

Abraçamo-nos e, à noite, dirigimo-nos à TV onde Carlos Pallut me aguardava. Nosso programa começou às 22 horas e teve a duração de duas horas, seguidas. Na manhã seguinte, dei, também, pela Rádio Copacabana, uma vasta entrevista esclarecendo nossa posição e denunciando, com detalhes, que a “farsa da materialização” era uma farsa criada pelos repórteres; tão somente. Esse primeiro programa na TV Continental foi gravado em fita magnética (trabalho confiado a Wando Vieira e Henrique de Oliveira) e, dias depois, em um ponto qualquer de São Paulo, tiramos cópias que foram remetidas a diversos Estados do sul e do norte. O programa também foi retransmitido pela Rádio de Uberaba, e de forma graciosa.

Antes que o leitor proceda à leitura do programa, um detalhe, bastante pitoresco: após nosso programa, líderes do movimento espírita da Guanabara faziam a seguinte pergunta, relacionada a mim:

— Ele fala áspero! Será espírita? Ou não?

Ao invés do apoio moral, indo aos estúdios (pelo menos!) a crítica à minha veemência...

Que desejavam esses líderes?

Que eu ficasse, como eles, em meu lar, enquanto a Doutrina estava sendo massacrada?

Bem, vamos ao programa!

Além de nós, foram também participantes:

Renato Dantas

José Luís

Carlos Pallut.

**Carlos Pallut** - Conforme foi amplamente noticiado, dentro de alguns minutos estará aqui, nos estúdios da TV Continental, o escritor Jorge Rizzini para discutir o problema das materializações de Uberaba, que certa imprensa transformou em escândalo. Jorge Rizzini é um dos mais vigorosos talentos da moderna literatura brasileira. É Rizzini o primeiro biógrafo de Monteiro Lobato. É membro da Comissão Monteiro Lobato, criada pela União Brasileira de Escritores com o fim de defender a memória do autor de “Urupês”. Foi fundador e

diretor de “Quincas Borba”, jornal de literatura e arte em cujas páginas colaboraram os maiores nomes da poética e ficção nacionais. Membro correspondente do Colégio Argentino de Estudos Psíquicos, instituição que congrega os parapsicólogos portenhos. É Rizzini ainda detentor do Prêmio Fábio Prado de literatura, láurea que lhe foi oferecida pela União Brasileira de Escritores, em 1957. É autor de “Beco dos Aflitos”, obra premiada, que mereceu encômios, inclusive, da imprensa portuguesa e da revista oficial da Universidade de Toulouse, em França.

Jorge Rizzini, para nós, é o repórter que teve a coragem de apresentar em São Paulo e no Rio, o caso Arigó.

Nos estúdios da televisão Continental, os repórteres Renato Dantas, José Luís e Carlos Pallut, irão após a exposição de Jorge Rizzini fazer as perguntas que o povo deseja fazer. Estamos a postos pelo telefone 25-7230. Com coragem, vamos enfrentar o problema levantado pela revista “O Cruzeiro” (desmentido pela revista “O Cruzeiro”) e, até certo ponto, enfrentando a revista “O Cruzeiro”: o problema da materialização! Se alguém, se algum repórter desejar fazer qualquer pergunta (aos repórteres citados aqui) poderá comparecer a televisão Continental. **É um jogo limpo, que fazemos, inicialmente!**<sup>18</sup> Mostrando que estamos prontos para responder a qualquer pergunta; não, este repórter, mas o extraordinário jornalista, este bravo escritor Jorge Rizzini! Meu amigo Rizzini, que acaba de chegar de São Paulo... Boa noite, Rizzini!

**Jorge Rizzini** — É com bastante emoção que eu revejo você, porque aquela noite que vivemos juntos, aqui, na defesa do “caso Arigó”, ficou gravada em minha sensibilidade... E ainda mais: pelo fato de você oferecer o seu programa para que possamos colocar a verdade no devido lugar, para mim é um momento de grande satisfação, vê-lo...

**Carlos Pallut** — Rizzini, eu fiz assim um apelo público: quem quiser fazer a você qualquer pergunta poderá vir aqui fazê-la.

**Jorge Rizzini** — Perfeitamente. Agora, é preferível selecionar. Seria interessante pergunta de fotógrafos ou repórteres. Porque se trata de uma reportagem. Quanto ao público em geral, o público é quem vai definir, vai ver a balança para onde pende no decorrer da discussão que vamos promover.

**Carlos Pallut** — Rizzini, a reportagem é sua!

**Jorge Rizzini** — Muito obrigado. Eu queria lembrar ao caro Pallut, que eu tive a felicidade de encontrar aqui (podemos sentar já?)...

**Carlos Pallut** — À vontade. A casa é sua!

**Jorge Rizzini** — Obrigado, Pallut. Eu trouxe em minha companhia o jornalista Luciano dos Anjos... residente aqui, no Rio de Janeiro, e que ocupou diversos cargos sucessivos na imprensa da Guanabara. É um jornalista que conhece muito bem essa mecânica da imprensa e está perfeitamente entrosado

---

<sup>18</sup> O trecho em amarelo foi excluído da 2ª edição. (N. R.)

com as reportagens que foram publicadas pela revista” O Cruzeiro”. De modo que está perfeitamente esclarecida a presença do nosso Luciano dos Anjos. Para início de conversa, é bom que se explique por que essas reportagens foram estampadas. Ora, nós temos aqui (nas mãos de Luciano dos Anjos) a primeira reportagem que tem catorze páginas, quase todas ilustradas. Essa reportagem foi feita no sentido de, exclusivamente, sensacionalismo. Ela foi publicada, de modo favorável aos dezenove médicos que comprovaram esses fenômenos, para granjear a simpatia desses médicos e poderem, então, participar de uma sessão com a médium Otília Diogo. Com que finalidade? Para que pudessem, então, promover o escândalo! Com qual objetivo? Por que o escândalo? Porque pretendem os repórteres o “Primeiro Prêmio Internacional de Reportagem”! E, tanto é isto verdade, que os cinco repórteres, contrariando o que vinham fazendo na revista, isto é, apenas publicar reportagens, eles foram à televisão discutir o problema, apresentar a “fraude” da materialização, já criando um impacto junto ao povo para que depois lhes viesse a glorificação... Que glorificação? O Primeiro Prêmio Internacional de Reportagens... De modo que a coisa é muito lógica; e é muito possível que atrás disso tudo existam interesses... Interesses que não podemos esclarecer, no momento, embora estejamos procurando apurar. Mas, a coisa se agrava no seguinte sentido...

**Luciano dos Anjos** — Eu achava interessante, Rizzini, você fazer agora um histórico do desenrolar daquela sessão em Uberaba, com todas as minúcias, com todos os detalhes, uma exposição prévia para que depois, então, nós pudéssemos argumentar.

**Jorge Rizzini** — Exatamente. Agora é interessante também lembrar que eles dizem aqui, logo no intróito: “Um grupo de repórteres e fotógrafos de “O Cruzeiro”, foi destacado para a missão disposto a apurar toda a verdade e a contar tão somente a verdade”. Eles, caro telespectador, eles apuraram realmente a verdade, porque (notem bem, a coisa é estranha...) eles comprovaram a verdade (e nós vamos provar isso!) comprovaram mas não contaram a verdade, tão somente a verdade! Agora, eles são ousados, porque no fim do intróito, dizem: “Com a mesma isenção com que revelamos o embuste registrado em Uberaba, estamos dispostos a enviar os nossos repórteres e fotógrafos a qualquer outra parte onde sejam realizadas iguais experiências de materialização”. Quer dizer, Luciano, que eles negam a possibilidade do fenômeno... Então, aproveito a oportunidade para sugerir à Direção da revista “O Cruzeiro” que envie essa equipe de cinco repórteres à Duke Universidade, na Carolina do Norte, nos Estados Unidos, porque no laboratório dessa Universidade estão sendo feitas experiências de efeitos físicos. Quem sabe se a equipe de “O Cruzeiro” vai provar ao mundo que os cientistas norte-americanos, da Duke Universidade, são ignorantes, são mistificadores?

**Luciano dos Anjos** — Um aspecto muito interessante que talvez convenha ser referido, Rizzini, é quanto ao comportamento do dr. Rhine, nestes últimos anos. Na verdade, dr. Rhine, inicialmente, após uma série de experimentação dessa natureza, ele se mantinha ainda numa posição que não era bem definida. Admitiu-se mesmo que os fenômenos pudessem ser apenas, e tão somente provocados por uma exteriorização da mente, vamos assim dizer, do sensitivo.

**Jorge Rizzini** — O que já é um fenômeno! O que já é um fenômeno.

**Luciano dos Anjos** — Mas, depois de três publicados, o prof. Rhine levou ao prelo um quarto livro que é muito importante para a história do Espiritismo. Porque nessa última obra, cuja veiculação provocou, inclusive, o rompimento com o seu assistente médico, ele, afinal, confessa, corajosamente, que de fato aqueles fenômenos poderiam ser (e certamente o seriam) provocados por entidades desencarnadas. Isso é muito interessante, porque toda a fenomenologia por que se bate o Espiritismo (e que é, afinal, o alicerce da Doutrina Espírita) toda essa sua fenomenologia havia sido explorada através da linguagem do prof. Rhine para explicar que nada mais havia, senão, apenas, fenômenos que demonstravam a exteriorização da mente dos sensitivos. No entanto, é o próprio prof. Rhine que vem e desmente a escola moderna da parapsicologia, fundada por ele mesmo, para revelar então, que, de fato, os fenômenos podem e devem ter a natureza extra-humana. Era um detalhe apenas interessante e bastante oportuno, que eu queria lembrar.

**Jorge Rizzini** — Voltando, ainda, ao intróito do por que da publicação dessas reportagens, nós queremos lembrar ao telespectador que a primeira reportagem de catorze páginas (reportagem favorável, e a segunda, contrária, para provocar o impacto emocional) a primeira reportagem foi feita baseada, exclusivamente, em depoimentos de médicos na televisão Itacolomy, de Belo Horizonte. Ora, o sr. José Franco assistiu ao programa, e viu aí a possibilidade de uma grande reportagem: foi procurar os médicos, pegou algumas fotografias, pegou os depoimentos dos médicos e remeteu à redação: e foi publicada a reportagem. Ora, então, eu pergunto: como é possível que uma revista publique uma reportagem com CATORZE PÁGINAS (veja o telespectador o destaque que a revista deu) catorze páginas, sem que o repórter José Franco, autor da reportagem, conhecesse, pelo menos, a médium Otília Diogo?! Ele nem conheceu a médium Otília Diogo! Ele foi conhecer o fato, a coisa em si através da televisão Itacolomy, de Belo Horizonte! Ora, então uma revista que publica uma reportagem com catorze páginas, tratando de um tema sério envolvendo dezenove médicos, e seu autor nem sequer conheceu os referidos médicos, muito menos a médium, uma revista que publica uma reportagem nessas condições, evidentemente vive de planos diabólicos... ela previa alguma coisa... essa



coisa seria uma outra reportagem que viesse depois arrasar com tudo e vender a revista, como está vendendo; aliás, magnificamente! Ora, nós podemos agora nos deter, mais detalhadamente, na reportagem em si...

**Luciano dos Anjos** — Eu tenho conhecimento apenas através de amigos que me contam os detalhes do ocorrido. Mas, você que esteve lá, em Uberaba, e que está constantemente em Uberaba, você não poderia historiar com mais detalhes como se processou essa reunião?

**Jorge Rizzini** — Perfeitamente. Treze doutores em medicina estavam em Uberaba; treze participantes dessas pesquisas, quando os repórteres chegaram. Aliás, um detalhe que é bastante curioso: não eram cinco repórteres, não; eram sete repórteres! Cinco, deram depoimento; faltaram dois: foram os senhores José Nicolau, fotógrafo, e Paulo Rezende Miranda. Até é interessante perguntar por que...

**Luciano dos Anjos** — Não apareceram os dois depoimentos desses dois participantes?

**Jorge Rizzini** — Não apareceram! Então, surge a pergunta: por que não teriam dado?

**Luciano dos Anjos** — Nós estamos, então, aqui, na segunda reportagem com os depoimentos dos nossos colegas José Franco, Mário de Moraes, Nilo Oliveira, Henri Ballot, Jorge Audi. E só. Os outros, que estavam presentes, parece que não depuseram...

**Jorge Rizzini** — Não: o fotógrafo José Nicolau e Paulo Rezende Miranda, que são citados pela própria revista “O Cruzeiro”.

**Luciano dos Anjos** — Embora citados pela revista.

**Jorge Rizzini** — Exato. Mas, quando eles chegaram, tinham treze médicos. Os médicos deram ampla liberdade de ação para os repórteres. Por quê? Porque eles já haviam publicado uma reportagem simpática aos trabalhos que os médicos estavam realizando.

**Luciano dos Anjos** — Desculpe interromper. Eles foram chamados à Uberaba? Houve um chamamento, houve a preocupação dos dirigentes dos trabalhos em trazer a imprensa à reunião?

**Jorge Rizzini** — Não, não, não houve. Eles chegaram em grupo; dois grupos: um grupo veio de Belo Horizonte, o grupo de José Franco, e o outro do Rio de Janeiro.

**Luciano dos Anjos** — Quer dizer, então, que nós teríamos, assim, vamos dizer, quatro ou cinco anos, que ali se realizariam sessões, sem que, absolutamente, se preocupasse nenhum dos seus dirigentes em fazer publicidade do fenômeno!

**Jorge Rizzini** — Em absoluto. A publicidade surgiu através da própria revista “O Cruzeiro”!

**Luciano dos Anjos** — Eu estranho, porque uma farsa, normalmente, tem um objetivo, ela visa alguma coisa. E de fato é muito estranho que durante quatro anos se processem determinadas sessões dessa natureza, sem nenhum outro objetivo, que não aquele mesmo de um se enganar ao outro, na hipótese de ser uma farsa!

**Jorge Rizzini** — Exatamente.

**Luciano dos Anjos** — Isso, de fato, é de se estranhar.

**Jorge Rizzini** — É, porque não havia interesse nenhum na divulgação. Ainda muito menos divulgação sensacional, como foi dada ao caso. Ademais, a experiência era exclusivamente científica! O objetivo da equipe era publicar um livro! Esse era o objetivo da equipe!

**Luciano dos Anjos** — A equipe de médicos...

**Jorge Rizzini** — Mais tarde publicar um livro sobre a fenomenologia observada!

**Luciano dos Anjos** — Mas, sobre os fenômenos, em geral, eles argumentam muito com a figura do grande mágico Houdini. Mas, é preciso notar que ele, e desde o princípio, fazia suas mágicas com um fim claro: ganhar dinheiro. E proclamava, o mais que podia, a sua técnica, a sua habilidade. Mas, ficar durante quatro anos na obscuridade, senão com o objetivo...

**Jorge Rizzini** — Aliás, vamos esclarecer aos repórteres (eles citaram Houdini dizendo que também ele se libertava das algemas...) mas, Houdini, telespectador, foi o maior mágico do mundo em todos os tempos! A dona Otília Diogo, é uma senhora analfabeta, que se presta gratuitamente a todas experimentações. Ela se sujeita a todo o controle exigido pela equipe de experimentadores: e ela faz isso sem visar absolutamente nada! Pelo contrário, ela só tem aborrecimentos: ela não tem hora para comer, hora para dormir, e ela tem duas filhas, e não há tempo para tratar das crianças, porque está sendo sempre solicitada para novas experimentações! Agora, Houdini...

**Luciano dos Anjos** — Os médicos...

**Jorge Rizzini** — Não, eu quero terminar! Essa não perdô, porque é muito interessante... Houdini também se libertava das algemas! Ora, vamos explicar a esses repórteres, o seguinte: que Houdini é um nome que está, realmente, ligado ao Espiritismo, às pesquisas psíquicas, porque ele atacava os fenômenos espíritas. Mas, foi convidado a reproduzir esses fenômenos no teatro de Londres. Ele reproduziu determinados fenômenos, outros não foi capaz, e deu, assinou um documento no qual ele se confessava incapaz de realizar determinados fenômenos espíritas e que dava esses fenômenos como autênticos. De modo que é bom sempre complementar...

**Luciano dos Anjos** — Aliás, a biografia do mágico Houdini registra também acontecimentos muito interessantes ligados, e muito ligados à Doutri-

na Espírita. Porque Houdini se sentia, e se dizia inspirado, até, pelo Alto. E há até mesmo o fato de ter sido ele, advertido pelo espírito da própria mãe (isso é história contada por ele, pelo próprio mágico) em uma situação em que o salvou através dessa advertência. Por isso, Houdini, saiu em campo em busca da Verdade, que ele sabia que existia! E é verdade que desmascarou muitas sessões fraudulentas, que nós mesmos, os espíritas, combatemos!

**Alto-falante** — Atenção, Jorge Rizzini! Atenção, Jorge Rizzini! O telefone não pára! O telefone não pára! Dizem que nós estamos realizando um monólogo. Dizem que nós estamos realizando um monólogo. Que você, e seu convidado, e nós da reportagem da “Volante do Pallut” não resistimos às perguntas! Perguntas de repórteres. Perguntamos, agora: por que os repórteres não vêm aqui conversar com você, hein?

**Jorge Rizzini** — É muito fácil responder. Porque neste momento (22 horas e quarenta minutos) os cinco repórteres da revista “O Cruzeiro” estão sendo desmascarados, em São Paulo, pela equipe de médicos que comandou as experimentações. Eles foram chamados pelo sr. dr. Edmundo Monteiro, presidente dos Diários Associados de São Paulo para que debatessem o problema, de público, face a face, e dando oportunidade aos médicos para desmascará-los.<sup>19</sup> Por essa razão, os cinco repórteres não se encontram aqui, neste momento. Eu, quando vim de São Paulo, ignorava que os repórteres não se encontravam na Guanabara. Mas, aproveito a oportunidade, se o Pallut me permite, para fazer um desafio, por esta televisão, bastando apenas que os srs. repórteres marquem dia e hora para que eu venha à Guanabara, discutir o problema. De modo que eu creio, assim, que a resposta está dada. Mais alguma pergunta? Então, vamos continuar... Sobre Houdini, eu creio que já... Porque este monólogo é interessante (não é um monólogo, isto é um diálogo, estamos em dois!) o diálogo é importante porque “O Cruzeiro” citou Houdini (que o mágico Houdini se libertava das algemas) mas não disse qual a ligação entre Houdini e os fenômenos psíquicos; então, nós estamos complementando aquilo que os repórteres esqueceram ou fatalmente ignoravam... Então, creio que “o monólogo” complementa, dá a história completa! E não apenas a metade da história.

**Luciano dos Anjos** — Talvez devamos agora entrar na análise dos depoimentos.

**Jorge Rizzini** — Como foi feita a sessão, não?

**Luciano dos Anjos** — Isso é importante.<sup>20</sup>

**Jorge Rizzini** — Então, dizia eu que treze médicos estavam presentes. Quando os repórteres chegaram, os médicos lhes deram ampla liberdade de ação. Por quê? Porque eles já haviam publicado uma reportagem simpática, catorze páginas, e os médicos (que geralmente não têm esta maldade, que

---

<sup>19</sup> Os repórteres fugiram ao debate, em São Paulo.

<sup>20</sup> O trecho em amarelo foi excluído da 2ª edição. (N. R.)

todos nós, jornalistas, temos um pouco) abriram mão de tudo. Então, os repórteres comandaram. Eles começaram pesquisando, examinando as paredes do consultório médico de Waldo Vieira (porque foi no consultório de Waldo Vieira que se realizou esta experimentação do dia primeiro). Ora bem! Começaram examinando as paredes através de batidas para ver se não havia alguma porta, alguma saída, qualquer coisa suspeita. Depois, examinaram os próprios médicos! Eles examinaram os próprios médicos! A roupa, os sapatos dos médicos foram minuciosamente examinados, e com um detalhe muito importante: o salto de borracha! (Eles não relatam isso, mas nós vamos complementar a coisa. Porque eu vim aqui para desmascarar os cinco repórteres, os cinco falcatrueiros de “O Cruzeiro”! Então, nós estamos aqui dando minúcias, que lá na reportagem não consta. Eu trarei médicos, aqui na TV Continental, para discutir o problema, para confirmar o que estamos falando!) Então, os saltos de borracha, os saltos foram todos eles devidamente examinados. Porque se supunha que com uma leve pressão no salto de borracha, o salto caísse e surgisse, diante dos olhos de todos, a volumosa roupa da freira Irmã Josefa... Talvez ela estivesse escondida no salto de borracha...

**Luciano dos Anjos** — Se fosse numa cartola...

**Jorge Rizzini** — A cartola mágica do Houdini...

**Luciano dos Anjos** — Era preciso uma cartola, não um salto! Porque, como teriam surgido um crucifixo, um vidro de éter, um vidro de perfume, aquelas pérolas do turbante do indú e a roupa imensa...

**Jorge Rizzini** — Do Veloso, da freira, etc. Mas, como dizia eu, os sapatos foram examinados na esperança de que, de repente, brotasse ali, surgisse toda esta roupa volumosa. Mas, o exame na roupa foi policial! Eles pegaram Francisco Cândido Xavier e lhe fizeram um exame um pouco mais que policial: porque os bolsos de Chico Xavier foram rasgados! A roupa de Chico Xavier foi rasgada, porque se supunha, também, que havia a possibilidade de que a roupa da freira, enorme, a roupa de Alberto Veloso, enorme, a barba de Veloso, o crucifixo de Irmã Josefa, o vidro de éter e o vidro de perfume, estivessem dentro... das calças de Francisco Cândido Xavier!

**Luciano dos Anjos** — E a barbicha.

**Jorge Rizzini** — E a barbicha. Mas, Chico Xavier, que é um puro, é extraordinariamente evangelizado, sujeitou-se a tudo. Muito bem. Nada constatando de suspeito nos médicos, nas paredes do consultório, no piso, na porta e no teto, procedeu-se então ao exame na médium Otília Diogo; mas não vamos relatar tudo já sobre este exame porque há muitas coisas que se vai ainda discutir e provar.

**Luciano dos Anjos** — Vamos ver depois se conseguimos fazer uma análise dos depoimentos.

**Jorge Rizzini** — Nós estamos obedecendo a uma seqüência, telespectador, e não podemos dar tudo de uma vez. Temos de ir por partes. Porque as sutilezas, desta reportagem, são muitas... Então, eu e o Luciano fizemos um exame minucioso dessas sutilezas. De modo que nós temos de obedecer a uma seqüência natural. Nós já contamos, Luciano, que os médicos foram examinados, os sapatos, Francisco Cândido Xavier, o piso, a porta, as paredes, etc. Nada se constatou de suspeito. E ainda mais; há um detalhe de que me ia esquecendo: é que o exaustor e o ventilador, que estavam no consultório, foram examinados; inclusive, por dentro. Também se suspeitava de que dentro de um pequeno ventilador e dentro de um exaustor estivesse a roupa fantástica, volumosa e complicada da freira... Vejam vocês, até que ponto chegaram eles! E fizeram bem, porque realmente assim tinham de fazer. Aí, não entra a crítica! Entra, apenas, o relato fiel da coisa.

**Luciano dos Anjos** — Porque esse exame, de fato, se faz necessário e é interessante que seja feito. Quero apenas um parêntese: porque nós, os espíritas, somos os primeiros a exigir que de fato os fenômenos sejam rigorosamente controlados! Porque queremos exatamente isentar a Doutrina Espírita dessas atitudes às vezes criminosas que se verificam em determinados locais. Mas, o próprio Allan Kardec, o Codificador do Espiritismo, foi o primeiro a advertir que era preferível aceitar um único fenômeno, mas autêntico, patente, do que noventa e nove por cento de outros mais, duvidosos!

**Jorge Rizzini** — Creio, então, que já podemos entrar diretos na análise dos depoimentos.

**Luciano dos Anjos** — Dos cinco depoimentos dos sete participantes...

**Jorge Rizzini** — Cinco depoimentos dos sete participantes; exatamente. Antes de tudo, poderíamos falar do depoimento de José Franco... Porque é importante dizer o seguinte... Note bem, telespectador, raciocine comigo; se os repórteres de “O Cruzeiro” estivessem absolutamente convictos de que a médium Otília Diogo estava fantasiada de espírito (raciocine, telespectador) se eles estivessem convencidos de que a médium estava fraudando, teriam, evidentemente, agarrado os espíritos! Nós temos aqui uma fotografia (porque os médicos tiraram também fotografias)...

*A câmera focaliza o painel com fotos.*

**Jorge Rizzini** — Focalizando a que está fixa lá, não há possibilidade de tremer a foto... É importante, pois, analisarmos as fotos do painel. Observe bem, telespectador: esta foto aqui! Temos aqui (está focalizando bem?) temos aqui Waldo Vieira e aqui o repórter José Franco da revista “O Cruzeiro”. O espírito de Irmã Josefa, materializado, está tocando na mão do repórter. Pergunta-se ao repórter José Franco: se você, José Franco, estava convencido de que



*A famosa fotografia do repórter Mário de Moraes ao lado da materialização de Alberto Veloso.*

Irmã Josefa nada mais era do que a médium fantasiada, por que você não agarrou o espírito? Ao invés do espírito tocar em você? Por que não suspendeu este véu e gritou: acendam as luzes, que isto é uma brincadeira, é uma farsa? Então, estamos diante da seguinte conclusão: a farsa da materialização, é farsa do repórter José Franco! Ele é que é o farsante. Porque a obrigação do repórter era agarrar o espírito, rasgar a roupa do espírito, suspender o véu e gritar: fraude! E não ficar nesta pose: sendo tocado pela entidade... Vamos agora passar a outro repórter: aqui nós temos (mais em baixo, câmera, por favor) temos o repórter Jorge Audi. O espírito mandou que ele levantasse as mãos: ele levantou. Se Jorge Audi estivesse convencido (raciocine, telespectador) se Jorge Audi estivesse convencido de que realmente era Otilia Diogo fantasiada de freira, porque não agarrou a médium e gritou: fraude? E mostrou aos médicos que, realmente, eles eram dezenove imbecis? Por que não agarrou?! Posteriormente, veio publicar que era farsa a materialização. Mas, no momento, competia a ele desmascarar os dezenove médicos. Agora, aqui (faça o favor) temos aqui o repórter Mário de Moraes, da revista “O Cruzeiro”. Temos também aqui, na foto, o espírito de Alberto Veloso. Notem o espanto de Mário de Moraes! Observem os olhos de Mário de Moraes! Ele está levemente inclinado para a esquerda, como quem diz: se eu pudesse escapar daqui! Observem!... Se Mário de Moraes estivesse convencido (repito) de que Alberto Veloso era a médium fantasiada, ele a teria agarrado, porque é um repórter experimentado. Não fez isto, porque estava convencido de que era, realmente, o fenômeno da materialização. Posteriormente, aqui na Guanabara, é que houve esta confusão toda... Eles inverteram os fatos! Que motivos estranhos os teriam levado, Jorge Audi, Mário de Moraes, José Franco, a darem depoimentos opostos à verdade que constataram com seus próprios olhos? Eles é que deviam ter tocado nas entidades, no entanto as entidades é que os tocaram! Podemos voltar às nossas cadeiras, então, para novas conclusões... Porque nós costumamos, como é do nosso hábito, dar a verdade inteira!

**Luciano dos Anjos** — A afirmativa categórica é sempre um recurso dialético perigoso nas mãos daqueles que a sabem manejar. Então, vez por outra, encontramos de permeio à reportagem algumas afirmativas, dessa natureza, por exemplo: é fácil notar que ela segura (na legenda dessa fotografia que acabamos de ver, ali, no painel)...

**Jorge Rizzini** — A que mostra o dr. Waldo Vieira.

**Luciano dos Anjos** — O dr. Waldo Vieira, o espírito materializado e o nosso companheiro José Franco. Diz a legenda, numa afirmativa incisiva: “É fácil notar que ela segura um dos dedos do jornalista, o que seria impossível se tivesse um só dedo, conforme alegou”. São afirmativas, assim, gratuitas, vazias, mas que funcionam junto ao leitor. Sabemos disso. Eu, o Rizzini. Todo jornalista conhece muito bem o que seja uma afirmativa categórica, embora vazia. Hitler usou muito desse recurso! Fazia divulgar as maiores mentiras

pelas suas rádios. E de tal forma as mentiras se repetiam, e de tal forma eram categoricamente anunciadas, que acabavam sendo aceitas como verdadeiras, embora muitas vezes estivessem vazias de conteúdo. Aqui nós temos uma delas, por exemplo: uma afirmativa inteiramente gratuita! “Ela segurando os dedos do jornalista, o que seria impossível se tivesse um dedo só”. Mas, como? Seria impossível, por quê? Não vemos onde exista essa impossibilidade. Além do que, na fotografia, vemos exatamente um dedo. Exatamente o que aparece na fotografia: um dedo! Não na de “O Cruzeiro”, porque a rotogravura apaga alguns detalhes, mas ali, no original, podemos verificar que de fato é um dedo, única e exclusivamente que está apostado à mão do repórter. De forma que, nas entrelinhas, uma ou outra afirmativa, com esse grau dialético, naturalmente deturpa a realidade e funciona junto ao público de forma negativa contra os nossos companheiros de Uberaba.

**Jorge Rizzini** — É interessante a página 75... Há um detalhe que vai esclarecer bastante. 75! Como se trata de um trabalho muito sério, nós temos de trabalhar devagar para poder dar as provas necessárias. Página 75! Nilo de Oliveira, em seu depoimento...

**Luciano dos Anjos** — José Franco!

**Jorge Rizzini** — Exatamente. Estamos examinando o depoimento de José Franco. Não relatou ele que foi Nilo Oliveira quem manietou e soltou a médium.

**Luciano dos Anjos** — É, isso é importante, porque quem manietou e soltou a médium foi exatamente...

**Jorge Rizzini** — Mas, como? José Franco estava lá! Estava lá e viu tudo! Como, posteriormente, não relata que Nilo Oliveira manietou e soltou a médium?! Está na página 75.

*Luciano dos Anjos abre a revista.*

**Luciano dos Anjos** — “A médium Otília se retira da cadeira atrás do biombo, estava algemada e amarrada após o encerramento dos trabalhos, quando os presentes a auxiliam nas desamarras”.

**Jorge Rizzini** — “Os presentes a auxiliam”...

**Luciano dos Anjos** — Isso é muito vago...

**Jorge Rizzini** — Não foram os presentes! Quem comandou esse trabalho de prender a médium à cadeira foi Nilo Oliveira. Agora, telespectador, sabe por que foi Nilo Oliveira? Por que não foram Mário de Moraes e Jorge Audi? Porque Nilo Oliveira é ex-repórter policial. Então, a equipe de “O Cruzeiro” incumbiu o sr. Nilo Oliveira de manietar a médium. Agora, esse trabalho, nós vamos explicar como foi feito. Porque, aí, não dá direito, na revista...

**Luciano dos Anjos** — Um depoimento dessa natureza, que afinal visa a liquidar com o Espiritismo (pretensão bastante ridícula) um depoimento dessa



natureza, com esse objetivo, é muito estranho que não contenha detalhes dessa importância! Porque, afinal, foi um repórter quem manietou a médium. Os depoimentos, aliás, de um modo geral, além de contraditórios...

**Jorge Rizzini** — Eles sugerem muita coisa!

**Luciano dos Anjos** — Sugerem muita coisa, mas de positivo, fato mesmo, o que eles apresentam são algumas fotografias, sobre as quais vamos conversar.

**Jorge Rizzini** — Mas, voltando a Nilo Oliveira, foi ele quem comandou porque foi repórter policial, aqui na Guanabara. É preciso dizer agora, que a cadeira onde ficou dona Otília Diogo, estava presa, fixada ao solo porque foi chumbada com cimento. A cadeira não tinha mobilidade. Nos pés da médium, foram colocadas correias, nas correias foram colocados cadeados, e o arguto e experimentado repórter policial Nilo Oliveira cobriu a fechadura dos mesmos com esparadrapo e sobre a tira do esparadrapo ele rubricou, assinou o nome: isto, em cada cadeado! Mas, como, com as pernas presas à cadeira, o corpo de dona Otília tinha movimento, o sr. Nilo Oliveira colocou correias que levaram o corpo da médium até o encosto. Nessas correias, novos cadeados, sobre os cadeados, novos esparadrapos com sua assinatura. Como havia possibilidade de movimento nas mãos, eles colocaram em dona Otília uma algrava policial, e na fechadura dessa algrava, Nilo Oliveira colocou uma nova tira de esparadrapo e rubricou-a. Que o sr. Nilo Oliveira e os demais repórteres estavam convencidos de que a fraude dentro do consultório seria impossível, a prova disto é que o repórter disse: “Não acredito em materializações. Se alguma coisa acontecer, aqui dentro, é porque essa coisa veio de fora! Vou, então, ficar vigiando o lado externo do consultório”. Ora, se Nilo Oliveira ficou fora da sala das experimentações, é porque estava convencido de que a médium se encontrava rigorosamente presa! Porque fora ele quem a prendera. Ora, se Nilo Oliveira ficou do lado exterior do prédio, é porque estava convencido de que a médium se encontrava impossibilitada de fraudar naquelas condições, rigorosas! Condições policiais, porque Nilo Oliveira é também repórter policial.

**Luciano dos Anjos** — Eu falei, há pouco...

**Jorge Rizzini** — Um momento, Luciano, quero reafirmar que nós comentamos isto porque o sr. José Franco, em seu depoimento, não relatou que fora Nilo Oliveira quem comandara o trabalho de prender a médium à cadeira. Ele não relatou, escondeu isto!

**Luciano dos Anjos** — Mas, eu tinha feito uma referência às pequenas contradições ou grandes nos depoimentos de nossos companheiros.

**Jorge Rizzini** — É verdade.

**Luciano dos Anjos** — E podemos citar algumas, que nós não nos

referimos, ainda. Você tem, aí, à página 74... A contradição num depoimento, embora ela seja única, é sempre de molde a desvalorizar completamente um testemunho!

**Jorge Rizzini** — Basta uma contradição!

**Luciano dos Anjos** — No entanto, nós encontramos várias. Não vamos relatar todas, mas algumas.

**Jorge Rizzini** — Você tem aí, à página 74, página que o próprio telespectador pode acompanhar...

**Luciano dos Anjos** — Ainda é o depoimento de José Franco...

**Jorge Rizzini** — Estamos em José Franco, ainda. José Franco diz que a equipe médica deixou-os à vontade, para escolher as cadeiras. Quer dizer: segundo José Franco, os médicos permitiram que os repórteres escolhessem as cadeiras onde iriam....

**Luciano dos Anjos** — A posição das cadeiras.

**Jorge Rizzini** — Que escolhessem a posição das cadeiras, a fim de, posteriormente, assistirem a sessão, ao trabalho; no entanto (aí está, na página 74)...

**Luciano dos Anjos** — “Pediú-nos, então, que escolhêssemos, desde logo, as cadeiras onde quiséssemos sentar”. Diz José Franco, pois, que foram os repórteres deixados à vontade para que se sentassem na cadeira que bem quisessem.

**Jorge Rizzini** — No entanto, Mário de Moraes, à página 75, afirma que os lugares já estavam previamente determinados!

**Luciano dos Anjos** — “Que nós sentamos nas nossas cadeiras previamente determinadas. Nenhum ficou ao lado do outro companheiro da revista”. São pequenas contradições, que embora pequenas, evidentemente, desmoralizam um testemunho dessa natureza.

**Jorge Rizzini** — Desmoralizam a revista. É preciso que se acrescente, não? Quer dizer: um diz uma coisa, e outro, logo em seguida, afirma outra!

**Luciano dos Anjos** — Sinceramente, não sei até que ponto a Direção de “O Cruzeiro” endossou a matéria assinada pelos nossos companheiros.

**Jorge Rizzini** — É muito estranho... Mas, acontece que o Primeiro Prêmio Internacional de Reportagem glorifica uma revista, não? Agora, vamos discutir, aqui, a página 74. É o problema da materialização do dr. Veloso, na qual a entidade se apresenta com uma parte do corpo, vamos dizer...

**Luciano dos Anjos** — A figura aparece, embora sendo masculina, com um busto feminino. Mas, isso é um problema que vamos deixar para o final; para analisar essa fotografia com mais calma...

**Jorge Rizzini** — É, podemos nos deter, posteriormente...

**Luciano dos Anjos** — É, vamos dizer assim, um detalhe técnico da

análise. Ficará para o arremate.

**Jorge Rizzini** — Bem, vamos analisar agora o Mário Moraes.

**Luciano dos Anjos** — Você tem, aí, agora...

**Jorge Rizzini** — Aqui havia anotado você que “não tendo materializado a Irmã Josefa, os cinco dedos, colocou os cinco sobre o ombro da moça...”

**Luciano dos Anjos** — Esse problema dos dedos, sobre o qual nós havíamos conversado... A legenda dessa fotografia de “O Cruzeiro” comenta, seguinte: “O médium Francisco Cândido Xavier, o famoso Chico Xavier, toca na freira sem matar a médium. Na sua boa fé, Chico acredita, realmente, nos fenômenos de Uberaba. A Irmã Josefa, que tem apenas um dedo, coloca cinco deles no ombro de Wanda Marlene”. É outra daquelas afirmativas gratuitas que se fazem para ver se se consegue algum objetivo puro... Porque, o fato de dizer que ela coloca cinco dedos, embora sendo um só, isso não está absolutamente demonstrado nesta fotografia publicada! Podemos, tranqüilamente, levantar uma suspeição quanto a essa afirmativa. Porque se aqui estão os cinco dedos, poderia perfeitamente estar um. Afirmando-se que está apenas um, é possível até que o leitor veja um só, ou cinco, ao contrário, quando ele é somente um! São aquelas afirmativas gratuitas, de que falávamos há pouco...

**Jorge Rizzini** — Agora, outro ponto importante no depoimento de Mário de Moraes. Mário Moraes, telespectador, é aquele que aparece nas fotos, com grande espanto, diante da materialização de Alberto Veloso... É aquele, que nós, olhando as fotos, ficamos mais com medo de Mário de Moraes do que do espírito materializado... Ora, Mário de Moraes disse que o timbre de Irmã Josefa é igual ao da médium, a voz é idêntica.

**Luciano dos Anjos** — A gravação que temos das duas vozes mostra que são inteiramente diferentes!

**Jorge Rizzini** — Agora, quem vai defender esse ponto, contrariar a idéia de que o timbre de Irmã Josefa é igual, é idêntico, é o mesmo que o de dona Otília, é o repórter Salomão Schwartzman, da revista “Fatos e Fotos”. Aliás, eu quero aqui fazer uma declaração de que, quem lançou a primeira reportagem sobre a materialização da freira, foi a revista “Fatos e Fotos”. E quem escreveu essa reportagem foi Salomão Schwartzman. E Salomão insiste, frisa em sua reportagem, que uma das coisas que o deixaram abalado diante da materialização, foi exatamente o fato de que o timbre de Irmã Josefa é oposto ao timbre da voz da médium Otília Diogo. Isto, quem o diz, não sou eu, é o repórter Salomão Schwartzman, de “Fatos e Fotos”.

**Luciano dos Anjos** — E é um companheiro nosso israelita. Portanto inteiramente avesso às idéias espíritas.

**Jorge Rizzini** — É. Isso é importante frisar. Ainda sobre Mário Moraes, em seu depoimento...

**Luciano dos Anjos** — Nós não encontramos nele uma referência ao espírito do Veloso, essa entidade que se materializa e em torno da qual giram as grandes dúvidas.

**Jorge Rizzini** — É, ele não tece comentários!

**Luciano dos Anjos** — É, é muito estranho que num longo depoimento não se encontre uma referência a esse espírito.

**Jorge Rizzini** — E a razão é muito simples porque Mário Moraes em seu depoimento, não comentou a materialização do Alberto Veloso! A própria fotografia, que foi aqui mostrada, apresenta Mário Moraes espantado diante do que viu! Seus olhos mostram pavor, mostram medo: ele temeu aquele instante em que se defrontou com a entidade. E, posteriormente, quando fez sua falcatrua jornalística, alguma coisa o inibiu, na revista, de tecer comentário sobre Alberto Veloso. Ele estava, em Uberaba, realmente convencido de que se tratava de uma forma materializada. Todos os repórteres! E nós vamos provar isso! Insistimos: todos os repórteres ficaram convencidos da autenticidade da fenomenologia apresentada na cidade de Uberaba! Posteriormente, é que relataram ao contrário, deformaram a verdade. Nós vamos provar que eles estavam convencidos!

**Luciano dos Anjos** — Disse ainda Mário Moraes, que a Irmã Josefa se manifesta... Aliás, essas análises sobre o biótipo são também muito precipitadas. Nós tivemos, na longa história do Espiritismo, grandes sábios estudando o problema, e todos eles, só depois de análises profundas (e não essas, perfunctórias, apenas) é que chegaram a conclusões relativas aos biótipos das criaturas, principalmente nas comparações das entidades com os médiuns. No entanto, num relance, numa sessão apenas, num segundo, imediatamente os nossos companheiros fazem até análises do biótipo das criaturas! Interessante, é que Mário Moraes não faz referência ao Veloso, à manifestação em si, detalhes, ao comportamento, etc. Só referência ao nome nós encontramos no depoimento de Mário Moraes, e isso para dizer que Veloso não fala e é assim que se comunica com os presentes. Ele atribui a esse detalhe de Veloso não falar, ao cuidado da médium não aparecer com uma voz de mulher num personagem masculino. No entanto, não é capaz de explicar...

**Jorge Rizzini** — O vozeirão de Leocádio, o preto velho que lá se materializa!

**Luciano dos Anjos** — Que fala em voz direta.

**Jorge Rizzini** — Isso é um detalhe importante. Ele nem toca, nem dá uma explicação para o vozeirão de Leocádio.

**Luciano dos Anjos** — Apenas de passagem para dizer que é uma mulher imitando a voz de um preto velho...

**Jorge Rizzini** — Ainda sobre Mário de Moraes, podemos proceder à

leitura da página 78. Os últimos tópicos. Página 78. **É muito interessante.**<sup>21</sup> Agora, é a parte cômica da história. Porque toda história tem o lado dramático e o lado cômico... Agora, para concluir (onde está?)...

**Luciano dos Anjos** — Aqui.

**Jorge Rizzini** — Então, diz Mário de Moraes, em “O Cruzeiro”, página 78: “Mais preces, e termina a sessão. Que não me convenceu, absolutamente. Gostaria de ver mais algumas. Só que, se houver próxima vez, quero levar talco e vou espalhá-lo pelo chão, pois não pretendo me levantar da cadeira. Mas, alguém poderá fazê-lo. E será apanhado em flagrante!”

**Lucianos dos Anjos** — Até mesmo os próprios repórteres...

**Jorge Rizzini** — Se alguém fizer mistificação, diz Mário de Moraes, será apanhado em flagrante! Mário de Moraes: por que você não agarrou o espírito “fantasiado” de freira? Você teve oportunidade... Você estava face a face com a “médium” fantasiada! Por que não a desmascarou? Por que não proclamou que era uma farsa, no momento?! Você teve oportunidade, teve a grande chance ... E agora ameaça pela revista! “Não pretendo me levantar da cadeira. Mas, alguém poderá fazê-lo. E será apanhado em flagrante!” Os olhos de Mário de Moraes, nesta foto, respondem ao que ele próprio escreveu...

**José Luís** — Rizzini, alguns telespectadores que estão acompanhando a sua reportagem, perguntam por que não foi permitida a prova do talco?

**Jorge Rizzini** — Isso nós vamos explicar, mas posteriormente. Os telespectadores vão ter paciência... Porque estamos obedecendo a uma seqüência. Mas nós vamos explicar! Isso é importante, é fundamental, está aqui anotado e vai chegar o momento em que daremos as devidas explicações. Não somente sobre o talco; há coisas muito mais importantes! Inclusive, algumas que certamente passaram despercebidas ao leitor...

**José Luís** — Aliás, um outro telespectador afirma que o repórter não agarrou o espírito porque foi coagido por um médico, que disse que a médium morreria.

**Jorge Rizzini** — Ah, se Mário Moraes temia a morte da médium, é porque não estava convencido de que não era espírito! Ele temeu a morte da médium, logo poderia ser realmente espírito, que ali estivesse...

**Luciano dos Anjos** — Se me permite o companheiro, não acredito, absolutamente, em coação a jornalistas!

**Renato Dantas** — Rizzini, estamos ainda às 23 horas 15 minutos e pode ser que essa informação interesse, inclusive aqui para a reportagem nossa: o general José de Vasconcelos nos telefonou, afirmando que está acostumado a essas sessões de materialização e que gostaria que vocês se detivessem em dois detalhes: o perfume e o vidro de éter, explicando que os espíritos

---

<sup>21</sup> Na 2ª edição consta “E interessante”.

se manifestam com alguma coisa que lhes tenha sido peculiar em vida. O enfermeiro, a enfermeira e o médico sempre vaporizam éter, o espírito de um caboclo vaporiza no ambiente perfume silvestre. Mas, ele tem uma informação importante: avisa que está à sua disposição pelo telefone 36-3546 e que tem em seu poder pedaços de ectoplasma. Se interessa, ele poderá vir até aqui (mostrar esses pedaços de ectoplasma, que lhe foram dados por entidades...

**Jorge Rizzini** — Não; eu agradeço bastante a gentileza, mas...

**Renato Dantas** — É o general José de Vasconcelos.

**Jorge Rizzini** — No caso, aqui, não nos interessa porque estamos a discutir, exclusivamente, o que os repórteres de “O Cruzeiro” escreveram sobre a experimentação de Uberaba. De qualquer forma, agradecemos. Mas, vamos explicar a questão do éter e do perfume!

**Luciano dos Anjos** — E do tecido ectoplasmático! Bem... Sobre Henri Ballot...

**Jorge Rizzini** — Henri Ballot, telespectador, é um fotógrafo (não é brasileiro, é francês...); não sabe falar português, fala com muita dificuldade, se arrasta... Ele disse (e vou provar mais tarde que ele disse porque ainda não chegamos no momento que podemos chamar de “sonoplastia”)... Ele disse...

**Luciano dos Anjos** — Ele não tem autoridade para dar um depoimento deste tamanho! Devido, afinal de contas, a um aspecto, que nos reservamos a comentar no final...

**Jorge Rizzini** — Henri Ballot, quero deixar bem claro, disse que “não tem autoridade para discutir o assunto”. Guarde essa frase minha, telespectador. Ballot disse que não tinha autoridade para discutir o assunto. No entanto, posteriormente, dá um enorme depoimento, diz uma série de coisas que até nem anotamos porque não têm um valor positivo. Não tem realmente nada de interessante, aí, no depoimento dele.

**Luciano dos Anjos** — Umas contradições. Disse que podia ver com toda a clareza, seus companheiros dizem que absolutamente, pois tudo se passava num átimo de segundo. Pequenas contradições. Mas, o importante é o tamanho desse depoimento em face de sua afirmativa, que temos gravado! “Que absolutamente não tinha autoridade para depor”, coisa nenhuma...

**Jorge Rizzini** — Agora, vamos analisar o depoimento de Nilo Oliveira. Isso é que é importante. Nilo Oliveira! Nilo Oliveira escreveu que ficou do lado externo do consultório. Realmente, ele ficou do lado externo. Já explicamos que fora ele quem manietara a médium. Que foi ele quem comandou esse trabalho porque era um repórter policial. Ficou do lado de fora porque estava convencido de que não havia possibilidade de fraude, dentro do consultório; se houvesse fraude, ela resultaria de alguma coisa vinda do lado externo e trazida para dentro.

**Luciano dos Anjos** — E a certa altura ele faz a seguinte afirmativa: “Ao examinar os ventiladores embutidos na parede verifiquei a possibilidade de alguém, pela parte exterior colocar neles alguma substância química que seria esparzida no interior da sala para diminuir a resistência psíquica dos presentes, menos a da própria médium”.

**Jorge Rizzini** — Perfeito. Ele examinou o exaustor porque acreditava que a chuva de éter, e a chuva de perfume, eram produzidas pelo exaustor e pelo ventilador. Então, ficou do lado de fora, porque estava convencido de que, lá dentro, seria impossível a fraude, que a médium fora por ele mesmo manietada. Pois bem (e agora vou tocar no éter) quando se materializou o espírito de Alberto Veloso, momentos antes da materialização, a entidade, anunciando a sua presença, produziu uma chuva de éter. Porque Veloso foi um médico (aliás, aqui na Guanabara, por coincidência). Com o éter, ele anunciou a sua materialização. Minutos depois de materializar-se, para dar uma prova a Nilo de Oliveira de que os fenômenos estavam se produzindo dentro do consultório (e que nada vinha de fora para dentro) Alberto Veloso colocou éter no exaustor: e o exaustor trouxe o éter para fora, recebendo Nilo de Oliveira uma lufada! Isto, para dar prova de que, realmente, os fenômenos estavam se produzindo lá dentro. Pois não...

**José Luís** — Rizzini, a partir das 23 horas e 30 minutos, nós estaremos aqui sabatinando Rizzini e Luciano, com perguntas dos telespectadores pelo telefone 25-7230. Se os repórteres não comparecerem, cada telespectador, a partir das 23,30 será um repórter a sabatinar aqui dois repórteres!

**Luciano dos Anjos** — O depoimento do Nilo, a certa altura, diz o seguinte... É a velha dialética das afirmativas gratuitas, ou então reticentes! “Revistei as pessoas que entravam na sala, com exceção de duas moças e da médium”. Mas, quem eram essas duas moças?

**Jorge Rizzini** — É, isso é muito psicológico!

**Luciano dos Anjos** — Então, joga-se num depoimento essa afirmativa, levantando-se assim a suspeição sobre a sessão... O leitor, que acompanha o depoimento, evidentemente alia suas idéias a mais essa negativa: “Revistei as pessoas que entravam na sala, com exceção de duas moças”! Poderiam estar com essas duas moças, afinal, os petrechos todos que serviram ao fenômeno; entretanto, quem eram essas duas moças?

**Jorge Rizzini** — Eram Cleusa Soares, da TV-Itacolomy, e Wanda Marlene, repórter e tele-atriz também da TV-Itacolomy.

**Luciano dos Anjos** — Colegas dele.

**Jorge Rizzini** — Colegas deles. Mas, não deram os nomes, justamente para o povo acreditar...

**Luciano dos Anjos** — Que elas houvessem trazido coisas à sessão!

**Jorge Rizzini** — Mas, interessante é o final do depoimento dele...

**Luciano dos Anjos** — “Diante deste e de inúmeros outros fatos convenci-me de que no caso em que acabara de tomar parte, o fenômeno da materialização era fraudulento”. Em inúmeros outros fatos, que não estão aqui referidos (que ele não se refere) e deste, como, por exemplo, o de duas moças que entraram sem ser revistas; então, se convenceu ele de que a materialização era “fraudulenta”... É difícil saber como chegou tão rápido a essa conclusão e com tão poucos elementos na mão!

**Jorge Rizzini** — E o éter que ele levou no rosto? Não bastou como prova! Por que ele ficou fora do prédio? Como pode ele negar o fenômeno, se não estava dentro do consultório, e sim do lado de fora? E o Veloso ainda jogou éter através do exaustor! Como pode ele negar a autenticidade do fenômeno? Baseado em quê? Nos outros repórteres?!

**Luciano dos Anjos** — Apenas duas moças, colegas deles, entraram sem ser revistas.

**Jorge Rizzini** — É, realmente, muito estranha a atitude de Nilo de Oliveira.

**Luciano dos Anjos** — Então, ele se convence definitivamente de que “para nós, o embuste era claro”...

**Jorge Rizzini** — Para ele, era claro, para ele que ficara fora do consultório!

**Luciano dos Anjos** — Vamos apressar para não ultrapassarmos o horário.

**Jorge Rizzini** — Depoimento de Jorge Audi...

**Luciano dos Anjos** — O companheiro Jorge Audi... A todos eles temos o maior respeito, são companheiros nossos... Estamos fazendo uma análise fria do depoimento de cada um...

**Jorge Rizzini** — O Jorge Audi contradiz Ballot. Diz que via com nitidez. Vê se encontra...

**Luciano dos Anjos** — É. Ele afirmava que a luz se acendia e se apagava em fração de segundo e...

**Jorge Rizzini** — Em fração de segundo a luz se acendia e aparecia a entidade materializada: isso, em fração de segundo! No entanto...

**Luciano dos Anjos** — No entanto, seus companheiros (já vimos aqui) dizem o contrário: que não podiam ver com clareza, com nitidez! São pequenas contradições entre um depoimento e outro.

**Jorge Rizzini** — Quer dizer: um diz que não via quase nada, que o fenômeno era visto em fração de segundo, já o outro afirma que via tudo com absoluta nitidez! Via que o espírito tinha a mesma face da médium!

**Luciano dos Anjos** — Ele chegou a afirmar que o espírito tinha a



mesma face da médium.

**Jorge Rizzini** — Ele diz: “pude ver com toda a clareza”...

**Luciano dos Anjos** — Mas, você anotou aí... os argumentos finais...

**José Luís** — Com licença? Quero avisar ao telespectador, que a partir de 23,30 estaremos sabatinando com os repórteres presentes sobre o caso tão em evidência. E queremos avisar o Rizzini e o Luciano que já está aqui o gravador em condições. Se quiserem fazer rodar a fita, o gravador...

**Jorge Rizzini** — Nós vamos chegar lá.

**José Luís** — Tem a sabatina! Porque depois das 23,30...

**Jorge Rizzini** — Nós obedecemos a uma seqüência.

**José Luís** — Exato, mas...

**Jorge Rizzini** — Porque nós não agimos como os repórteres de “O Cruzeiro”, não somos precipitados! Nós queremos dar a verdade inteirinha para o telespectador, para que ele, depois, faça a sua própria análise.

**José Luís** — Pois não. Então, está aqui à sua disposição o gravador; quando o senhor quiser usar, a instalação está pronta.

**Jorge Rizzini** — Muito obrigado!

**Luciano dos Anjos** — Bom, essa foi uma apreciação breve, — como breve também foi a pesquisa feita pelos nossos companheiros — sobre os depoimentos. Vamos agora ver se conseguimos alinhar alguns argumentos finais, de molde a analisar in totum o comportamento dos nossos companheiros, diante dos fatos.

**Jorge Rizzini** — Eu queria iniciar, dizendo o seguinte: a reportagem afirma que não foi visto o ectoplasma saindo pelo ouvido, nariz e boca da médium, como as fotografias da primeira reportagem, a favor, apresentavam. No entanto, na revista “Fatos e Fotos”, na reportagem de Salomão Schwartzman...

**Luciano dos Anjos** — É, evidentemente, uma revista que nos merece o mesmo respeito, feito com o mesmo carinho, com o mesmo cuidado jornalístico...

**Jorge Rizzini** — Ela pertence à “Manchete”! Essa revista apresenta uma foto (tirada pelo Geraldo Móri), que é o fotógrafo que acompanhou o repórter Salomão Schwartzman à cidade de Andradas onde foi feita a sessão de materialização com a médium Otília Diogo: ora, se “Fatos e Fotos” apresenta essa foto com perfeita nitidez (o ectoplasma saindo da médium) é porque... É evidente que eles, de “O Cruzeiro”, não tiraram fotografias porque não quiseram! Talvez tivessem interesse em não bater essa foto! Porque tiveram ampla liberdade de ação.

**Luciano dos Anjos** — Para fazê-lo.

**Jorge Rizzini** — Para fazê-lo!

**Luciano dos Anjos** — Uma das afirmativas... Agora, vamos entrar nos



*Otília Diogo exteriorizando ectoplasma pela boca, nariz e ouvido. Detalhe fundamental: o ectoplasma está tomando a forma de um rosto humano.*

fatos! Nos fatos, através dos quais os nossos companheiros pretendem atingir a Doutrina Espírita, o fenômeno que se verificou em Uberaba. Uma das afirmativas, é de que, o círculo que se achava no chão, — que foi traçado a giz, estava apagado; e que, portanto, porque estava apagado em alguns trechos, a médium teria se desvencilhado das correias e das algemas. Ora, isso é tão gratuito, que podemos apenas contrargumentar com a seguinte fotografia (a foto é mostrada no vídeo). Os próprios companheiros nossos de “O Cruzeiro” foram até à médium, até o espírito materializado e se deixaram fotografar, como podemos ver nesta fotografia. Não, não é esta aqui. Onde está aquela fotografia?

**Jorge Rizzini** — Do Mário de Moraes,

**Luciano dos Anjos** — Do Mário de Moraes ao lado do espírito. Aqui está! Aqui está o nosso companheiro de “O Cruzeiro” também ao lado da entidade materializada. Ora, por que não atribuir que foi exatamente o nosso companheiro, que pisando também no círculo, desmanchou a sua confecção? Não há nada que possa negar essa nossa afirmativa! É tão gratuita quanto a dos nossos companheiros. Todos os presentes estiveram juntos ali, ao lado da entidade materializada! De forma, que qualquer um deles poderia ter pisado no círculo; inclusive, o próprio espírito, e por que não? Ou ainda se tem a idéia de que um espírito materializado vem naquela forma vaporosa, gasosa do século XVIII? Absolutamente! As experiências vieram provar, principalmente depois de William Crookes, de 1870 a 1874, que os espíritos se materializam em toda a sua compleição física; foram feitas até incisões na carne do espírito. Ele tem toda a constituição de um ser humano qualquer, apenas a sua gênese é outra. Ele é uma figura que não vem ao mundo através dos mesmos processos biológicos do ser humano, encarnado.

**Jorge Rizzini** — É o que podemos chamar de um agênerere...

**Luciano dos Anjos** — Seria um agênerere, de certa forma. O agênerere é aquele espírito, que momentaneamente, se materializa e, em toda a sua compleição física, ele convive entre nós. Ora, o próprio espírito materializado poderia perfeitamente ter apagado o círculo; e daí? Alguém, por acaso, negou, que o espírito não pudesse, ele, com o seu pé, apagar as impressões? Absolutamente; ele caminha, ele anda, ele respira. Isso tudo foi comprovado por sábios, como William Crookes, que dentro seu laboratório teve a convivência de um espírito, chamado Katie King, durante quatro anos, através da médium Florence Cook. Ora, foram quatro anos em que William Crookes testou todo o comportamento orgânico, fisiológico dessa entidade. E conseguiu, inclusive, fotografias em que a entidade materializada de Katie King aparecia ao lado da médium Florence Cook. Se um espírito consegue durante quatro anos apresentar comportamentos idênticos a de um elemento humano, por que não poderia, também, agora, o espírito de Josefa, aparecer tal qual? E é isso o que ocorre

nas sessões de materializações; aparece com toda a sua compleição física, apagando, inclusive, o círculo de giz. E daí?

**Jorge Rizzini** — Agora, eu quero me reportar a um detalhe importantíssimo para arrematar a sua idéia. É que foi escrito na reportagem, que após o término da sessão, nos pés da médium foram encontrados resquícius de giz, dizendo que dona Oflía se libertou da cadeira e andou sobre o círculo...

**Luciano dos Anjos** — Estamos agora sobre fatos.

**Jorge Rizzini** — Fatos! Eu só lido com fatos. Sou um homem que se agarra só aos fatos!

**Luciano dos Anjos** — Então, um dos fatos é este que está aqui, que os nossos companheiros trazem: “Ao terminar a sessão”...

**Carlos Pallut** — Permita... Permita! Dentro de instantes, senhoras e senhores, estaremos — aqueles que estão neste momento chamando a televisão Continental — estaremos, além dessa explicação toda que está sendo realizada com clareza, com absoluta clareza (então, vamos dizer assim: é um monólogo, não é um monólogo, não! Monólogo foi feito pela revista. Aqui, nós estamos estabelecendo um diálogo! E os senhores telespectadores já estão perguntando: e como estão perguntando!) E como eu acredito (e acredito muito!) em toda a obra de meu amigo Rizzini, com toda a franqueza e com toda a sinceridade vou dizer que dentro de instantes nós vamos apresentar, em complementação a tudo aquilo que está sendo dito nesse programa da “Volante do Pallut”, algo que vai deixar todo mundo certo de que não houve fraude: A FRAUDE FOI DA REPORTAGEM!

**Jorge Rizzini** — Muito obrigado.

**Luciano dos Anjos** — Este é um detalhe muito importante, porque como fato eles apresentam o seguinte: “Após o término da sessão, no pé da médium foram encontrados resquícius de giz, o que prova (prova, naturalmente, entre aspas) que a médium se libertou e andou sobre o giz para depois voltar ao seu local”. Entretanto, pelas próprias fotografias publicadas na revista, nós vamos verificar que nenhuma das entidades apareceu descalça! A de Veloso, aqui está com os dois pés com meia; a de Josefa...

**Jorge Rizzini** — Essa é a foto. Todas elas, todas elas!

**Luciano dos Anjos** — Nós temos umas boas.

**Jorge Rizzini** — Quer mostrar, por gentileza? (fotos no vídeo) Esta, esta, esta, esta!

**Luciano dos Anjos** — As da própria revista “O Cruzeiro”. Se os espíritos estavam com meias, como poderia aparecer, no pé descalço da médium, ao término da sessão, resquício de giz?

**Jorge Rizzini** — É outra afirmativa baseada em engenho estranho e...

**Luciano dos Anjos** — Mas, o que é importante, não chamou a aten-

ção, — esse companheiro nosso que apanhou o “flagrante”, de seus demais colegas para esse detalhe... Ao contrário: explica em seu depoimento que com o dedo apagou as manchas de giz... Muito estranho, quando poderia, ao contrário, chamar os demais para mostrar o giz marcado no pé da médium!

**Jorge Rizzini** — Bem, nós estamos agora mostrando os argumentos finais. Eles afirmam, na reportagem (vamos sentar?)...

**José Luís** — Eu gostaria de avisar, Rizzini, que já são 23 e 35 minutos, e nós prometemos ao telespectador dialogarmos... Então, após essa sua conclusão, vamos rodar o gravador para que possamos entrar em contato com os telespectadores; certo?

**Jorge Rizzini** — Certo.

**José Luís** — Obrigado. .

**Jorge Rizzini** — Então, terminando a conclusão final... Nós estamos nos argumentos finais! Faltam poucos itens. Note o telespectador o nosso cuidado em apresentar minúcias! Porque nós achamos que a história estava incompleta e havia necessidade para o julgamento lógico, racional e definitivo, de você, telespectador, fosse a história contada por inteiro! Então, eles afirmaram que o exame no corpo da médium foi superficial: que o exame, repito, no corpo da médium, foi superficial!

**Luciano dos Anjos** — Isso é importante; porque, naturalmente, um exame prévio, superficial, dá margem a que, de fato, algumas falcatruas, algumas fraudes possam, posteriormente, ser verificadas. Então, se de fato, o exame prévio foi superficial, então, talvez, eles pudessem ter alguma razão... Mas, será que foi mesmo? Vamos ver como é que nós conseguimos destruir essa afirmativa! Mais uma, aparecida aqui nesta revista!

**Jorge Rizzini** — Caro telespectador: a dona Otília Diogo foi submetida a um exame completo, médico, na presença dos repórteres Jorge Audi e Mário de Moraes. O exame foi ginecológico. Dr. Ismael Ferreira de Rezende examinou as vestes da sensitiva Otília Diogo e examinou-lhe o corpo na presença dos repórteres Mário de Moraes e Jorge, Audi. Estavam eles tão convencidos da realidade espiritual observada, que não se negaram a assinar um documento (por favor, câmera, por favor câmera!); não se negaram a assinar um documento comprovando que examinaram o corpo e as vestes da médium!

**Luciano dos Anjos** — Isso, não é uma afirmativa gratuita, é um documento!

**Jorge Rizzini** — É documento! Aqui está a fotocópia, porque o original está guardado! Aqui está a fotocópia: “Atesto, para os devidos fins, que na presença dos repórteres Mário de Moraes e Jorge Audi, foi examinada Otília Diogo, sensitiva da experimentação do dia 3/1/64, tendo verificado nada haver em suas

vestes e seu corpo (repito: tendo verificado nada haver em suas vestes e seu corpo). Uberaba, 3 de janeiro, 1964. Assinam: Ismael Ferreira de Rezende, repórter Mário de Moraes, repórter Jorge Audi”.

**José Luís** — Representa essa instituição o dr. Ismael?

**Jorge Rizzini** — Aí, foi realizada a experimentação. Então, nesse documento se prova que Mário de Moraes e Jorge Audi presenciaram o exame ginecológico em dona Otília e o exame em suas vestes. Porque, temia-se que dona Otília pudesse carregar nas vestes e em seu próprio corpo, a roupa da freira, a roupa de Alberto Veloso, o vidro de perfume, o vidro de éter e o crucifixo...

**Luciano dos Anjos** — Bom...

**Jorge Rizzini** — Eu quero concluir! Um momento. Um pormenor, Luciano, senão eu perco o fio da meada... É o argumento final!

**Luciano dos Anjos** — Eu queria só fazer referencia a essa capa de “O Cruzeiro”...

**Jorge Rizzini** — Bem, depois voltaremos ao exame...

**Luciano dos Anjos** — Ah, você falou em exame? Não, então vamos concluir o exame!

**Jorge Rizzini** — Eu queria mostrar a veste...

**Luciano dos Anjos** — Ah, mostra, isso é importante!

**Jorge Rizzini** — Então, eles presenciaram, conforme foi mostrado aqui com documento, o exame que o dr. Ismael fez no corpo e nas vestes de dona Otília Diogo. Ora, posteriormente, depois que ficaram admirados do que viram, Jorge Audi e seu colega, por assim dizer, ainda tinham uma suspeita. “Como teria dona Otília Diogo carregado, para o consultório, depois de um exame rigoroso em suas vestes e em seu corpo, a roupa da freira, a roupa de Alberto Veloso, o vidro de perfume, o vidro de éter e o crucifixo com dez centímetros de altura? Ora, dona Otília Diogo, para ir ao consultório, levando todo esse material...

**Luciano dos Anjos** — E a barba! E a barba.

**Jorge Rizzini** — E a barba. Ela, para levar todo esse material para o consultório, ela teria de carregar uma mala! Era a roupa de uma freira, roupa complicada e volumosa, era a roupa de um homem, Alberto Veloso, era um vidro de perfume, porque houve uma chuva de perfume; era um vidro de éter, porque houve uma chuva de éter, e o crucifixo, que era grande, e a barba de Alberto Veloso! Tudo isto, só mesmo dentro de uma mala! Ou ela teria de carregar um embrulho, um pacote! Então, após a sessão, eles não se contiveram. Eles, então, quando a dona Otília saía, a agarraram: “O que você leva em baixo do vestido?” E ela então foi violentada! Pelos repórteres! Eles rasgaram a roupa de dona Otília! Está aqui a roupa que a sensitiva usava durante a experimenta-

ção em Uberaba.

*A roupa é mostrada às câmeras.*

**Jorge Rizzini** — Onde se pode observar o rasgo. Foi uma agressão. Isto é uma agressão! Então, quando dona Otília ficou com os seus trajes íntimos à mostra, Chico Xavier teve uma comoção. Começou a chorar como uma criança. E pedia, que pelo amor de Deus, os fotógrafos não tirassem fotografias. Então, temos a prova de que a médium foi examinada, antes e depois da sessão. Antes, na presença dos repórteres, os quais assinaram um documento que aqui está; e depois, após a sessão, ela foi violentada, porque lhe rasgaram a roupa!<sup>22</sup> Nós lidamos com fatos, telespectador; nós não pretendemos ganhar com este programa o primeiro prêmio internacional de reportagem, não... É apenas a reposição, a recolocação da verdade no seu devido lugar, o que estamos fazendo.

**Luciano dos Anjos** — Há aqui, nesta foto, uma calça comprida que teria normalmente de estar toda enrolada por debaixo da médium para que não aparecesse antes da sessão... Ora, aqui em baixo, uma calça comprida enrolada, um véu, etc., é muita coisa que...

**Jorge Rizzini** — E queremos agora levantar uma suspeição...

**Luciano dos Anjos** — Agora, o grande argumento da revista surge na própria capa. É nesta fotografia aqui, que estaria afinal o fato principal que acabaria de desmoralizar toda a sessão em Uberaba. Então, em torno da comparação da médium com o espírito, faz-se afirmativa de que “o filme colorido, no entanto, como mostra a capa de “O Cruzeiro”, desvenda o mistério e revela com nitidez impressionante o rosto da Irmã Josefa, um rosto que não é outro senão o da sensitiva”, Ora, absolutamente, não endossamos essa afirmativa! O rosto é semelhante, realmente, mas nada prova, de forma alguma, e chegamos até a trazer uma lente para (quem quiser verificar de perto que um rosto seja “idêntico” ao do outro! Independente do que, poderia ser, que isso tudo está previsto na Doutrina Espírita!

**Jorge Rizzini** — São mãe e filha!

**Luciano dos Anjos** — Afinal de contas, o material que foi utilizado para a formação dessa entidade, foi tirado da médium! Não foi de outras criaturas, não, senão como auxiliares, apenas. A grande porção ectoplásmica, é da própria Otília! Nada de mais que ela tenha características da médium, quando ela, Irmã Josefa, se materializa. Além do que, esta foi mãe desta aqui! Por que não poderia ter semelhança? Agora, é o mesmo rosto, não! Por que não publicaram esta fotografia, aqui, muito nítida, muito mais clara, onde verificamos as dessemelhanças profundas! Esta aqui, inclusive, não mostra as rugas que a médium tem; o espírito não apresenta. Há pequenas diferenças, inclusive, no nariz e até na disposição dos olhos!

---

<sup>22</sup> Por isso, Mário Moraes disse, depois, “que havia cúmplices”! Os médicos...

**Jorge Rizzini** — E foi tirada durante a mesma experimentação com os repórteres!

**Luciano dos Anjos** — Essa aqui está muito melhor e foi tirada na mesma sessão.

Mostra uma diferença bem maior.

*A foto é mostrada às câmeras.*

**Jorge Rizzini** — Observem bem: em “close-up”!

*A foto é mostrada no vídeo.*

**Jorge Rizzini** — Foto tirada por um médico. Supera a de “O Cruzeiro”, que foi tirada por um fotógrafo profissional.

**Luciano dos Anjos** — Ora, como é possível se fazer uma afirmativa tão definitiva, que uma não é senão a outra?! Não aceitamos isso, absolutamente. Um estudo mais minucioso, mais cauteloso, mais sério, demonstrará que há pequenas diferenças, entre uma e outra. Independente do que, poderia, tranqüilamente, haver as mais estreitas aproximações entre uma fisionomia e outra.

**José Luís** — Eu queria lembrar: são 23 horas e 47 minutos. Nós assumimos uma responsabilidade com os telespectadores de travarmos um diálogo com os senhores. Eu sei que o senhor tem alguma coisa a mais a mostrar antes desse diálogo; depois, então, nós... Certo?

**Jorge Rizzini** — Certo.

**Luciano dos Anjos** — Certo. Com muito prazer.

**Jorge Rizzini** — Bem, telespectador, atenção: eu havia dito, no começo deste programa, que os sete repórteres de “O Cruzeiro” estavam convencidos do fenômeno da materialização. Vamos prestar atenção: eu disse, no começo, que os repórteres estavam convencidos daquilo que haviam visto, haviam observado e tocado, porque eles tocaram nos espíritos! Tão convencidos ficaram, que assinaram aquele documento, no qual afirmaram que examinaram as vestes e o corpo de dona Otília Diogo; tão convencidos ficaram, que não se negaram a deixar, neste gravador, suas declarações sobre os fenômenos que observaram. Eles gravaram, a viva voz, com a sua própria voz, — e aqui está o gravador, na presença de vocês, eles gravaram suas impressões, suas observações, seu espanto diante do fenômeno da materialização de Uberaba! Nós vamos ouvir, primeiramente, a declaração do repórter... (Nós não temos pressa, não, que a verdade é assim mesmo, tem de ser dosada...) Então, vamos ouvir a declaração do repórter Nilo de Oliveira! O repórter policial, que manietou a médium. Diz ele, após a sessão: “Eu, Nilo de Oliveira, posso declarar que algemei dona Otília, médium que atuou nesta sessão, rubriquei e coleí o esparadrapo na fechadura dos cadeados, e tomei conta do exterior da casa onde se realizava esta sessão. Não observei absolutamente nada de anormal por fora. E terminada a sessão, penetrei na sala e encontrei tudo como havia deixado: dona Otília algemada, tendo eu desfeito a algema, aberto os cadeados, encontrado



a rubrica, que havia feito anteriormente.” Vamos ouvir, portanto, Nilo Oliveira!

Irineu Alves põe o gravador em funcionamento e ouve-se o depoimento de Nilo de Oliveira.

**Jorge Rizzini** — Posteriormente, Nilo de Oliveira escreve em seu depoimento (faça o favor, Luciano):

**Luciano dos Anjos** — “Diante deste, e de inúmeros outros fatos, convenci-me de que, no caso em que acabara de tomar parte, o fenômeno de materialização era fraudulento. O seu desmascaramento total havia sido frustrado pela não realização de outras sessões, conforme o combinado com o dr. Waldo Vieira. Para nós, o embuste era claro.”

**Jorge Rizzini** — Muito obrigado.

**Carlos Pallut** — Rizzini, quer voltar a gravação? Há possibilidade?

**Jorge Rizzini** — Há, claro.

**Carlos Pallut** — Nós não temos pressa, podemos voltar então a gravação.

**Jorge Rizzini**. — Perfeitamente, Pallut, eu acho que é importante esse pedido seu. Será uma reafirmação.

Mais uma vez Irineu Alves faz a fita rodar com as declarações de Nilo de Oliveira: “Eu, Nilo de Oliveira, posso declarar que algemei a dona Otília, médium que atuou nesta sessão, rubriquei e coleí o esparadrapo na fechadura dos cadeados, e tomei conta do exterior da casa onde se realizava esta sessão. Não observei absolutamente nada de anormal por fora. E terminada a sessão, penetrei na sala e encontrei tudo como havia deixado: dona Otília algemada, tendo eu desfeito a algema, aberto os cadeados, encontrado a rubrica, que havia feito anteriormente”.

**Carlos Pallut** — Ele rubricou e colou o esparadrapo no cadeado...

**Jorge Rizzini** — É o oposto, portanto, do que escreveu depois! Vamos agora ouvir o depoimento de Mário de Moraes, após a experimentação de Uberaba.

**Carlos Pallut** — Rizzini, você conhece o Mário de Moraes bem. É um grande repórter, é um homem responsável. Não estou entendendo como ele está nessa canoa...

**Jorge Rizzini** — É esta coisa de primeiro prêmio internacional de reportagem... Life... Time, etc. Eu não quero discutir o porquê, o que importa é o fato! Eu me agarro é a fatos! Eu não quero entrar em suposições.

**Luciano dos Anjos** — E o depoimento pode ter sido, aliás, oral, e depois, ao passar para o papel, ter sofrido alguma alteração... Porque se vê perfeitamente, que quem escreveu um, escreveu todos! O estilo é o mesmo.

**Jorge Rizzini** — O que houve foi uma imaginação exacerbada, etc.

**Carlos Pallut** — O que diz o Mário na gravação?

**Jorge Rizzini** — Vou ler, antes, para que depois haja o confronto. “Eu (diz Mário de Moraes) repórter de “O Cruzeiro”, declaro que assisti uma experimentação realmente estranha. Nunca havia visto nada igual, e é lógico que não sendo estudioso da matéria, não tenho explicação para o que vi. Passo, a partir deste momento, a me interessar pelo problema. Procurarei, no futuro próximo, talvez, dar uma explicação para o fato.” O futuro próximo foi próximo demais... porque ele partiu para a ignorância, como diz o povo. Vamos, então, ouvir Mário de Moraes!

Irineu Alves põe o gravador em funcionamento e ouve-se o depoimento de Mário de Moraes.

**Jorge Rizzini** — É o que ele tinha a dizer.

**Carlos Pallut** — Mário de Moraes aí gravou, na ocasião. Mário de Moraes, além de repórter da revista “O Cruzeiro”, é repórter da equipe “Sem Retoque”.

**Jorge Rizzini** — Sem retoque?

**Carlos Pallut** — É.

**Jorge Rizzini** — Eu acho que ele devia retocar o que escreve! Este gravador pertence ao dr. Eurípedes Tahan Vieira. Esta fita é uma cópia; nós temos inúmeras cópias. De modo que, neste momento, em São Paulo, no canal 2, dos “Diários Associados”, esta fita está também sendo rodada.<sup>23</sup>

**Carlos Pallut** — Vamos, então, ouvir.

**Jorge Rizzini** — Vamos ouvir o que ele escreveu depois; antes, disse o que acabamos de ouvir, no gravador. Vamos ouvir o que ele escreveu depois, na redação de “O Cruzeiro”, movido por interesses estranhos. Ele declarou:

**Luciano dos Anjos** — “Mais preces e termina a sessão, que não me convenceu, absolutamente. Gostaria de ver mais algumas. Só que se houver próxima vez, quero levar talco e vou espalhá-lo pelo chão. Pois não pretendo me levantar da cadeira. Mas, alguém poderá fazê-lo, e será apanhado em flagrante.”

**Jorge Rizzini** — A fotografia mostra que ele esteve face a face com o espírito, foi tocado pelo espírito e, no entanto, não o apanhou... Porque ele estava convencido que era verdade!

**Carlos Pallut** — Rizzini, tem muita gente que está pegando o programa de agora por diante. Por que o público de televisão se renova. Eu peço ao

---

<sup>23</sup> Não houve, como já esclarecemos, em São Paulo, o programa com os repórteres.

“diretor de tv” que mostre aquela fotografia do?

**Jorge Rizzini** — Do Mário de Moraes?

**Carlos Pallut** — Do Mário de Moraes, que foi objeto aqui...

**Luciano dos Anjos** — E tem a história do talco, que não esclarecemos ainda!

**Carlos Pallut** — A coisa está realmente pegando fogo, mas nós estamos já chegando ao horário estabelecido.

**Jorge Rizzini** — É essa aqui? É essa aqui, a foto que o Pallut pediu para ser mostrada?

**Carlos Pallut** — É essa.

**Luciano dos Anjos** — Mas, esta não foi publicada; estranhamente, foi uma outra!

**Jorge Rizzini** — Foi uma outra, porque essa deixaria o sr. Mário de Moraes em maus lençóis... Olhem o espanto de Mário de Moraes! Observem seus olhos... as mãos... Por que ele não agarrou o espírito, se estava convencido de que era dona Otília fantasiada de “Alberto Veloso”? Se estivesse convencido de que era fraude, você, telespectador, teria agarrado a “médium” e gritado: “Fraude!” No entanto, olhem a foto... Mário de Moraes está espantado... estarecido... os pés duros sobre o solo!

**José Luís** — Ele teria medo, de que se tocasse, ela morreria, conforme disseram?

**Jorge Rizzini** — Meu filho, se ele tivesse certeza de que era fraude, como poderia pensar que a médium iria morrer?... É uma mistificadora, agarraria o “espírito que não é espírito”, é a médium... Evidentemente, sua pergunta não tem cabimento.

**Carlos Pallut** — E depois, tem o seguinte: repórter toca em qualquer coisa, morra quem morrer...

**Jorge Rizzini** — Aí, Pallut, você agora arrematou! Podemos, então, ver agora a confissão de Henri Ballot. Henri Ballot é aquele repórter francês, que se continuar a ludibriar a opinião pública, poderá ser devolvido à França pela Interpol; o sr. Henri Ballot, que diz uma coisa e, posteriormente, diz outra, sendo que não tem esse direito (porque o Brasil é um país anárquico, mas a anarquia deve ser feita por brasileiros, e não pelos estrangeiros...). Vamos ouvir o que diz Ballot. Ele fala “enrolado”, de modo que vai ser difícil vocês entenderem o que diz no gravador. Ele diz, mais ou menos isto: “É difícil dar uma explicação... É a primeira vez que eu assisti uma sessão assim... Eu fiquei surpreendido pelo fenômeno, que à primeira vista não se vê uma explicação plausível... Deve haver uma, não há dúvida... Eu tenho algumas idéias a respeito disso, mas eu não tenho autoridade para falar”. Mas, para dar depoimento, ele tem... Vamos, então, ouvir, a própria voz de Henri Ballot.

O gravador é posto em movimento e ouve-se o depoimento de Henri

Ballot.

**Luciano dos Anjos** — Vejamos agora o depoimento escrito; não tinha autoridade para falar, confessava àquela época, no entanto, na revista, afirma, categórico: “Juntando tudo, cheguei à conclusão de que a experiência realizada em Uberaba para a reportagem de “O Cruzeiro” foi fraudulenta.”

**Jorge Rizzini** — Vamos agora à declaração do repórter José Franco. Diz ele: “Sinceramente”... (notem bem: sinceramente!) “Sinceramente, após essa reunião, não sei o que dizer. Fiquei bastante impressionado com o fenômeno, mas ainda não tenho uma explicação a respeito.” Vamos ouvir.

*Ouve-se, através do gravador, o depoimento de José Franco, após a sessão em Uberaba.*

**Jorge Rizzini** — Agora, tem aqui a última declaração, a de Jorge Audi. Bem, o que diz aí, por escrito? Posteriormente, o que escreveu José Franco?

**Luciano dos Anjos** — “A despeito dos depoimentos dos médicos, é grande a minha incredulidade”. É, aliás, o depoimento mais sereno.

**Carlos Pallut** — O que ele disse? Não ouvi bem.

**Luciano dos Anjos** — “A despeito dos depoimentos dos médicos, é grande a minha incredulidade”.

**Carlos Pallut** — O que ele disse antes, Rizzini?

**Jorge Rizzini** — A despeito da incredulidade dos médicos...

**Carlos Pallut** — E antes, o que ele disse?

**Jorge Rizzini** — “Sinceramente, após essa reunião, não sei o que dizer. Fiquei bastante impressionado com o fenômeno”, etc.

**Carlos Pallut** — Como pôde mudar?

**Jorge Rizzini** — É a velha história, não? O homem peca exatamente pela sua vaidade... Quando se levantou a hipótese de uma reportagem escandalosa que iria sacudir a opinião pública de todo um país... A possibilidade de um primeiro prêmio internacional de reportagem...

**Luciano dos Anjos** — Bem, no gravador diz que não tem uma explicação a respeito. No depoimento escrito, diz: “Perdoe-me, doutor, acredito que a médium, na escuridão do recinto, se livra das amarras e, inclusive, das algemas; sozinha ou com a parceria de alguém”... Inteiramente contraditório! Onde não havia uma explicação antes, há agora uma explicação clara...

**Jorge Rizzini** — Antes, disse: “Não sei o que dizer... Estou bastante impressionado...” Mas, é assim mesmo! A verdade é difícil de se impor... Ainda mais uma verdade que não é habitual! Porque a materialização é um fenômeno que não é habitual! Então, quando surge um caso (como também o caso Arigó, que não é um fenômeno habitual) causa espanto, e então...

**Carlos Pallut** — Aliás, todo o mundo pergunta pelo caso Arigó, ou-

viu, Rizzini? Você está me devendo uma reportagem sobre o caso Arigó... Porque eu, aqui, não agüento! Você vai embora para São Paulo e todo o mundo fica em cima de mim, querendo saber: como é o negócio do caso Arigó? Você vem aqui, de vez em quando, solta uma bomba dessas e vai embora... E quem fica agüentando, aqui, somos nós...

**Jorge Rizzini** — Podemos combinar um novo programa sobre Arigó...

**José Luís** — Aliás, sobre o caso Arigó, tem aqui uma pergunta...

**Carlos Pallut** — Pode perguntar, assim?

**Jorge Rizzini** — Pois não. Pode. Qualquer coisa.

**José Luís** — Diz o sr. Antônio Barroso, que se identifica como ex-gerente do laboratório Wander, que José Arigó recebe dinheiro daquele laboratório para receitar determinados remédios da sua fabricação.

**Jorge Rizzini** — Da Wander?

**José Luís** — Wander.

**Jorge Rizzini** — De um laboratório estrangeiro?

**José Luís** — Bem, foi pelo telefone... Sr. Antônio Barroso!

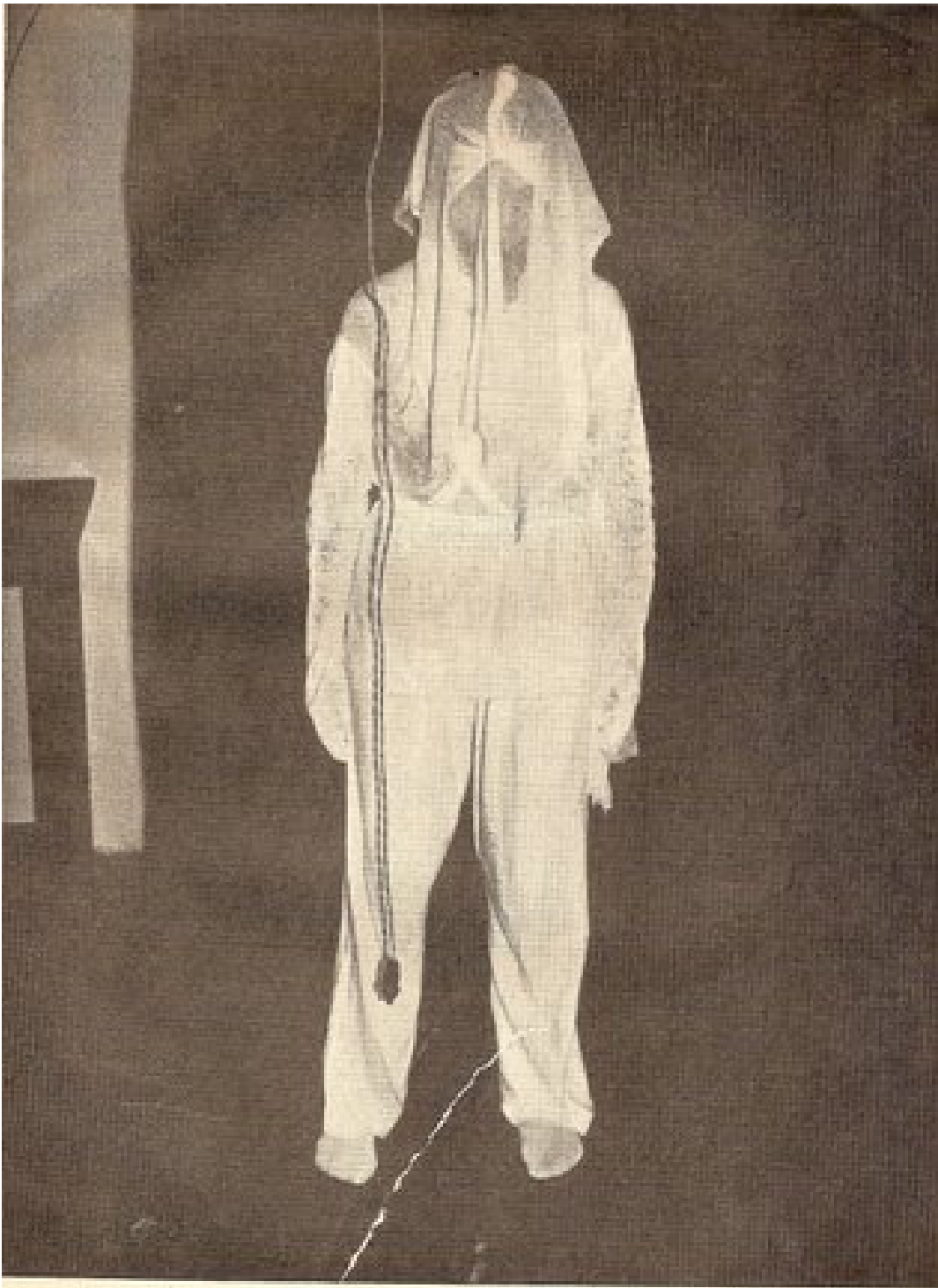
**Jorge Rizzini** — Eu acho que...

**Carlos Pallut** — Antônio Barroso, que se diz ex-gerente do laboratório Wander.

**Jorge Rizzini** — Eu acho que o sr. Barroso, se tem alguma queixa contra a firma onde trabalhava, deve apresentar essa queixa à polícia... Não a mim; que tenho eu a ver com isso?! É um “caso policial”: ele que vá à polícia e declare, denuncie o laboratório Wander. Se ele foi gerente, é porque ocupou um alto posto... Se agora quer criar um caso para a Wander, que é um laboratório suíço, e por ser suíço é um laboratório idôneo, ele que vá se queixar (não direi ao bispo) vá se queixar à polícia!

**Luciano dos Anjos** — Não me consta que esse laboratório seja dado a essas atividades.

**Jorge Rizzini** — É uma firma suíça! Suíço não se presta a essas coisas. “Seu” Barroso devia pensar melhor, meditar mais para dar sua opinião, assim, através de uma televisão... Fica mal para ele... Mas, possivelmente, mudou de nome! Não iria se expor aos amigos, aos parentes... Bem, vamos então ao que interessa! O último depoimento é o de Jorge Audi. Diz ele: “Eu assisti a urna dessas sessões realizadas aqui em Uberaba, e é realmente espetacular! Nós procuramos de toda a forma encontrar alguma falha, algum defeito, alguma coisa que pudesse denunciar anormalidade. E, naturalmente, vai depender de algum raciocínio e, se possível, uma outra oportunidade em que a gente possa ter mais chance de observar melhor o fenômeno. No momento, o que eu posso dizer é que para mim foi uma coisa inédita! Eu jamais tinha assistido coisa igual, embora na vida de um repórter essas emoções são quase que diárias.



*Materialização total de Alberto Veloso no consultório do dr. Waldo Vieira. (Foto de Nedyr Mendes da Rocha).<sup>24</sup>*

<sup>24</sup> A autoria da foto não consta na 2ª edição. (N. R.)

Essas emoções novas e violentas já são um lugar comum na vida de um repórter. Posso afirmar que é, realmente, qualquer coisa emocionante! Agora, eu gostaria de ter mais contato e mais oportunidade para poder fazer um raciocínio mais absoluto”. Vamos, então, ouvir, a declaração de Jorge Audi.

*Ouve-se, através do gravador, o depoimento de Jorge Audi, após a sessão de Uberaba.*

**Jorge Rizzini** — Isso, disse Jorge Audi, logo ao término da sessão. No entanto, afirmou, depois, pelo “O Cruzeiro” que... Antes, ele disse que procurou de toda a forma encontrar uma falha, um defeito, alguma coisa que denunciasses... Depois, pelo “O Cruzeiro”, vem afirmar que achou “um fio de algodão”!

**Luciano dos Anjos** — Essa, é a afirmativa mais interessante, talvez ... Porque aparecem, de fato, duas fotografias do fio que foi à laboratório, foi examinado e há, aqui, na revista, uma análise desse fio. Mas, diz ele: “Quando o “flash” estourou, pude observar que o véu que cobria o rosto da aparição esfiapava”. Já, aí, é bastante estranho... Porque quando um “flash” espouca, ao contrário: ficamos é um pouco enceguedos! No entanto, em relação ao nosso companheiro, ele passou a ver mais: chegou a ver um fio que esfiapava no véu! “Terminada a sessão, procurei fios de tecido pelo chão e na cortina. Meus cálculos estavam certos. Encontrei um fragmento preso à cortina. Guardei-o com cuidado no bolso. Examinado em laboratório por um dos melhores peritos do Brasil, dr. Carlos de Mello Éboli, o resultado foi o seguinte”... Então, vem o resultado da análise. É absolutamente estranho, que depois de dizer que não tinha encontrado nada que pudesse comprometer a sessão, aparecesse com um fio que viu no instante em que espoucava o “flash”... Absolutamente, nada prova que esse fio foi apanhado lá, em Uberaba.

**Jorge Rizzini** — E compromete a Polícia Técnica do Rio de Janeiro! Porque o sr. Carlos Éboli examinou um fio, que ele, sr. Carlos Éboli, não sabe se é um fio de Uberaba, ou um fio do Rio de Janeiro, ou um fio de Mato Grosso!

**Luciano dos Anjos** — A análise do fio é perfeita, só que...

**Jorge Rizzini** — O que estamos pondo em dúvida é a origem desse fio!

**Luciano dos Anjos** — Admitindo a hipótese de que o fio fora apanhado, de fato, na sessão: muito bem, é um fio! E tem uma constituição. Ou, afinal de contas, o que julgam os leigos a respeito das sessões de materialização?! Os fios são constituídos com os mesmos elementos dos fios que se encontram aqui. Há, inclusive, tecidos, peças do plano astral que se encontram, até hoje, em contato aqui conosco. Não há nada de mais! A origem é que continua a ser a mesma: tudo no mundo, no universo, afinal, se constitui pela mesma maneira. O que nós encontramos em determinados planos espirituais, encontramos da

mesma forma aqui na Terra! Apenas a vibração desse material é outra.

**Jorge Rizzini** — Eu acredito, até mesmo, acredito que o perito Carlos Éboli ignorasse que o seu nome viesse para “O Cruzeiro”, tivesse uma projeção dessa forma, envolvendo a sua dignidade, vamos chamar, sua dignidade profissional! Porque, afinal de contas, ele emprestou o seu nome, dando autenticidade a essa reportagem! Porque, de certa forma, ele está dando autenticidade: ele diz, na revista, que examinou o fio! Agora, o sr. Carlos Éboli devia antes perguntar ao repórter se a revista iria esclarecer que ele, Éboli, não sabia se o fio era de Uberaba ou não! Da forma, como está a reportagem, dá a impressão de que o fio veio de Uberaba!

**Luciano dos Anjos** — Bom, em última análise, concluiu o dr. Carlos Éboli que se tratava de um fio de algodão. Em última análise, que quereriam, afinal, os nossos companheiros de “O Cruzeiro”? Que o fio fosse de outro elemento? Material químico? Arame, por acaso? Não, é fio mesmo! Nada de estranho nisso. A origem é que é outra, nada mais!

**Jorge Rizzini** — Eu creio que, dessa forma...

**Luciano dos Anjos** — Quanto ao problema do talco...

**Jorge Rizzini** — Ah, sim!

**Luciano dos Anjos** — Vamos ao talco? É preciso que se diga que, de fato, não se permitiu naquela ocasião usar talco por uma razão muito simples: da mesma forma que há uma determinada prevenção contra os que realizam o fenômeno, também há de se admitir que haja uma ligeira prevenção contra àqueles que vêm em busca de qualquer detalhe contra o fenômeno. Ora, seria muito cômodo, depois de espalhado o talco, alguém fosse lá de propósito e pisasse no talco para depois fotografar, em seguida.

**Jorge Rizzini** — É claro!

**Luciano dos Anjos** — Seria uma delícia! Por isso, evita-se, de fato, o talco! Da mesma forma que ele serve para negar a autenticidade do fenômeno, serve também para negar a sinceridade dos que vão buscar o fenômeno nas sessões espíritas.

**Jorge Rizzini** — Exatamente. Você esclareceu muito bem a questão do talco.

**Carlos Pallut** — Rizzini, você volta para São Paulo quando?

**Jorge Rizzini** — Creio que voltarei amanhã.

**Carlos Pallut** — A que horas?

**Jorge Rizzini** — Não tenho hora marcada.

**Carlos Pallut** — Não pode marcar para depois das nove horas da noite?

**Jorge Rizzini** — Se você tiver alguma programação...

**Carlos Pallut** — Às oito horas da noite, podemos ter você aqui?

**Jorge Rizzini** — Podemos estudar a possibilidade.



**Carlos Pallut** — Há possibilidade?

**Jorge Rizzini** — Como nós lançamos, Pallut, esse desafio... Aliás, respondendo a um telespectador, nós gostaríamos de fazer uma mesa-redonda com os repórteres. Traríamos alguns médicos. Porque os médicos não tiveram oportunidade de réplica. É possível, agora, por uma questão de dignidade, que “O Cruzeiro” publique a réplica dos médicos! Porque é preciso que o povo saiba o outro lado! Agora, nós estamos, aqui, mostrando o outro lado da história, mas queremos discutir, com os repórteres, trazendo o testemunho de médicos que presenciaram a sessão! Agora, se você quiser pensar num programa com a presença de alguns médicos e também com a presença dos repórteres, aí, então, sim, podemos marcar uma data!

**Carlos Pallut** — A seu critério.

**Jorge Rizzini** — Seria muito interessante, não?

**Carlos Pallut** — Eu gostaria, insistindo no convite, que me desse a resposta amanhã. Realizaríamos um novo programa, amanhã mesmo. Porque o assunto está pegando fogo! Eu tenho aqui perguntas que não acabam mais, perguntas do público, que afinal de contas não deixa de ser um repórter... Porque ele lê e quer fazer perguntas, quer saber de coisas... E essas perguntas eu as conduziria, amanhã, eu, o Renato, o Zé Luís... Amanhã. Se não for possível, deixaremos então para uma outra oportunidade.

**Jorge Rizzini** — O mais interessante é fazer um programa completo; assim, o telespectador teria oportunidade de ver e ouvir as respostas dos próprios repórteres. Porque nós estamos aqui também na qualidade de repórter, ouviu?

**Carlos Pallut** — Eu sei, Rizzini.

**Jorge Rizzini** — Fui chefe de reportagem de um semanário de São Paulo, a “Edição Extra”, sou colaborador dos “Diários Associados”, etc.

**Carlos Pallut** — Como é que você se arranja, hein? Colaborador dos “Diários Associados” e falando, assim...

**Jorge Rizzini** — Porque em São Paulo a coisa é um pouco diferente daqui, no Rio. Porque lá, em São Paulo...

**Carlos Pallut** — Tem o Edmundo Monteiro!

**Jorge Rizzini** — É, tem o Edmundo Monteiro...

**Carlos Pallut** — Quanto à reportagem, não precisa dizer mais nada: tem o Edmundo Monteiro!

**Jorge Rizzini** — E hoje, no canal 2, dos “Diários Associados”, os repórteres estão sendo desmascarados! Porque a verdade, Pallut, você sabe, a verdade se apresenta nua e crua no devido momento! Eles pensavam, que publicando esta reportagem, o assunto estava liquidado. É “O Cruzeiro”! “O Cruzeiro” falou, é a verdade para o povo! “Não há possibilidade de vocês

desmancharem a nossa falcatrua!” Então, eles julgavam que o assunto morreria; sairia a reportagem, o povo a aceitaria, o escândalo ficaria feito, e nós outros não teríamos oportunidade de defesa, de mostrar ao povo a verdade integral! Mas, o final foi contrário ao que eles esperavam... Você mesmo, Pallut, teve a coragem fantástica, que eu acho admirável, de abrir o canal de televisão, que não pertence aos “Diários Associados”, para podermos mostrar a verdade integral. Isso, que você fez, é algo de maravilhoso! Graças a você, pudemos já mostrar que a grande farsa não é da materialização, e sim dos cinco malabaristas da revista “O Cruzeiro”. Cinco malabaristas temporários, porque amanhã poderão não estar na revista “O Cruzeiro”, que a renovação, na imprensa, é contínua.

**Carlos Pallut** — Rizzini, nós temos ainda pelo menos uns cinco minutos de pergunta, e vocês vão permitir que os repórteres... Tenha a certeza, Rizzini, você que vem de São Paulo, de vez em quando, e que traz, assim, um movimento muito grande para Continental, traz sempre um movimento muito grande, movimento que nós recebemos com muita simpatia, você esteja certo de que, nosso programa que se chama “Volante do Pallut”, toda a vez que você quiser, determinar, mandar, acertar, será “Volante do Rizzini”!

**Jorge Rizzini** — Muito obrigado, Pallut. Você é muito gentil.

**José Luis** — Helvécio Coelho Gomes, de Niterói, pergunta o seguinte: “Por que a médium ficou numa cadeira, cercada de um pano preto?”, diz ele. Havia uma cortina preta, porque não foi retirada aquela cortina?

**Jorge Rizzini** — Eu inverteria a pergunta: por que os repórteres de “O Cruzeiro” permitiram que a médium ficasse em uma cabine? Porque os experimentadores foram eles! Agora, há uma explicação para isso. Eu recomendo ao leitor, ao telespectador, que leia as obras de William Crookes, que foi o maior químico e físico da Inglaterra, que foi o descobridor dos raios catódicos, sem os quais não haveria a televisão, que leia as obras de William Crookes, que foi o precursor do Raio-X. Porque nessas obras, no relatório sobre esses fenômenos, ele explica o porquê. William Crookes, em seu laboratório instalado em sua residência, em Londres, durante três anos observou o fenômeno da materialização! Durante três anos consecutivos! E proclamou ao mundo a autenticidade do fenômeno!

**Luciano dos Anjos** — Nós também poderíamos fazer uma pergunta: por que se revelam fotografias no escuro? São condições do fenômeno!

**Jorge Rizzini** — Claro. São condições químicas, condições físicas! Certos fenômenos só se observam no escuro: o fenômeno da materialização, o fenômeno da revelação, o Raio-X...

**Luciano dos Anjos** — São as condições!

**José Luís** — Luciano e Rizzini, nós pedimos cinco minutos para responder às perguntas de alguns telespectadores... Como explicam, vocês, a se-

melhança da Irmã Josefa com a médium Otília?

**Jorge Rizzini** — Nosso Luciano já explicou, detalhadamente. Eu creio que o telespectador não estava acompanhando...

**Luciano dos Anjos** — Naturalmente, quando uma entidade se materializa, ela lança mão de uma substância chamada ectoplasma, que é retirada dos elementos presentes; principalmente, do médium! Ora, se ele fornece esse elemento, essa substância, é óbvio que essa substância leva características suas! Além do que, em vida real, uma foi mãe da outra.

**Jorge Rizzini** — Eu quero acrescentar algo para o telespectador que chegou atrasado. O Waldo Vieira, que aparece na revista como se fosse um “play-boy”, é um jovem, trinta e pouco anos de idade, é dentista e é doutor em medicina. Waldo Vieira disse, que havia a possibilidade da semelhança entre Josefa e Otília, e acrescentou: “Há literatura a respeito”, que explica a semelhança, a similitude ...

**Luciano dos Anjos** — Não vamos nos reportar...

**Jorge Rizzini** — Como não vou me reportar? Vou esclarecer. O repórter colocou literatura entre aspas. Acontece, que Waldo Vieira, que é médico e é dentista, se referia à literatura assinada por William Crookes, por Charles Richet, detentor do Prêmio Nobel de fisiologia (Richet, que escreveu um tratado sobre os fenômenos, inclusive, o fenômeno da materialização). Então, o telespectador que lia Charles Richet, William Crookes, a fim de saber uma porção de coisas sobre fenômeno da materialização...

**Renato Dantas** — Luciano, a propósito do ectoplasma, do que você disse há pouco, há uma pergunta correlata. Paulo Galvão pede uma definição exata do ectoplasma!

**Luciano dos Anjos** — O ectoplasma foi, inclusive, alvo de algumas pesquisas em laboratório.

**Jorge Rizzini** — Pelo próprio Richet.

**Luciano dos Anjos** — Pelo próprio Richet. Em 1905 um dos maiores fisiologistas que a França já conheceu, Charles Richet, glória da ciência francesa, publicou o seu famoso “Tratado de Metapsíquica”; é obra de quase mil páginas, em meio à qual, com uma terminologia própria, o autor diseca, inteiramente, o fenômeno da materialização, e alguns outros mais. Fez experiências extraordinárias; inclusive, em laboratório, com o ectoplasma. É um elemento como outro qualquer que participa da constituição humana das criaturas. Não temos, sobre ele, ainda, uma análise profunda. Porque, se já a tivéssemos, não estaríamos ainda estudando o assunto. Ele requer ainda algumas pesquisas, alguns estudos. Mas já sabemos que ele tem uma constituição semelhante à clara do ovo, com praticamente a mesma cor e que dele fazem parte elementos que são encontrados na própria natureza. Move-se, é escorregadio, e vai

tomando forma de acordo com a mente, que o modela.

**Renato Dantas** — O sr. Waldemar quer dos dois uma retificação; diz ele, que nem todos os israelitas são contra a Doutrina Espírita e que existem muitos que a professam!

**Jorge Rizzini** — Nós é que protestamos, juntos! Nós não dissemos isso, não!

**Luciano dos Anjos** — Dissemos que o repórter Salomão, sendo israelita, é de supor, em princípio, pelo menos, que ele não aceite o fenômeno espírita. Que os israelitas, em geral, seguem uma doutrina diametralmente oposta à Doutrina Espírita. O que não quer dizer que todos os israelitas sejam contra o Espiritismo! Ao contrário, mercê de Deus, temos alguns israelitas enfileirados ao nosso lado.

**Jorge Rizzini** — E eu quero acrescentar, aqui, um adendo. Foi bom que o telespectador, sendo israelita, fizesse essa observação! Já esclarecemos que não dissemos isso. E, falo agora especialmente aos israelitas que porventura estejam nos ouvindo. O maior sábio do nosso século, Alberto Einstein, criador da Teoria da Relatividade, escreveu um prefácio para uma edição alemã, edição de um livro intitulado “Mental Radio” e escrito por Upton Sinclair: livro que relata experiências metapsíquicas, experiências paranormais. E Alberto Einstein, no prefácio, concita, convida os cientistas a examinarem os fenômenos parapsíquicos, Os fenômenos da parapsicologia. Caro telespectador, se você ouviu mal, queira então reconsiderar o que acabamos de falar. Einstein foi judeu.

**Luciano dos Anjos** — Pelo contrário, graças a Deus há muitos israelitas que são espíritas!

**Carlos Pallut** — Estamos encerrando, praticamente, este nosso programa. Pela hora, temos de encerrar, pelas perguntas, continuaríamos. Amanhã, ou logo mais não teremos a presença dos ilustres jornalistas; mas, na próxima oportunidade.

**Jorge Rizzini** — Em breve!

**Carlos Pallut** — Eu espero que seja, realmente, em breve, quando estaremos, mais uma vez, abordando esse assunto na “volante de reportagem”. Porque nós levamos esse assunto a sério porque o povo da Guanabara leva esse assunto a sério! Não adiantam reportagens mistificadoras, não adianta tentar enganar a opinião pública porque nós, aqui, já temos uma consciência firmada!

**Jorge Rizzini** — Eu, concluindo, diria, Pallut, que esses fenômenos, — os fenômenos Arigó, da materialização através de dona Otília, etc. — que Deus envia os médiuns, os sensitivos, para dar prova a você, tele-espectador, que você é, realmente, alguma “coisa”! Irmã Josefa se materializou para dar

prova aos repórteres que eles são alguma coisa além daquilo que serão na sepultura ... Os médiuns vêm para dar provas de que o mundo espiritual é uma realidade! Que nós temos um destino junto a Deus! Então, eles vêm para dar provas, inclusive de que o Evangelho, principalmente, não é um amontoado de fantasias! Que se Cristo se materializou, se apresentou aos apóstolos depois da crucificação, — e permitiu, até, que Tomé lhe apalpassse o corpo, se Deus permite isto, se Deus permite que os fenômenos surjam diante dos nossos olhos, é porque nós temos um objetivo, nós temos uma missão a cumprir: nós somos eternos! E podemos, com a graça de Deus, dar provas, depois de mortos, que a vida continua, além da sepultura. Era o que eu tinha a dizer.

**Carlos Pallut** (despedindo-se) — Até a próxima “Volante do Pallut” sobre esse assunto... Muito obrigado... Obrigado pela Continental...

**Jorge Rizzini** — Um grande abraço, Pallut...

**Luciano dos Anjos** — Muito obrigado, Pallut...

**Carlos Pallut** — Muito obrigado.

**Jorge Rizzini** — Você é um homem ele coragem e o telespectador sabe reconhecer isso!

**Carlos Pallut** — Meus amigos, estamos encerrando mais uma “volante de reportagem” da Televisão Continental, canal 9... Amanhã, estaremos com outro assunto, ou logo mais estaremos com outro assunto. Vamos deixar este estúdio imenso, deixando também no telespectador a certeza de que a Continental acompanha realmente os fatos, acompanha a reportagem, acompanha os acontecimentos, vive o dia-a-dia da cidade, vive o dia-a-dia do Brasil! Meus amigos, muito obrigado, boa noite, até amanhã a todos... Até amanhã, amigos!

## VIII

### RÉPLICA DOS MÉDICOS AOS REPÓRTERES DE “O CRUZEIRO”

Havendo os repórteres escapado ao debate na televisão de São Paulo, redigiram os médicos uma notável réplica à revista “O Cruzeiro”. Até, então, só havia sido publicada a primeira reportagem contra a experimentação de Uberaba. A redação da réplica terminou no dia 19 de janeiro, mas, só foi dada à publicidade no dia 23 desse mesmo mês; cinco dias após nosso primeiro programa na TV Continental da Guanabara. Foi ela publicada, primeiramente, em São Paulo, depois na Guanabara, Belo Horizonte, etc. Como matéria paga, diga-se logo, que os jornais temiam rugas com a poderosa revista... Ocupou a réplica uma página inteira e, é evidente, nos custou a publicação uma pequena fortuna... Mas, valeu a pena, que sua repercussão junto ao povo foi enorme!

Uma cópia foi endereçada à Direção de “O Cruzeiro”, pedindo divulgação, mas, como era de esperar-se, foi atirada à cesta... A revista, contrariando a ética jornalística, não deu aos médicos o direito de defesa...

A réplica, hoje pertencente ao patrimônio histórico espírita, traz a assinatura dos drs. Adroaldo Modesto Gil, Eurípedes Tahan Vieira e Elias Barbosa, responsáveis por toda a equipe médica que atua em Uberaba, e seu texto é o seguinte:

#### I — Considerações Iniciais

1 — Em primeiro lugar, julgamos compreensível e muito respeitável o ponto-de-vista dos senhores repórteres, que foram admitidos a uma das nossas experimentações, em Uberaba, e, diga-se de passagem que o fato em si constitui demonstração irrecusável da sinceridade que nos preside os estudos, bem como da certeza na autenticidade das ocorrências que vimos analisando. Prova disso é que, após a primeira reportagem de 14 páginas, favoráveis às nossas pesquisas, seria muito mais cômodo para nós negar-lhes acesso aos experimentos. Impossível, contudo, alentar semelhante

opinião. O fenômeno existe e deve ser debatido.

2 — Para aqueles que ignoram as leis da mediunidade e os processos da ectoplasmia, alheios que se acham à vasta literatura em vários idiomas que estuda, narra, deduz e interpreta os fenômenos de efeitos físicos, quais os repórteres a que nos referimos, habituados a colher flagrantes em excursões policiais, é muito natural que eles, enfrentando a realidade das ocorrências medianímicas, num ambiente sério, entre médicos e professores universitários, sejam induzidos a alterar ou distorcer determinados aspectos dos acontecimentos.

3 — Ninguém pode negar-nos a isenção de ânimo, ao admitir-lhes a presença em nossas observações, sabendo-os estranhos aos assuntos, atitude essa que se pode comprovar através da segunda reportagem da revista “O Cruzeiro”, em torno do tema que nos serve de motivo à presente elucidação.

## II — Esclarecimentos

1 — Desde algumas horas antes da experimentação, os colegas presentes ouviram de alguns dos repórteres afirmativas veladas, nas quais deixaram transparecer a suposição de que o noticiário em perspectiva lhes granjearia o primeiro prêmio de reportagem internacional do corrente ano de 1964. Com esse objetivo pré-estabelecido, fossem quais fossem os acontecimentos em pauta, o resultado para eles seria inevitavelmente a fraude.

2 — Não nos esqueçamos de que os repórteres foram esclarecidos, com antecedência, quanto às teorias que orientam a ectoplasmia indireta ou, como vulgarmente é chamada, superincorporação, pela qual ocorre a exteriorização do duplo do sensitivo, para daí resultar a transfiguração e a conseqüente materialização efetiva da entidade espiritual. Daí, a breve alusão da reportagem, ao explicar-se claramente informada, antes das pesquisas, de que, em alguns dos processos da materialização, a semelhança de traços faciais ou corporais é natural e costumeira. Para compreender-se o fenômeno, é necessário consultar a literatura a respeito, palavra que foi intencionalmente grifada no depoimento do primeiro repórter como a significar literatura de cordel, o que absolutamente não é verdade. Para exemplificar, destacamos os seguintes tópicos de obras conhecidas por todos os estudiosos da Parapsicologia e reputadas como sendo de elevada competência técnica:

A) “Isto deve provir de que o próprio corpo do fantasma se forma a expensas do corpo real do médium, o que seria também confirmado pelo fato de que, nas primeiras materializações, os fantasmas têm muitas vezes certa semelhança com o rosto e os membros daquele e com toda a sua pessoa”.

(Cesar Lombroso, “Hipnotismo e Mediunidade”, tradução de Almerindo Martins de Castro, 1ª edição, FEB, Rio de Janeiro, GB, pág. 165);

**B)** “As experiências de fotografia também aí estão para estabelecer o fato do desdobramento. Sabe-se que Katie King assemelhava-se de maneira notável à sua médium Florence Cook; os retratos que o sr. Crookes obteve de Katie atestam o fato até à evidência”. (Alexandre Aksakof, “Animismo e Espiritismo” — Ensaio de um Exame Crítico — 2.a edição, 1956, FEB, pág. 568);

**C)** “Podemos admitir três gêneros de materialização: 1º, a materialização do duplo do médium tomando o nome de diversas personalidades; 2º, a materialização de figuras... etc.” (Idem, idem, pág. 683);

**D)** “J’avoue que la figure était frappant d’apparence de vie et de réalité, et autant que je pouvais voir à la lumière un peu indécise, ses traits ressemblaient à ceux de Mlle. Cook; mais cependant la preuve positive donnée par un de mes sens, que le scoupir venait de Mlle. Cook, dans le gabinet, tandis que la figure était au dehors, cette preuve, dis-je, est trop forte pour être renversée par une simple supposition du contraire, même bien soutenue”. (William Crookes, F.R.S., Membre de la Société Royale de Londres, “Recherches sur les Phénomènes du Spiritualisme”, traduit de l’Anglais par J. Alidel, Libraire des Sciences Psychologiques s/d, pág. 181);

**E)** “Quando uma aparição materializada toma a forma, a fisionomia e mesmo a voz de parentes ou amigos falecidos, sete vezes em doze é o corpo psíquico do médium que se desprende dele; depois, por meio dessa espécie de invólucro semimaterial, a inteligência desencarnada, parente ou amigo incorpora-se momentaneamente no corpo psíquico e manifesta-se de um modo visível e tangível, com todos os traços e pontos característicos que permitem a um ser terrestre reconhecê-los. Isto pode parecer inverossímil, impossível, fantasmagórico, e todavia assim é. (Alfred Erny, “O Psiquismo Experimental — Estudos dos Fenômenos Psíquicos”, FEB, Rio de Janeiro, GB, págs. 103-104).

Perfeitamente compreensíveis essas pareências que causam tanta incompreensão, à primeira vista, às pessoas menos azeitadas aos mecanismos do fenômeno, não obstante as fotografias estampadas na última reportagem tenham recebido algumas demãos de tinta, mostrando visivelmente o trabalho do desenhista conjugado às atividades do fotógrafo, exagerando os pontos de semelhança e apagando os pontos interessantes para os nossos estudos, que viessem “enfraquecer” a reportagem. Uma das provas desse fato encontramos nas diferenças entre os pormenores das vestes da entidade Veloso, fotos estampadas nas duas páginas paralelas 76 e 77.

3 — Quanto à ligação direta do eletrofone pela entidade materializada, isso não é fenômeno imprescindível para todas as pesquisas.



Alguns de nós já assistimos a reuniões outras com a sensitiva, indicada na publicação em exame, sem que houvesse ligação direta da eletrola. Aliás, na experimentação focalizada, nem os senhores repórteres, nem os senhores assistentes, nem as inteligências manifestantes se lembraram de música para a reunião. Todos nós empenhávamos pela obtenção de documentário fotográfico — objetivo previamente considerado. Apontemos, ainda assim que ninguém, até agora, pode traçar planejamentos a quaisquer fenômenos mediúnicos. Ademais, a música é para nós um detalhe de pouca importância.

4 — Com referência às chamadas marcas de giz nas plantas dos pés da sensitiva, destacadas por um dos depoentes, nenhum valor comprobatório apresentam, de vez que perante mais de dez assistentes, minutos antes de entrar para a câmara mediúnica, D. Otília penetrou no recinto, depôs os dois sapatos rentes à cadeira onde já se achava sentado o repórter José Nicolau, e se encaminhou descalça para o lugar que lhe competia, andando, na presença de todos, sobre o círculo de giz, com a despreocupação dos demais. No trabalho das fotos, seis pessoas posaram junto às formas materializadas. Por que Jorge Audi, que examinou pormenorizadamente os pés da sensitiva, depois da experimentação, não se referiu, de imediato, à presença do giz, preferindo, pelo contrário, afirmar, de viva voz, na gravação que nos deixou, nada haver encontrado de anormal?

5 — Quanto ao aperto de mão, que não foi obtido por um dos repórteres, que se queixou do fato, embora a entidade o tenha tocado com os dedos, convenhamos que o espírito, em suas manifestações, tem o direito de defender a saúde do instrumento pelo qual se exprime, em condições que transcendem, por enquanto, a nossa capacidade de compreensão desses eventos.

6 — Reportando-nos ao fio de algodão que um dos jornalistas diz haver colhido no recinto da experimentação, consideramos em tudo o que foi assinado por eles, a assertiva mais infantil. Provavelmente esse fio teria surgido da própria roupa deles, repórteres, dos nossos trajes ou assistentes outros. Isso mostra que sem o mínimo recurso na pesca de fraudes, resolveram os visitantes lançar mão de um fio qualquer que encontraram, para impressionar com ares de cientificismo os leitores.

7 — Cabe-nos salientar que manejamos vidas humanas e que, por isso, nem sempre será possível realizar várias experimentações de uma vez. Indispensável respeitar o médium. Não estamos trabalhando com robôs, e sim estudando uma personalidade com psicologia própria, tendências pessoais, fobias e recalques, iguais aos que nos caracterizam. Por isso, nas análises em curso, permanecemos atentos à instrução do nosso colega Antônio Joaquim Freire, que nos diz, em seu “Da Fraude no Espiritismo Experimental”, FEB, 2.a edição, pgs. 52-53: “Para o bom êxito destes trabalhos, é indispensável nun-

ca perder de vista que não se trata de experiências físico-químicas, despidas de sentimento e de emoção, trabalhando com materiais inertes, abúlicos, insensíveis. São experiências fora dos moldes laboratoriais com novos processos, instrumentos e métodos originais, como originais são os fenômenos que se procuram obter. O esquecimento destas flagrantes verdades tem conduzido alguns sábios ao malogro das suas experiências espíritas, embora trabalhando com médiuns de comprovado merecimento mediúnico.”

8 — Os resultados de uma reunião, nem sempre são iguais aos de outra. Se naquela que nos serve de objeto ao estudo, não conseguimos fotos exclusivamente de formações ectoplásmicas e nem as formas estiveram tão caracteristicamente materializadas qual acontece noutras ocasiões, é lícito recordar que a atmosfera mental ambiente é conhecida como sendo um dos fatores primordiais para o êxito das investigações e, do clima íntimo do experimento a que aludimos, constavam seis participantes inteiramente alheios, ou melhor, avessos aos fenômenos, esterilizando-os.

9 — Charlatães existem e existirão sempre. Isso é da natureza humana. Admitimos até que médiuns sadios, reais, fraudam em determinadas condições, porquanto existe a mistificação inconsciente, positivamente involuntária. Nós mesmos temos constatado muitas fraudes nas experimentações a que nos dedicamos sopesando as responsabilidades que nos competem, e participamos do princípio que todo sensitivo pode fraudar, baseados na existência da fraude inconsciente referida. Contudo, a fraude não invalida a existência do fato, como a pérola falsa não destrói a existência da pérola verdadeira. Nesse objetivo de combate constante à fraude, escolhemos um consultório médico para o recinto de nossas operações, adquirimos pessoalmente todo o material necessário, e nós mesmos controlamos as provas e manejamos os instrumentos.

10 — O controle feito pelas pessoas cujos joelhos se tocavam entre os presentes, talvez fosse feito pelos próprios repórteres. Quem pode afirmar o contrário?

11 — Digno de nota é o estudo do tempo exíguo entre as apresentações das entidades materializadas. Via de regra, computamos a cronologia da experimentação em suas diversas fases, para verificar justamente semelhante ponto. Se a médium fosse liberta, mesmo com a ajuda de um ou mais cúmplices, precisaria de tempo muito mais dilatado para modificar a indumentária. Raciocinemos isso, ponderemos nesse aspecto das ocorrências.

### **3 — Incorreções**

1 — Anotemos que até nas metragens os repórteres se equivocaram, porquanto no seu depoimento, José Franco menciona que o recinto das expe-

rimentações, mede apenas 3x3 m, o que não é verdade, de vez que se trata de um salão com 4,50x 4,40 m, perfazendo um total não de 9 m<sup>2</sup>, mas de 19 m<sup>2</sup>. Se num pormenor desses, que é a metragem do recinto, se enganaram os senhores repórteres por mais da metade das cifras, o que se dirá do resto?

2 — Com referência à jaula, os senhores jornalistas não foram felizes nas informações. Explicou-se a eles que na data em que eram recebidos, de acordo com a ordenação estabelecida para trabalhos em pauta, já a cadeira, destinada à médium, fora fixada com cimento, no piso do recinto com vistas à experimentação isso bem antes deles — repórteres — aparecerem. Se viessem à Uberaba, uma quinzena antes, teriam encontrado a jaula, em posição de serviço, de igual modo ao que será novamente utilizada, dentro em pouco, seguindo o mesmo roteiro traçado aos experimentos, tanto quanto o será a cadeira fixada ao piso, à guisa de espreguiçadeira, etc., para a análise dos fenômenos que ocorrem com a médium que foi objeto da atenção de “O Cruzeiro”, e outros sensitivos, dando curso ao programa das pesquisas que estamos efetuando. Essas situações alternadas se verificam exatamente para não habituar os médiuns a um só processo de controle, de maneira a causar-lhes surpresa e coibir-lhes qualquer impulso antecipado à fraude e à mistificação, conscientes ou inconscientes, cuja possibilidade está obrigatoriamente incluída em nossas previsões, convencidos quais nos achamos de que, pesquisa científica não se compadece com a ingenuidade.

3 — Outro ponto que merece consideração é o de que ninguém prometeu a eles — repórteres — uma, duas ou dez sessões. Uma assertiva dessas seria demonstração de total desconhecimento dos processos mediúnicos. Afirmou-se apenas aos visitantes que, dependendo das condições mediúnicas e das diretrizes que as entidades espirituais adotassem teríamos, juntos, uma, duas, até dez experimentações. Na essência, é forçoso reconhecer que estamos examinando acontecimentos que não provocamos, nos quais a observação científica é obrigada a respeitar a vida e o direito alheios. Mediunidade não está subordinada ao nosso arbítrio. Ninguém consegue, por enquanto, programar ocorrências mediúnicas: são as inteligências manifestantes que as orientam, sem que isso nos prive de estudar um dos assuntos mais empolgantes da humanidade, como seja a sobrevivência, além da morte. Em razão disso, vimos que os próprios repórteres confessaram que foi a própria entidade materializada quem deu por encerrada a experiência da semana.

4 — Com respeito ao controle das pessoas, através dos fosforescentes, os seis jornalistas instalados no recinto da experimentação detiveram a máxima felicidade para anotar-lhe todas as fases, em razão dos amplos sinais luminosos, no ombro direito de cada um dos presentes, e das localizações diversas que lhes couberam no salão. Na posição de observadores, sentavam-se eles na

primeira fila, na segunda fila, na terceira e última filas, bem como rente à única porta de saída existente junto dos outros ângulos da sala, além de um deles e de um dos seus funcionários, que permaneceram na parte externa do recinto, conduzindo todas as chaves das algemas, cadeados e portas. Os repórteres foram distribuídos privilegiadamente no recinto, não só para procederem à rigorosa fiscalização da sensitiva e dos demais assistentes, como para focalizarem as máquinas fotográficas, salientando-se que o Sr. Paulo Miranda controlou a porta da entrada, cuja chave estava de posse deles mesmos, repórteres, sentando-se colado à mesma.

5 — Referentemente à questão de talco, os repórteres não se explicaram de maneira satisfatória. O que se passou, em pesquisas anteriores às de Uberaba, em outra cidade, já há algum tempo, é que a sensitiva foi vítima de fraude por parte de um dos assistentes, fanático religioso, não espírita, que borrifou o piso do local das sessões e, no escuro, ele próprio caminhou sobre o talco para, em seguida, acusá-la de mistificadora. Daí nasceu o receio da sensitiva, que teme o uso do talco nas experimentações, porquanto julga-se indefesa diante dos assistentes menos responsáveis.

Quem poderia asseverar que os repórteres não alimentariam a mesma intenção?

6 — No tocante à ida dos médicos, no dia posterior para São Paulo, é inteiramente infundamentada a informação, como se prova na notícia da pág. 6, 1º caderno, do “Diário de S. Paulo”, do dia 3-1-64. Cogitava-se de levar a sensitiva, a uma das organizações espíritas paulistanas, mas nenhum dos pesquisadores iria comparecer, e, na realidade, todos desconheciam inteiramente o assunto.<sup>25</sup>

7 — Em relação à consulta médica que um dos repórteres declara haver a sensitiva esquecido, é pormenor de fantasia, porquanto a médium D. Otília Diogo foi examinada pelo Dr. Eurípedes Tahan Vieira, na manhã de sábado, imediata à noite da experimentação.

8 — Quanto aos filmes coloridos, enganaram-se os senhores “repórteres” mais uma vez: semelhante material nunca foi proibido nas experiências, compreendendo-se que em nossos arquivos fotográficos possuímos vários filmes desse tipo, relacionando testes e observações alusivos aos estudos em andamento.

9 — Quanto à acusação dos senhores jornalistas de que os pesquisadores agem como mistificadores e fraudadores, oferecemos provas em contrário, na atitude sincera deles, — os experimentadores — que lhes falaram claro

---

<sup>25</sup> Absolutamente certo. Os médicos não participariam dessa reunião, em São Paulo, e sim, exclusivamente, o autor deste livro e dna. Otília Diogo. Eis a notícia publicada no “Diário de S. Paulo”, no dia 3/1/64: “A famosa médium de materialização, d. Otília Diogo, chegará hoje em S. Paulo e participará, amanhã à noite, de uma reunião pública na Federação Espírita do Estado. A reunião terá início às 20hs, com uma palestra do escritor Jorge Rizzini.”

e realisticamente a respeito de todas as passagens da experiência, sem rebuços nem subterfúgios, ao passo que as fraudes deles, os repórteres, salientam-se em vários detalhes dos depoimentos, como extratamos de passagem: o filme a cores supostamente usado em segredo, “burlando” a vigilância como se fosse proibido ou surgisse como novidade nas experiências (pág. 3); o invento de um fio de tecido, que ninguém viu (pág. 82) (por que o repórter Jorge Audi não fez comunicação do achado no momento, denunciando um pormenor que considerou tão importante no recinto das pesquisas, para exibi-lo somente depois, na reportagem?); a colocação de uma substância invisível a olho nu no eletrofone, sobre a qual o repórter Nilo Oliveira, na pág. 79, confessa por si mesmo a simulação: “durante os preparativos, simulei estar colocando alguma coisa na eletrola existente na sala...”

#### IV – Contradições

Quem analisar detidamente os depoimentos e legendas da reportagem encontrará, com facilidade, as contradições, incoerências e absurdos a que chegaram os senhores repórteres no esforço cego e apriorístico de provar, a todo custo, que tudo era mistificação nas ocorrências, forçando a suposição de fraudes a cada passo das experimentações. Eis alguns exemplos:

1 — Na legenda da pág. 70, a primeira da reportagem, há a seguinte frase sobre a Irmã Josefa: “Encapuzada no véu branco, que a cobre da cabeça aos pés, ninguém consegue ver o seu rosto, nem suas formas”.

E na pág. 78, depoimento do repórter Mário de Moraes, encontramos a seguinte “confissão”:  
“Fiquei ali parado, constrangido, com os olhos bem abertos para ver se distinguia as feições da “freira”. E verifiquei, nitidamente, que a “Irmã Josefa” tinha o mesmo rosto da médium Otilia”.

No primeiro texto, afirmam categoricamente que ninguém consegue ver o rosto da materialização, já no segundo, o repórter “vê” nitidamente como sendo o mesmo rosto da médium! Em quem acreditar?

2 — Na pág. 79, depoimento do repórter Nilo de Oliveira, destacamos o trecho:

“Rubriquei esparadrapos e coloquei no buraco das chaves, dos cadeados e das algemas. As chaves ficaram em meu poder, o que não excluía a possibilidade de alguém ter duplicata das mesmas, pois todo o material usado era de propriedade dos experimentadores”.

E na mesma página, no depoimento do mesmo repórter, logo adiante:  
“Terminada a sessão, verifiquei que ninguém havia interferido da parte exterior da casa. Lá dentro, só as algemas, que eu havia deixado três dentes

por apertar, estavam totalmente fechadas.”

Note-se que no primeiro tópico, o jornalista sugere a possibilidade de alguém ter duplicata das chaves para abrir algemas e cadeados, no segundo, assevera nada ter encontrado de anormal, senão as algemas ainda mais apertadas, portanto com os esparadrapos, como deixara antes da reunião, afirmativa essa confirmada por sua declaração captada em gravador após a experimentação. Onde falou a verdade?

3 — Na pág. 79, já destacamos atrás este trecho de depoimento do repórter Nilo de Oliveira, encarregado de controlar a sensitiva:

“Terminada a sessão, verifiquei que ninguém havia interferido da parte exterior da casa. Lá dentro, só as algemas, que eu havia deixado três dentes por apertar, estavam totalmente fechadas”.

E na pág. 82 do depoimento do repórter Jorge Audi, ressaltamos:

“Outro detalhe: ao ser incumbido de libertar os pés da médium, verifiquei que eles estavam praticamente soltos”.

Recordemos que o repórter Nilo de Oliveira deixou gravado um depoimento após os experimentos, de que nada havia encontrado de anormal no controle final da sensitiva; já o outro afirma que os seus pés estavam soltos...

Por aí, vemos a inconsistência de determinadas asseverações desta reportagem. Quem merece crédito?

4 — Na pág. 78, depoimento do repórter Henri Ballot, vemos a frase:

“As aparições eram tão rápidas, que se tornava difícil até distinguir a barba que o “espírito” levava no queixo”.

E na pág. 82, depoimento do repórter Jorge Audi, lemos outra frase:

“Quando o flash estourou, pude observar que o véu que cobria o rosto da “aparição” esfiapava”.

Esclareçamos que esses dois repórteres estavam sentados próximos um do outro, no primeiro semi-círculo de cadeiras, — apenas com uma cadeira entre eles, onde se sentara um dos experimentadores — e focalizavam as objetivas de suas máquinas fotográficas — o que prova que nenhum era míope e as aparições, tanto de uma como de outra forma, estiveram sob a luz vermelha (ou sob o flash) em espaços de tempo iguais. Como se percebe, um viu delgados fiapos do véu branco de uma das formas, outro custou a distinguir a barba escura e espessa da outra forma materializada. Afinal, alguém está dizendo a verdade?

1 — No exame a que procedeu, antes da experimentação, participando da vistoria individual de todos os presentes, o repórter sr. Nilo de Oliveira

examinou até os sapatos de cada um, os interiores e os saltos dos calçados, além de revistar meticulosamente as roupas, e observe-se que no exame final da sensitiva a sua indumentária escura foi até rasgada pelos repórteres, desejosos de encontrar um bolso secreto.

No entanto, os senhores repórteres omitiram qualquer alusão ao crucifixo estampado nas fotografias. Onde estaria ele? E o perfume em forma de chuva? E o éter, igualmente em forma de chuva, ambos referidos (pág. 74) pelo repórter José Franco? Como vemos, não são apenas as roupas e a barba de uma das formas materializadas que ficaram à feição de problema insolúvel por parte deles.

2 — Os senhores jornalistas foram tendenciosos em suas pesquisas e opiniões desde o início da experimentação. Se aceitassem a realidade da materialização in totum, e se o mesmo ocorresse com a maioria dos componentes da sociedade atual, haveria, inevitavelmente, uma revolução nos costumes, nos ideais, nas diretrizes filosóficas, bem como na vida moral do homem comum. Vejamos que isso é muito difícil. Reconheçamos, outrossim, que é muito mais fácil aos repórteres fabricar uma fraude em suas notícias ou retirar conclusões apressadas e inconsistentes acerca dos fenômenos, do que a sensitiva fraudar, nas condições rigorosas das experimentações em análise. Muito cômodo dizer que um fenômeno é fraude e mais cômodo ainda fazer a sua divulgação num círculo da imprensa, candidatando-se a um prêmio de reportagem. Mas, perguntamos: por que tanto estardalhaço sobre o que não existiu, pois que não foi feito nenhum flagrante? Tudo se fixou apenas em conjeturas armadas jornalisticamente pelos repórteres.

A crer nas afirmações contraditórias dos senhores jornalistas, eles estão promovendo uma senhora simples, analfabeta, mãe de família, à condição de um dos maiores vultos do ilusionismo mundial, comparando-a a Houdini (pág. 75).

3 — Se uma só reunião não pode ser suficiente para convencer, também uma só reunião não é recurso bastante para consolidar a hipótese de fraude, quando não há nenhum documento plausível para alicerçar essa pretensão.

Como poderemos convidar essa equipe de jornalistas novamente para participar de novas experimentações? Se apenas com uma visita aos nossos estudos já inventaram um fio de algodão para explicar a ectoplasmia nas ocorrências parapsicológicas, da próxima vez, provavelmente, inventarão a indumentária toda dos fenômenos em curso, para se erigirem à posição de autênticos fraudadores, colhendo os flagrantes necessários para que o noticiário se faça mais sensacional, candidatando-os a novos prêmios.

4 — A aceitação do fenômeno da materialização é problema equacio-

nado para a equipe, havendo provas de autenticidade que ainda não foram divulgadas, como o depoimento do colega dr. Eurípedes Tahan Vieira, que presenciou a materialização da entidade Josefa, apenas do tórax para cima, suspensa no espaço por um fio ectoplasmático e falando normalmente, ou do colega dr. Sebastião de Mello, que presenciou a materialização perfeita, com todos os traços faciais, da entidade Leocádio, de origem africana quando na Terra, através da sensitiva em exame, dona Otília Diogo, ocorrência essa confirmada posteriormente através de outra sensitiva igualmente em estudo.

5 — Todo experimentador há de ter imensa, constante e inevitável paciência com os leigos no assunto que ele pesquisa, mormente em se tratando de investigações metapsíquicas. Os desconhecedores das ocorrências parapsicológicas são movidos pela precipitação de suas idéias supervalorizadas, ignoram os pormenores da fenomenologia em exame. Os desdobramentos da personalidade e a conseqüente exteriorização da motricidade [capacidade de realizar movimento] constituem urna das bases da ectoplasmia, e para quem não entende esses fatos, a interpretação errônea é calamidade rotineira.

6 — Se houvesse menos apego a conveniências pessoais e mais devotamento ao bem geral, sem dúvida que os resultados nos estudos em torno do espírito, seriam outros. Compreendemos que muitas criaturas aspiram a todo custo arredar de suas velas a idéia da sobrevivência. É o que estamos observando. Combater a fraude, é imperativo comum. Mas o combate aos fenômenos, nas condições em exame, é apenas fuga. Procura-se, na realidade, tumultuar as pesquisas em redor da imortalidade da alma. Para se verem tranqüilos e tranqüilizarem os outros, muitos necessitam fantasias, pretextos para explicar o que para eles ainda significa o inexplicável. Quantos interesses humanos serão abalados pela positivação da sobrevivência? Isso envolve movimentos religiosos e organizações financeiras, ideologias políticas e preconceitos sociais. A existência do espírito não é problema para ser resolvido em atmosfera espiritual tranqüila. Inevitáveis os conflitos e inquietações. Compreende-se a divergência dos pontos-de-vista. Toda verdade nova na Terra, jamais foi aceita pacificamente. Lembremo-nos de Sócrates compelido a ingerir cicuta por defender idéias que transcendiam o ramerrão do cotidiano: Gutemberg e a luta pela imprensa; de Colombo e os reveses para a descoberta da América; de Pasteur e os percalços com a Bacteriologia; de Galileu e a rotação da Terra; de Harvey e a circulação do sangue, e outros pioneiros do conhecimento humano, compelidos a sofrer cruéis perseguições por dedicação à ciência, mas a realidade sobrepairá e sobreviverá sempre sobre todas as controvérsias.

7 — Os chamados “milagres” são fenômenos metapsíquicos, como, por exemplo, a chamada aparição da Vigem na cova da Iria, nada mais é do que um fenômeno de materialização. A crise é de ignorância acerca da imortalidade.



Os fatos estão aí desafiando os estudiosos. Se os colegas franceses estudam os fenômenos metapsíquicos em Lourdes, na França, por que não os estudarmos aqui, em nosso país?

8 — Não tínhamos e nem temos a pretensão de solucionar, em definitivo, a questão da sobrevivência do espírito. Há milênios este é o ponto fundamental da perquirição, e, mais precisamente, há um século, é que vem sendo pesquisado pela ciência, sem se tornar uma questão livremente aceita. Papel e tinta aos montes serão gastos ainda para esclarecer as consciências que não desejam aceitar a própria realidade. Basta ver a campanha de zombarias de que, há três décadas, é vítima o catedrático de Parapsicologia, J. B. Rhine, de Duke University, nos Estados Unidos, e mesmo assim esse professor tem conseguido êxito considerável em seus trabalhos, porquanto já se estuda a matéria oficialmente em dezenas de universidades do mundo, já guardando como pontos pacíficos de aceitação, quatro dos fenômenos essenciais da parapsicologia: telepatia, clarividência, precognição e psicocinesia.

Mas, perguntamos: se esses quatro fenômenos, simples, comezinhos, corriqueiros, da crônica usual de todas as famílias, em todos os países, que ocorrem habitualmente quase que como a normalidade das estações do ano, provocam uma verdadeira batalha mental para serem aceitos, depois de exaustivamente pesquisados, sob todos os controles científicos, o que não devemos esperar em dificuldade e sacrifício para a aceitação das provas da sobrevivência humana?

9 — Os senhores repórteres, depois de receber um convite para participarem de uma mesa redonda na TV Cultura, Canal 2, às 23 horas de ontem, notícia largamente divulgada pela imprensa paulista, recusaram-se a comparecer. Por quê?

Uberaba, 19 de janeiro de 1964

**Dr. Adroaldo Modesto Gil**  
**Dr. Eurípedes Tahan Vieira**  
**Dr. Elias Barbosa**

## IX

### LAUDO TÉCNICO PUBLICADO PELO “O CRUZEIRO” IMPUGNADO PELOS PERITOS DA POLÍCIA DE S. PAULO

Que estávamos tendo o apoio integral dos espíritos nesta formidável luta da Verdade Divina contra as trevas, não há dúvida.

Se não, vejamos.

Nosso primeiro programa na TV Continental desmantelando a primeira reportagem de “O Cruzeiro” terminou à meia-noite; mais ou menos. Já estávamos entrando no automóvel estacionado à porta da TV para regressarmos ao apartamento de Wando Vieira, quando, de súbito, fomos procurados por Carlos Éboli: o perito criminal que havia examinado o fio de algodão “achado no consultório das experimentações” e que dera à revista um laudo pericial a respeito...

— Os senhores falaram de mim, de modo que vim aqui... Sou o perito Carlos Éboli!

Estava visivelmente nervoso. Conversamos uns quinze minutos, de pé, à porta da televisão. Depois de referir-se a umas determinadas fotografias de “discos-voadores” (?) publicadas pela revista “O Cruzeiro”, e que ele, Éboli, examinara, deixou escapar a seguinte informação:

— Vocês vão ficar estarecidos com o próximo número da revista: ela vai publicar o meu laudo pericial sobre as fotografias das materializações. Fotografias batidas pelos próprios médicos.

— O senhor examinou as fotos?

— Examinei. O laudo será publicado na próxima semana. Os repórteres têm razão: a materialização é farsa!

No dia seguinte, voltamos, aflitos, para São Paulo. Mas, paradoxalmente, alegres, porque sabíamos, de antemão, o que a revista iria publicar no próximo número.

E agora? Pensávamos. Com o parecer arrasador de um perito criminal sobre as materializações de Uberaba (perito da Polícia Técnica do Rio de Janeiro) fatalmente, o povo, aceitaria como autêntica farsa o fenômeno real. Era um perito da polícia falando... Com esse laudo, o escândalo iria tomar proporções gigantescas! O Espiritismo seria abalado, sacudido e, no entanto, estávamos com a Verdade...

Situação desesperadora. Como aparar o novo choque?



*No centro, o prof. Carlos Petit. A esquerda, seu assistente Eduardo Saggi, perito fotográfico e, à direita, Paulo Vitale, perito criminal, quando examinavam as fotografias das famosas materializações de Uberaba.*



*Foto batida do manequim, envolto no filó e demais peças que serviram para as experiências do perito. Observe-se como o véu de filó, que foi previamente passado a ferro quente, cai naturalmente, sem pregas ou dobras (foto e texto do laudo pericial).*



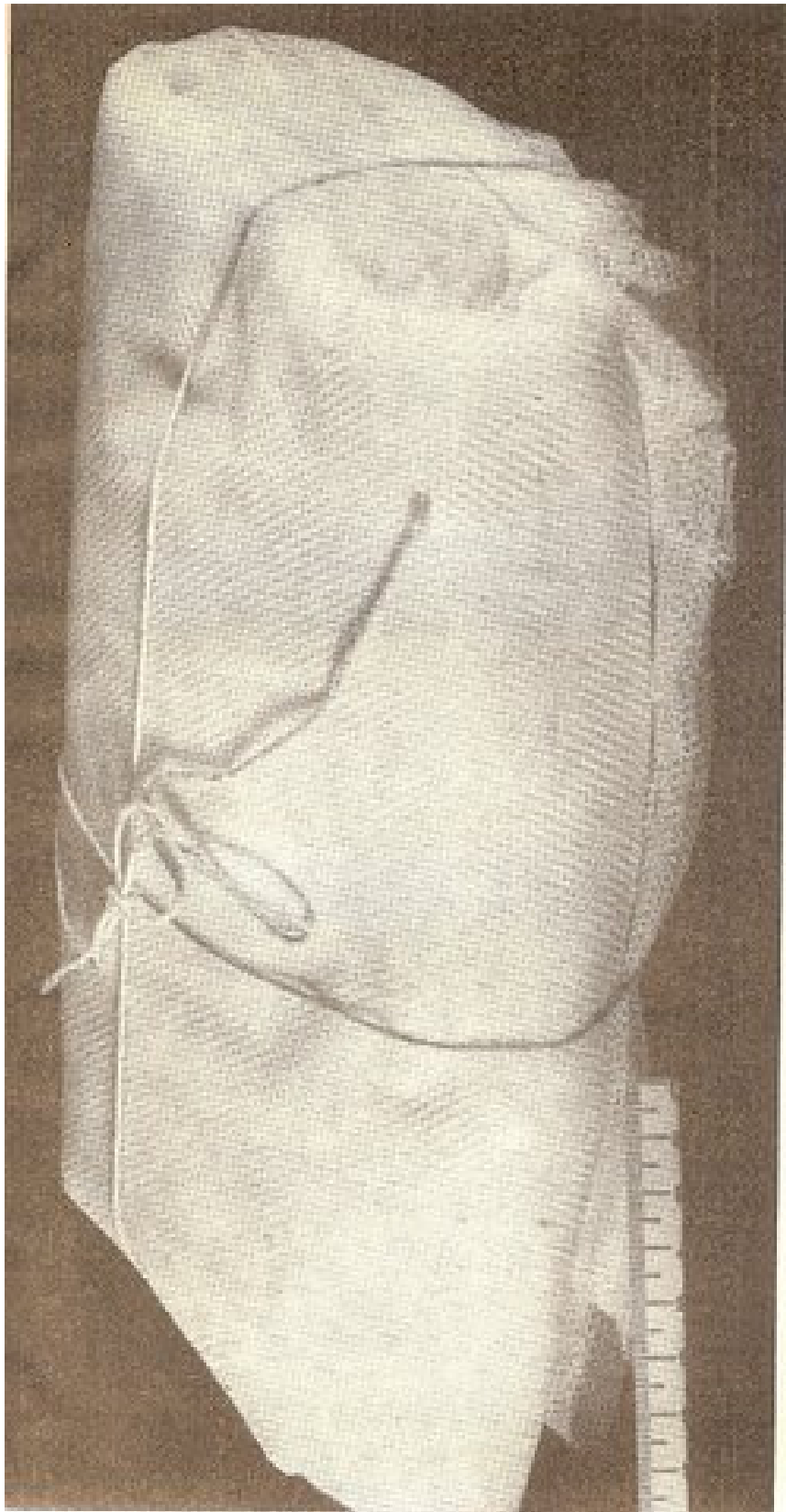
*Após o véu de filó ter sido dobrado e passado a ferro (como se fora preparado para pacote) foi o tecido colocado sobre a cabeça e ombros do manequim. Os vincos das sucessivas dobras retangulares passadas a ferro aparecem, na fotografia, com espantosa nitidez (foto e texto do laudo pericial).*



*Fotografia do rosto e da parte da vestimenta da imagem destinada ao confronto com a fisionomia e roupagem da forma masculina (foto e texto do laudo pericial).*



*Fotografia do rosto e da parte da vestimenta da forma masculina para o cotejo com a imagem feminina da freira (foto e texto do laudo pericial).*



*Fotografia tirada com fita métrica, com a finalidade de dar uma idéia das proporções do volume formado pela dobragem de apenas 10 m x 0,60 m de filó (foto e texto do laudo pericial).*



Veio-me, então, uma idéia” obsessiva” (e, por que não dizer?) ousada: ir, imediatamente, ao Instituto de Polícia Técnica do Estado de São Paulo, muito melhor aparelhado que a Técnica do Rio de Janeiro, e solicitar aos peritos um exame nas fotografias das materializações!

Nada havia a temer: as fotos eram autênticas, se a Verdade estava conosco... Estava eu tão convicto disso, que fui procurar, em companhia do perito criminal Paulo Vitale, o Diretor da Técnica de São Paulo, dr. Egas Muniz. Apresentei-me e expus o problema, colocando sobre sua mesa inúmeras fotografias dos espíritos materializados em Uberaba.

— O perito do Rio de Janeiro, Carlos Éboli, fez um laudo sobre essas fotos e afirma que são fraudulentas. Esse laudo será estampado na revista “O Cruzeiro” e vai desmoralizar dezenove médicos, que garantem ser o fenômeno real. Eu gostaria que se fizesse um novo exame nas fotos para ver quem tem razão: se os médicos ou os repórteres ...

Enquanto eu falava, diversos peritos criminais se aproximaram da mesa do Diretor e, com este, curiosos, olharam as fotos de Irmã Josefa e Veloso.

— À primeira vista, parece não haver truque nas fotos, disse o dr. Muniz, fitando os peritos.

O prof. Carlos Petit, considerado um dos mais notáveis peritos criminais do Brasil e presente à sala do Diretor, prontificou-se, depois de alguma relutância, a proceder a um exame severo nas fotos. Nesse trabalho pericial, teria como assistentes o perito criminal Paulo Vitale e o perito fotográfico Eduardo Saggi. Dentro de uma semana eu teria o resultado.

E, assim, pela primeira vez na história do Espiritismo, foi um fenômeno mediúnico, através de fotos, levado à exame na Polícia Técnica...<sup>26</sup>

Dias depois, publicou a revista “O Cruzeiro” o laudo umbralino de Carlos Éboli. Foi, em verdade, uma bomba sobre todos os espíritos do Brasil. Deixou-os atônitos. Mas, graças a Deus, já tínhamos, em nossas mãos, o trabalho de Carlos Petit, que negava a pretendida mistificação denunciada pelos repórteres e “confirmada” por Éboli.

Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, os primeiros a lerem o laudo paulista, se regozijaram.

— Precisamos divulgar esse laudo pela imprensa, o quanto antes.

E a divulgação foi feita em vários Estados.

---

<sup>26</sup> Um pequeno documentário cinematográfico mostrando a pesquisa dos peritos nas fotos foi realizado pelo autor deste livro. Esse documentário, em cores, já histórico, foi incorporado ao filme anteriormente feito com dna. Otilia Diogo, em Uberaba e Andradas.

Antes de oferecer ao leitor o laudo completo do eminente perito de São Paulo, vamos proceder ao exame das principais conclusões do laudo de Éboli, que “O Cruzeiro” publicou em 8 de fevereiro de 1964 com o seguinte título: “A perícia técnica confirma reportagem de “O Cruzeiro”: falsa a materialização de Uberaba”.

Escreve o perito do Rio de Janeiro:

“Embora selecionadas entre 400 outras fotografias, é evidente que, as oferecidas à reportagem não são da melhor espécie. Há entre elas, duas em especial que são de baixo nível operacional. Vale ressaltar que o fato pode esconder o propósito de mascarar as cenas fixadas, pela introdução dos defeitos de nitidez e de iluminação”

Responde o prof. Carlos Petit, do Instituto de polícia Técnica do Estado de São Paulo.

“Todas as fotos apresentadas ao perito e que foram cuidadosamente examinadas, apresentam-se bem focalizadas, portanto nítidas, o mesmo acontecendo com as que se encontram publicadas nas três reportagens da revista “O Cruzeiro”; tanto assim, que puderam ser estampadas”.

Escreve o perito do Rio de Janeiro:

“As figuras, feminina e masculina, retratadas são na realidade uma só, feminina, que se veste em várias ocasiões com parte de uma mesma indumentária” .

Responde o mestre de São Paulo:

“O turbante e o véu que encobrem, respectivamente, a cabeça e o rosto da imagem da freira, não deixam transparecer em toda a sua plenitude os traços morfológicos da face, o que não acontece com os espécimes-padrão fotográficos de dona. Otília Diogo (vide fotos nº 8, 9 e 10). Entretanto divergências são facilmente constatadas, pois o rosto da forma da figura feminina apresenta-se mais cheia, narinas bem abertas, tendo ainda sido constatado que a parte superior apresenta-se “arqueada”. A foto nº 10 foi feita com a supressão dos cabelos de dona Otília, com o intuito de melhor confronto entre a parte facial visível. Havendo diferenças entre o rosto da forma da figura feminina e o de dona Otília Diogo, evidentemente, as dessemelhanças<sup>27</sup> são totais entre o rosto

---

<sup>27</sup> Por um erro tipográfico, na 2ª edição veio escrito “semelhanças”, em vez de “dessemelhanças”. (N. R.)

da “sensitiva” e o rosto da imagem masculina”.

E Carlos Petit acrescenta:

“Uma simples inspeção ocular sobre as fotos das imagens masculinas e feminina é suficiente para comprovar a diferença dos trajés (vide fotos Nº 3 e 4)”.

Escreve o perito do Rio de Janeiro:

“A roupa, que veste a figura feminina, pelo menos em duas das fotografias, apresenta marcas de dobragem simétrica e vincagem profunda”.

Responde o prof. Carlos Petit:

“Os exames minuciosos nos negativos e nas cópias fotográficas que reproduzem as formas feminina e masculina, revelaram ausência completa de vincos que poderiam ser conseqüentes de dobragens e redobragens do tecido; não se constatou também amarfanhamento” .

A respeito do ectoplasma saindo pela boca, nariz e ouvidos da médium, afirma o estranho perito criminal do Rio de Janeiro:

“O material fotografado pendente da orelha da figura retratada no interior das grades da cela, nada mais é que um pano branco, com enfeites de contas, o mesmo que cobre a cabeça da aparição feminina em diversas oportunidades”.

Ensina Carlos Petit, professor da Escola de Polícia de São Paulo:

“Através da análise das fotos referidas, não possível afirmar-se, com plena convicção, tratar-se de um “chumaço de pano branco”. A foto “H”, mostra uma forma branca alongada e as três (3) fotos assinaladas com a letra “G” indicam um estufamento do referido material, o qual toma o contorno do perfil de uma espécie de máscara que tem, aparentemente, a forma de um rosto. Se esta última hipótese se comprovasse, então, o “aglomerado de contas à altura da boca da figura” (de acordo com a legenda da fotografia de “O Cruzeiro”) corresponderia às contas do rosário retro mencionadas. Evidentemente, uma pergunta se impõe: que espécie de pano poderia ir se estufando, se transformando assumindo uma determinada forma, como mostra”, seqüência fotográfica?”

Escreve Éboli:

“As vestimentas que cobrem o corpo dos compromissos fotografados, apresentam marcas nítidas; de confecção mecânica, ou sejam, sinais de dobragem e costura”.

Ensina Carlos Petit ao perito do Rio de Janeiro:

“O exame minucioso do aludido véu não evidenciou, por outro lado, vestígios de emendas, como acontece nos tecidos confeccionados normalmente”.

A farsa dos repórteres, pois (apoiada pelo sr. Carlos Éboli) estava agora visível. Era importante, sem dúvida, divulgar imediatamente o laudo dos peritos paulistas em toda a imprensa nacional e desmascarar, tecnicamente, a revista “O Cruzeiro”.

À noite, fui à redação das “Folhas”: e avistei-me com o chefe de reportagem, que já me conhecia. Pegou o laudo do prof. Carlos Petit, examinou-o, disse:

— O assunto é ótimo! Mas, é perigoso porque contraria os “Diários” ... Mas, vale a pena publicar com destaque esse laudo: é matéria que vende jornal!

— Então...

— Mas, não posso resolver, sem antes consultar a Diretoria. Amanhã, telefone-me. À tarde.

Telefonei, foi negativa a resposta: nosso laudo iria criar complicações... Só poderia ser publicado como matéria paga!

Nessa mesma noite, então, com Irineu Alves fomos à casa de Herculano Pires que se incumbiu da publicação, como matéria paga, no “Diário da Noite”; nas duas edições — o preço era muito mais em conta que o das “Folhas”... Compramos uma página inteira desse jornal e colocamos o seguinte título, em letras garrafais: “Peritos da Polícia Técnica de São Paulo restabelecem a verdade: FARSA DA MATERIALIZAÇÃO É FARSA DE REPÓRTERES” .

É a seguinte a introdução ao laudo:

“Peritos da Polícia Técnica de São Paulo, examinando as fotografias da sessão de materialização de Uberaba, publicadas pela revista “O Cruzeiro”, chegaram à “convicção plena de que não apresentam indícios de quaisquer modalidades de truques fotográficos que permitissem, sequer, sugerir a fraude”.

“Os exames foram procedidos pelo perito Carlos Petit, do Instituto de

Polícia Técnica e professor da Escola de Polícia do Estado de São Paulo, assessorado em seu trabalho pelo fotógrafo Eduardo Saggi e pelo perito criminal Paulo Vitale.

“Foram dadas à análise não apenas as fotos divulgadas pela imprensa, mas também diversos negativos, e mais dez outras fotografias das mesmas experiências.

“Publicando em todo o Brasil o presente laudo, oferecemos ao povo um elemento decisivo para o esclarecimento das confusões levantadas em torno das experiências médicas de materialização realizadas em Uberaba. Ao mesmo tempo, deixamos ao público o julgamento do estranho laudo publicado pela revista “O Cruzeiro”. Oportunamente, faremos também a divulgação das ilustrações fotográficas, altamente expressivas, mas para cuja publicação nos faltam, no momento, os recursos necessários”.

Eis agora, leitor, o laudo na íntegra:

### **EXAMES EM NEGATIVOS E FOTOGRAFIAS**

“CARLOS PETIT, infra-assinado, Perito Criminal do Instituto de Polícia Técnica e Professor da Escola de Polícia de São Paulo, atendendo à consulta que lhe foi formulada pelo jornalista JORGE RIZZINI, a respeito de vários negativos e fotografias, dentre estas, várias publicadas na revista “O Cruzeiro”, nos números editados em “18 de janeiro de 1964; 1 de fevereiro de 1964 e 8 de fevereiro de 1964”, após realizar as pesquisas que se fizeram necessárias, apresenta o resultado através do presente

### **LAUDO**

“O vasto material apresentado para exame, reproduz cenas diversas que serviram para ilustrar as reportagens publicadas sob os títulos FENÔMENOS DE MATERIALIZAÇÃO e FALSA A MATERIALIZAÇÃO DE UBERABA; outros negativos e fotografias, que não figuram naqueles relatos, foram também exibidos ao perito para as devidas análises.

“Tais fotografias e negativos registram o “fenômeno de materialização das formas de duas entidades que se identificaram como sendo Irmã Josefa e Dr. Alberto Veloso”.

“Sobre essa copiosa documentação, o consulente formulou uma série de quesitos, os quais vão mais adiante transcritos e respondidos.

“No decurso de seus trabalhos, sempre que se fez necessário, o perito lançou mão de aparelhagem ótica adequada, com especialidade de lupas manu-

ais (aplanáticas e anastigmáticas) e dos microscópios estereoscópicos binoculares de Zeiss e de Spencer em diversos graus de ampliação.

## QUESITOS

1) — O tecido das formas feminina e masculina (Velo e Josefa) apresenta sinais de “vincos e dobraduras” conseqüentes de utilização de ferro elétrico ou instrumento similar?”

Resposta: — Os exames minuciosos nos negativos e nas cópias fotográficas, que reproduzem as formas feminina e masculina, revelaram ausência completa de vincos que poderiam ser conseqüentes de dobragens e redobragens do tecido; não se constatou também amarfanhamento. Na imagem feminina observa-se um tecido com aspecto de um véu que a envolve da cabeça aos pés, de modo contínuo, cuja transparência permite a constatação da existência de uma outra roupa, também branca. O exame minucioso do aludido véu não evidenciou, por outro lado, vestígios de emendas, como acontece nos tecidos confeccionados normalmente.

“No tocante à figura masculina, de nome Velo, observa-se uma vestimenta à moda oriental, com tecido semelhante àquele existente na forma feminina. Encobrindo a cabeça, há um turbante transparente, que desce até a cintura, o qual permite que se visualize cerrada barba e parte de seu contorno fisionômico. Se tal quantidade de indumentária, (masculina e feminina) tivesse sido introduzida clandestinamente no recinto das experimentações (sem contar os objetos que as fotos registram) forçosamente haveria necessidade de estar acondicionada em um pacote com o menor volume para que passasse despercebido aos assistentes observadores. Neste caso, fatalmente, o tecido receberia sinais marcantes de dobragens, os quais somente poderiam desaparecer mediante passagem a ferro quente. Tal assertiva, ficou cabalmente comprovada com as experiências levadas a efeito pelo perito com um manequim, revestido com 10 m de filó, um lençol, uma toalha de rosto, um lenço e alguns alfinetes. Primeiramente, foi revestido o corpo do manequim com o lençol, inclusive o rosto; a toalha foi colocada sobre a cabeça, o lenço envolvendo parte da face e, finalmente, recobriu-se com o filó aquelas peças. A guisa de véu, foi colocada parte da peça de filó passada a ferro quente; portanto, sem dobras, sobre a cabeça e tronco do manequim. Verificou-se, então, que ela se apresentava caída normalmente, sem nenhum vinco, analogamente àquela que se observa envolvendo a forma feminina examinada. A fim de poder demonstrar o que acima foi afirmado, o perito mandou fotografar o manequim nessas condições, o que pode ser comprovado através da foto anexa de Nº 1.



“Posteriormente retirou aquele pedaço de véu e o submeteu a sucessivas dobraduras com passagem de ferro quente, à maneira das donas-de-casa. Isto posto, levou-o novamente à cabeça do manequim e o ajustou como se fora um véu. O resultado está claro e nitidamente expresso na foto nº 2, muito mais eloqüente do que quaisquer palavras. Para que se possa ter uma idéia aproximada do volume de apenas 10 m x 0,60 m. de filó, dobrado em forma de pacote, foi procedida a fotografia nº 5, integrante deste trabalho.

“2) — Trata-se de tecido de contextura grossa ou fina?”

Resposta — A contextura real de um tecido é comensurável; portanto, somente dispondo-se da matéria física é que se pode determiná-la com precisão ou, então, por meio da percepção tátil. Entretanto, visualmente, através de simples fotos, a variação é muito grande, dependendo do grau de ampliação fotográfica e também da distância em que a foto foi tomada.

“3) — Pode afirmar-se que se trata de filó ou apenas tem aparência do mesmo?”

Resposta — Faltam, ao perito, elementos para afirmar categoricamente se o tecido que envolve as formas examinadas, é ou não filó. Contudo, o exame nas fotos indica que, aparentemente, há grande semelhança com o tecido denominado filó.

“4) — Quantos metros, aproximadamente, são precisos para a confecção do “hábito externo” da forma feminina?”

Resposta — O infra-assinado não tem conhecimentos a respeito da arte referente a modas e confecções. Entretanto, como acima ficou consignado, utilizou-se uma peça de 10 m de comprimento por 0,60m de largura para envolver, dos pés à cabeça, o manequim utilizado nos seus experimentos.

“5) — O “hábito externo” está cobrindo outras vestes? Caso positivo, qual a cor dessas vestes ?”

Resposta — A transparência do tecido superior, permite observar que, realmente, sob ele, existem outras vestes de cor também branca.

“6) — Pode afirmar-se que se vê, “sem maiores dificuldades”, que no turbante da forma feminina, ao invés de um aglomerado de contas, existem bordados ?”

Resposta — Não se trata de “contas bordadas”, pois a percepção visual fornece a idéia de sensação de relevo, como se um rosário ali tivesse sido colocado.

“7) — A vestimenta de Josefa e Veloso é uma só, conforme foi divulgado?”



Resposta — Absolutamente. Uma simples inspeção ocular sobre as fotos das imagens masculina e feminina é suficiente para comprovar a diferença dos trajes (vide fotos N<sup>os</sup>. 3 e 4).

“(8) — Existe diferença na roupa constante nas fotos da forma masculina publicadas à pág. 77 de “O Cruzeiro” de 18 de janeiro de 1964 e à pág. 76 de “O Cruzeiro” de 1 de fevereiro de 1964?”

Resposta — Na foto publicada no dia 18 de janeiro de 1964, à pág. 77 da revista referida, a aparência da vestimenta dá a idéia de um tecido leve vaporoso, diáfano, como se fora imponderável, ao passo que, a foto constante na pág. 76 da mesma revista, datada de 1 de fevereiro de 1964, provoca impressão completamente oposta, isto é, de tecido com aparência grosseira, pesada, compacta, que chega até a velar o rosto, o que não se dá com a primeira fotografia.<sup>28</sup> (vide fotos 6 e 7, extraídas das revistas)

“(9) — É possível afirmar-se, com plena convicção, que é um “chumaço de pano branco”, o que se observa nas fotos “R” e “G”, publicadas na revista “O Cruzeiro” de 8 de fevereiro de 1964?”

Resposta — Através da análise das fotos referidas não é possível afirmar-se, com plena convicção, tratar-se de um “chumaço de pano branco”. A foto “H” mostra uma forma branca alongada e as três (3) fotos assinaladas com a letra “G” indicam um estufamento do referido material, o qual toma o contorno do perfil de uma espécie de máscara que tem, aparentemente, a forma de um rosto. Se esta última hipótese se comprovasse, então, o “aglomerado de contas à altura da boca da figura” (de acordo com a legenda da fotografia de “O Cruzeiro”) corresponderia às contas do rosário retro mencionadas. Evidentemente, uma pergunta se impõe: que espécie de pano poderia ir se estufando, se transformando, assumindo uma determinada forma, como mostra a seqüência fotográfica?

“(10) — Há semelhanças, ainda que leves, entre o rosto das formas masculina e feminina?”

Resposta — Um simples confronto entre as fotos anexas sob os n<sup>os</sup> 3 e 4 que reproduzem, respectivamente, as formas feminina e masculina, mostram de sobejo não existir o mais leve resquício de semelhança fisionômica entre as duas formas cotejadas, o que dispensa maiores fundamentações.

“(11) — Pelo exame das fotos conclui-se ser a sra. Otília Diogo a forma feminina da freira?”

Resposta — O turbante e o véu que encobrem, respectivamente, a cabeça e o rosto da imagem da freira, não deixam transparecer em toda a sua plenitude os traços morfológicos da face, o que não acontece com os espécimes-padrão fotográficos de dona Otília Diogo. (vide fotos N<sup>os</sup>. 5, 9 e 10) Entretanto, divergências são facilmente constatadas, pois o rosto da forma da figura

---

<sup>28</sup> Essas fotos foram estampadas pela revista; não temos cópias das mesmas e, por isso, deixamos de publicá-las. Mas, nesse caso, basta a opinião do perito.

feminina apresenta-se mais cheio, narinas bem abertas, tendo sido ainda constatado que a parte superior apresenta-se “arqueada”. A foto nº 10 foi feita com a supressão dos cabelos de dona Otília, com o intuito de melhor confronto entre a parte facial visível.

“(12) — Pelo exame das fotos, conclui-se ser a sra. Otília Diogo a forma masculina Alberto Veloso?”

Resposta — Havendo diferenças entre o rosto da forma da figura feminina e o de dona Otília Diogo, evidentemente, as dessemelhanças são totais entre o rosto da “sensitiva” e o rosto da imagem masculina.

“(13) — Debaixo do turbante da forma masculina há uma “vasta cabeleira”, conforme foi divulgado?”

Resposta — O exame detalhado do negativo e da foto não revelou presença de grande quantidade de cabelos; mesmo porque a cabeça da imagem se encontra envolvida em um turbante.

“(14) — O crucifixo está preso com alfinete no hábito da freira (como se fora um broche) ou desce do pescoço preso a uma corrente?”

Resposta — O exame pormenorizado de várias fotos que registram a presença da imagem feminina permite observar, nitidamente, que o crucifixo desce do pescoço, atado à extremidade de contas, análogos aos rosários utilizados pelas religiosas. A foto marcada com a letra “T” publicada na revista “O Cruzeiro” de 8 de fevereiro de 1964, à pág. 88, não deixa qualquer dúvida a respeito.

15) — Se se trata de uma corrente, qual o comprimento aproximado?”

Resposta — As fotos examinadas não foram batidas com fita métrica, portanto, não se pode aquilatar o grau de ampliação que sofreram, o que dificulta a determinação do tamanho do motivo fotografado.

“(16) — As fotos apresentadas para o presente exame são bastante nítidas ou não?”

Resposta — Todas as fotos apresentadas ao perito e que foram cuidadosamente examinadas, apresentam-se bem focalizadas, portanto nítidas, o mesmo acontecendo com as que se encontram publicadas nas três reportagens da revista “O Cruzeiro”; tanto assim, que puderam ser estampadas.

“(17) — E os negativos?”

Resposta — A cópia fotográfica é uma conseqüência do negativo. Este, não sendo nítido, não permitirá boas reproduções. Todos os negativos examinados pelo signatário deste trabalho, encontram-se em perfeitas condições.

“(18) — Após o exame frio e minucioso do vasto material apresentado, qual a sua conclusão? Na materialização de Uberaba, houve ou não farsa ?”

Resposta — Os exames procedidos nos negativos e nas respectivas

fotos oriundas das experimentações levadas a efeito em Uberaba pelos dezenove médicos, oferecidas ao perito para os devidos estudos e interpretações, levaram-no à convicção plena de que não apresentam indícios de quaisquer modalidades de “trucs” fotográficos que permitissem, sequer, sugerir a fraude. Quanto aos “fenômenos” registrados pelas objetivas, o infra-assinado quer deixar consignado que escapa, totalmente, à alçada pericial. As observações e conclusões expendidas neste trabalho, são fruto daquilo que pode ser frio e desapaixonadamente analisado, interpretado e comprovado.

\* \* \*

“Vai este laudo datilografado no anverso de 9 (nove) folhas deste papel, as primeiras rubricadas no verso e a última assinada por extenso. Acampanham-no 10 fotografias, todas devidamente legendadas e autenticadas”.

São Paulo, 24 de janeiro de 1964.

O perito,  
CARLOS PETIT

## X

### **O DESESPÊRO DOS REPÓRTERES EM FACE DA VERDADE ESPÍRITA**

Luciano dos Anjos, Wando Vieira e Henrique de Oliveira, na Guanabara, não descansavam: procuraram Carlos Pallut e obtiveram autorização para realizarmos um novo programa na TV Continental - no dia 1/2/64.

Em companhia de Irineu Alves, pois, pela segunda vez segui para a Guanabara.

Luciano dos Anjos, publicitário que é, colocou, na véspera e no dia do programa o seguinte anúncio nos principais jornais do Rio de Janeiro:

#### **A grande verdade sobre a MATERIALIZAÇÃO Hoje — TV-Continental 22 horas**

**Novos documentos estarrecedores sobre a experiência que empolgou a opinião pública brasileira.**

#### **ASSISTA À “VOLANTE DO PALLUT”**

A própria TV anunciou o programa e, com essa publicidade, a audiência foi enorme.<sup>29</sup>

Como da vez anterior, este programa, que realizamos também com Luciano dos Anjos, durou duas horas. Detivemo-nos, principalmente, nos laudos assinados por Éboli e Carlos Petit, mostrando aos telespectadores, com minúcias, que a pesquisa do perito carioca não tinha, em verdade, consistência alguma. E mostramos às câmeras, inclusive, fotografias em que aparece o perito examinando as fotos das materializações através de uma lupa que amplia, apenas, 12 vezes o objeto examinado, e a foto em que aparece o eminente prof. Carlos Petit olhando-as através de um poderosíssimo microscópio estereoscópico Spencer, que amplia... noventa vezes mais que a lupa! Em seguida, fizemos, pelo vídeo, um apelo a David Nasser: que ele publicasse na revista “O Cruzeiro” o laudo dos peritos de São Paulo, a fim de que os leitores,

---

<sup>29</sup> Infelizmente a fita magnética que continha a gravação do nosso segundo programa foi roubada de dentro do carro de Irineu Alves, em São Paulo. A fita e o gravador!

de todo o Brasil pudessem averiguar com quem estava a razão: com os repórteres e Éboli ou com Carlos Petit e os médicos. Evidentemente, esse apelo não encontrou eco na revista...

No meio do programa, Carlos Pallut avisou-nos que a TV acabara de receber um telefonema dos repórteres de “O Cruzeiro”: já estavam eles a caminho dos estúdios para um debate conosco.

Quinze ou vinte minutos depois, chegou ao estúdio, onde nos encontrávamos, o perito Carlos Éboli. De interessante, disse apenas que não entrara nas reportagens de “O Cruzeiro” como inocente ou ingênuo, “como o sr. Rizzini quer fazer crer ao tele-espectador”. Que entrara conscientemente — frisou.

Esperamos os repórteres durante quarenta minutos — mas, não vieram. E Carlos Pallut, à meia-noite, encerrou o programa.

A saída dos estúdios, tive um pressentimento: e pedi a um rapaz espírita, até então meu desconhecido e que fora à TV para cumprimentar-nos, que fosse à entrada do prédio.

— Tenho a impressão de que os repórteres estão nos esperando, lá fora: na rua...

O rapaz foi e voltou:

— É verdade: eles estão na porta, esperando vocês. Soube, também, que Carlos Éboli chegou à TV, juntamente com eles...

Chamei Pallut e comuniquéi o fato — e saímos todos juntos. No meio dos repórteres, estava um indivíduo de dois metros de altura, em mangas de camisa... Ao ver-nos, vieram eles ao nosso encontro e, à porta da televisão, teve início uma discussão. O indivíduo de dois metros, olhando-me, encostou-se ao muro, próximo de mim...

Lembro-me de que o repórter Jorge Audi disse (e todos ouviram, perfeitamente): — Se eu encontrar de novo a médium Otília, não vou rasgar-lhe a roupa; vou rasgar é o corpo! Só entrei nessa desgraça por causa do Zé Franco!

Felizmente além da discussão, não houve agressão física. E, em plena rua, de madrugada, foi marca da data para um debate entre nós e os repórteres. E escapamos dali... Data marcada: 15 de fevereiro na própria TV-Continental.

No dia seguinte (de acordo com a informação que nos deu Carlos Éboli) seguiram os repórteres da Guanabara para Belo Horizonte a fim de se apresentarem diante das câmeras da Televisão Itacolomy. Objetivo: arrasar a médium Otília Diogo e os dezenove médicos... E, em São Paulo, haviam dito que “sua única tribuna era O Cruzeiro ...”

Nós já tínhamos, também, passagem de avião para Belo Horizonte, pois Wanda Marlene, por telefone confirmara a ida dos repórteres e de Carlos

Éboli à capital mineira. Mas, desistimos da viagem, em vista da atitude hostil dos jornalistas na da Continental. Essa atitude, aliás, foi também comentada por uma outra televisão, a TV Tupi, da Guanabara, em um programa no qual se apresentaram os repórteres e Carlos Éboli. Eles negaram, então, que pretendessem agredir-nos; mas... e o indivíduo de dois metros, que os acompanhava? E por que ficaram os repórteres na rua, ao invés entrarem no estúdio?...

À última hora, porém, resolvi embarcar de avião para Belo Horizonte. Acompanhou-me Irineu Alves. Foi uma viagem tumultuada: apanhou-nos uma tempestade no meio do caminho e, por um instante, o motor do avião deixou de funcionar... Muitos passageiros rezaram... inclusive, nós ...

Em Belo Horizonte, dirigimo-nos à casa da sra. Maria Filomena Peruto, presidente da União Espírita Mineira. E, ali, assistimos, ao lado de Noraldino de Mello Castro, ao programa dos repórteres na TV Itacolomy. Wanda Marlene insistia para que fôssemos à TV com ela, discutir com os repórteres. Foi providencial minha recusa: não estávamos preparados para rebater o repórter Nilo de Oliveira, que denunciou, com “documentos”, o passado de dona Otília Diogo; assunto que seria explorado na próxima reportagem da revista “O Cruzeiro”!

Não fomos, nessa noite, à TV, mas, na noite seguinte, junto com Vanda Marlene comparecemos ao canal 12, rival da Itacolomy, e fizemos um programa de trinta minutos ao lado de Razuk: e mostramos, com veemência, ao povo de Belo Horizonte, toda a nossa documentação que desmoralizava as reportagens. E Wanda Marlene, vinte quatro horas, depois, solidificando nosso programa, fez publicar, na “Folha de Minas” o laudo pericial de Carlos Petit. Essa publicação foi paga por alguns espíritas de Belo Horizonte.

Quando fazíamos esse programa na capital mineira, já os repórteres e Carlos Éboli se encontravam de novo na Guanabara, na TV Tupi, fazendo um outro que, felizmente, foi retransmitido para Belo Horizonte; nesse programa, houve um fato que devemos registrar: de súbito, entrou no estúdio um jovem espírita (sr. Elpídio Cardoso) que se apresentou como “representante do sr. Jorge Rizzini” e... confundiu os repórteres! O programa com a chegada do sr. Elpídio Cardoso ficou tumultuado: os repórteres tornaram-se exaltados, agressivos e, no dia seguinte, comentava o “Correio da Manhã” em sua famosa coluna “Bom dia Rio”:

“Ontem, na TV-Tupi, repórteres de uma revista semanal falaram da desmoralizada materialização de Uberaba. No meio do programa, um moço humilde, de Brasília, apareceu, entrou na conversa, e fez-se o diálogo. Não demorou muito, o negócio quase descamba para a violência” ...

Realmente, a campanha de “O Cruzeiro” contra o Espiritismo, simbolizado na experimentação de Uberaba, estava tomando um aspecto que absolu-

tamente não nos interessava. Até o passado de dona Otília Diogo os repórteres de “O Cruzeiro” botaram à tona, falseando a verdade: afirmaram que ela viera da... zona do meretrício! Quanto aos médicos, foram classificados de “inconscientes, desonestos, petulantes, incoseqüentes, mistificadores, embusteiros, farsantes, escroques e... gangsters”! Quanto a mim e Luciano dos Anjos, o repórter Mário de Moraes intitulou-nos de... “os dois sujeitinhos da TV”.

Tudo isso, porém, nada mais era que o desespero dos repórteres e da revista diante da defesa que estávamos fazendo da Verdade, em vários Estados. Baseados na mentira e não tendo eles o mais leve resquício de espiritualidade na alma, descambaram cedo para as ofensas de baixo calão — o que, aliás, serviu apenas para desmoralizá-los, ainda mais, perante a opinião pública de todo o país.

Devido a esse programa no canal 12 e, principalmente, por defender a materialização de Uberaba, Wanda Marlene foi ameaçada de perder seu emprego na TV Itacolomy, dos “Diários Associados”, onde trabalha como brilhante tele-atriz.

Mas, isso não impediu que continuasse ela na boa luta...

## XI

### O DESMASCARAMENTO DOS REPÓRTERES NA TV-CONTINENTAL DO RIO

O encontro na Guanabara frente às câmeras de TV com os repórteres estava marcado para o dia 15 de fevereiro — primeiro sábado após o carnaval. Nesse dia, à tarde, embarquei de avião mais uma vez para o Rio de Janeiro, levando em minha companhia o psiquiatra Alberto Calvo, da equipe de médicos que atua em Uberaba. Seria ele o nosso “coringa”, que até então os médicos não haviam tido oportunidade de se defrontarem com os repórteres...

Em São Paulo, ficaram Nedyr Mendes Rocha, Irineu Alves, Edílio Monteiro da Silva e Henrique Oliveira todos fazendo pesquisas em Campinas, Itú e Cosmópolis, nas ruas e conventos, sobre a vida de Irmã Josefa e o passado de Otília Diogo a fim de que pudéssemos, durante os debates, rechaçar com novos documentos a revista “O Cruzeiro”. Nedyr, Irineu e Henrique se encontrariam conosco, à noite nos estúdios da televisão, quando então nos entregariam o resultado das pesquisas.

O programa seria na TV-Continental, mas isso não impediu que a rádio e a TV Tupi, ambas dos “Diários Associados” anunciassem constantemente o debate, frisando que os repórteres de “O Cruzeiro” iriam apresentar no programa uma “bomba” que “liquidaria o assunto”...

Estávamos preocupados com o comunicado: que “bomba” seria essa?

Porventura, iriam os repórteres levar ao estúdio a sra. Maria Luiza Rodrigues, que eles garantiam ser mãe de dona Otília Diogo? Ou levariam a madre superiora do convento onde vivera durante algum tempo Irmã Josefa?

Em se tratando de repórteres, em tudo era lícito pensar. De qualquer forma, também nós iríamos levar ao estúdio uma bomba: o dr. Alberto Calvo, que eu, intuitivamente, trouxera de São Paulo. Quando o vissem, os repórteres levariam um choque, pois Alberto Calvo participara da famosa experimentação de Uberaba que eles, depois, transformaram em farsa...

Já a caminho da TV Continental, Luciano dos Anjos teve uma idéia que me pareceu inspirada. Disse, então, a Alberto Calvo:

— Convém você ficar, durante os debates, dentro de meu carro. Ou em uma sala da TV, escondido. No momento exato, oportuno, nós mandaremos chamá-lo ao estúdio.

Quando Wando Vieira, eu, Luciano dos Anjos e sua esposa chegamos à TV, já Nedyr Mendes Rocha, Irineu Alves e Henrique Oliveira nos aguardavam com novos e preciosos documentos, que iriam desmoralizar a reportagem



de “O Cruzeiro” sobre o passado “indigno” de Otília Diogo... Magnífico trabalho, o desses rapazes!

O estúdio, onde seria realizado o debate, estava lotado. No centro, viam-se dois tablados, um frente ao outro. A equipe de “O Cruzeiro” já se encontrava acomodada em um deles. Quando entramos no estúdio, certamente houve um contraste chocante e até mesmo ridículo: nós dois contra Mário de Moraes, Nilo de Oliveira, Jorge Audi, Kosciski (representante da Direção de “O Cruzeiro”), Carlo Éboli, perito criminal, e o prof. Sílvio Lago. Seis homens contra dois... Mas, o mundo espiritual não nos abandonava, um só instante: a “bomba” que os repórteres haviam trazido para os debates era o prof. Sílvio Lago, parapsicólogo, que só poderia falar de uma sessão, única e exclusivamente, a que assistira na cidade de Andradas... e da qual (coincidência maravilhosa!) eu também participara! Fiquei, pois, durante os debates, atento principalmente aos apartes e depoimentos dele. Só eu poderia neutralizá-lo, se fugisse à verdade.

O debate, que na noite seguinte seria novamente apresentado pela televisão, através do “vídeo-tape”, teve a duração de três horas consecutivas e foi gravado por nós. Serviu de mediador Carlos Pallut, mas nem sempre pôde ele impedir que a numerosa equipe de “O Cruzeiro” promovesse tumultos, velha técnica já bastante conhecida para impedir que a Verdade se manifeste, límpida e integral. Essa técnica também foi empregada pelo perito Carlos Éboli.

Lendo, agora, com atenção, os debates, o leitor verificará que os srs. repórteres e, inclusive, o perito criminal Carlos Éboli, durante quase o tempo todo fugiram ao tema central, isto é: a experimentação de Uberaba, propriamente dita! Perdiam-se em detalhes paralelos, sem importância, e quando se firmavam em um ponto, logo se entregavam aos nossos argumentos “escapando rapidamente para outro assunto”... Não obstante, o “policiamento” de Carlos Pallut e de seus auxiliares Renato Dantas e Peres Júnior, ambos repórteres da TV Continental.

Ouçamos os debates:

Carlos Pallut — Começando o programa de hoje, quero dizer que, quando “O Cruzeiro” publicou uma reportagem cedemos espaço para que o jornalista Jorge Rizzini e o seu colega Luciano dos Anjos chegassem diante de nossas câmeras e dissessem o que bem entendessem sem cobrar um tostão porque nosso programa é jornalístico, não é patrocinado, não tem cobertura de espécie alguma: é um programa livre. E justamente por ser um programa livre é que hoje estamos reunindo aqui profissionais da maior importância, do maior gabarito. E é justamente por isso que estão aqui diante das câmeras (os senhores vão ver) a equipe de “O Cruzeiro”, o mesmo Jorge Rizzini e o mesmo Luciano dos Anjos para mostrar com quem está a verdade. Dito isto, desafio quem

prove o contrário de que aqui alguém recebeu um tostão, algum dinheiro para realizar qualquer cobertura a respeito do tema “materialização”. Isso é bom no intróito que diga, que se faça, que se insista; e é por isso que e acredito que se tenha a presença de alguns bons colegas diante das nossas câmeras dentro de mais, alguns instantes. O programa vai ter início! Estamos divididos: os senhores vão ver, de um lado, a equipe de “O Cruzeiro”, do outro, a equipe do Rizzini. Peres Júnior para a apresentação da equipe de “O Cruzeiro”!

**Peres Júnior** — Boa noite, senhoras e senhores. Nós temos aqui ao meu lado Mário de Moraes, repórter bastante credenciado de “O Cruzeiro”; Jorge Audi, um dos participantes também da cobertura de “O Cruzeiro” sobre materialização; Nilo de Oliveira, velho e experimentado profissional; temos Kosiski de Cavalcante, que aqui está representando inclusive a Direção de “O Cruzeiro”; e, finalmente, o sr. Carlos Éboli, que dispensa maiores apresentações, uma vez que Sua atuação como perito criminal é bastante conhecida e seu nome tem larga projeção até mesmo internacional pela lisura com que se tem mantido em seus laudos. Essa, a equipe de “O Cruzeiro”, lado antagonico ao do meu companheiro Renato...

**Carlos Pallut** — Renato Dantas, que vai fazer a apresentação da equipe de Jorge Rizzini!

**Renato Dantas** — Jorge Rizzini, escritor e ex-chefe de reportagem da revista “Edição Extra”, de São Paulo; ao seu lado, Luciano dos Anjos, membro do Conselho Superior da Federação Espírita, que vem aqui defender a autenticidade dos fenômenos de Uberaba.

**Carlos Pallut** — Estamos, portanto, no centro; no centro, como os senhores telespectadores vão se encontrar, daqui por diante, para um debate. A bem da verdade, — diga-se de passagem, no último programa recebi um telefone atendido pelo Renato Dantas, que aqui viria a equipe de “O Cruzeiro”: e a equipe de “O Cruzeiro” veio! Acontece que o programa já estava fora do ar; então, marcamos para hoje um encontro e para aqueles que acreditam no Espiritismo e acreditam no êxito deste debate podem estar certos de uma coisa: de lado a lado não existiram os fujões. Estão ambos defronte das câmeras da televisão Continental! Poderiam estar naquele sábado, se não tivéssemos encerrado por outro compromisso. Eles estão aqui! Portanto, a equipe de “O Cruzeiro” tem até às 23 horas ou mais tempo para discorrer, para usar o canal 9 no que bem desejar porque nós temos tempo para isso. Mário de Moraes...

**Mário de Moraes** — Pois não. Antes de mais nada, eu quero dar meu boa noite aos telespectadores, para toda a equipe aqui do Pallut e a dos nossos opositores. O que eu queria, antes de mais nada, para que o telespectador fique sabendo, é que por duas vezes nós aqui fomos atacados, duramente, inclusive, nominalmente atacados por dois rapazes que aqui estão e que (isso é bom que

se diga para que o telespectador de início fique sabendo) não estavam na sessão que nós assistimos em Uberaba e sobre a qual e só sobre esta eu falarei. É preciso que os telespectadores fiquem sabendo, que os dois moços que nos acusaram aqui “não estavam presentes na sessão que nós assistimos em Uberaba” e, no entanto, nos acusaram frontalmente, nominalmente, mostraram provas materiais de coisas aqui na base do ouvi dizer e me contaram”... Se aqui viemos, foi para atender ao gentil convite de Pallut e sua equipe e para dar uma satisfação ao telespectador; porque este, sim, merece uma satisfação. Agora, eu devo dizer, o seguinte: na primeira vez que fomos atacados, estávamos em São Paulo para um programa que acabou não sendo realizado; na segunda, tínhamos sido convidados para um programa em Belo Horizonte, do qual foram participantes o dr. Carlos Éboli e o Nilo de Oliveira, porque eu e o Jorge Audi estávamos no Estado do Rio tratando do “caso Helena Amoroso”; programa esse em Belo Horizonte, ao qual, embora convidados, embora desafiantes, esses dois moços não compareceram: alegaram lá um impedimento qualquer.<sup>30</sup> Muito bem; mesmo da primeira vez era completamente impossível, mas na segunda, o Jorge Audi fazendo malabarismos em seu volante a 120 tentamos alcançar aqui a estação, mas chegamos, infelizmente, como o Pallut já disse, terminado o programa. O dr. Carlos Éboli ainda chegou a tempo porque mora mais perto; infelizmente, sou suburbano. Chegamos aqui, não deu: então ficou marcado para hoje.<sup>31</sup> Agora, de antemão quero dizer o seguinte: o primeiro contato que tive com esses dois rapazes foi nesse dia na porta da televisão: eu estou sabendo o nome deles por inteiro através das notícias que saem nos jornais e do que tem sido dito aqui; inclusive, gostaria de iniciar pedindo ao Pallut que me apresentasse os meus opositores porque eu os não conheço.

**Carlos Pallut** — Pois não. Eu vou fazer a apresentação pedindo câmeras inclusive para que se faça essa apresentação. Jorge Rizzini...

**Mário de Moraes** — Muito prazer...

**Carlos Pallut** —... vai ser mostrado agora ...

**Mário de Moraes** — O Rizzini é que é o ...

**Carlos Pallut** — Jorge Rizzini...

**Mário de Moraes** — ... é o sobrinho do Secretário de Educação lá de São Paulo, não é isso?

---

<sup>30</sup> Não é verdade. Nós os desafiamos para um debate no Rio, não em Belo Horizonte.

<sup>31</sup> Também não é verdade: a equipe de “O Cruzeiro chegou bem antes de haver terminado o nosso programa; chegou e ficou à porta da TV para um “debate na rua”... quando saíssemos dos estúdios. Temos testemunhas do fato.

**Carlos Pallut** — Perfeito.

**Luciano dos Anjos** — Eu devo dizer de minha parte que tenho muito prazer em conhecê-lo.

**Mário de Moraes** — Eu da mesma forma.

**Carlos Pallut** — Esse é o Luciano; não chegamos ainda nele. Esse é o Jorge Rizzini, que aqui compareceu...

**Luciano dos Anjos** — O nosso encontro já poderia ter se efetuado se na primeira vez que os convidamos para um debate os senhores tivessem aceitado; mas, publicaram uma nota no jornal, se furtando a esse encontro; não importa! Hoje, temos o prazer de encontrá-los. É uma satisfação conhecê-los.

**Carlos Pallut** — Esse é o Luciano dos Anjos; e o Jorge Rizzini. Estão identificados?

**Mário de Moraes** — Perfeitamente.

**Carlos Pallut** — Aquele lá é Jorge Audi, o Nilo, o Kosinski e o sr. Carlos Éboli que aqui já compareceu da outra vez. Então, o tempo inicial é da equipe de “O Cruzeiro”: Moraes, o Jorge ou o Nilo.

**Jorge Audi** — Eu gostaria de iniciar perguntando primeiro se o Jorge Rizzini sabe se dona Otilia Diogo é filha da Irmã Josefa que ela materializa e se as experimentações de Uberaba são de cunho puramente científico ou de cunho religioso.

**Jorge Rizzini** — Eu posso esclarecer, antes de tudo... Qual foi a primeira pergunta?

**Jorge Audi** — Se a médium Otilia Diogo...

**Jorge Rizzini** — Perfeitamente! Eu creio que a resposta mais veemente, a que fala mais alto, é a prova visual! A fotografia que vocês publicaram na revista, da Irmã Josefa, mostra perfeitamente os traços morfológicos da dona Otilia: é a foto de Irmã Josefa em vida! Aliás, é um trabalho que agradecemos a vocês (aliás, um trabalho que vocês fizeram inconscientemente) e que esclarece muito bem esse ponto que responde à sua pergunta; poderíamos, agora, mostrar às câmeras a Irmã Josefa em vida. (depois vocês poderão, evidentemente, rebater)...

*A foto de Irmã Josefa é mostrada no vídeo.*

**Jorge Rizzini** —... o próprio telespectador certamente já viu, já examinou essa fotografia, já chegou à mesma conclusão. É impressionante a semelhança entre Irmã Josefa viva e dona Otilia Diogo. Agora, quanto à documentação procurada em conventos, em ordens religiosas, como o Jorge Audi deve saber, essa documentação é muito falha! Nós também estivemos em Itú (ouviu,

Audi?) também estivemos em Campinas e verificamos que até parte do arquivo não existe! Agora, a própria foto mostra a semelhança; é visível, até chega a ser contundente!

**Luciano dos Anjos** — Se me permitem um aparte... Dão licença...

**Nilo de Oliveira** — Pois não...

**Luciano dos Anjos** — Eu julguei que meus colegas fossem falar durante um determinado período e depois nós outros falaríamos... Mas, como já foi iniciado o debate...

**Carlos Pallut** — Não foi iniciado o debate. Esse tempo pertence à equipe da revista “O Cruzeiro” e eles estão formulando perguntas a vocês, como...

**Luciano dos Anjos** — Se permitem, eu quero dar um esclarecimento a propósito dessa fotografia...

**Nilo de Oliveira** — Eu pediria que fosse rápido para que não nos roubasse tempo.

**Luciano dos Anjos** — Pois não. É apenas uma vez mais para estranhar determinadas atitudes dos nossos companheiros. Há certas coisas estranhas, que ocorrem nas reportagens de vocês. E nós veremos isso durante o desenrolar deste debate.

**Nilo de Oliveira** — Perfeito.

**Luciano dos Anjos** — Mas, esta, por exemplo, é muito estranha: um sem número de exemplares de “O Cruzeiro” roda e vai ao leitor com uma seta em baixo indicando quem seja Irmã Josefa.

*A foto mostrando um grupo de freiras, com Irmã Josefa no centro, é apresentada.*

**Luciano dos Anjos** — Aqui está a setinha... Um imenso número de outros exemplares já não mostra mais a setinha. Parece que tiraram a setinha ou que colocaram a setinha depois... É muito estranho, que depois que uma revista, está rodando, de repente surja um detalhe de tipografia, de oficina colocado à posteriori... Não sei o que possa significar, honestamente... Mas, é bem estranhável!

*Rumor entre os repórteres.*

**Kosinski** — O senhor poderia dar uma sugestão para explicar isso? A que o senhor atribui isso?

**Luciano dos Anjos** — Eu não atribuo a coisa nenhuma, eu apenas estranho!

**Kosinski** — O senhor está insinuando alguma coisa... Eu queria saber o quê.

**Luciano dos Anjos** — Gostaria, eu, sim, de saber porquê!

**Mário de Moraes** — Você não conhece como se imprime uma revista,

entende?

**Kosinski** — Espera aí, Mário...

**Luciano dos Anjos** — Eu devo dizer ao meu nobre colega que iniciei como repórter e acabei como sub-secretário, fechando jornal em oficina.

**Mário de Moraes** — Então, você já devia ter entendido isso aqui.

**Luciano dos Anjos** — ... durante muitos anos; inclusive, galvanoplastia... Fiz isso muito. Rodei muita revista nesse mesmo gênero, com cilindro de zinco, película com... Isso é coisa conhecida! Foram muitos anos; mas, isso não vem ao caso...

**Jorge Audi** — Não vamos perder o raciocínio, ouviu Luciano? Primeiro, eu gostaria de dizer ao Rizzini...

**Jorge Rizzini** — A outra pergunta que me tinha feito... me fez duas perguntas, eu só respondi uma!

**Jorge Audi** — Não vamos nos perder, senão estabelece confusão... Primeiro eu gostaria de dizer ao Rizzini, que não agradecesse, não! Não agradecesse, porque esse detalhe lhe vai ser agora mesmo esclarecido aqui pelos companheiros Nilo de Oliveira e...

**Jorge Rizzini** — Pois não.

**Jorge Audi** — Então, a médium Otília Diogo é filha da Irmã Josefa?

**Luciano dos Anjos** — Sem dúvida! É a informação que a entidade materializada nos transmite.

**Jorge Audi** — Perfeito. Então, eu gostaria...

**Jorge Rizzini** — Audi, se me permite responder à outra pergunta: se tinha caráter religioso...

**Jorge Audi** — Religioso ou científico!

**Jorge Rizzini** — É evidente que o caráter é científico! Estão lá dezenove médicos, toda uma equipe reunida, evidentemente para constatar os fenômenos chamados de “efeitos físicos”, os fenômenos de ectoplasmia. E, evidentemente, são trabalhos rigorosamente científicos!

**Jorge Audi** — Perfeito.

**Jorge Rizzini** — Vocês estiveram lá, constataram a aparelhagem, balanças, barômetros, termômetros, etc., que dão a prova evidente de que se trata de trabalhos científicos! Não religiosos. Agora, por que Chico Xavier está lá? Simplesmente porque os trabalhos são realizados no consultório do dr. Waldo Vieira, que fica nas proximidades ...

**Mário de Moraes** — Na casa!

**Jorge Audi** — Na casa!

**Mário de Moraes** — Na sala da frente.

**Jorge Rizzini** — Onde Waldo Vieira...

*Tumulto.*

**Jorge Rizzini** — Onde Waldo Vieira...

*Tumulto.*

**Jorge Rizzini** — ...onde Waldo Vieira, perdão, onde Waldo Vieira recebe diariamente centenas e centenas de criaturas que vão consultá-lo!

**Jorge Audi** — Agora, Rizzini, você me permite...

**Nilo de Oliveira** — Rizzini, eu quero informar a você, que nós, de “O Cruzeiro”, não fazemos nada inconscientes. Nós publicamos a fotografia (foto de Irmã Josefa quando viva) porque deveríamos publicá-la.

**Jorge Rizzini** — Eu agradeço!

**Nilo de Oliveira** — Era a fotografia de Irmã Josefa...

**Jorge Rizzini** — Então, eu agradeço duas vezes!

**Nilo de Oliveira** — Agora, eu peço a você que não abuse, não zombe da inteligência do telespectador indo buscar caracteres morfológicos em uma fotografia de dezoito anos. Tem ali a fotografia da “mãe” de Otília Diogo os mesmos caracteres morfológicos; tem as das irmãs ...

**Luciano dos Anjos** — Eu contestaria!

**Nilo de Oliveira** — Agora, nós não devemos nos demorar nessa discussão, que é uma discussão...

**Jorge Rizzini** — Mãe de criação!

**Nilo de Oliveira** — Nós, se fôssemos nos deter nas minúcias desse problema, nós não esclareceremos ao telespectador...

**Luciano dos Anjos** — A boca é inteiramente diferente...

**Mário de Moraes** — Para atacar, vocês têm primeiro de ouvir!

**Nilo de Oliveira** — Nós temos primeiramente de analisar o problema com maior amplitude, não podemos nos deter em minúcias, em caracteres morfológicos, em setas que indicam freiras... Existem milhões de telespectadores no programa do Pallut esperando que nós esclareçamos esse problema. Primeiro, eu quero esclarecer a vocês, que eu...

**Luciano dos Anjos** — Permite dizer que a sua foi a palavra mais ponderada, por enquanto...

**Nilo de Oliveira** — Eu peço... que o senhor não me interrompa! E de início, eu desejo fazer um depoimento. Dentre centenas de cartas, centenas de telegramas e testemunhos pessoais, eu procurei o testemunho de uma grande autoridade em parapsicologia — e por que não dizer, em metapsíquica? — para vir a este programa porque assistiu o programa de Uberaba;<sup>32</sup> assistiu uma sessão em Andradas. Vou dizer mais: em Andradas, as fotografias distribuídas no centro não tinham o véu cobrindo. Tenham a bondade: querem focalizar esta fotografia? Não tinham o véu. A gente é mais simples, a gente é mais crédula, não havia necessidade de véu. Isso, em Andradas. O véu, na Irmã Josefa, só começou a aparecer depois; depois, que começou gente mais arguta

---

<sup>32</sup> Inexato. O Prof. Sílvio Lago jamais participou de uma sessão com a médium Otília em Uberaba.

a assistir essas sessões. Então, eu digo a vocês, o seguinte: eu tenho prova de que a Irmã Josefa era uma espécie de estafeta entre este mundo e o outro; nessa sua missão, ela cobrava taxa, ela cobrava taxa daqueles que estavam desesperados à procura de uma mensagem de alguém querido que houvessem perdido. Então, há um caso no Rio de Janeiro, de uma alta personalidade, uma pessoa da alta sociedade que foi à Uberaba: perdeu um filho, essa pessoa foi a Andradas. Chegou a Andradas, a Irmã Josefa disse a ela: “Venha, eu vou consultar os espíritos e trarei uma mensagem do seu filho”. Nessa oportunidade, ele pagou a taxa, pagou cinco mil cruzeiros e mais três mil cruzeiros e...

**Jorge Rizzini** — Você me permite um parêntese? Eu estava presente nessa sessão, juntamente com o parapsicólogo dr. Lago, que está aqui também presente no estúdio.

**Nilo de Oliveira** — Eu trouxe...

**Jorge Rizzini** — E eu conversei com esse senhor, que é um industrial, aqui no Rio, juntamente com o sr. Sílvio Lago que vai dar seu testemunho porque é um homem que... que luta pela verdade, também. E ele viu que nós dissemos (viu e ouviu) que esse senhor devia procurar a comunicação com o seu filho morto não com a Irmã Josefa...

**Nilo de Oliveira** — Rizzini... Se você vai me interromper...

**Jorge Rizzini** — e sim em Uberaba!

**Nilo de Oliveira** —... se me vai interromper... Esse senhor consultou antes a Irmã Josefa. A Irmã disse: “Volte ao Rio, que quando eu receber ordem do astral eu trarei a mensagem de seu filho”. E ele voltou. E aqui recebeu uma telefonema do sr. Antenor Risso, presidente do centro, que disse: “Houve a ordem do astral. Você venha, que vai receber a mensagem de seu filho”. Então, ela se julgou capaz; ela, Irmã Josefa, a falsa Irmã Josefa se julgou capaz de trazer a mensagem. Eu estou discutindo Irmã Josefa. Eu não estou discutindo a tua personalidade, a personalidade do teu companheiro. Eu estou discutindo, e quero discutir, a Irmã Josefa; não quero discutir problema de materialização. Quero da materialização de Uberaba. Então, eu trouxe aqui o prof. Sílvio Lago, que é professor adjunto da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro; é membro da American Society for Physical Research; é membro correspondente da Sociedade Italiana de Parapsicologia de Roma; regressou de viagem, da Europa, tendo visitado os principais centros parapsicológicos do mundo, inclusive a Universidade de Utrecht, onde existe uma das maiores cátedras do mundo regida pelo prof. Bernaief. Pois bem! Esse senhor, com essa autoridade toda, assistiu, e eu vou ceder o meu lugar no debate ao dr. Sílvio Lago, porque ele chegou à conclusão que nós da equipe de “O Cruzeiro” chegamos. É fato. Agora, eu digo mais uma coisa a você, Rizzini, com todo respeito que eu tenho pelos senhores: eu quando afirmo é farsa, naturalmente eu estou afir-



mando que há farsantes porque não há causa sem efeito. Se há farsa, há farsante. Até agora, nós não conseguimos, ainda, com exceção dum senhor que não está aqui presente, e que foi falso comigo, nós não conseguimos localizar, precisar quem são os farsantes. Há farsa e há farsantes. Porque não há causa sem efeito. Pois bem. Logo que nós precisarmos aonde se empatava esse dinheiro que era colhido nessas sessões (que o dr. Sílvio Lago é testemunha que era colhido) nós denunciaremos. Agora, nós denunciaremos com prova! Porque eu sou inimigo de atirar lama em alguém, sem que eu passa ter a certeza de que eu estou atirando no devido tempo. E eu vou ceder o meu tempo ao dr. Sílvio Lago para que ele faça uma explanação do problema de Uberaba.

**Jorge Audi** — Um momentinho. Eu gostaria, Nilo, antes de você ceder a palavra ao dr. Sílvio Lago, de completar aquela resposta da pergunta que eu fiz ao Jorge Rizzini. Eu gostaria que o dr. Carlos Éboli mostrasse agora aos tele—espectadores a impossibilidade...

**Carlos Éboli** — Senhores telespectadores, muito boa noite. Realmente, este é um ponto que procurei que sempre se fixasse com absoluta segurança porque me parece uma coisa muito séria. Desde que Otília afirmava que era filha de Irmã Josefa, nós começamos a consultar os elementos de ordem cronológica. Otília nasceu no dia onze do dois de 1927, e Irmã Josefa em catorze do seis de 1874. Segundo esses dados, Irmã Josefa teria concebido Otília aos cinquenta e três anos de idade. Hoje, eu tive uma longa palestra com um homem, cuja respeitabilidade é do mais elevado nível desta cidade, homem conhecido porque é o diretor da Faculdade de Direito, dr. Helio Gomes, médico e advogado e professor de medicina legal. Disse-me o dr. Hélio Gomes, que nesta idade a mulher está na fase da esterilidade fisiológica. Acredita ele que a medicina não tenha consignado mais que dois ou três casos de mulher que tenha concebido com 53 ou 54 anos; de qualquer forma, ainda que se admita como um fenômeno uma mulher conceber alguém, sobretudo sendo primípara, portanto parido pela primeira vez, não se compreenda que esta mulher tenha um parto normal: teria que ter um parto cirúrgico e, convenhamos, que um parto cirúrgico numa freira, numa cidade pequena, não poderia de nenhuma forma passar despercebido. De modo que, realmente, se Irmã Josefa é mãe de Otília — aqueles que isto afirmam terão de demonstrar aonde ela concebeu Otília e quem foi o médico que atendeu. Se não fizerem isto, a maternidade não estará de nenhuma forma provada. Ademais, essa maternidade está sendo disputada, porque aquela que se diz mãe de Otília reclama a maternidade. De modo que seria muito interessante que Otília fosse defrontada com ela para ver se realmente Otília tem coragem de diante de sua própria mãe negar a sua mãe. Esse é um fato que eu considero, não só do ponto de vista humano, como também do ponto de vista científico, de suma importância nesse caso. Eu não quero ocupar mais o tempo porque o

depoimento do dr. Lago é também muito importante.

**Sílvio Lago** — Meus amigos, aqui está um estudioso da parapsicologia sem maiores pretensões do que procurar a verdade. O homem não foi feito para obtê-la, disse Claude Bernard; nós estamos procurando a verdade. Nessa busca, são trinta e poucos anos de estudo e de observações. Aqui, no Brasil, ninguém pode falar, propriamente, de experimentação parapsicológica porque estamos destituídos de entidades oficiais, oficiosas, aparelhadas, equipadas para um estudo científico, objetivo, fora de injunções filosóficas, religiosas. Eu fui convidado por um jornalista (eu não estou autorizado a declinar aqui o nome do meu amigo) para acompanhá-lo a Andradas. Porque, dizia, lhe tinha sido assegurado que ele teria uma mensagem e, quiçá, talvez, coisa mais objetiva em referência, em relação a um seu filho falecido, tragicamente. Aliás, meu cliente, desde a mais tenra idade.... Eu, embora já tivesse me externado sobre o assunto, ouvido pela “Fatos e Fotos”, eu declarei que em tese admitia a existência dos fenômenos parapsicológicos, sobretudo materialização, mas, que era necessária uma extrema cautela porque a fraude realmente campeia e campeava e sempre campeou nesses setores. Mas, me moveu a divulgação dessas notícias, porque achava que a parapsicologia, de alguma maneira, devia ser posta em pauta, dada a sua importância, a sua projeção internacional e dado um certo obscurantismo reinante entre nós, aqui sobretudo nos meios científicos. De modo que aqui vim hoje dizer alguma coisa sobre a minha impressão. Eu aqui vim (e me lembrou a posição do advogado do diabo, autoridade eclesiástica que examina o passado de uma pessoa que a Igreja pensa fazer santificada e que tudo emprega no sentido de ver os lados negativos. Íntimamente, ele está desejando sempre, cada vez mais, que seus argumentos sejam destruídos porque iria ser mais um santo no calendário); entretanto, como advogado do diabo, aqui estou para dizer do meu desapontamento total frente a este caso. Ninguém mais propenso do que eu a incluir em meu exíguo arquivo de materialização, de efeitos físicos, mais este caso que seria realmente espantoso, sem precedente, a meu ver, na literatura parapsicológica. De modo que, não tendo sido convidado, não sabendo mesmo das experiências realizadas em Uberaba, eu aquiesci ao convite a, esse convite do meu amigo e lá compareci no centro. E uma associação religiosa, onde cinquenta ou sessenta pessoas estavam nos lugares previamente designados, num ambiente religioso, sem a menor fiscalização. Eu, quando esbocei com o presidente do centro, o desejo de verificar alguma coisa, embora me recebesse muito bem a princípio, inexplicavelmente depois que alguns dos presentes certificaram nenhum intuito de fiscalizar, na medida do possível é claro, êle passou a adotar uma atitude de franca hostilidade e, se eu não fosse tolerante, e se não tivesse mesmo o objetivo de presenciar, a fenomenologia para ter uma impressão, eu teria me

retirado, tal a grosseria que ele usou. Eu não compreendi, a princípio, o fenômeno, mas, depois, eu cheguei à conclusão de que, realmente, terceiros (eu não sei se pela concorrência, ou temendo talvez uma interferência pessoal, talvez de conseqüências mais negativas) tivessem interesse, como disse, em obstar a minha presença e minha assistência aos fenômenos. O fato é que, quando os fenômenos passaram a se desenrolar, sem a menor possibilidade de fiscalização (o ambiente mesmo não se prestaria para tal; eram três compartimentos, uma espécie de palco tripartido em que a médium participava da parte central e os auxiliares nas laterais com a cortina e o comutador da luz); de maneira que, logo após uns trinta e poucos minutos, apareceram as entidades. Apareceu a primeira entidade: Irmã Josefa. Era pasmosa a objetividade da entidade (grifado). Eu nunca vi em toda literatura compulsada cuidadosamente, uma tangibilidade, uma objetividade, um desembaraço, uma entidade formada com tanta e tamanha perfeição, fotografada assim. Nem o próprio Crookes, acredito, obteve fenômenos desse tipo nas descrições que faz. Expõem-se diversas vezes ao próprio flash e poucos minutos depois o aparecimento de outra entidade, completamente diferente; do sexo masculino, apesar de evidentemente portadora de glândulas mamárias bilaterais, bem exuberantes, e com soutien, fato este comprovado por pessoas que estavam ao meu lado. A fotografia, aliás, não oferece dúvidas. E, o mais interessante, é que os quesitos formulados ao perito de São Paulo não fazem essa pergunta: “Terá o perito verificado a existência de glândulas mamárias, etc.”, como foi demonstrado exuberantemente pelo “O Cruzeiro”. Ora, isto vem corroborar a minha clara impressão de que a entidade do dr. Veloso, já pelas características morfológicas, era absolutamente a mesma pessoa. A presença física de Otília é uma constante, não faltava nada a Otília, — a não ser além daqueles travestis, era Otília, a voz de Otília, o tipo de Otília, presente. Agora, um fato absolutamente importante, também, é o seguinte: depois de realizada a sessão em que duas outras entidades teriam aparecido, inclusive um preto velho que não se fez visível, naturalmente, porque, eu acredito, seria difícil apresentar-se um preto em materialização convencível, o fato é que, depois disso, a meu ver o que é muito probante de que não havia um fenômeno real, ali, era o fato das condições físicas que apresentava a médium. Dona Otília estava como saída de uma estação de águas: perfeitamente bem disposta, distribuindo abraços e beijinhos aos presentes com um desembaraço... Quem tenha compulsado a literatura, sobretudo os dois pesquisadores que eu acho mais competentes e pertinazes nesta hora, que é o prof. Morselli, que tem dois volumes com mais de duas mil páginas sobre observações de trinta sessões com Eusápia Paladino; o prof. Botazzi, que é professor de fisiologia em Milão, eles descrevem, como Scherenk, Richet, que o médium de efeitos físicos, depois de uma hora, duas de fenômenos de materialização, eles se apresentam em

estado de exaurimento, de esgotamento, de abatimento; inclusive, provas exaustivas foram feitas com dinamometria, com uma queda grande da capacidade de laboração muscular, motora. E dona Otília, absolutamente nada apresentava! Nem os assistentes, porventura, a não ser o desgaste de estarem duas horas trancados numa sala, suados. Muito bem! A par disso, acontecia, também, o seguinte: depois dessa sessão, eu vi uma lista correr ao meu lado, a mim insinuada, em que várias pessoas assinaram importância, inclusive esse meu amigo, e na ocasião em que compulsou essa lista, pelo menos uns vinte mil cruzeiros estavam consignados. Evidentemente, eu não fui obrigado a assinar, mas que essa lista foi apresentada diante de minha presença, não há dúvida. Foi a mim apresentada, também, mas é excusado dizer que não assinei. Em relação à primeira visita de meu amigo à dona Otília, fora do dia de sessão, ele realmente não foi intimado a pagar coisa nenhuma; apenas, dona Otília disse que estava em dificuldade, com a filha doente, e a sua insinuação, evidentemente, à sua prodigalidade. Eu não posso afirmar que dona Otília faça, sistematicamente, esta exigência, nem os elementos são capazes disto. Mas, a meu ver, o que se passa neste assunto, é o seguinte: no meu ponto de vista parapsicológico, o problema não é saber se a freira é ou não a mãe de dona Otília. O primeiro problema, para mim, é saber se estava ou não dona Otília presente, fisicamente, como aquela entidade. Quer dizer: se ela deixou o gabinete de experiências para vir até o local. Ora, nada faz crer que isso possa ter acontecido, isto é, que ela tenha permanecido. Pelo menos, em Andradas, — eu ressalvo bem, permanecido em sua cadeira! Por quê? Porque não há uma fotografia. E seria incrível que pessoas que fazem investigações científicas não tivessem idéia...

**Nilo de Oliveira** — Doutor, dá licença ele interromper o senhor?

**Sílvio Lago** — Pois não.

**Nilo de Oliveira** — O nosso tempo é curto. Eu queria que o senhor, em síntese, respondesse: a sua conclusão é a que a Irmã Josefa é um espírito sobrenatural ou uma farsa?

**Sílvio Lago** — A minha impressão é que a dona Otília estava presente em todas aquelas personificações ali presentes. E a única prova exigida no caso (e seria de extrema simplicidade) e dada pela parte que está interessada, é trazer ou proporcionar a vinda da médium ao Rio de Janeiro ou qualquer outro ponto (iríamos lá) e ao mesmo tempo em que aparecia a entidade materializada, ela, com uma máquina fotográfica com um flash sincronizado (flash dentro do gabinete e outro fora) a própria entidade acionasse o flash e tirasse a fotografia simultânea. Outra coisa: eu confio pouco na argúcia dos experimentadores. Porque desde 1932 Osty comprovou um fenômeno de mediunidade física de uma maneira exuberante. Com meios muito simples: uma barragem de raios infravermelhos no local, uma cela fotoelétrica. Quer o médium saísse do lugar,

quer uma materialização se fizesse, simultaneamente, no mesmo momento isso era fotografado.

**Nilo de Oliveira** — Dr. Lago, então o senhor conclui que a Irmã Josefa era a própria Otília? Eu lhe agradeço por essa conclusão. Outra coisa: dr. Lago é um médico, também, só que como médico não acompanhou a sessão. Eu também queria fazer outra pergunta: o senhor não estranhou que nesta sessão, precisamente que o senhor compareceu, e que o seu amigo ia munido de material fotográfico, a Irmã Josefa não desse licença para que ninguém fotografasse?

**Sílvio Lago** — Eu omiti esse detalhe. O meu amigo estava munido com uma boa máquina, com bom material para fotografia. E quando foi a ocasião que eu esperava para bater uma chapa (embora não seria uma prova conclusiva) o fato é que a entidade materializada, que se dirigia com muita... especialmente a um jornalista presente, disse, categoricamente: “Não é possível fazer a prova fotográfica hoje porque as condições da médium não são boas, as materializações não estão em condições”. Ora, isto era de uma flagrante contradição com a exuberância dos fenômenos. Vimos durante duas horas fenômenos físicos, mas agressivos! As entidades perfeitas! Como não poder fazer uma prova fotográfica?

**Nilo de Oliveira** — Dr. Lago, o senhor teria algum inconveniente em citar esse jornalista presente, que o senhor acaba de aludir?

**Sílvio Lago** — Eu não tenho dúvida em dizer que foi o nosso “amigo” Rizzini, presente lá!

**Nilo de Oliveira** — Então, nesta sessão não houve fotografia?

**Sílvio Lago** — Não houve fotografia.

**Nilo de Oliveira** — Mas, há uma fotografia que eu gostaria que a câmera mostrasse. Essa fotografia foi colhida pelo dr. Lago entre os presentes, em que a Irmã Josefa aparece sem véu. Então, foi o dr. Lago que me cedeu essa fotografia. Ele obteve dos presentes, gente simples, gente humilde. Dr. Lago, eu agradeço ao senhor e gostaria de lhe fazer uma última pergunta: o senhor tem conhecimento de que, por duas vezes que esse amigo seu esteve em Andradas, ele dispendeu dinheiro do bolso para pagar mensagem que viria do outro mundo?

**Sílvio Lago** — Bem, eu não poderia dizer que ele dispendeu para pagamento. O fato é que da primeira vez lhe foi insinuado que a médium estava em condições de carecer de ajuda. E da segunda vez lhe foi oferecido, na minha presença, uma lista em que muitos assinaram; inclusive, ele assinou.

**Nilo de Oliveira** — Exato. Eu quero informar ao telespectador, Pallut, que o dr. Lago é um espiritualista. O dr. Lago anda em busca desta verdade. O dr. Lago não foi a Andradas com o objetivo de desmentir, de negar a Irmã

Josefa. Ele foi em busca da verdade; como também nós fomos à Andradas.<sup>33</sup> Outra explicação que eu queria dar para encerrar a minha participação neste programa...

**Carlos Pallut** — Eu não queria que você encerrasse a sua participação neste programa, apenas, como... Nesse caso, aqui, eu queria saber do Jorge Rizzini a opinião, ele que ouviu tudo isso agora. De maneira que, quer responder agora ou quer responder depois?

**Jorge Rizzini** — Eu acho que já chegou...

*Tumulto entre os repórteres de “O Cruzeiro”.*

**Carlos Pallut** — Não, não se trata disso, de chegou a hora ou não chegou a hora! Como nós estamos aqui diante de uma acusação, séria, eu acho que não tem hora nem pré-hora!

*Novo tumulto entre os repórteres.*

**Carlos Pallut** — Não, Nilo! Eu só quero deixar bem claro o seguinte: quando existe uma acusação séria não há hora nem pré-hora, nem combinação nem coisa nenhuma! Temos um horário marcado...

*Prosegue o tumulto provocado pelos repórteres.*

**Nilo de Oliveira** — Eu, dizendo que terminaria, é que tenho de viajar! A minha vida é na estrada, é procurando dados, é lutando, e trazendo aqui fatos positivos. Talvez, no próximo sábado eu possa trazer outros fatos. Estou com viagem marcada para esta madrugada. Mas, eu aguardarei com sacrifício físico; em homenagem à causa, eu aguardarei, eu aguardarei...

**Carlos Pallut** — Então, eu pediria ao Rizzini que...

**Luciano dos Anjos** — Antes, Pallut, se você me permitisse... Nós nos disciplinamos! De forma que eu gostaria, já que ouvimos atentamente, que nos ouvissem, atentamente, também. De forma que antes de o Rizzini começar a responder às acusações que lhe foram feitas diretamente, eu gostaria responder à equipe de “O Cruzeiro”, que aí está presente, genericamente. O meu prezado colega fala em ataques partidos de nós.

*Tumulto.*

**Carlos Pallut** — Nós estamos terminando a primeira parte. Quando existe assim uma citação nominal, é que nós queremos esclarecer...

**Luciano dos Anjos** — Mas, ela está anotada aqui, Pallut! Apenas é para não tumultuar a nossa resposta. O Rizzini vai dar essa resposta, não tem dúvida nenhuma!

**Carlos Pallut** — Se o Rizzini vai dar essa resposta, então vamos liberar...

**Luciano dos Anjos** — Eu gostaria de conversar sobre esse assunto, em que ele...

*Tumulto.*

---

<sup>33</sup> Os repórteres estiveram em Andradas para “pesquisar” o passado de dona Otília, apenas.

**Carlos Pallut** — Assim, não vai!

**Mário de Moraes** — Eu acho que ele está à vontade prá isso... Comigo não tem problema nenhum...

**Carlos Pallut** — É que eu queria mais ou menos uma disciplina...

**Mário de Moraes** — O testemunho de vocês é ótimo! Deixa ele falar, Pallut.

**Carlos Éboli** — Seria bom esclarecer a posição dele nisso! Se ele fala em nome dele próprio, ou se ele fala em nome da Federação. Porque me parece que ele não está falando em nome da Federação, mesmo porque eu tenho pessoas da Federação que são minhas amigas e que conversaram comigo e que acham que ele não está falando em nome da Federação. De modo que eu gostaria que ele...

**Carlos Pallut** — Então...

**Luciano dos Anjos** — Deixe eu responder, também!

**Carlos Éboli** — Para aumentar ou diminuir a autoridade dele.

**Luciano dos Anjos** — Na verdade, eu sou membro do Conselho Superior da Federação Espírita Brasileira, mas não falo em nome da Federação. Não tenha dúvida, nenhuma! Nem poderia fazê-lo...

**Carlos Éboli** — Claro...

**Luciano dos Anjos** — Porque ela tem uma diretoria, teria de se reunir antes para autorizar...

**Carlos Éboli** — Claro... É evidente...

**Luciano dos Anjos** — A Federação, aliás, ela se alheia de certa forma a esses debates...

**Carlos Éboli** — Exato! Tanto que o “Reformador” não publicou nada até hoje, não é verdade?

**Luciano dos Anjos** — Como?

**Carlos Éboli** — Tanto que o “Reformador”, que é praticamente o órgão oficial dos senhores...

**Luciano dos Anjos** — Perfeitamente... O máximo que o senhor terá lido é um artigo do seu opositor aqui.

**Carlos Éboli** — Exato. Mas, não publicou absolutamente nada, nem encampou este assunto.

**Luciano dos Anjos** — Até agora, não.

**Carlos Éboli** — Isto é muito importante ficar esclarecido.

**Luciano dos Anjos** — Aliás, era interessante, e eu sugeriria à equipe de “O Cruzeiro”, ouvir o presidente da Federação Espírita Brasileira. Ele é uma autoridade no assunto.

**Nilo de Oliveira** — Eu posso adiantar a você, que já ouvi o presidente da Federação Espírita Brasileira. A minha entrevista está gravada com ele, mas,

infelizmente, ainda não tive tempo de ir lá buscá-la.

**Luciano dos Anjos** — Seria uma beleza!

**Nilo de Oliveira** — Mas, eu irei buscá-la.

**Luciano dos Anjos** — Seria uma beleza, porque saberíamos a posição da Federação e a do dr. Wantuil de Freitas!

**Nilo de Oliveira** — Mas, eu irei buscar na Federação porque já fiz a entrevista com ele.

**Carlos Pallut** — Eu não quero que fujam realmente do assunto. Não podemos fugir do assunto. Assim, não vai!

**Luciano dos Anjos** — Sobre o problema dos ataques...

**Carlos Pallut** — O que eu quero é entrar no, assunto, pura e simplesmente!

**Luciano dos Anjos** — O problema dos ataques eu gostaria antes de esclarecer ao meu colega Mário de Moraes, que eles não partiram de nós. Ora, se na primeira reportagem que os colegas publicaram no “O Cruzeiro”, não a parecessem, ali, os epítetos de “farsantes”, “os mistificadores”...

**Mário de Moraes** — Não a você!

**Luciano dos Anjos** — Claro que a mim, não; eu não faço a minha defesa pessoal!

**Mário de Moraes** — Mas, vocês fizeram a mim!

**Luciano dos Anjos** — Eu não faço a minha defesa pessoal, eu faço a defesa de uma causa.

**Mário de Moraes** — Mas, vocês fizeram a mim, nominalmente! A quem que eu acusei aí, veja!

**Luciano dos Anjos** — Mário, eu ouvi atentamente, gostaria de completar meu raciocínio.

**Mário de Moraes** — Perfeito. Está bom.

**Luciano dos Anjos** — De forma que, se após a primeira reportagem, os senhores constatassem de fato uma semelhança entre a médium e o espírito materializado, e se tivessem recorrido a alguém que entendesse do assunto (porque eu devo dizer que, os meus colegas entendem muito bem de jornal, discuto isso, mas de Espiritismo, perdoem-me essa afirmativa, não entendem nada!)...

**Kosinski** — O dr. Waldo Vieira é autoridade no assunto?

**Luciano dos Anjos** — Ah, sem dúvida!

**Kosinski** — Mas se ele afirma que a médium é inteiramente individual, diferente da Irmã Josefa, em quem a gente deve acreditar?

**Luciano dos Anjos** — Nós devemos acreditar, antes de tudo, na informação do espírito; porque ele pode estar até nos iludindo. Mas, que o espírito é um espírito, não há dúvida! Nós vamos chegar lá! Mas, o importante é que,



se os fatos tivessem sido levados a uma autoridade no assunto, evidentemente essa autoridade teria dito que a semelhança entre a materialização e a médium não era nada, absolutamente nada bastante para comprovar uma fraude. E os senhores, então, não teriam se lançado à rua com essas ofensas aos médicos que ali estavam: “mistificadores” e “fraudadores”! Então, iniciaram os senhores o palavreado pouco recomendado. Mas, de qualquer forma, o que eu quero dizer também, é que não tendo estado lá em Uberaba, nessa sessão (evidentemente, já assisti a muitas outras) mas, não tendo estado nessa sessão, nada impede que eu faça a defesa dos fatos ali ocorridos. Porque, evidentemente, um advogado, por exemplo, ele não precisa estar presente na ocorrência para fazer a defesa do seu constituinte; e nem os senhores sequer teriam autoridade para defender a existência do Cristo, porque nenhum dos senhores viveu à época de Jesus!

**Kosinski** — Quando se lança uma acusação de “fraude”, o que é necessário para quem afirma que não é fraude, é ter uma documentação; ter sido testemunha do fato!

**Luciano dos Anjos** — Não, não! Perdão. Quem alega é quem faz provas. Isso, aí, é um princípio de Direito.

**Kosinski** — Mas, as provas estão sendo feitas pela equipe de “O Cruzeiro”.

**Luciano dos Anjos** — Os senhores não comprovaram nada! Eu apenas defendo, enquanto os senhores não provarem; porque, se os senhores provarem, eu dou a mão à palmatória, sem dúvida nenhuma. Esteja tranqüilo...

**Nilo de Oliveira** — Eu poderia informar ao senhor que procurei uma alta autoridade no assunto, antes da publicação da reportagem. Esta alta autoridade disse a mim...

**Luciano dos Anjos** — Eu poderia saber quem é essa alta autoridade?

**Nilo de Oliveira** — Essa alta autoridade disse a mim, o seguinte. Em consideração a você, nós vamos discutir esse problema! Mas eu não quero entrar na parte política do Espiritismo.

**Luciano dos Anjos** — O Espiritismo não tem política.

**Nilo de Oliveira** — Eu acredito que tenha. Todo o aglomerado humano...

**Luciano dos Anjos** — Bem se vê então que o senhor não leu absolutamente nada sobre a Doutrina Espírita.

**Nilo de Oliveira** — Todo o aglomerado humano... Não existem três homens no mundo, na face da terra, segundo a minha teoria, que não nasça uma questão política.

**Luciano dos Anjos** — É uma opinião bem pessoal.

**Carlos Pallut** — Nós nos estamos desviando da questão... Um mo-

mentinho! Nós estamos nos desviando da questão! Não é esta a questão a que nós nos propusemos, de saber se o Espiritismo uma doutrina política ou não. Nós queremos saber da questão da “farsa”! E disso eu não me afasto!

**Kosinski** — Pallut, eu gostaria de saber se o terreno é religioso ou científico. Porque se o terreno é religioso... eu saio fora daqui. Não quero atacar o Espiritismo!

**Carlos Pallut** — Aqui interessa saber o seguinte: se aquela materialização de Uberaba é verdadeira ou não! Isso é o que interessa. Porque materialização existe!

**Kosinski** — Mas você repare o antagonismo... O Espiritismo está sendo driblado... Ao mesmo tempo que ele diz que é científico, ele...

**Carlos Pallut** — Não estamos sendo objetivos!

*Tumulto.*

**Carlos Pallut** — Não! Nós estamos aqui querendo saber do caso em si: da Otília! Não vamos sair disso!

**Kosinski** — Então, não falemos mais de Espiritismo, está certo?

**Carlos Pallut** — Começa tudo de novo!

**Luciano dos Anjos** — Mas, eram os esclarecimentos preliminares que eu queria dar. Agora, quero dizer também que tenho uma satisfação imensa em conhecer o dr. Lago, que aqui está conosco. Eu devo lhe dizer, doutor, que na verdade tenho me dedicado aos estudos do espiritualismo em geral, da própria parapsicologia, da metapsíquica. E, desde que o senhor se declara um espiritualista, dentro do campo da parapsicologia...

**Sílvio Lago** — Não; eu peço vênica para um esclarecimento: o homem quando pesquisa, ele tem que entrar como num campo chinês. Tem de tirar os chinelos, os sapatos. Eu, vamos dizer, se tenho uma convicção filosófica ou religiosa, é uma coisa muito íntima. E esclareço: não tenho religião nenhuma, e tenho uma convicção espiritualista quase que menos religiosa que filosófica; dado, justamente, a um conjunto de fatos parapsicológicos que nos leva a reconhecer no homem uma certa transcendência, muitas faculdades que transcendem as faculdades psicológicas comuns. E que, aparentemente, saem fora da causalidade, das condições da causalidade física espaço-tempo, evidentemente. Mas, eu nunca intrometi qualquer intuito de pesquisar se é ou não verdadeiro o espiritualismo, nesse setor. Meu campo é muito objetivo...

**Luciano dos Anjos** — Não tem dúvida. Eu queria apenas fazer essa referência para mostrar, naturalmente, que eu não tenho a sua autoridade no assunto mas os livros que o senhor citou, eu os conheço muito bem, os autores a quem o senhor se referiu... Aliás, a minha biblioteca já vai a mais de mil volumes lidos e estudados. Estudei, profundamente, o assunto. Naturalmente, tendo lido esses livros e o senhor sendo uma autoridade, nós nos havemos...

**Kosinski** — Leu Richet? Conhece as exigências dele para o reconhecimento de um fenômeno autêntico?

**Luciano dos Anjos** — Eu poderia até fazer uns reparos naquela publicação de vocês... Mas, não vamos, naturalmente, a essa altura... Deixemos Richet com o seu Tratado...

**Kosinski** — Mas, é um Prêmio Nobel de fisiologia citado na réplica feita pelos senhores.

**Luciano dos Anjos** — Aliás, vocês citaram só um livro de Richet; foi muito pouco! Richet tem outras obras formidáveis, inclusive...

**Kosinski** — Muitas outras!

**Luciano dos Anjos** — Vocês podiam também ter publicado a carta confidencial que Richet escreveu a Bozzano, à beira do túmulo... Mas, são problemas que vão nos desviar da questão de Uberaba e não vale a pena abordar. Mas, eu gostaria antes de passar a palavra ao Rizzini para contestar as declarações do dr. Lago, dizer a ele que, naturalmente, tendo compulsado, tendo passado por essas obras, ele terá topado com diversos esclarecimentos, diversos resultados de experiências, que levam a conclusões de que na verdade nem todos os médiuns se sentem, após as sessões, inteiramente esqueléticos, inteiramente desgastados. Não é uma regra geral, já nós temos dito.

**Sílvio Lago** — Mas, quando as sessões são exuberantes, de uma ou duas horas, invariavelmente os relatórios se referem, quase invariavelmente a isso. E é absolutamente normal!

**Luciano dos Anjos** — Normal, embora não seja a regra geral.

**Sílvio Lago** — É a regra geral, posso garantir.

**Luciano dos Anjos** — Aí, eu contestaria. Em uma das sessões, ela teve até que se hospitalizar, após a sessão. Isso é comum. A par disso, dr. Lago, sabemos também, nós que temos estudado o assunto, não podemos dar uma opinião peremptória, definitiva, categórica. Data vênua do senhor, conforme o senhor está fazendo, sem ter pesquisado mais de uma vez, pelo menos, as sessões em que um médium participa. O senhor sabe que Richet levou trinta anos pesquisando...

**Sílvio Lago** — Perfeito, perfeito...

**Luciano dos Anjos** — E só depois disso é que ele trouxe as suas conclusões a público. E o senhor, com uma ou duas sessões...

**Sílvio Lago** — Eu quero declarar que esses fatos são tão grosseiros na sua manifestação, tão ostensivamente primários, que, evidentemente, eu seria um débil, quase um oligofrênico se esperasse demais...

**Jorge Rizzini** — Eu pediria ao dr. Lago, o seguinte...

**Sílvio Lago** — Pois não.

**Jorge Rizzini** — ... aproveitando a deixa do Luciano dos Anjos, eu

diria que Richet gastou trinta anos...

**Sílvio Lago** — Sim senhor, trinta anos...

**Jorge Rizzini** — ... em pesquisas rigorosamente...

**Sílvio Lago** — Mas, conduzidas com um gabarito que nem de longe, nem de sombra lembra isso que foi feito agora.

**Jorge Rizzini** — Gastou trinta anos...

**Sílvio Lago** — Agora, fazer com Richet um símile!

**Jorge Rizzini** — Gastou trinta anos...

**Sílvio Lago** — Evidentemente. O senhor me perdoa? O senhor não leu com atenção o Richet!

**Jorge Rizzini** — Eu li! Existe edição até em português!

**Carlos Pallut** — Agora, é que eu quero disciplinar mais uma vez: quem é que vai responder e quem não vai responder?

*Tumulto geral.*

**Carlos Pallut** — Quem vai perguntar? Quem vai perguntar é o Rizzini! É o Jorge Rizzini. Então, vamos deixar o Jorge Rizzini falar, porque não se chega a uma conclusão!

**Jorge Rizzini** — Dizia eu, então, que Charles Richet...

**Sílvio Lago** — Pois não...

**Jorge Rizzini** — ... gastou trinta anos...

**Sílvio Lago** — Trinta anos... sim...

**Jorge Rizzini** — ...de pesquisas com inúmeros sensitivos: sensitivos franceses, sensitivos norte-americanos (as irmãs Fox)... sensitivos ingleses, como Home...

**Sílvio Lago** — Absolutamente!

**Jorge Rizzini** — Perfeitamente. Ele examinou Katerine Fox, juntamente com William Crookes!

**Sílvio Lago** — Sei, mas não naquela mesma ocasião.

**Jorge Rizzini** — Ele diz, na “Grande Esperança”, que está aqui e que é uma obra publicada em 1933; Richet se refere a uma sessão, dizendo: “Tive a glória de participar de uma sessão com o genial William Crookes”.

**Sílvio Lago** — Mas, não fez relatório!

**Jorge Rizzini** — Não fez relatório, mas está escrito ...

**Sílvio Lago** — É uma referência dada, não é uma pesquisa... Continue a sua argumentação.

**Jorge Rizzini** — Meu raciocínio, é o seguinte: que ele, então, fez experimentações durante trinta anos, com os mais diversos sensitivos, de vários países, para chegar a uma conclusão. Porque, o senhor sabe, o Richet (ou deve saber) o Richet criou uma teoria, que é a ideoplastia...

**Sílvio Lago** — Não foi ele, Richet. A teoria da ideoplastia é de um

professor de psicologia...

**Jorge Rizzini** — Perdão! Era a tese de Richet!

**Sílvio Lago** — Ele adotou essa tese! O senhor está mal informado!

**Jorge Rizzini** — Foi até Richet quem criou o termo ectoplasma!

**Sílvio Lago** — O senhor está mal informado. A tese da ideoplastia nunca foi de Richet. Eu desafio...

**Jorge Rizzini** — O senhor releia Richet! Releia o seu “richezinho”, e vai encontrar lá.

**Sílvio Lago** — Está bem... Eu acho até interessante...

**Jorge Rizzini** — Mas, dr. Lago, a conclusão é a seguinte: que ao fim de trinta anos ele apresentou ao mundo as suas conclusões, e o senhor, a poucos minutos disse (e disse muito bem) que o Brasil não está aparelhado, falta ao Brasil uma aparelhagem (aliás, o senhor também disse isto para mim, lá em Andradas)...

**Sílvio Lago** — Sim...

**Jorge Rizzini** — O senhor se recorda, quando tratamos do “caso Arigó”...

**Sílvio Lago** — Exato... Perfeito...

**Jorge Rizzini** —... que faltava ao Brasil aparelhagem científica. O senhor, então, não pode diante de uma só sessão, em um ambiente que, realmente, não era um ambiente científico (foi em Andradas, num centro espírita, numa sessão religiosa, com populares) o senhor não podia chegar a uma conclusão definitiva! Porque o senhor não teve aparelhagem, não lhe foi permitido fazer nada, mesmo porque o senhor não levou nada, a não ser máquinas fotográficas...

**Sílvio Lago** — Sei...

**Jorge Rizzini** — Agora, sobre a questão das fotografias, que é o ponto sobre o qual eu quero chegar, realmente não se permitiu fotografias! Foi uma deliberação do presidente do centro, não sei porque ele deliberou, assim, também não vem ao caso. O que importa, é que Irmã Josefa, se não permitiu naquele momento fotografias, a verdade irrefutável é que os repórteres de “O Cruzeiro”, que aí estão, a eles, a eles foi permitido bater fotografias!

**Sílvio Lago** — Sei...

**Jorge Rizzini** — Isso quer dizer que a entidade não fugiu de uma máquina fotográfica! Ela enfrentou as objetivas, eles tiraram quantas fotos quiseram...

**Sílvio Lago** — Mas, foi muito estranha, quando conversei consigo (quando lhe expliquei a minha opinião sobre Arigó) a sua ida para dentro da cabine com o diretor-presidente do centro, depois que ele voltou de lá (eu tenho testemunhas disso) veio de uma maneira agressiva...

**Jorge Rizzini** — Não...

**Sílvio Lago** — Eu senti, nitidamente, a sua interferência, permita que lhe diga; eu falo com sinceridade disso.

**Jorge Rizzini** — O senhor está enganado...

**Sílvio Lago** — Eu tenho testemunhas dessa mudança de atitudes. É um fato absolutamente estranho!

**Jorge Rizzini** — Eu explico.

**Luciano dos Anjos** — O senhor deve lembrar, também, que Crookes, só depois de muito tempo conseguiu fotografar a Katie King.

**Sílvio Lago** — Mas, meus amigos, não me venham citar experiências de Crookes e Richet com qualquer similitude, com qualquer aproximação com isso que se fez aí, com que se tem feito até hoje.

**Jorge Rizzini** — Bom, eu queria, então...

**Luciano dos Anjos** — Schrenck tem experiências quase idênticas a essas!

**Sílvio Lago** — Quem? Quem?

**Luciano dos Anjos** — Schrenck.

**Sílvio Lago** — Querecheem? Quem?

**Luciano dos Anjos** — É... Experiências...

**Sílvio Lago** — Quem? Quem é o autor?

**Luciano dos Anjos** — Schrenck. O senhor não conhece?

**Sílvio Lago** — Schrenck-Notzing!

**Jorge Rizzini** — Ele deu o primeiro nome! Isso não afeta...

**Sílvio Lago** — Não! É preciso que se ponha o nome aos bois, direitinho... Porque nós estamos fazendo uma citação em tudo.

*Breve tumulto.*

**Sílvio Lago** — Eu conheço a obra dele, perfeitamente bem! Mas, não se pode estabelecer... Meus amigos, os senhores não leram ou então não querem fazer aqui um confronto com os métodos, com rigor, com a fiscalização...

**Jorge Rizzini** — Mas, o senhor mesmo disse que o Brasil não tem aparelhagem!

**Sílvio Lago** — Mas, meu amigo, para isso que lá está Andradadas...

**Jorge Rizzini** — Nem nos Estados Unidos existe uma aparelhagem adequada, segundo declarações do dr. Puharich!

**Sílvio Lago** — Mas, meu amigo, o que ocorreu em Andradadas...

**Jorge Rizzini** — ...o cientista norte-americano operado por Arigó! O senhor reconhece isso?

**Sílvio Lago** — Os processos empregados para a fiscalização da médium... A ausência de uma prova crucial da simultaneidade da fotografia da médium na cabine, da materialização...

**Luciano dos Anjos** — O senhor sabe que isso nem sempre é possível!

**Sílvio Lago** — Competia a vocês dar essa prova! Vocês gastaram páginas inteiras de jornais e não trouxeram essa prova!

**Carlos Pallut** — Eu peço somente uma coisa agora, agora!

*Tumulto.*

**Carlos Pallut** — Vamos sair da polêmica e vamos responder...

*Continua o tumulto.*

**Carlos Pallut** — ...e vamos responder exatamente à acusação feita aqui! Rizzini: você quer responder à acusação? Isso é o que eu quero!

**Jorge Rizzini** — Sim. O senhor se referiu à questão da cabine e eu queria esclarecer, por uma deferência ao senhor.

**Sílvio Lago** — Eu agradeço.

**Jorge Rizzini** — Eu fui à Andradas, dr. Lago, para passar um filme: o filme de José Arigó. Quer dizer: o sr. Antenor já me conhecia! Daí, a minha intimidade com ele. Se eu fui até à sala da sessão porque já era eu conhecido do sr. Antenor. Não fomos lá confabular, proibir que o senhor tirasse fotografias. Aliás, parece que nem era o senhor quem tinha máquina fotográfica...

**Sílvio Lago** — O meu amigo. Mas, eu...

**Jorge Rizzini** — Isso nem me passou pela cabeça!

**Sílvio Lago** — Mas, olhe, isso foi percebido por diversas pessoas, que me alertaram, inclusive. É um detalhe, estou aqui sendo honesto, sincero...

**Jorge Rizzini** — É uma má interpretação. Mas, a questão do desembaraço, o senhor disse que verificou que dona Otília, após aquele trabalho de Andradas (já fugimos até de Uberaba e vamos nos reportar porque o senhor tocou nisso e sou obrigado a esclarecer)...

**Luciano dos Anjos** — Quem trouxe o problema de Andradas, não fomos nós; foram os senhores!

**Sílvio Lago** — Sei.

**Jorge Rizzini** — O senhor verificou o desembaraço da entidade se locomovendo, etc. O senhor conhece (deve conhecer) o relatório de William Crookes dirigido à Sociedade Dialética de Londres sobre as experiências que duraram três, quase quatro anos, consecutivos, no laboratório de Crookes. Ele relata, nesse relatório, que o senhor conhece perfeitamente, relata que a Katie King, a entidade que se materializava através de uma ginásiana de quinze anos de idade, a Florence Cook, a entidade colocava até os próprios filhos de Crookes no colo, e lhes contava historietas, e ela se locomovia com grande agilidade, e ela discutia com os cientistas! Não é de estranhar, portanto, que a Irmã Josefa também se apresentasse com agilidade! Isso depende da capacidade psíquica, mediúnica, do médium.

**Sílvio Lago** — Note que...<sup>34</sup>

**Jorge Rizzini** — Isso está esclarecido! É um equívoco seu.

---

<sup>34</sup> O trecho em amarelo consta apenas na 1ª adição. (N. R.)

**Sílvio Lago** — Essas experiências de Crookes ainda hoje, em relação com a Florence Cook, são ainda alvo... Atualmente, no último número “American Journal” há polêmicas sérias sobre a questão Crookes!

**Carlos Pallut** — Já saímos do assunto, outra vez, para polêmica sobre uma coisa que não nos permite discutir!

*Tumulto geral.*

**Jorge Rizzini** — Dr. Lago! Dr. Lago!...

**Carlos Pallut** — Assim não vai! Assim não vai, não!

**Jorge Rizzini** — Dr. Lago, me perdoe! Reconsidere o que o senhor falou...

**Sílvio Lago** — Sobre?

**Jorge Rizzini** — Reconsidere em homenagem ao grande espírito que foi William Crookes! O maior químico e físico da Inglaterra! Se ele disse...

**Carlos Pallut** — Nós estamos discutindo é Otília, e não William Crookes!

**Jorge Rizzini** — Mas, é um problema delicado, Pallut!

**Carlos Pallut** — E aqui não vamos discutir esse assunto!

**Carlos Pallut** — Não vamos! Ou vamos tocar no assunto Otília, ou assim não vai! Comigo não vai! Eu quero esclarecer e trazer a verdade sobre o assunto! Eu aqui não estou representando um leigo! Eu não quero saber de William Crookes: quero saber é da Otília!

*Tumulto geral.*

**Carlos Pallut** — Quero saber a verdade: se existiu dinheiro, se correu dinheiro, se não correu dinheiro, se é farsa, se é mentira, é isso o que eu quero! Não quero conversa fiada!

**Jorge Rizzini** — Eu pergunto, eu pergunto se Charles Richet está ligado, se Charles Richet está ligado à sessão com a médium Otília Diogo. Não está! Charles Richet já morreu! Nunca veio ao Brasil! No entanto, foi citado pela revista com grande destaque! Falar de William Crookes...

**Carlos Pallut** — Meu Deus do céu! Estou falando grego? Eu quero saber se foi farsa ou se não foi farsa! Vocês diziam que iam provar o contrário: então provem! Nós temos aqui umas provas. Vamos provar: do outro lado! Vamos ouvir as coisas, isso é que eu quero. Eu não quero discutir Charles Richet...

**Jorge Rizzini** — A respeito...

**Carlos Pallut** — ... nem William Crookes, nem nada! Eu quero discutir, o seguinte: é verdade que aquela mulher que usava chapéu era mãe da Otília ou não era mãe da Otília. Isso é que eu quero saber! Isso é que o povo quer saber. Não estou discutindo Espiritismo aqui! Eu posso ser espírita e o ouvinte pode



não ser espírita. Eu quero saber a verdade!

*Tumulto.*

**Carlos Pallut** — Em nome da verdade é que estou aqui!

*Tumulto entre os repórteres.*

**Carlos Pallut** — Se os senhores querem, têm todo o tempo para falar sobre o assunto!

**Jorge Rizzini** — Dr. Lago, então me desculpe haver dirigido a V. Exa.! Porque a questão foi levada...

**Sílvio Lago** — Claro...

**Jorge Rizzini** — ...foi levada para o campo, para o bonito campo da filosofia e da ciência ...

**Sílvio Lago** — Eu quero ressaltar aqui o meu respeito... Com licença, Pallut! Só uma frase. Eu quero ressaltar aqui, publicamente, o meu respeito à obra de Crookes! Eu estou falando das divergências que ela suscita! Eu a admiro e a tenho como lídima, sobretudo as experiências com o... com o Home, com o Douglas Home e com a Katie King... com a Florence Cook!

**Luciano dos Anjos** — Enquanto ele era um físico, um astrônomo, um matemático, então era o grande William Crookes...

**Sílvio Lago** — Perfeito.

**Luciano dos Anjos** — Mas, quando ele deparou com o Espírito, comprovou, então começaram a surgir as divergências.

**Sílvio Lago** — É um ponto de vista do amigo, que eu respeito.

**Jorge Rizzini** — Bom, está esclarecido esse ponto!

**Luciano dos Anjos** — Então, nós vamos pedir licença para ignorar a presença do dr. Lago.

**Carlos Pallut** — Perfeitamente! Dr. Lago, então eu peço ao senhor que se coloque outra vez na sua poltrona, para quando chamado, o senhor volte aqui, com toda ...

**Sílvio Lago** — Agora, para ultimar, o seguinte: a prova crucial sobre se o fenômeno é autêntico ou não, competia a eles trazer documentação da presença de Otilia no gabinete ao mesmo tempo em que as materializações, as entidades se apresentavam. Se essa prova não pode ser feita, então como parapsicólogo eu digo que é impossível, é inútil essa discussão!

**Luciano dos Anjos** — Perdão...

**Sílvio Lago** — É um ponto de vista.

**Luciano dos Anjos** — Em primeiro lugar, não se afirmou que não pode. Em segundo, o senhor sabe que um fenômeno, ele está da mesma forma para nós, pesquisadores, como para os naturalistas estão todos os elementos da natureza: ele tem de observar, aguardar, ele não pode forçar o fenômeno! O senhor sabe disso... Ele tem de se manter como um naturalista.

**Sílvio Lago** — Isso não procede.

**Luciano dos Anjos** — Mas, enfim, muito obrigado pela sua presença.

**Sílvio Lago** — Eu agradeço...

*Sílvio Lago afasta-se da câmera, porém continua no estúdio.*

**Carlos Pallut** — Agora, os senhores têm tempo suficiente, como sempre tiveram nesta casa, para dizer o que bem entendem para serem rebatidos pela equipe que se encontra presente para sabermos com quem está a razão... Isso é que eu quero!

**Luciano dos Anjos** — Sobre aquela fotografia, não foi feita uma pergunta aos técnicos de São Paulo para evitar que descambássemos para um terreno muito desagradável... Porque, de início devemos dizer que não temos essa fotografia: só a equipe de “O Cruzeiro” é que a tem! Nós não temos. É estranho... Bom! Ainda que aparecessem seios numa entidade materializada, embora masculina...

**Mário de Moraes** — Seu fotógrafo está aqui: ele pode dizer!

**Luciano dos Anjos** — Perfeito. Se os senhores tivessem... Com licença, Mário! Se os senhores tivessem lido a respeito, teriam observado que isto não tem nada de mais. Isso, chama-se dentro da metapsíquica uma “economia de ectoplasma”... Estaria perfeitamente explicado! Mas... Mas, eu gostaria que os senhores observassem bem esta fotografia!

**Carlos Eboli** — Então, eu gostaria que o senhor esclarecesse porque ela pode aparecer com seios e...

**Luciano dos Anjos** — Deixe apenas eu completar, sr. Éboli, depois eu responderia ao...

**Carlos Eboli** — ...e aparece de calça. Então, a diferenciação se faz apenas através da indumentária? É profundamente ridículo o argumento, pelo amor de Deus! Então, aparece de seios, identificando uma mulher: está servindo-se de dona Otília, mas... uma calça?!

**Luciano dos Anjos** — Eu queria que observassem bem essa fotografia, mas atentamente. Atentamente!

**Mário de Moraes** — Eu vou fornecer o original, que é melhor. Espera aí. Porque outro dia vocês disseram que estava retocada, gostaria depois que você mostrasse o retoque.

**Luciano dos Anjos** — Não, não sei, não conheço fotografia.

**Mário de Moraes** — Não. Você disse que era retocada, aqui, na presença da equipe do Pallut.

**Luciano dos Anjos** — Nunca falei isso.

**Mário de Moraes** — Pallut... O meu filho... Pallut, pelo amor de Deus!

**Luciano dos Anjos** — Quem disse que está retocada...

**Jorge Rizzini** — Está no artigo...

**Luciano dos Anjos** — Quem disse que retoca fotografia foi você mesmo, numa crônica!

**Mário de Moraes** — Você leu meu artigo! Você leu meu artigo!

**Carlos Pallut** — Luciano! Luciano!

**Luciano dos Anjos** — Você é quem faz essa confissão, que se retocam fotografias nas oficinas de “O Cruzeiro”, não fui eu quem disse, não! O artigo é seu!

**Carlos Pallut** — Luciano...

**Luciano dos Anjos** — O artigo é seu! Eu li um artigo seu!

*Tumulto geral.*

**Carlos Pallut** — A acusação estava sendo respondida era na questão da lista do dinheiro! Queremos que você seja objetivo nessa resposta.

**Luciano dos Anjos** — Ah, perfeito... Um momentinho só! Deixe eu concluir a respeito dessa fotografia. Essa o Rizzini vai responder!

*Tumulto.*

**Luciano dos Anjos** — O Rizzini vai responder, o Rizzini vai responder! É, mas deixa eu concluir a história da fotografia. Em primeiro lugar, quem disse que há retoque não fui eu: foi uma crônica do meu colega Mário de Moraes...

**Mário de Moraes** — Não, não! Isso eu vou querer responder, hein? Por favor...

*Tumulto.*

**Mário de Moraes** — Isso eu vou querer responder! Pode falar, à vontade...

**Luciano dos Anjos** — Pois, responda depois! Eu fui disciplinado, espero que vocês sejam também!

**Kosinski** — Apenas um esclarecimento...

**Luciano dos Anjos** — Deixem eu concluir meu pensamento!

**Mário de Moraes** — Vocês pediram um aparte, nós demos; ele está pedindo um aparte...

**Kosinski** — Pequeninho...

**Luciano dos Anjos** — Eu queria concluir meu pensamento. Depois darei com muito prazer...

**Kosinski** — Pequeninho. A acusação consta de uma página inteira publicada no “O Cruzeiro”, assinada pelos drs. Adroaldo Modesto Gil... Três! Não me lembro agora os nomes, que acusam a revista “O Cruzeiro” de retoques. Para quem quiser ler, está numa página inteira publicada no dia 26 de janeiro de 1964...

**Luciano dos Anjos** — Bom, mas a acusação dele não é minha! Ele disse que é minha!

**Kosinski** — Mas, o senhor não está defendendo esses médicos?

**Luciano dos Anjos** — Bom, eu posso fazer a defesa depois de estudar direito o que eles disseram. Não conheço esse problema! Bom, mas eu queria concluir, apenas dizendo que os senhores observassem bem a fotografia. Façam o favor de observar. Então, eu queria lembrar, que se essa fotografia, de fato, — eliminada a hipótese, muito plausível, muito plausível mesmo porque explicada pela fenomenologia espírita de que poderia perfeitamente um ser masculino aparecer com essa aparência — eliminada essa hipótese, teríamos, então (ali está a fotografia) de observar, o seguinte: por que essa fotografia é estranha! Se por um lado essa fotografia apresenta, de fato, características de feminilidade, por outro lado também apresenta flagrante característica de masculinidade! A não ser que estivéssemos diante de uma criatura bi-sexual... Ou não?

*Tumulto.*

**Luciano dos Anjos** — Passo a palavra ao meu amigo Rizzini para discutir agora o problema do dinheiro.

**Mário de Moraes** — Toma nota...

**Luciano dos Anjos** — É muito estranho...

**Jorge Rizzini** — Mostrou a fotografia bem ou não? Seria um hermafrodita, no caso? Bem... Disse o dr. Lago que foi dado dinheiro...

**Carlos Pallut** — Que correu uma lista...

**Jorge Rizzini** — Eu posso garantir. “Eu estranho, dr. Lago, essa sua afirmação, pelo seguinte... O senhor pode ter testemunhas, etc.! Eu estranho, porque eu estava presente na sessão, nesse trabalho; estava minha senhora... Nós ficamos, eu, o senhor, aquele seu amigo, nós ficamos conversando até quase às duas horas da madrugada, lá em Andradas, e nós vimos que, absolutamente, não houve movimento nenhum à procura de dinheiro para dona Otília!

**Sílvio Lago** — Eu admiro que o senhor tenha a coragem de, na minha frente...

**Jorge Rizzini** — Nós estivemos...

**Sílvio Lago** — ... um homem de bem; com testemunhas...

**Jorge Rizzini** — Perfeitamente! Eu não vi isso!

**Sílvio Lago** — ... o senhor ter a calma... Ah, então diga! Mas, não conteste.

**Jorge Rizzini** — Minha senhora também não viu! Não viu! Seria uma coisa pública, eram sessenta pessoas!

**Sílvio Lago** — Eu trarei, aqui...

**Jorge Rizzini** — Dr. Lago, um momento! Deixe eu contestar. O senhor disse isso, eu estou contestando! Eram sessenta pessoas...

**Carlos Pallut** — Estão discutindo e não resulta...

**Jorge Rizzini** — Não resulta em nada porque... pelo seguinte, Pallut...



*Waldo Vieira e o repórter José Franco sendo tocados por Irmã Josefa na experimentação do dia 3 de janeiro de 1964. Note o leitor a admiração do repórter quando se defrontou com a entidade (foto de Nedyr Mendes da Rocha).*

*Tumulto geral.*

**Carlos Pallut** — Eu conheço você e estou perguntando, o seguinte: um diante do outro (para que não haja essa dúvida) eu estou perguntando...

**Jorge Rizzini** — Eu respeito dr. Lago, por um aspecto, apenas: o lado cultural. É um homem de bem...

**Carlos Pallut** — Então, o senhor sustenta que houve isso?

**Sílvio Lago** — Bom, eu não sustento que dona Otília faça comércio habitual de sua mediunidade: ou de sua pseudo-mediunidade, que é a minha posição.

**Jorge Rizzini** — Melhorou. Já melhorou!

**Sílvio Lago** — Não contesto. Mas, que é fácil que ela insinuou, de algum modo, ao consultante que pela primeira vez foi lá, que ela carecia de socorro, e que na segunda vez, logo após a sessão, a lista correu. Eu vi essa lista na minha frente. O meu amigo assinou cinco mil cruzeiros!

**Jorge Rizzini** — É... é estranho!

**Nilo de Oliveira** — Eu peço licença, Rizzini, para vir aqui, porque eu cito nessa reportagem (não cito dr. Lago porque eu cito dez testemunhas, inclusive de espíritas...) ...

**Luciano dos Anjos** — Ah, aí, não!

**Jorge Rizzini** — Um momento! Um momento!

**Luciano dos Anjos** — Cuidado! Cuidado com o que vai dizer!

**Nilo de Oliveira** — Eu cito...

**Jorge Rizzini** — Você falou pelo “O Cruzeiro” que corria lista nas “sessões científicas”, entre aspas. Um absurdo! Como pode correr uma lista entre dezenove médicos?! Não tem cabimento!

*Tumulto.*

**Jorge Rizzini** — Me permita, Luciano, dirigir-me ao dr. Lago porque eu estava em Andradas. Eu estava lá, com ele...

**Nilo de Oliveira** — Todo mundo em Ouro Fino, que assistiu à sessão, firmaram! Eu dei endereço de quem deu dinheiro.

**Jorge Rizzini** — Mas, o problema aqui fugiu de Uberaba, de novo; fugiu de Uberaba! Estamos novamente em Andradas...

**Nilo de Oliveira** — Mas, Uberaba é um prolongamento de Andradas!

**Jorge Rizzini** — Mas, nós vamos em Uberaba! Nós vamos à Uberaba! Até agora, a revista não conseguiu provar que era farsa! Tanto é verdade, que vocês vêm à televisão!

**Luciano dos Anjos** — Bom, eu quero afinal uma prova da farsa! Isso é que eu quero!

**Mário de Moraes** — Eu vou dizer meu testemunho. Esta minha crônica, aqui, que eles disseram que era retoque de fotografia...

**Jorge Rizzini** — Eu digo de público... Nós não afirmamos...

*Tumulto.*

**Jorge Rizzini** — Assim, nós falamos, e vocês não vão ouvir!

**Jorge Audi** — Está aqui o recorte do “Correio da Manhã”, e gostaria que você lesse, Mário.

**Mário de Moraes** — Um momentinho, Luciano! Ele disse que não foi publicado no “Correio da Manhã”, mas vou ler.

*Tumulto.*

**Jorge Rizzini** — Eu não entendi nada! É bom dar a palavra para o Mário.

**Mário de Moraes** — Você disse que não foi publicado isto, pediu para ser mostrado a você. Estou mostrando. Foi publicado...

**Luciano dos Anjos** — O que é isso? Deixe eu ver!

**Mário de Moraes** — Isso é uma página inteira do “Correio da Manhã”!

**Luciano dos Anjos** — Foram os médicos que disseram que houve retoque. Não há dúvida!

**Mário de Moraes** — Estou levando ao conhecimento do Rizzini! E depois vou levar ao conhecimento daqui, para ter testemunha da equipe do Pallut, de como vocês disseram que nós havíamos retocado. Aqui, nesse programa! Se a equipe do Pallut me desmentir, eu aceito!

**Luciano dos Anjos** — Bem, vamos ao caso.

*Tumulto geral.*

**Luciano dos Anjos** — Mas, escuta... Nós estamos... Vamos situar, em primeiro lugar... Parece que a coisa está meio tumultuada... É! Vamos voltar!

**Jorge Audi** — Leia...

**Kosinski** — Leio tudo?

**Jorge Audi** — Não. O texto.

**Kosinski** — “Reportagem que recebeu algumas demãos de tinta, mostrando visivelmente o trabalho do desenhista conjugado às atividades do fotógrafo, exagerando os pontos da semelhança e apagando os pontos interessantes para os nossos estudos”.

**Luciano dos Anjos** — É. Realmente, consta da réplica! Não tem dúvida.

**Jorge Rizzini** — Ah, isso é a réplica?

**Luciano dos Anjos** — É, é a réplica!

**Jorge Rizzini** — Ah, é a réplica!

**Luciano dos Anjos** — Não é a réplica isso?

**Jorge Rizzini** — Essa é a réplica?

**Luciano dos Anjos** — É um trecho. Deve ser a réplica.

*Continua a leitura da réplica.*

**Jorge Rizzini** — É a equipe de médicos! Não importa quem assina. É a equipe que funciona! Como é seu nome?

**Kosinski** — Kosinski.

**Jorge Rizzini** — Ouviu, Kosinski? É a equipe que assina!

**Kosinski** — Eu sei. Mas, quero esclarecer...

**Jorge Rizzini** — São os três médicos que respondem pela...

**Kosinski** — São os três médicos: dr. Adroaldo Modesto Gil, dr. Eurípedes Tahan Vieira e dr. Elias Barbosa, que em nome de todos os dezenove médicos, que se apresentaram na TV Itacolomy, afirmando esses fenômenos...

**Jorge Rizzini** — Perdão! Na TV-Itacolomy não se apresentaram os dezenove médicos!

**Kosinski** — Não.

**Jorge Rizzini** — É um equívoco!

**Kosinski** — Se apresentaram oito.

**Jorge Rizzini** — É um equívoco! Vocês até afirmaram que Waldo Vieira se apresentou na TV-Itacolomy, em Belo Horizonte Waldo Vieira jamais foi à televisão!

**Kosinski** — Em nome! Em nome. Quer ver? Em nome desses dezenove médicos que foram citados na TV Itacolomy, nominalmente. Agora, eu pergunto, o seguinte: esses médicos anunciaram um livro intitulado “Materializações, fenômenos de efeitos físicos comprovados cientificamente por uma equipe de médicos”... Eu posso falar em Richet, Pallut? Só uma palavrinha?

**Luciano dos Anjos** — Eu acho que não!

**Kosinski** — Porque Richet levou trinta anos...

**Carlos Pallut** — Não pode, não...

**Kosinski** — Então, eu não falo em Richet.

**Carlos Pallut** — Vamos nos deter exatamente nos fatos.

**Kosinski** — Exato. Firmado nos fatos, o seguinte: aquele homem levou trinta anos...

**Jorge Rizzini** — Vai para lá! Está vindo para cá. O programa está ficando desorganizado! Dá a palavra para ele; nós não podemos... Eles não ouvem! Quer dizer, está desorganizado! O Pallut...

**Carlos Pallut** — Para que não me digam que o programa está desorganizado...

**Nilo de Oliveira** — Está certo.

**Carlos Pallut** — E como você é um componente da equipe...

**Nilo de Oliveira** — Eu vou pra lá; o que você acha?

**Jorge Audi** (cochicho) — Calma, que nós vamos desgraçar esses caras, aí.



**Luciano dos Anjos** — Se houver alguma pergunta, que consta da réplica, se houver alguma dúvida, então os senhores queiram se dirigir aos médicos.

**Kosinski** — Mas, os senhores não representam a mesma causa dos médicos?

**Luciano dos Anjos** — A causa, sim, e não podemos responder pelo que cada pessoa diz.

**Kosinski** — Em nome de quem, estão defendendo, o quê?

**Luciano dos Anjos** — Absolutamente! Ou o senhor é capaz de responder por toda a sua equipe de “O Cruzeiro”?

**Mário de Moraes** — Agora, eu voltarei aos fatos estendidos aqui e que nós não tocamos neste programa. Eu voltarei a isso trazendo como testemunha a equipe de Pallut!

**Jorge Audi** (cochicho) — Dá licença, dá licença, vamos parar um pouco?

**Luciano dos Anjos** — Caro colega, eu devo lhe dizer, o seguinte: se, porventura... foi dito isso, aqui...

**Mário de Moraes** — Porventura, não: foi dito!

**Luciano dos Anjos** — É possível, mas eu lá sei se fui eu ou foi o Rizzini. Eu devo lhe dizer que de minha parte eu não afirmei nada. Se saiu, foi pelo entusiasmo, pelo calor de nossa conversa.

**Mário de Moraes** — Ah, mas tem de pensar para falar!

**Luciano dos Anjos** — Ah, temos de pensar, não tem dúvida!

**Mário de Moraes** — Então, é uma retificação, que você está fazendo.

**Jorge Rizzini** — O que nós nos referimos, Mário...

**Luciano dos Anjos** — Sobre a história do retoque? Mas, é evidente, eu não conheço nada de fotografia, nem de ótica!

**Mário de Moraes** — Muito obrigado, então. Está...

**Luciano dos Anjos** — Mas, os médicos mantêm, naturalmente, o que afirmaram!

**Mário de Moraes** — A sua acusação, foi retirada?

**Luciano dos Anjos** — Se eu disse? Eu não lembro se disse!

**Mário de Moraes** — Está como testemunha a equipe. Foi dito, aqui, acusando-me...

**Luciano dos Anjos** — Evidentemente, eu não posso...

**Jorge Rizzini** — O que nós lemos... O que nós lemos, ó Mário, foi...

**Mário de Moraes** — Uma crônica.

**Jorge Rizzini** — A própria crônica sua!

**Mário de Moraes** — Dizendo o quê, meu companheiro?

**Jorge Rizzini** — Contando...

**Mário de Moraes** — Que foi retocada uma fotografia, foi isso?

**Jorge Rizzini** — Que nem a própria mãe do fotografado seria capaz de reconhecê-lo!

**Mário Moraes** — Ah...

**Luciano dos Anjos** — No cilindro, o que é muito pior! Você sabe disso...

**Mário de Moraes** — Agora, meu filho! Agora que você está dizendo cilindro!

**Luciano dos Anjos** — Você sabe que é pior!

**Mário de Moraes** — Agora! Agora que você está dizendo cilindro! Você leu “fotografia”!

**Luciano dos Anjos** — Mas, isso não vem ao caso. Ou na fotografia ou no cilindro é retoque feito numa redação! É horrível isso! Isso é, sinceramente, contra todos os nossos princípios jornalísticos!

**Mário Moraes** — Vamos voltar ao caso.

**Luciano dos Anjos** — Vamos voltar ao caso. Eu queria que os nossos nobres companheiros, afinal, fizessem a prova da fraude! Nós estamos esperando a prova; mas, a prova mesmo! Para poder contestar!

**Jorge Audi** — Você quer ter a bondade, Luciano, de continuar? Porque nós queremos fazer a defesa, também, das acusações que vocês nos fizeram aqui...

**Luciano dos Anjos** — A defesa é nossa!

*Tumulto geral.*<sup>35</sup>

**Luciano dos Anjos** — Os senhores é que nos chamaram de charlatães, fraudadores, levianos ... Foram os senhores!

**Carlos Éboli** — Eu resumo o assunto em termos de uma facilidade extrema: eu consigo fazer a prova da fraude! Com o concurso dos senhores! Marcaremos um lugar, onde Otília compareça e seja fiscalizada, não por vinte e nove homens: Otília será fiscalizada apenas por seis homens de alto critério (eu até nem quero mesmo participar disso). Dr. Rizzini disse (e o dr. Lago afirmou) que nós não temos no Brasil aparelhagem para a constatação desses fenômenos. Na realidade, nós não temos aqui uma aparelhagem para a aferição de todos esses fenômenos do ponto de vista científico. Entretanto, nesta era da eletrônica, para aqueles que conhecem um pouco do assunto, podem oferecer à ciência uns poucos aparelhos capazes, não de consignar essa fenomenologia toda, apenas de verificar a fraude. Essa aparelhagem, minha, particular, eu ofereço...

**Luciano dos Anjos** — Eu gostaria de dar um aparte, ligeiro...

**Carlos Éboli** — Com muito gosto.

**Luciano dos Anjos** — Vamos fazer, o seguinte: lhe ofereço essa aparelhagem!

**Carlos Éboli** — O senhor me oferece? Ótimo!

---

<sup>35</sup> Trecho em amarelo retirado da 2ª edição. (N. R.)

*Tumulto.*

**Luciano dos Anjos** — O senhor vai assistir à fenomenologia. O senhor vai ser convidado para isso!

**Carlos Éboli** — Muito bem. Mas, então...

**Luciano dos Anjos** — Eu assisti à formação ectoplasmática!

*Repórteres dão uma salva de palmas.*

**Carlos Éboli** — Mas, eu pergunto ao senhor, dr. Anjos ...

**Luciano dos Anjos** — Os senhores também vão assistir!

**Mário de Moraes** — Pallut, está prometido! Nós só queremos a aparelhagem!

**Carlos Éboli** — Eu só quero que a médium...

**Luciano dos Anjos** — Isso vem, de certa forma, inclusive contestar o que disse...

**Mário de Moraes** — Marca data logo!

**Luciano dos Anjos** — Evidentemente, eu já reafirmei, mais de uma vez, aqui, que os fenômenos não dependem de nós. Nós temos de aguardar uma oportunidade.

**Kosinski** — Vocês mesmo realizaram seis experimentações, com vários fenômenos de efeitos físicos!

**Luciano dos Anjos** — Se o meu nobre companheiro conhecesse a matéria, veria que isso nada significa.

**Carlos Éboli** — Eu quero saber qual é essa aparelhagem! Já chega de embrulhações! O senhor ofereceu. Eu quero saber qual é a aparelhagem! Me diga qual é a primeira delas. Quais são os aparelhos que o senhor tem à minha disposição?

**Luciano dos Anjos** — Sr. Éboli, eu, sinceramente, não conheço muito a mecânica. É um aparelho, apenas...

**Kosinski** — Espera aí! Eu quero ouvir!

**Carlos Éboli** — O senhor sabe o que é o aparelho...

**Luciano dos Anjos** — Ora, isso seria uma desvantagem tamanha, sr. Éboli... O senhor é um técnico! Eu convidaria o senhor para fazer essas perguntas aos técnicos de São Paulo!

**Carlos Éboli** — Os senhores não disseram isso! Aqui, os senhores disseram que eu era um empulhador, que eu era um mentiroso! Os senhores disseram que eu era um incapaz, um incompetente, e agora... Eu lhe agradeço, se o senhor...

**Luciano dos Anjos** — Não, nós, não!

**Carlos Éboli** — ... se retirassem as acusações que me fizeram!

**Luciano dos Anjos** — Sr. Éboli! Quem as fez, não fui eu: foi o laudo, que deixou evidenciado isso!

**Carlos Éboli** — Não, não, pelo amor de Deus... Esse laudo nem se

refere ao meu nome!

**Jorge Rizzini** — O laudo não se refere ao seu nome, mas se refere ao mesmo tema que o senhor tratou!

**Carlos Éboli** — Não, absolutamente! Nem ao menos as fotografias que eu examinei ele se refere. Ele diz que examinou um manequim, examinou...

**Jorge Rizzini** — Examinou as mesmas fotografias publicadas pela revista...

**Carlos Éboli** — Não senhor, absolutamente...

**Jorge Rizzini** — ... negativos que oferecemos e novas fotografias!

**Carlos Éboli** — Eu mostraria estas fotografias aqui...

**Jorge Rizzini** — O senhor, agora, deve responder ao laudo de São Paulo!

**Carlos Éboli** — Eu mostraria, aqui...

**Jorge Rizzini** — Ou partir para um terceiro laudo!

**Carlos Pallut** — Vamos com calma. Vamos lá!

**Carlos Éboli** — Eu mostraria aqui as dobras... Observáveis por qualquer homem médio ou normal... Não precisa nem aparelhagem prá isto! E peço, até mesmo, o testemunho de homens dignos que estão aqui presentes...

**Luciano dos Anjos** — Não são dobras, sr. Éboli, o que foi dito lá pelos peritos, na nossa frente. São gomos! Não são dobras.

**Carlos Éboli** — Gomos? Mas não está dito isso no laudo!

**Luciano dos Anjos** — O senhor leu o laudo ou não leu, afinal?

**Carlos Éboli** — Li, como não?

**Luciano dos Anjos** — Eu ouvi o senhor dizer na gravação do seu último programa que não tinha lido o laudo.

**Carlos Éboli** — Não. Eu li publicado no jornal. Eu o tenho aqui, até.

**Jorge Rizzini** — Está aqui!

**Renato Dantas** — Dr. Éboli, o material de São Paulo, é o mesmo material que o senhor...

**Carlos Éboli** — Absolutamente! Eles nem fazem referência do material. Eles nem identificam! Nenhum material.

**Luciano dos Anjos** — O material é o mesmo!

**Carlos Éboli** — Pelo amor de Deus, que não é!

**Luciano dos Anjos** — Nós podemos lhe trazer esse material...

**Carlos Éboli** — Se o material fosse o mesmo teria se referido ao meu nome... Não se referem ao meu nome no laudo! Mas, não vamos fugir do assunto. Nós teríamos aqui uma aparelhagem...

**Luciano dos Anjos** — Antes do senhor iniciar... Eu vou dizer que vou me calar, sr. Éboli! Porque, naturalmente, eu não entendo do assunto: o senhor poderia estar apresentando isso tudo aos técnicos de São Paulo!

**Carlos Éboli** — Por que não trouxe seu técnico aqui?

**Luciano dos Anjos** — Bem, nós não trouxemos o técnico aqui e vou explicar por quê. Porque nossa intimidade com o técnico não é estreita!

**Carlos Éboli** — Eu estou num pelourinho! Fui taxado de farsante, fui taxado de fraudador... Mistificador! Dr. Rizzini, eu devo dizer ao senhor uma coisa (o senhor ouça e guarde isso para o resto de sua vida) em 23 anos de perito criminal nunca encontrei um homem digno capaz de me chamar de mistificador! Só aqueles que foram colhidos pela malha da lei, à custa de trabalhos meus, servindo à sociedade, que me chamaram de qualquer coisa desagradável! Eu posso lhe dar os epítetos que já me classificaram todos eles. Mas, nem um homem digno, nenhum homem decente...

**Luciano dos Anjos** — Sr. Éboli, não podemos conversar com o senhor...

**Carlos Éboli** — ...me classificou disso!

**Luciano dos Anjos** — Não podemos conversar com o senhor porque não trouxemos os nossos técnicos, aqui. Porque nós não temos intimidade com eles. Naturalmente, eles são técnicos, homens de laboratório...

**Carlos Éboli** — Pois eu devo dizer ao senhor, que geralmente eu tenho intimidade com os meus clientes! E somente à custa dessa intimidade é que eu os recebo. Porque quando eu não tenho intimidade, eu não recebo os clientes! O primeiro crédito que um cliente deve ter...

**Luciano dos Anjos** — Nós não fomos tratados como clientes pelo prof. Petit: nós fomos tratados como homens que buscavam a verdade. Não havia essa qualificação de “cliente” diante do prof. Petit e...

**Carlos Éboli** — O prof. Petit classificou o trabalho dele de laudo. Vejam os senhores que ele começou enganando os senhores, classificando um trabalho de parecer particular...

**Luciano dos Anjos** — Quer dizer, que o senhor está chamando o prof. Petit de mentiroso?

**Carlos Éboli** — Não! Ele começou classificando o trabalho dele indevidamente: laudo! Laudo é um documento produzido para fins judiciais. Aquilo é um parecer, como o meu é um parecer para “O Cruzeiro”, apenas ...

**Luciano dos Anjos** — O senhor está desviando para o problema do laudo.. Eu não tenho elementos para... O senhor é técnico!

**Mário de Moraes** — Mas você pediu para ele ...

**Jorge Rizzini** — O que foi pedido... Dá licença para eu explicar ao Mário? O que foi pedido... Aliás, eu fiz um apelo ao David Nasser (e torno a fazer)...

**Mário de Moraes** — Mas nós estamos aqui representando “O Cruzeiro”...

**Jorge Rizzini** — Não, não! Eu faço diretamente! Que publicasse o

nosso laudo! Porque vocês fizeram as reportagens, fatalmente baseados, e o próprio Nilo disse isso, baseados no “seu” Éboli!

**Mário Moraes** — Mas, é ridículo! Para nós, o parecer do dr. Éboli está fora de qualquer dúvida! É definitivo para nós. Não vamos publicar outro laudo!

**Luciano dos Anjos** — Guardem bem, os srs. telespectadores, essa afirmativa: o parecer do dr. Éboli...

**Mário Moraes** — Para nós é definitivo!

**Luciano dos Anjos** — Categórico! Categórico para os senhores!

**Mário de Moraes** — Perfeito. Categórico.

**Luciano dos Anjos** — Infalível, possivelmente

**Mário de Moraes** — Para nós!

**Luciano dos Anjos** — Guardem bem, os srs. telespectadores, essa afirmativa. O senhor fala em nome da direção de “O Cruzeiro”?

**Mário de Moraes** — Tem aqui um representante da direção de “O Cruzeiro”.

**Luciano dos Anjos** — O senhor afirma isso, também? Só quero saber isso.

**Kosinski** — Confirmo.

**Jorge Rizzini** — Nós voltaremos a esse aspecto.

**Carlos Éboli** — O importante de tudo isso, é voltarmos ao assunto. Eu acho que os srs. poderiam realizar uma sessão, mas com a médium Otília, evidentemente. Sem trazer a biblioteca onde estão incluídos William Crookes, Richet...

**Jorge Rizzini** — Quer dizer que o senhor não está convencido que foi uma farsa?

**Carlos Éboli** — Estou convencido que é uma farsa! Os senhores é que...

**Jorge Rizzini** — O senhor quer uma nova sessão!

**Carlos Éboli** — Os senhores é que pediram a prova, eu vou dar a prova! Eu entro com a aparelhagem, porque o dr. Anjos disse que tinha aparelhagem, mas não sabe qual é; e essa aparelhagem é de uma simplicidade extrema! Eu garanto aos senhores que dona Otília não será algemada, porque isto é uma manifestação circence. A dona Otília não será de nenhuma forma amarrada em correias de couro. A dona Otília, pura e simplesmente, ficará numa cadeira, receberá uma gargantilha com um microfone, terá sobre o peito também um microfone de contato, terá sobre os pulsos dois pequenos eletrodos, duas máquinas fotográficas, uma para fotografar a entidade, outra para fotografar a médium sentada, e a dez ou quinze metros de distância, através de amplificadores e através de um oscilador de raios catódicos e através de um instrumento de

alta sensibilidade para medir...

**Luciano dos Anjos** — Tudo isso?! É uma usina, não é dr. Éboli?

**Péres Júnior** — Luciano! Não vamos levar para a “gozação” nem para o ridicularismo!

**Luciano dos Anjos** — Não! Porque, com tudo isso...

*Tumulto.*

**Carlos Éboli** — Os senhores falaram em experimento científico! Aquilo que se processou em Uberaba...

**Sílvio Lago** — Os senhores não estão à altura...

**Luciano dos Anjos** — Dr. Éboli, o senhor foi colocado fora do debate. Dr.Éboli, não, perdão! Dr. Lago.

**Carlos Éboli** — Desde o princípio se falou aqui em experimento científico! Nós estamos na era...

**Sílvio Lago** — O senhor está demonstrando que não está na altura da pesquisa parapsicológica!

**Carlos Éboli** — ... na era da eletrônica! Nós estamos na era da teoria atômica, pelo amor de Deus! Não vamos amarrar mais uma médium, nem meter umas algemas, que isso é ridículo! Profundamente ridículo! Isso, no circo, é uma maravilha, para um experimento científico, não! Vamos, também, tirar aqueles baldes... Mas, aqui, meus senhores, está uma meia dúzia de aparelhos...

*Os desenhos são mostrados à câmara.*

**Carlos Éboli** —... que não custam muito caro e eu tenho, e eu posso ceder aos senhores, se quiserem. Os senhores só entrarão com Otília, e nada mais. E eu entro com o resto; e, depois disso, eu dou a demonstração da fraude. Eu lhes dou a demonstração da fraude por um motivo muito simples: porque vai ficar demonstrado, de forma inexorável, inelutável, irredutível, que se dona Otília quiser aparecer como entidade ela vai ter de se levantar da cadeira. Era só o que eu queria dizer aos senhores.

**Luciano dos Anjos** — Então, o senhor tem um ponto de vista à priori firmado.

**Carlos Éboli** — Mas, se estou convencido que o caso de Uberaba é uma fraude! Eu fico em muito boa companhia se fico ao lado do dr. Lago. Dispensso...

**Luciano dos Anjos** — Naturalmente, que senhor desconhece o problema. Porque o próprio dr. Lago pode lhe dizer que nem sempre o fenômeno pode se sujeitar à mecânica.

**Carlos Éboli** — Mas, um fenômeno que se sujeita a outras coisas! Otília foi uma mulher de vida rude... Pode suportar tudo isso!

**Luciano dos Anjos** — Os materialistas sempre tentaram provar a inexistência de Deus através dos laboratórios da mecânica.



*O repórter Jorge Audi ao lado de Irmã Josefa. Como José Franco, Audi teve atitude de humildade e profundo respeito quando viu a materialização (foto de Nedyr Mendes da Rocha).*



**Mário de Moraes** — Nós esperaremos um ano!

**Carlos Éboli** — Um ano, até! Eu acho que um microfone de contato e dois eletrodos no pulso, aquilo a que qualquer criança se sujeita, é muito mais suave que algema e amarra de couro. Concordem comigo, pelo menos.

**Luciano dos Anjos** — Aliás, eu devo lhe dizer que, lá em Uberaba, os repórteres estiveram à vontade, para manietar a médium. Eles podiam ter levado outros elementos.

**Mário de Moraes** — Você estava lá, estava, meu companheiro?

**Luciano dos Anjos** — Já lhe disse que não preciso estar lá.

**Mário de Moraes** — Ah... Você não pode afirmar, sem ter estado lá! Por que é que o dr. Waldo não vem nos dizer aqui isso?

**Luciano dos Anjos** — Depois você vai me fazer a gentileza de repetir todos os acontecimentos naquela sessão de Uberaba. Vamos ver se eu consigo contestá-los, mesmo não estando lá. Vamos ver!

**Jorge Audi** — Eu gostaria de fazer uma espécie de defesa de certas acusações que nos foram feitas, aqui. Pelos senhores! Afirmam (e isso está gravado em disco que está em cima, na “técnica” e pode ser posto em funcionamento a qualquer momento). Essa primeira reportagem nossa foi feita (e está dito aqui, na reportagem) com os elementos, depoimentos, fornecidos pelos médicos, e fotografias todas fornecidas por eles, médicos. Então, afirmam os pesquisadores que levaram a efeito seis experimentações, de setembro a novembro do corrente ano, obtendo-se cerca de quatrocentas fotografias, etc. Seis experimentações são bastante para afirmar que o fenômeno é real. Asseguram os médicos que o intuito é científico, nenhuma intenção religiosa anima a equipe de pesquisadores. Não é isso o que se está vendo! A equipe e os senhores estão tentando levar o negócio para o terreno religioso, e não é religioso! Aqui, mesmo, foi tentado levar outra vez.

**Jorge Rizzini** — Nós afirmamos, no começo...

**Jorge Audi** — Ó Rizzini... um momentinho!

**Jorge Rizzini** — Nós afirmamos, no começo, que não há aspecto religioso! Isso foi dito no começo.

**Carlos Éboli** — Até no aspecto religioso estaria falho porque Otília aparece nesta materialização com o crucifixo. Vejam os senhores o quanto é ridículo o fato! No entretanto...

**Jorge Rizzini** — Não é ela! É a entidade espiritual!

**Carlos Éboli** — É a entidade. Exato. No entretanto, o crucifixo da Ordem (aquele crucifixo com o qual Irmã Josefa foi enterrada e que pode ser hoje em dia verificado se se permitir a exumação do corpo) o crucifixo é este.

*É mostrada às câmeras nova foto.*

**Luciano dos Anjos** — O senhor já ouviu falar em transporte, sr. Éboli,

em matéria de Espiritismo?

**Carlos Éboli** — Mas, o transporte muda completamente? Até mesmo do ponto de vista morfológico?

**Mário de Moraes** — Isso é Espiritismo! Estamos aqui no campo da ciência.

**Luciano dos Anjos** — Meu caro Mário de Moraes: você, como estudioso do assunto, devia saber que o Espiritismo é também uma ciência!

**Jorge Audi** — Um momentinho, Luciano. Você não me deixou explicar a coisa, aqui...

**Mário de Moraes** — Vamos para a ciência, companheiro! Para a ciência!

**Jorge Audi** — ...em que eu digo, que a princípio o dr. Waldo nos anunciou uma ampla liberdade que nos foi tirada minutos após. Muito bem! Aqui...

*Tumulto.*

**Jorge Rizzini** — Vamos deixar ele terminar! Vamos deixar o Jorge Audi terminar a exposição?

**Jorge Audi** — Bem, nós temos uma fotografia, aí, agora... Eu gostaria que o Mário pudesse ir procurando para mim... Nós temos uma fotografia em que... no momento que o Nilo tentava algemar a médium Otília por um braço e na cadeira de encosto. A fotografia mostra quatro ou cinco médicos assediando o Nilo para que não apertasse as algemas porque machucaria a médium Otília.

**Jorge Rizzini** — Um momento! Nós só queríamos anotar aqui, para não esquecer! A afirmativa, qual é? Que... vários médicos...

*Luciano dos Anjos anota em um papel.*

**Jorge Audi** — Que vários médicos, assediando o Nilo para não algemar, fortemente, a médium Otília...

**Jorge Rizzini** — Sei...

**Jorge Audi** — ... e para não algemá-la ao braço da cadeira porque a médium Otília se debateria.

**Luciano dos Anjos** — Essa é a sua afirmativa? Muito bem!

**Jorge Audi** — Exato.

**Luciano dos Anjos** — Que vários médicos assediavam você, naturalmente, não permitindo... muito bem! Impedindo que a prendesse no pé da cadeira?

**Jorge Audi** — No braço da cadeira.

**Jorge Rizzini** — No braço da cadeira!

*Luciano dos Anjos continua a anotar no papel.*

**Jorge Audi** — Quando nós chegamos, eu perguntei ao dr. Waldo se era permitido o uso de raios, principalmente infravermelhos. Dr. Waldo disse

que não permitiria porque o raio infravermelho dissolveria o ectoplasma.

**Jorge Rizzini** — É uma afirmativa estranha, essa, porque qualquer leigo...

**Jorge Audi** — Hum ...

**Jorge Rizzini** — ...qualquer leigo (vá a qualquer centro espírita, aqui no Rio devem existir centenas!) sabe que o infravermelho não afeta, absolutamente!

*Tumulto.*

**Jorge Rizzini** — Todos sabem que o infravermelho não afeta, absolutamente! Qualquer centro, qualquer leigo! Qualquer analfabeto em Espiritismo sabe!

**Luciano dos Anjos** — Até o correspondente, aqui, atesta que não afeta!

**Mário de Moraes** — Não estamos falando de Espiritismo.

**Jorge Rizzini** — Qualquer analfabeto em Espiritismo sabe... Em ciência espírita, na fenomenologia espírita, na parapsicologia, na metapsíquica, todos sabem que o infravermelho não afeta o ectoplasma!

**Carlos Éboli** — O senhor conhece a parapsicologia do dr. Rhine?

**Luciano dos Anjos** — Não vamos, lá, no prof. Rhine, senão teríamos de nos reportar às “dobras” e...

*Tumulto.*

**Jorge Audi** — Eu digo aqui que só um “flash” foi permitido entrar no ambiente, as demais câmeras deviam ser operadas com a objetiva aberta, aproveitando a luz daquele. As fotografias só podiam ser feitas, quando a Irmã Josefa autorizasse. Bem, está aqui uma fotografia e minha máquina sem “flash”, como as demais máquinas, sem “flash”. Eu digo que os efeitos foram excelentes porque eu usei um filme colorido em uma das minhas câmeras que cedi ao Mário Moraes, para que ele operasse, enquanto eu operava a minha, em preto e branco. Os efeitos foram excelentes e revelaram detalhes que não surgiram nas fotos em preto e branco. Mostram a fisionomia da médium por detrás do véu. A outra entidade masculina, que responde pelo nome de dr. Veloso, mostra, nitidamente, a presença de seio, sem soutien, que faria um volume maior. Muito bem! Eu disse que... As fotografias em cores estão aqui. Eu disse que havia semelhança e essa semelhança foi mostrada... Semelhança, não! Igualdade! É a médium Otília que aparece por trás...

**Luciano dos Anjos** — Os técnicos de São Paulo desmentem essa igualdade.

**Jorge Audi** — Bom, eu afirmo.

**Luciano dos Anjos** — Sua afirmativa é contrária a de três técnicos.

**Jorge Audi** — Traz para eles verem a fotografia. Aqui está! Nós

publicamos na nossa capa a médium e a entidade.

**Carlos Éboli** — A respeito desse assunto, seria interessante fazer (desde que eles se louvam nos técnicos de São Paulo)... Não sei se os senhores leram com bastante atenção o laudo; entretanto, se não o leram, eu faço questão de chamar a atenção para um detalhe. Dizem eles, aqui: “De um simples confronto entre as fotografias, etc., que reproduzem, respectivamente, etc., mostram de sobejo não existir o mais leve resquício de semelhança!”

**Jorge Rizzini** — De semelhança, entre?...

**Carlos Éboli** — De semelhança entre os dois, a mulher e o homem. Em baixo, eles dizem, o seguinte: “O turbante e o véu, que encobrem, respectivamente, a cabeça e o rosto da imagem, não deixam transparecer em toda a sua plenitude os traços morfológicos”. Quer dizer, que se contradizem. Em cima, eles puderam identificar a questão, em baixo não puderam porque o véu cobre, completamente!

**Luciano dos Anjos** — O senhor deveria, naturalmente, dirigir sua réplica aos peritos de São Paulo...

**Peres Júnior** — Para nortear, aqui, foi feito algum convite por parte do Rizzini ou do Luciano aos peritos de São Paulo, ao prof. Petit, para vir se contrapor ao...

**Jorge Rizzini** — Não. Nós convidamos Éboli a ir a São Paulo. O convite fica feito.

**Carlos Éboli** — Não, absolutamente, eu não recebi esse convite.

**Jorge Rizzini** — Fica feito.

**Carlos Éboli** — Ah! irei com muito gosto.

**Jorge Rizzini** — Vai!

**Carlos Pallut** — Há que se convir que o problema na televisão foi levantado aqui! Aqui, na TV-Continental. Os técnicos deveriam vir, aqui, na televisão Continental.

**Carlos Éboli** — É, mas eu estou correndo um perigo.

**Carlos Pallut** — Aqui, na TV-Continental!

**Carlos Éboli** — Eu só garanto a eles, que não usarei, em relação a eles, os adjetivos que foram usados em relação a mim.

**Jorge Rizzini** — Seria interessante, porque assim o senhor esclareceria o caso que houve e o senhor e o diretor da Polícia Técnica de Paulo, dr. Egas Muniz!

**Carlos Éboli** — Egas Muniz não foi diretor da Polícia Técnica de São Paulo! O diretor da Polícia Técnica...

**Jorge Rizzini** — Ele é o Diretor!

**Carlos Éboli** — Não, senhor. O senhor está completamente enganado! Dr. Egas Muniz é um homem de setenta e três anos, que foi diretor da

Polícia Técnica...

**Jorge Rizzini** — Ele me disse que nem sequer conhece o senhor e que nunca esteve na Bahia!

**Carlos Éboli** — Na Bahia!

**Jorge Rizzini** — Nunca esteve na Bahia! E o senhor disse na televisão Itacolomy que teve um caso com ele!

**Carlos Éboli** — Como? Só se o senhor está confundindo alhos com bugalhos.

**Jorge Rizzini** — Ele me disse que não conhece o senhor, a não ser de nome, agora, por causa das publicações de “O Cruzeiro”...

**Carlos Éboli** — Quem?

**Jorge Rizzini** — ... que lhe deram grande prestígio!

**Carlos Éboli** — Quem? Egas Muniz Barreto?

**Jorge Rizzini** — Ele não o conhece, pessoalmente!

**Carlos Éboli** — É um engano seu: não me deu grande prestígio, porque...

**Jorge Rizzini** — Deu... Deu!

**Carlos Éboli** — Porque...

**Jorge Rizzini** — Deu! Deu. Nêsse momento está dando! O senhor deve isso ao Mário de Moraes, ao Jorge Audi...

**Mário de Moraes** — Isso não interessa, ouviu?

**Jorge Rizzini** — Não se discute se interessa ou não! Vamos...

**Carlos Éboli** — Vamos esclarecer. O dr. Egas Muniz Barreto de Aragão...

*Tumulto.*

**Carlos Éboli** — O senhor se refere ao dr. Egas Muniz Barreto de Aragão?

**Jorge Rizzini** — Eu me refiro ao dr. Egas Muniz, diretor da Polícia Técnica de São Paulo!

**Carlos Éboli** — Não, o senhor está enganado. O diretor da Polícia Técnica é o dr. Arruda. É um delegado de polícia. O senhor está enganado.

**Jorge Rizzini** — Não... esse, foi o diretor!

**Carlos Éboli** — Não, senhor...

**Jorge Rizzini** — O senhor fêz uma confusão...

**Carlos Éboli** — Hum...

**Jorge Rizzini** — Talvez o nome Egas Muniz, na Bahia... Talvez existam vários Egas Muniz.

**Carlos Éboli** — Mas, eu pergunto ao senhor: o seu laudo é da Polícia Técnica de São Paulo ou é um parecer particular, dado pelo Carlos Petit?

**Jorge Rizzini** — Prof. Carlos Petit.

**Carlos Éboli** — Mas, não é da Polícia Técnica de São Paulo. Ele é, como eu sou, perito criminal. Mas, o parecer não traz o prestígio da repartição dele, como o meu não leva o da minha repartição.

**Jorge Rizzini** — Não. Mas, é evidente que êle representa...

**Carlos Éboli** — Então, se esse caso se tornar um caso de polícia, é que será feito um laudo oficial! Até agora, nós estamos...

**Jorge Rizzini** — Mas, isso é outro problema!

**Carlos Éboli** — Ah, bom...

**Jorge Rizzini** — Então, vamos deixar o Jorge Audi terminar, porque afinal...

**Jorge Audi** — Eu gostaria, se possível, de mostrar aqui...

**Luciano dos Anjos** — Você permite, para recapitular: vários médicos, assediando a médium para impedir que a amarrassem ao pé da cadeira...

**Jorge Audi** — Pé da cadeira, não.

**Jorge Rizzini** — Ele disse no braço.

**Jorge Audi** — No braço da cadeira. E impediram que o Nilo apertasse mais as algemas. Eu tinha um detalhe maior, que ficou perdido... Mas, aqui está a alagma frouxa nas mãos de Otília! As algemas estão frouxas. Dá para caber um dedo ou dois! Bem...

**Carlos Éboli** — O dr. Rizzini sabe...

**Luciano dos Anjos** — Espera, aí! Deixa eu anotar! Algemas frouxas. Quer separar, por favor, essa fotografia?

**Jorge Rizzini** — Quer emprestar essa fotografia?

**Carlos Éboli** — O dr. Rizzini parece que não sabe, como o ilustre colega não sabe, também, que dificilmente se algema mulher. A conformação anatômica da mão da mulher...

**Jorge Rizzini** — Quem algemou foi o “seu” Nilo de Oliveira!

*Tumulto.*

**Mário de Moraes** — O Nilo não podia apertar porque machucaria a mão dela! Ficaram dois dedos! Algemou, mas sem levar até o último ponto. Não pôde levar porque machucaria o braço!

**Luciano dos Anjos** — Não poderia levar, por quê? Quebraria o braço?

**Jorge Audi** — Não, meu filho... Não fale, assim... Levasse até onde prende, realmente!

**Luciano dos Anjos** — Mas, foi o Nilo de Oliveira quem algemou?

**Jorge Audi** — Foi, foi o Nilo de Oliveira.

**Jorge Rizzini** — E vocês, sabendo que ela estava mal prêsa, por que permitiram que houvesse a sessão?!

**Jorge Audi** — Meu querido, espera aí, nós vamos chegar lá... Dá

licença! Só um “flash” foi permitido, já falei; os efeitos, já falei; presença de seio, está aqui, presença de seio está aqui, seio aqui...

*Tumulto geral.*

**Carlas Éboli** — Mostra os fios!

**Sílvio Lago** — Sobre os seios, os peritos de São Paulo...

**Luciano dos Anjos** — O senhor, naturalmente, não estava atento porque foi alijado do programa e não acompanhou a minha resposta! Já expliquei...

**Sílvio Lago** — Alijado, não é bem o termo! É o que o senhor gostaria de ter feito...

**Luciano dos Anjos** — De maneira nenhuma! Eu disse que tinha o prazer de recebê-lo, aqui! Dr. Lago, eu disse que o prazer... O senhor foi em minha providência!

**Peres Júnior** — Um momento! Dr. Lago não foi alijado do programa. Apenas...

**Luciano dos Anjos** — Ah, não? Desculpe, dr. Lago, desculpe!

**Peres Júnior** — Apenas pedimos que ele se colocasse em sua poltrona, após aquele primeiro problema, e que aguardasse, então, para futuras consultas.

**Luciano dos Anjos** — Dr. Lago, queira aceitar as minhas desculpas.

**Jorge Audi** — Eu gostaria de continuar.

**Jorge Rizzini** — Claro!

**Jorge Audi** — Isso, é o meu depoimento...

**Jorge Rizzini** — Eu peço que ninguém interrompa; nem nós, ouviu Luciano? Vamos deixar o Jorge Audi concluir...

**Jorge Audi** — Eu estou agora confirmando com fotografias! Ao ser incumbido de libertar os pés da médium, verifiquei que eles estavam praticamente soltos! Comecei a puxá-los para retirá-los, sem desafivelar as correias, mas Otília resistiu, reclamando. Perfeito, meu filho! Praticamente soltos! Agora, não troca minhas palavras, Luciano...

**Jorge Rizzini** — Antes ou depois da sessão, Jorge?

**Jorge Audi** — Hein?

**Jorge Rizzini** — Antes ou depois da sessão?

**Luciano dos Anjos** — Praticamente soltos?

**Jorge Audi** — Depois da sessão. Não! Praticamente soltos, depois da sessão.

**Jorge Rizzini** — Praticamente soltos, depois da sessão.

*Luciano dos Anjos volta a anotar no papel.*

**Luciano dos Anjos** — Ah! Eles apareceram praticamente soltos depois da sessão.

**Jorge Audi** — Depois da sessão. Eu digo que foi depois da sessão!

**Mário Moraes** — Espera aí, Jorge.

**Jorge Audi** — Espera aí, meu filho, eu vou continuar. Mas, eles já estavam sôltos, porque antes da sessão foram amarrados dessa forma aqui!

*Foto é mostrada no vídeo: foto em que aparecem os drs. Alberto Calvo e Oswaldo de Castro.*

**Mário de Moraes** — E não foi pelo senhor Nilo, não!

**Jorge Audi** — E não foi o Nilo! Está aqui o mocinho amarrando... O doutor, que não me lembro o nome!

**Mário Moraes** — Ele deve conhecer. É amigo dele.

**Jorge Rizzini** — Quem é o médico?

**Mário de Moraes** — O fotógrafo deles está ali, pode dizer quem é!

**Jorge Rizzini** — E aquela gravação em que o Nilo de Oliveira afirma que foi êle quem manietou a médium?

**Jorge Audi** — Observem os telespectadores como está frouxa a correia! Muito bem. A coisa é feita dessa forma: Otília força com o pé, força com o pé, no pé da cadeira e, observem os senhores, basta um puxão... Está aqui um detalhe maior: basta um puxão prá cima e o pé sai! Sai porque saiu na minha mão!

**Luciano dos Anjos** — Antes de começar a sessão, você verificou se era assim que estava a correia?

**Jorge Audi** — Era assim!

**Luciano dos Anjos** — Antes de começar a sessão, verificou.

**Jorge Rizzini** — Antes de começar a sessão, verificou. Toma nota.

*Luciano dos Anjos anota no papel.*

**Jorge Audi** — Não verifiquei em detalhes. Mas vi, observei à distância ...

**Mário de Moraes** — Explica logo de início, Jorge! Eles estão querendo chegar, estão rodando, rodando para chegar por que nós não demos o flagrante! Explica a eles...

**Luciano dos Anjos** — Não, não, depois. Mas, você se precipita, Mário! Tenhamos calma... Nada disso...

**Jorge Audi** — Quando o “flash” estourou... estourou...

**Jorge Rizzini** — Vamos deixar o Jorge terminar!

**Jorge Audi** — Quando o “flash” estourou... pude observar que o véu que cobria o rosto da aparição esfiapava!

*Tumulto.*

**Jorge Audi** — Eu devo dizer, aqui, que eu sou fotógrafo há bastante tempo e tenho o hábito de observar todos os detalhes, quando eu fotografo...

**Jorge Rizzini** — O “flash” espouca ...

**Jorge Audi** — Eu estou habituado a observar através do “flash” explodindo!



**Jorge Rizzini** — O “flash” estoura em um milésimo de segundo...

**Jorge Audi** — De segundo! E eu observo...

**Jorge Rizzini** — E você observou em um milésimo de segundo!

**Jorge Audi** — Observo! Eu observo! Eu observo quando o meu fotografado está de olhos fechados, quando alguma coisa passou na frente... Eu observo, meu filho; desculpe se sou mais profissional!

*Tumulto geral.*

**Jorge Audi** — Eu observo!

*Novo tumulto.*

**Carlos Pallut** — Assim não vai, não vai!

**Jorge Audi** — Eu gostaria de mostrar os detalhes, aqui ...

*Tumulto.*

**Mário de Moraes** — Tragam testemunhas, aqui. Venham ver se está esfiapando o véu!

**Carlos Éboli** — Realmente.

**Mário de Moraes** — Tragam o fotógrafo de vocês. Venha ver, companheiro, se está ou não esfiapando...

**Luciano dos Anjos** — Não chama, Mário, porque nós mesmos estamos impedindo... Depois êle...

**Mário de Moraes** — Mas, ele não quer dar o testemunho?

**Jorge Rizzini** — Ele está atrapalhando!

**Jorge Audi** — Observem, então, aqui, nossa fotografia! Eu, sendo fotógrafo, o “flash”, na hora que estoura... E está aqui a esfiapação! Aqui, neste cantinho, aparece um pouco mais ampliado. E aparece aqui com mais nitidez nessa fotografia. Eu gostaria (ouviu, Pallut)? que você testemunhasse esse detalhe, aqui. Tem fiapinho ou não, na hora que estou sendo fotografado? Aqui, o fiapinho!

**Carlos Pallut** — Além do meu testemunho, eu gostaria, então, que aquele rapaz que disse que não tinha, então, vir aqui...

**Peres Júnior** — Luciano, o seu fotógrafo pode, realmente, agora interferir.

**Mário de Moraes** — Não, eu só queria o testemunho da equipe do Pallut.

**Carlos Pallut** — Eu não estou aqui para ver detalhe ou não!

**Luciano dos Anjos** — O véu está esfiapando? Me dá licença.

**Carlos Pallut** — E um fiapo que está aqui... Nós não vamos discutir se essa fotografia está retocada... Só para ver! Um minutinho, só. Aqui tem um fiapinho, não tem?...

**Luciano dos Anjos** — Parece que tem. Pelo menos... Aparentemente...

**Carlos Pallut** — Não, eu não sei se é fiapo ou não... Mas tem aqui um

branco, não tem? Aqui também tem, e mais em baixo, também...

**Luciano dos Anjos** — Bem, não tem dúvida! Aparentemente, há um fiapo, aí...

**Carlos Éboli** — Nessa oportunidade, seria interessante que as pessoas presentes também confirmassem esse fato.

**Luciano dos Anjos** — Não, eles estão fora do programa...

**Carlos Éboli** — Porque eu afirmo no meu laudo que há duas fotografias desfocadas...

**Luciano dos Anjos** — Isso é outra coisa: é o fiapo, por enquanto...

**Carlos Pallut** — Por enquanto, é o fiapo. E o fiapo, então... Se é fiapo, se não é fiapo! Se é fiapo...

**Jorge Audi** — Eu estou chamando a atenção desse detalhe...

**Jorge Rizzini** — Afinal, o Jorge não terminou a exposição...

**Jorge Audi** — Eu estou chamando a atenção desse detalhe por que aqui, nêsse programa, foi dito que eu podia arranjar esse fiapo em qualquer lugar...

**Jorge Rizzini** — Claro, natural!

**Jorge Audi** — Eu devo esclarecer que nunca usei desses meios em meus trabalhos profissionais...

**Jorge Rizzini** — O que foi dito...

**Jorge Audi** — Eu não admito que me façam acusações...

**Jorge Rizzini** — Eu vou esclarecer!

**Jorge Audi** — ... que eu trouxe o fiapo de qualquer lugar, da minha roupa!

**Jorge Rizzini** — Não! O que se afirmou, é o seguinte: quem poderia garantir que o fiapo veio de Uberaba, veio do Rio de Janeiro, São Paulo, etc.? Isso, o que nós levantamos: essa foi a suspeição!

**Jorge Audi** — Sobre isso eu trouxe detalhes para mostrar...

**Luciano dos Anjos** — Sobretudo, se o fiapo era realmente do espírito materializado! Você mesmo diz que encontrou um preto, no chão! Quer dizer que havia muitos, por ali... Imagine se houvesse o preto: você diria que era...

**Jorge Audi** — O preto devia ser da roupa preta. Mas, esse, aqui, foi levado a exame e o resultado é que se trata de um fio de algodão com contextura mecânica, de gaze, com malha de três e meio milímetros, não apresenta substância fosforescente nos pontos em que os fios se cruzam, etc. Então, eu afirmo que trouxe esse fiapo, encontrado nessa cortina preta...

*A foto é mostrada às câmeras.*

**Jorge Audi** — ... nesta cortina preta, pelo lado de dentro. Prêso à cortina preta! E levei, êsse fiapo, para exame e foi êsse o resultado.

**Carlos Éboli** — Eu queria dar uma explicação porque fala-se aí em filó.

Isto aqui não é filó, meus senhores. Esse é um tecido diferente de filó. Talvez seja identificado.<sup>36</sup> Vejam bem, que a malha é muito maior que uma malha de filó, porque é uma malha que tem três e meio milímetros. Além do mais, trata-se de um fio que é comprimido de um lado e do outro; não é, portanto, de um tecido comum de filó, em que o fio é enrolado. Há um fio simples, e segurando êsse fio há dois fios trançados, que apertam esse fio e produzem estas duas compressões, que aqui estão.

**Jorge Rizzini** — O sr. Éboli me permite um aparte?

**Carlos Éboli** — Com muito gôsto.<sup>37</sup>

**Jorge Rizzini** — Não se trata de saber, sr. Éboli, se é filó, se não é filó, que é matéria é, etc.

**Carlos Éboli** — Exato...

**Jorge Rizzini** — A pergunta, é a seguinte: o fio veio de Uberaba, é da própria roupa do sr. Jorge Audi, veio do Rio de Janeiro? Ninguém pode garantir!

**Jorge Audi** — Eu tenho impressão que não uso roupa de filó...

**Luciano dos Anjos** — Afinal, é filó ou não é filó? !

**Jorge Audi** — Eu não sei se é filó ou não é filó.

**Luciano dos Anjos** — Dr. Éboli diz que não é filó, você diz que é filó! É ou não é filó?

**Mário de Moraes** — ... senão eu estaria agora num teatro!

**Luciano dos Anjos** — Então, de que é, afinal o fio?

**Carlos Éboli** — É de uma fazenda classificada como gaze...

**Luciano dos Anjos** — Não importa saber se tem contextura, constituição de... O importante, é saber se ela veio, de fato, de Uberaba! Se veio, de fato, daquela sessão. Se de fato se trata de um fio da entidade materializada, se não era de nenhum dos presentes, se foi apanhada, realmente, lá dentro...

**Carlos Éboli** — Isso, realmente, eu não posso garantir.

**Luciano dos Anjos** — O resto, é desviar o assunto!

**Jorge Rizzini** — Isso foge ao assunto. O Jorge, terminou a exposição?

**Jorge Audi** — Mas, eu posso afirmar que encontrei esse fiapo preso na cortina, aqui dentro (a fotografia é mostrada no vídeo). Aqui, na fotografia, pode se observar que o véu esfiapava.

**Jorge Rizzini** — Ninguém garante se era do espírito ou não!

**Jorge Audi** — É a palavra dos senhores contra a minha!

**Jorge Rizzini** — Não estamos negando a sua. Estou dizendo, apenas, que ninguém garante que era da entidade materializada! É isso! Eram os médicos, era dona Otília, eram vocês, era o fotógrafo... Quer dizer: era muita gente naquela sala pequena! Ninguém garante...

**Jorge Audi** — Era uma fazenda com contextura de gaze, ninguém estava vestido...

**Carlos Éboli** — Admitamos que não seja uma prova... Vamos admitir.

**Luciano dos Anjos** — Perdão! Nem isso, dr. Éboli!

**Carlos Éboli** — Não querem admitir, uma vez que consentiram que o

<sup>36</sup> Diz o perito que o fio “talvez seja identificado”. Mais adiante, afirma que “é gaze”... com a maior facilidade!

<sup>37</sup> Trecho em amarelo retirado da 2ª edição (N. R.)

véu que cobre a cabeça da mulher...

**Jorge Rizzini** — Mas, isso está fugindo ao programa! Terminou, Jorge, a exposição? Vamos deixar ele terminar! Ele está há uma hora e não consegue terminar!

**Jorge Audi** — Muito bem. Nesta fotografia há um detalhe importante. Esse momento, é o momento em que a médium Otília, aliás, a Irmã Josefa, pedia de dentro da cabine, (o som vinha de dentro da cabine) pedia que a platéia cedesse ectoplasma...

**Mário de Moraes** — Abrindo bem a boca!

**Jorge Audi** — Abrindo bem a boca! Nós abrimos bem a boca, todo o mundo abriu bem a boca! Mas, o Ballot, num gesto rápido, no momento em que foi disparado um “flash”, na altura em que ela já autorizava fotografia, o Ballot ao invés de fotografar pra frente, virou a máquina e fotografou atrás. Dois, dos médicos experimentadores, não estão de boca aberta; enquanto o resto aparece de boca aberta. Ou eles não queriam dar ectoplasma ou, não sei ...

**Luciano dos Anjos** — Não sabe? Nem nós!

**Jorge Audi** — Não sei nem explicar essa atitude de dois homens que...

**Luciano dos Anjos** — A verdade é que, de fato, não é imprescindível, não, que todos abram a boca. Procure ler a esse respeito.

**Jorge Audi** — Mas, eles diziam ter...

**Luciano dos Anjos** — Continuam em terreno em que absolutamente não avulta a prova!

**Jorge Rizzini** — Isso não tem nada absolutamente nada a ver com a materialização!

*Tumulto.*

**Jorge Rizzini** — Vamos esperar que o Jorge Audi termine a exposição! Eu pediria aos repórteres de “O Cruzeiro” que ouvissem o depoimento de Jorge Audi, também!

**Jorge Audi** — O dr. Waldo Vieira diz na sua entrevista ou coisa parecida (nós temos um disco, aqui) diz ao nosso repórter ...

**Luciano dos Anjos** — Vocês disseram que foi pela TV-Itacolomy; está escrito, não? Vocês disseram que tem até gravado isso.

**Jorge Audi** — Nós temos o disco gravado! Está aí na “técnica” e poderá ser rodado...

**Luciano dos Anjos** — Está gravado pela televisão...

**Jorge Audi** — Na televisão, não sei!

**Luciano dos Anjos** — Diz aí! Vê se não diz, aí!

**Mário de Moraes** — Ele quer te confundir, Jorge! Dr. Waldo prestou declaração à dona Wanda, lá em Uberaba. Esse disco nos foi enviado.

**Luciano dos Anjos** — Pela televisão Itacolomy, não?

**Mário de Moraes** — Não, não. Dr. Waldo, não! Não confunda, não, que dr. Waldo não foi à TV-Itacolomy. Querem rodar o disco para ver se tem a voz dele?

**Jorge Rizzini** — A gravação não tem necessidade.

**Mário de Moraes** — Ele diz que é completamente diferente o rosto da Otília da, da ...

**Jorge Rizzini** — A questão que o Luciano levantou, é a seguinte: se Waldo Vieira esteve ou não na TV-Itacolomy. É outra coisa!

*Grande tumulto.*

**Carlos Éboli** — Se o dr. Waldo esteve ou não na TV-Itacolomy ...

**Mário de Moraes** — Não, não! Espera aí! Ele quer provar que há uma contradição! Então, eu vou te provar que há uma contradição muito maior: dr. Waldo diz, na gravação, que a Otília, que a Irmã Josefa tem o rosto completamente diferente de Otília! Isso é contradição ou não ao que você diz? É contradição ou não ao que vocês disseram aqui?

**Jorge Rizzini** — Mas, na revista vocês publicaram o contrário!

*Tumulto.*

**Mário de Moraes** — É contradição ou não?

**Jorge Rizzini** — Vamos por partes! Deixe-me responder ao Jorge!

**Luciano dos Anjos** — Você está emocionado, Mário! Eu não estou nem ouvindo direito! Apenas diz, aqui, que o dr. Waldo Vieira...

**Mário de Moraes** — Mandem rodar a gravação! Mandem rodar a gravação!

**Luciano dos Anjos** — Com licença? O dr. Waldo Vieira...

**Mário de Moraes** — Mandem rodar a gravação!

**Luciano dos Anjos** — Mas, deixem eu ler antes... Eu acredito na gravação, não tem dúvida nenhuma! A gravação para mim vale.

**Mário de Moraes** — Ela contradiz você!

**Luciano dos Anjos** — Contradiz a revista “O Cruzeiro”!

**Peres Júnior** — Não importa a gravação, nem se o dr. Waldo esteve ou não esteve na TV Itacolomy, nós estamos querendo...

**Jorge Rizzini** — Vamos deixar o Jorge Audi terminar, que Ele até agora não conseguiu terminar é incrível!

**Jorge Audi** — Eu digo, então, que o dr. Waldo faz a afirmativa que a outra entidade, já célebre (seu túmulo está sendo visitado por centenas de pessoas) a Irmã Josefa ou Maria José Domini... A irmã Josefa não se chama Maria José Domini! O nome dela verdadeiro é Josefina Segunaina Carmelina Odonino! Irmã Luiza José! Ou a Irmã Josefa da dona Otília disse o nome errado para o Dr. Waldo ou ele não leu direito, ou...

**Luciano dos Anjos** — Tudo isso é possível, realmente.

**Mário de Moraes** — Que ela diga o nome errado?

**Luciano dos Anjos** — Eu não sei! Não posso afirmar por terceiros! Eu só respondo pelo que...

**Mário de Moraes** — Mas você...

**Jorge Audi** — Mário, você me dá licença? Mais adiante, no mesmo depoimento do dr. Waldo, diz que “a Irmã Josefa que se materializa por intermédio de dona Otília se manifesta com características que a individualizam de modo categórico! O seu timbre de voz é diferente do da médium; a fisionomia também o é”.

**Jorge Rizzini** — Sobre a questão... Você me permite? Eu fiz questão que você terminasse a sua exposição...

**Jorge Audi** — Tem mais ...

**Jorge Rizzini** — Não mereço? Um parêntese, rápido?

**Jorge Audi** — Claro, à vontade!

**Jorge Rizzini** — Sobre a questão do timbre que você leu, aí... Quem levantou a lebre não foi a revista “O Cruzeiro”, não foram vocês... Quem levantou a lebre, também não foi a “Edição Extra”, quando era eu o chefe de reportagem da revista, embora tivesse escrito...

**Jorge Audi** — Eu quero esclarecer que a “Edição Extra” publica agora...

**Jorge Rizzini** — Foi “Fatos e Fotos”!

**Mário de Moraes** — Você ainda é da “Edição Extra”?

**Jorge Rizzini** — Não, deixei a revista!

**Jorge Audi** — Ah, porque a “Edição Extra” publica agora uma reportagem também desmentindo a materialização!

**Jorge Rizzini** — Eles querem vender revista! Agora, a questão... Mas, natural! Eles querem vender a revista! Claro, vender a revista... E vocês sabem que vende!

**Mário de Moraes** — Se não fosse farsa, venderia muito mais!

**Jorge Rizzini** — Não, pelo contrário: iria contra a opinião da maioria! A maioria não é espírita! A maioria não é espírita...

**Jorge Audi** — Mário, você me dá licença de terminar?

**Jorge Rizzini** — Sobre o timbre, eu disse que...

**Carlos Pallut** — Nós vamos, então, terminar...

**Jorge Rizzini** — Você me tinha deixado abrir um parêntese! Sobre a questão do timbre, quem afirma isso não é apenas Waldo Vieira, não somos nós... E eu tive até a felicidade (e eu digo a vocês felicidade porque foi em minha própria residência, e eu comento isso aqui apenas para que o telespectador saiba que tive êsses fenômenos em minha própria residência e dona Otília

nunca tinha ido lá)...

*Tumulto.*

**Jorge Rizzini** — Não tem valor científico nenhum, comprobatório nenhum, mas eu assisti e tive essa felicidade!

**Jorge Audi** — Quer dizer que dona Otília esteve em sua casa?

**Jorge Rizzini** — Mas, dizia eu... Fez uma sessão, a convite meu.

**Mário de Moraes** — Vejam como é fácil...

**Jorge Audi** — Como é fácil fazer sessão em qualquer lugar!

**Luciano dos Anjos** — Depende muito das criaturas presentes!

**Jorge Rizzini** — Depende da vibração de cada um.

*Tumulto.*

**Luciano dos Anjos** — Mas, ninguém os chamou para sessão nenhuma... Os senhores é que se convidaram! As sessões eram feitas, lá, conosco...

**Jorge Audi** — Quer não interferir, por favor, Mário?

**Jorge Rizzini** — Mas, sobre o timbre...

**Mário de Moraes** — Ninguém chamou, é mentira! Que ninguém nos chamou, é mentira! Vocês é que nos convidaram... Pode continuar!

**Luciano dos Anjos** — Espera aí, vamos tomar nota!

**Jorge Rizzini** — Vamos tomar nota, um momento: o Mário disse que...

**Mário de Moraes** — Fomos convidados!

**Jorge Rizzini** — Foram convidados.

**Luciano dos Anjos** — Por quem?

**Mário Moraes** — Hein? Por José Franco. A mando de Waldo Vieira! De Waldo Vieira!

**Luciano dos Anjos** — Espera aí, José Franco é colega de vocês.

**Mário de Moraes** — Mas, a mando de Waldo Vieira!

**Luciano dos Anjos** — Ah... A mando de Waldo Vieira!

**Mário de Moraes** — Você acha que iam nos deixar entrar se não fôssemos convidados?

**Jorge Rizzini** — Vocês já haviam publicado uma reportagem, não há novidade nenhuma.

**Carlos Pallut** — Meia hora para encerrar o programa, não mais!

**Jorge Rizzini** — Bom, será que me permite o Jorge Audi um parêntese? O timbre! Eu quero insistir no timbre! O que mais impressionou o repórter de “Fatos e Fotos”, uma revista que pertence à “Manchete”, uma revista digna, também digna, o que mais impressionou o repórter que descobriu dona Otília foi exatamente a diferença fundamental entre o timbre de dona Otília Diogo e o timbre de Irmã Josefa! É o que mais o impressionou! Isso, apenas registro porque o repórter escreveu na revista; a revista “Fatos e Fotos”!

**Jorge Audi** — Um artista de televisão imita cem vozes! Eu quero ver

é ela imitar a fisionomia!

**Jorge Rizzini** — Mas, ela não é artista! É uma mulher analfabeta, que vive numa residência paupérrima!

**Carlos Éboli** — De tudo isso, o que mais me impressiona é a ausência do timbre. Quando o dr. Veloso aparece não articula uma só palavra.

**Jorge Rizzini** — Mas, quando aparece o Leocádio, o preto velho, é um vozeirão!

**Carlos Éboli** — Mas, o Leocádio não tem responsabilidade porque o Leocádio pode dizer tolice.

**Jorge Audi** — Esse não apareceu na nossa... Não apareceu lá!

**Carlos Éboli** — Mas, o dr. Veloso aparece para médicos e ele é obrigado a responder naturalmente perguntas que os médicos vão lhe formular, o que é profundamente embaraçoso para Otília...

**Carlos Pallut** — Então, nós vamos fazer com que Jorge Audi conclua, para depois, então...

**Jorge Audi** — Vocês dizem que a Otília não pode se desgastar fazendo sessões todo o dia, toda a hora, em qualquer lugar...

**Luciano dos Anjos** — Não deve. O verbo é outro.

**Jorge Audi** — Mas, o Jorge Rizzini... Ela fez na sua casa, não fêz? Aqui, na Guanabara (isso não podia estar dizendo agora, mas vou me antecipar, ligeiramente) aqui na Guanabara dona Otília fez sessões de manhã (no mesmo dia!) de manhã de tarde e de noite!

**Luciano dos Anjos** — Bom, se fez não devia.

**Mário de Moraes** — Mas, pode fazer!

**Luciano dos Anjos** — Não, não, eu não disse que não pode! Disse que não devia!

**Jorge Audi** — Ela fêz aqui na Guanabara matinê para as crianças; matinê para as crianças!

**Luciano dos Anjos** — Se fez, não devia.

**Jorge Audi** — Fez, aqui, na Guanabara, matinezinha para as crianças; fez à noite...

**Luciano dos Anjos** — Fez para comprovar a imortalidade da alma!

**Jorge Audi** — Eu posso lhe adiantar, ainda, Luciano... Se nós lhe provarmos, você... Existe aí, ainda, uma dúvida sobre o problema do dinheiro ou não nas sessões da Otília. Se nós lhe provarmos, talvez daqui a uma semana que existia extorsão de dinheiro...

**Luciano dos Anjos** — Não tenha dúvida de que eu direi que é uma grande médium de materialização, mas, infelizmente, profissionalizando a sua faculdade. Entretanto, devo dizer que até agora não se provou isso!

**Jorge Audi** — Mas, se eu lhe provar você volta para o nosso lado?



Barbaridade!

**Luciano dos Anjos** — Não, nós não estamos discutindo se ela é ou não venal! Nós estamos discutindo se a materialização é ou não autêntica! Perdão, meu caro...

**Jorge Audi** — Perdão, não; assim, não é possível...

**Luciano dos Anjos** — O problema é científico ou é um problema policial?

**Jorge Audi** — Dá licença? Eu não vou, realmente, mais discutir. Para mim, terminou o meu tempo, Pallut!

**Luciano dos Anjos** — Afinal, eu quero saber, o seguinte: se essas...

**Jorge Audi** — Terminou o meu tempo.

**Luciano dos Anjos** — Se terminou o seu tempo, eu agradeço. Eu quero saber se essas informações de algemas frouxas, de pé frouxo, não sei quê... Evidentemente, vocês dizem bem: eu não estive lá! Não posso então responder à altura. Mas, será que esses argumentos você repetiria para os médicos, numa outra reunião? Ou para um representante dos médicos?

**Jorge Rizzini** — Bom... É!

**Mário de Moraes** — Eu quero dizer, aqui, a minha posição. Eu faço uma seção, semanal, que você não deve ler... mas eu a tenho, no “O Cruzeiro”. Ah, você lê, lê! Você citou, aqui; obrigado, aliás.

**Luciano dos Anjos** — A última, eu li o princípio, li o fim, vi que estava numa linguagem incompatível com “O Cruzeiro”, não li o resto.

**Mário Moraes** — Mas, você leu a anterior, mostrou aqui. Pode confessar. Então, eu tenho uma seção, e é nessa seção que eu vou responder. Eu não venho mais à televisão, nesse debate! Porque já cheguei a uma conclusão: para mim, é fraude. Eu não vou perder meu tempo para discutir com vocês, que não estiveram lá.

**Luciano dos Anjos** — Perfeito. Então, você não gostariam de reafirmar isso para os médicos?

**Mário Moraes** — Só há uma prova: este debate não vai conduzir a nada! Os telespectadores não vão se conformar com nada! Eu faço um repto a vocês. Um repto, só: façam uma nova sessão, está bem?

**Luciano dos Anjos** — Vamos tentar.

**Mário de Moraes** — Não! Façam! Um dois anos, quando quiser...

**Luciano dos Anjos** — O fenômeno não está sujeito a nós.

**Carlos Pallut** — O Rizzini... Os médicos...

**Luciano dos Anjos** — Esses detalhes todos que parecem, assim, meio contraditórios, eu pediria que vocês repetissem para os médicos. Será que vocês fariam isso? Ou, pelo menos, para um representante deles?

**Jorge Audi** — Não... Façam outra sessão para nós!

**Luciano dos Anjos** — Outra sessão? Ah, é muita exigência.

**Mário de Moraes** — Quais são os médicos? Quais são? Waldo Vieira? Sebastião de Mello?

**Luciano dos Anjos** — Os que estiveram lá...

**Mário de Moraes** — Não, não, nós tratamos com Waldo Vieira e Sebastião de Mello; os outros só apareceram na hora da sessão!

**Luciano dos Anjos** — Qualquer um que estivesse lá...

*Tumulto.*

**Carlos Pallut** — Sobre esse assunto... Um momentinho, um momentinho!

**Mário de Moraes** — Com Waldo Vieira e Sebastião de Mello, com esses é que nós queremos conversar!

**Carlos Pallut** — Um momentinho, um momentinho sobre assunto de médico! Sobre assunto de médico, é bom que se deixe tudo claro, aqui! Toda a cobertura desse assunto, aqui, na televisão Continental foi de graça! Ninguém pagou nada! Um tostão, sequer! Entendido?

**Jorge Rizzini** — Inclusive, o programa sobre Arigó.

**Carlos Pallut** — Inclusive, o programa de Arigó! Aliás, nem um programa da “volante”, jornalístico, alguém pagou qualquer coisa! Agora, podem dizer que alugam horário depois de meu programa, não tenho nada com isso. Então, eu quero saber, o seguinte: houve acusação de matéria paga na imprensa, anunciando, inclusive, o debate aqui, anunciando opiniões a êsse respeito: nós não tivemos nada com isso!

**Luciano dos Anjos** — Aliás, eu posso dizer: quem pagou, foram os espíritas! Espíritas que estão acompanhando a causa pagaram aquela matéria.

**Carlos Pallut** — Como nós anunciamos, em todo o intervalo; porque nós acreditamos, piamente, opinião minha, particular...

**Mário de Moraes** — A Agência de Publicidade Galvão é espírita, é?

**Luciano dos Anjos** — É uma entidade civil constituída; não pode, evidentemente, ter nada com o Espiritismo.

**Mário de Moraes** — Antônio Levi, também? Estou perguntando por curiosidade, porque ele assina um recibo de mil e duzentos contos por cada página de “O Correio da Manhã”...

**Luciano dos Anjos** — Assina através da Agência Waldemar Galvão Publicidade; e daí?

**Carlos Pallut** — Então, ficou claro, o seguinte aqui nós não tivemos nada, nada a não ser o interêsse em esclarecer a verdade!

**Jorge Rizzini** — Disso, eu dou meu testemunho!

**Luciano dos Anjos** — Eu queria, apenas, que esses problemas de

algemas frouxas... Eu acho que aquilo não foi bem assim, como o Audi contou. Mas, eu não tenho autoridade para responder. Você reafirmaria isto tudo, Audi? Agora, por exemplo?

**Jorge Audi** — Mas, eu estou afirmando aqui meu filho!

**Luciano dos Anjos** — Então, está bom. Então vamos chamar um médico que esteve presente vamos ver se vocês...

**Mário de Moraes** — Dr. Waldo Vieira e dr. Sebastião!

**Luciano dos Anjos** — Não, porque você sabe que êsse não pode vir. Mas, vem outro contestar!

**Jorge Audi** — Dr. Waldo Vieira: outro eu não aceito! Outro eu não aceito!

**Luciano dos Anjos** — Por que, não? Ele esteve presente!

**Jorge Audi** — Não aceito! Não aceito!

**Mário de Moraes** — As normas foram feitas por dr. Waldo!

**Luciano dos Anjos** — Dr. Waldo, você sabe que não pode entrar aqui!

**Mário de Moraes** — Dr. Waldo pode vir. Por que você proíbe, Pallut?

**Luciano dos Anjos** — Dr. Waldo tem compromissos, não pode sair de lá.

**Carlos Pallut** — Eu, não; ninguém está proibindo!

**Mário de Moraes** — Ele está em Uberaba, agora?

**Luciano dos Anjos** — Não sei!

*Entra no estúdio dr. Alberto Calvo.*

**Luciano dos Anjos** — Dr. Alberto Calvo, um dos médicos presentes à reunião!

**Mário de Moraes** — Está ali a fotografia dele amarrando a médium.

**Luciano dos Anjos** — Eu queria agora que vocês discutissem o problema de algemas frouxas, correias frouxas, quem foi que algemou, que não algemou... Dr. Calvo, um médico de reconhecida idoneidade, de nomeada, que vai então conversar... Porque eu não estive, realmente! Mas, ele...

**Jorge Audi** — Vai ser, então, meu querido, palavra contra palavra, mas as fotografias estão ali! Eu digo, afirmo, que o Nilo não pôde algemar, como queria algemar, a médium Otília.

**Alberto Calvo** — O importante...

**Luciano dos Anjos** — Dr. Calvo, tem aqui umas perguntinhas, umas afirmativas, que eu queria, então, para o público...

**Alberto Calvo** — Antes disso, eu queria dizer que, de fato, o que os repórteres estão fazendo agora aqui, — impedir que eu fale — eles procuraram impedir que todos os médicos falassem! Até hoje! Porque lá, em São Paulo, inclusive, quando estavam os médicos para ter uma reunião com os repórteres, fizeram a maior propaganda difamatória dos médicos para incompatibilizá-los

com a opinião pública. Porque tinham eles medo de se defrontar com aquela equipe de criaturas, homens dignos que pretenderam desmoralizar, chamando-os de venais, chamando-os de farsantes e, inclusive, também, insinuando, num falseamento da verdade, de que... fazia coleta de dinheiro na pesquisa científica! Porque o povo, quando escuta falar em pesquisa científica, pensa no médico; então, foi um falseamento da verdade para continuarem incompatibilizando médico. De forma, que eu estou aqui para responder...

**Mário de Moraes** — Onde é que está isso? Onde?

**Alberto Calvo** — Está aqui, está aqui marcado.

**Mário de Moraes** — Onde?

**Alberto Calvo** — Está aqui marcado; aqui, no “O Cruzeiro”, em que se diz que se fazia coleta nas experiências científicas!

**Mário de Moraes** — Então, faz o favor de mostrar.

*Tumulto entre os repórteres.*

**Jorge Rizzini** — Está no depoimento do Nilo de Oliveira!

**Alberto Calvo** — Do Nilo de Oliveira!

**Carlos Éboli** — Um momento. Eu acho que não se deve chamar um médico para depôr sobre assunto de dinheiro. Vamos aproveitá-lo para assunto científico! O senhor veio aqui, trouxe para o telespectador e para nós algumas informações relacionadas com o seu experimento científico...

**Alberto Calvo** — Mas, é que eu estava assistindo o programa de lá, e ouvi o senhor mediador dizer: “mas, nós temos de esclarecer se havia ou não coleta de dinheiro!” Mas, não havia esclarecimento se isso era em Andradadas ou se era em Uberaba!

**Mário de Moraes** — Falou-se em Andradadas! Andradadas! Que houve em Andradadas! Andradadas!

*Tumulto geral.*

**Alberto Calvo** — Houve um falseamento da verdade para induzir o leitor em erro ou em deduções ou confusões falsas! Porque... A desonestidade não está só em mentir, mas também em falar a coisa de forma que dê margem às interpretações dúbias! De forma, que houve um falseamento daquilo que poderia ser ou não a verdade!

**Carlos Pallut** — Perfeito! Então, reconhecemos que houve um falseamento! Então, vamos agora ao mérito!

**Alberto Calvo** — Havia coleta de dinheiro entre os médicos? Eu quero que fique claro para a opinião pública!

**Carlos Pallut** — Não, ninguém aqui acusou isso! Liquidado o assunto! Não houve em Uberaba! Liquidado o assunto! Vamos adiante!

**Luciano dos Anjos** — Mas, no “O Cruzeiro” está...

**Mário de Moraes** — Que em Uberaba houve coleta de dinheiro?

**Alberto Calvo** — Que na experimentação científica! De forma que eu... Entre aspas!

**Mário de Moraes** — Está entre aspas! Isso é diferente!

**Alberto Calvo** — Não importa! O povo não está sabendo!

**Mário de Moraes** — Mas, não é coleta de dinheiro! Eu estou falando em coleta de dinheiro?

**Alberto Calvo** — Está aqui, está aqui...

**Mário de Moraes** — Então, mostre!

**Alberto Calvo** — Em uma das reportagens anteriores...

**Mário de Moraes** — Mostre! Mostre, por favor!

**Alberto Calvo** — O senhor dá licença?

Experiência Espírita Permanente  
 DEPARTAMENTO DA  
**Comunhão Espírita Cristã**  
 Rua 7, A. 10  
 SÃO PAULO, SP  
 Rua São João - Vila E. Centro  
 UBERABA - M.G.

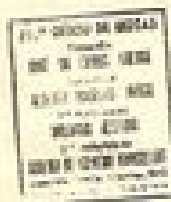
DR. ISMAEL FERREIRA DE RESENDE - EXAME E VERIFICAÇÃO DA SENSITIVA  
 \*\*\*\*\*

(Experimentação da noite de 3-1-64.)

Atento para os detalhes, pois que na presença  
 da Espírita Maria de Moraes e Jorge Audi  
 foi examinada D<sup>ca</sup> Otília Diogo  
 facultando a experimentação de dia 3/1/64  
 tendo verificado nada haver em  
 suas vestes e seu corpo

Uberaba 3 Janeiro 1964

Ismael Ferreira de Resende  
 Maria de Moraes  
 Jorge Audi



Assinatura: *[Handwritten signature]*

Assinatura: <i>[Handwritten signature]</i> Assinatura: <i>[Handwritten signature]</i> Assinatura: <i>[Handwritten signature]</i>	Assinatura: <i>[Handwritten signature]</i> Assinatura: <i>[Handwritten signature]</i>
Assinatura: <i>[Handwritten signature]</i> Assinatura: <i>[Handwritten signature]</i>	Assinatura: <i>[Handwritten signature]</i> Assinatura: <i>[Handwritten signature]</i>

"Atento para os devidos fins que na presença dos reporteres  
 Mário de Moraes e Jorge Audi foi examinada D<sup>ca</sup> Otília Diogo sen-  
 sitiva da experimentação do dia 3-1-64 tendo verificado nada haver  
 em suas vestes e seu corpo".

Uberaba, 3 de Janeiro de 1964

Ismael Ferreira de Resende (médico)  
 Mário de Moraes (reporter)  
 Jorge Audi (reporter)

**Mário de Moraes** — Mas, mostre!

**Alberto Calvo** — Dá licença. Numa das reportagens anteriores, concluía-se, dizendo assim: “Na próxima reportagem, nós diremos qual foi o intuito dos médicos (ou qual foi o móvel dos médicos) ao se reunir para fazerem essas sessões”.

**Jorge Rizzini** — “Seria um bom negócio!”

**Alberto Calvo** — “Seria um bom negócio” está escrito lá! Deixando, então, uma deixa, para a reportagem seguinte, quando vinha, então, e mancheteinha, escrito lá: “Nas experiências científicas (estava lá entre aspas, é verdade, mas o povo às vezes, não presta atenção nisso) fazia-se coleta de dinheiro”, procurando levar em erro...

**Luciano dos Anjos** — Aqui está, aqui está...

**Alberto Calvo** — ... procurando levar em erro a criatura que lesse!

**Carlos Pallut** — Vamos à leitura!

*Tumulto.*

**Carlos Pallut** — Quer ler outra vez?

**Luciano dos Anjos** (lendo) — “O Cruzeiro” apresenta agora a prova mais concludente da farsa da materialização de Uberaba. Os repórteres Nilo Oliveira e Henri Ballot descobriram em São Paulo a verdadeira mãe de Otília e constataram que Irmã Josefa que se materializa através de Otília morreu com 71 anos de idade e era italiana, e não alemã, como afirmaram os mistificadores... E mais ainda... E olhem que fala em Uberaba, lá em cima! “Há coletas de dinheiro nas sessões de materializações, nas sessões científicas.”

**Mário de Moraes** — Vai! Lê o texto, meu querido!

**Alberto Calvo** — Isto já é um falseamento da verdade!

**Mário de Moraes** — Essa “bossinha” você empregou quando mostrou uma roupa rasgada aqui. E agora eu quero testemunha do doutor se nós rasgamos a roupa de Otília, lá!<sup>38</sup>

*Tumulto geral.*

**Alberto Calvo** — Dá licença! Dá licença! Isto aqui é uma técnica muito conhecida; houve, então, um falseamento da verdade, procurando criar, dizendo qualquer coisa de forma a criar interpretação dúbia! Essa, é que é a verdade.

**Luciano dos Anjos** — O problema é o seguinte: dizem os repórteres, os nossos colegas, que vários médicos, assediando a médium, impediam que prendessem a algema no braço da cadeira.

---

<sup>38</sup> A roupa da experimentação, agora histórica, está em poder do autor deste livro. (Nota constante apenas na 2ª edição – N. R.)

**Alberto Calvo** — Não é verdade!

**Mário de Moraes** — É verdade!

*Tumulto.*

**Alberto Calvo** — Os senhores deram a vossa versão, posso dar a minha?

*Tumulto geral.*

**Alberto Calvo** — Posso dar a minha versão?

**Luciano dos Anjos** — Nós estamos nas algemas, chegaremos no pé!

**Alberto Calvo** — Nós chegaremos no pé.

**Jorge Audi** — Perfeito.

**Alberto Calvo** — A verdade é esta: o sr. Nilo estava com as algemas na mão para algemar a médium. Eu fui solicitado para colaborar com ele: eu não tinha algema nem instrumento nenhum de contenção...

**Mário de Moraes** — Aquela (foto) de quem é?

**Alberto Calvo** — A algema era dos trabalhos, mas não está importando isso: está importando saber quem estava com a algema na mão! Era o sr. Nilo quem estava com a algema na mão. Esteve com a algema na mão o tempo todo antes de iniciar o trabalho. Quando a médium, então, ia ser manietada, o sr. Nilo Oliveira disse: “Vamos prender o braço numa das argolas da algema e a outra prenderemos no pé ou no braço da cadeira... Isto foi uma verdade, aconteceu. E eu ponderei... Eu ponderei!

**Mário de Moraes** — Chico Xavier condenou...

**Alberto Calvo** — Chico Xavier, não!

**Mário de Moraes** — Estava ao meu lado! Chico Xavier condenou, ao meu lado! Disse que ia machucar a mão dela!

**Jorge Audi** — Todo o mundo condenou!

**Alberto Calvo** — Se o senhor me deixar terminar... concluir! O senhor vai ver que não estou querendo, absolutamente, falsear a verdade!

**Mário de Moraes** — Então, vamos ver.

**Alberto Calvo** — E eu ponderei ao sr. Nilo, que se fosse presa num braço e num pé da cadeira, daria movimentação para a médium. Porque ela ficaria presa somente por um braço e poderia se estender para fora da cortina! Mas, que ele a contivesse...

**Jorge Audi** — Ela não alcançaria?

**Alberto Calvo** — Bom, foi uma argumentação minha! Mas, que ele a contivesse como bem desse. O Chico Xavier, como é uma criatura boníssima se preocupa tanto com as pessoas, então, ele ponderou: “Não machuquem a médium... Cuidado com a médium...” Mas, isto...

**Mário de Moraes** — Perfeito.

**Alberto Calvo** — ...mas, isto não é coação para que o sr. Nilo de



Oliveira não prendesse a médium como bem desejasse! Porque, no final das contas, quem estava com a algema era ele e quem prendeu foi ele.

**Jorge Audi** — Não, ele quis apertar e não...

**Mário de Moraes** — Aí, eu sou testemunha! Se insistissem não deixariam!

**Alberto Calvo** — Isso não é verdade! É suposição!

*Tumulto.*

**Alberto Calvo** — Quem estava ajudando era eu...

**Mário de Moraes** — “Nós temos provas de dois sentivos! (disse dr. Waldo Vieira) É um homem e uma mulher (eu não sei quem é o homem) e se continuar a insistir, nós perdemos essa mulher... Você tem de colaborar!” Dr. Waldo Vieira, presente à reunião, disse...<sup>39</sup>

*Tumulto geral.*

**Alberto Calvo** — Não, não é nada disso!

**Jorge Rizzini** — Dá licença, Mário Moraes!

*Tumulto.*

**Carlos Pallut** — Jorge Rizzini e o doutor me permitem uma coisa? Eu vou pedir ao diretor da Televisão Continental, o cineasta Mário Del Rio, que me dê um pouco mais de tempo, porque é impossível concluir na hora prevista. Eu vou pedir autorização para prosseguir um pouquinho mais, após a uma hora! E conto com a sua colaboração, como nunca faltou à reportagem da Continental. Peço, portanto, autorização ao diretor da Televisão Continental, Mário Del Rio, que me dê um pouco mais de tempo porque, a esta altura, não posso interromper o debate. aguardo a sua confirmação a qualquer instante! Doutor...

**Alberto Calvo** — Queria esclarecer, também; como fiz até agora, que quero levar o assunto num padrão bem elevado. De forma que, eu é quem estava auxiliando o sr. Nilo de Oliveira. Não tinha ninguém (a fotografia está ali) não tinha ninguém coagindo de forma a que ele não a manietasse conforme bem entendesse. Se ficaram alguns dentes por apertar, muito bem! Mas, foi ele quem deixou por apertar! Por que quem manietou, foi o sr. Nilo de Oliveira! Quem fechou a algema, foi o sr. Nilo de Oliveira! Portanto, se alguém deixou três dentes por apertar na algema, foi o sr. Nilo de Oliveira! Não fomos nós.

**Luciano dos Anjos** — Praticamente, estariam soltas, antes de começar a sessão, aquelas amarras no pé de Otlia... É verdade, doutor?

**Alberto Calvo** — Não é verdade!

*Tumulto.*

**Luciano dos Anjos** — Um momento, deixe ele responder primeiro!

---

<sup>39</sup> Nas reportagens não consta essa “afirmação” de Waldo Vieira. Logo, não é autêntica!

**Alberto Calvo** — Não é verdade, porque ... A fotografia que está lá (a foto é mostrada no vídeo) mostrando uma folga, era quando eu estava afivelando...

**Jorge Audi** — Um momento! Isto aqui, não é fivela! É cadeado! Isto aqui, é cadeado!

**Alberto Calvo** — Dá licença? Mas, eu não estou falseando a verdade!

**Jorge Audi** — Os senhores querem testemunhar que isto aqui é cadeado?

**Alberto Calvo** — Mas, o senhor me dá licença de concluir? Quando eu estava afivelando... Afivelando, por quê? Porque foi pôsto um cadeado, Mas, a ponta da correia foi introduzida por dentro da argola...

**Mário de Moraes** — A foto mostra o senhor fechando o cadeado!

**Alberto Calvo** — Dá licença? A ponta da correia foi introduzida na argola da correia (a correia tinha uma argola, é evidente); a ponta foi introduzida por dentro da argola e, ao invés de utilizarmos aquele gancho que iria se fixar ou iria prender a correia por um orifício, nós preferimos fazer uma coisa mais segura (porque seria fácil tirar). Então, nós enfiamos a ponta da correia pela argola da fivela, não utilizamos o gancho, em lugar de colocar gancho nós introduzimos um cadeado no buraco, no orifício do couro! E fechamos para que não pudesse sair, não pudesse correr! Nesse momento (o da foto) é o momento em que estamos operando, ainda! Porque as fotografias foram feitas em série: elas não foram feitas num segundo, porque aí ainda não era hora de espírito nenhum! Aí, os repórteres estavam com liberdade para irem batendo fotografias quantas quisessem. Então, eram feitas em série! Nesse ponto, não estava terminada a operação...

**Carlos Éboli** — Doutor, me diga uma coisa: não seria muito mais simples, se ao invés dêsses afivelamentos todos, se abrisse aquela cortina preta? Porque não se abriu a cortina preta para se ver juntamente a entidade e a médium sentada?

**Alberto Calvo** — Perfeitamente, o senhor tem razão. Bem, isto é um problema, assim técnico...

**Carlos Éboli** — Mas, é evidente que ela foi fotografada com a cortina aberta porque a fotografia está aqui. Foto dos senhores mesmo. Segundo os senhores, ela está expelindo ectoplasma... Logo, isso não impede a realização da sessão, não é isso mesmo?

**Alberto Calvo** — Não impede.

**Carlos Éboli** — Então, deviam ter realizado a sessão, ao invés com...

**Alberto Calvo** — Um momentinho, só, deixe eu concluir esta parte... Em relação à parte técnica, quando o sr. Nilo Vieira... É Nilo Vieira, me parece? Nilo Oliveira! Nilo Oliveira, para quem, aliás, me mostrei tão cordial com ele,

estivemos compactuando tanto... O sr. Nilo de Oliveira declarou aqui, nesta revista (está escrito) que havia posto um pó qualquer, evidenciável pelo raio ultravioleta, na vitrola, para que (está escrito aqui, na revista) para que aqueles que se abalançassem em mexer na vitrola ficassem com medo de ter a sua mão maculada com aquele pó e ser desmascarado. E que, realmente, no fim da sessão, não tocou o disco. Isto não foi verdade, não foi assim! E vou explicar porquê. Porque nós temos a gravação completa; e depois que terminou a sessão nós continuamos com o gravador ligado. E, então, o que aconteceu, foi isso: assim que se encerrou, que se acenderam as luzes, o dr. Waldo Vieira disse: “Chama o Nilo (porque foi ele quem conteve a médium) para que ele faça a descontentação. Ninguém entra lá”. O sr. Nilo de Oliveira entrou e disse: “Tocou a vitrola?” Foi a primeira vez que ele falou em vitrola. “Tocou a vitrola?” Disseram não. “Como? Sempre toca! Não tocou porque alguém viu eu pôr um pó aí!” Falou isso no fim. Esta gravado lá, no fim do trabalho! “Porque em pus um pó aí e alguém viu eu pôr um pó e ficou com medo, então, e não quis pôr a mão aí!” Mas, ele disse que falou no começo, falseando a verdade!

**Mário de Moraes** — Mas, êle falou no começo!

**Alberto Calvo** — Não senhor! Falou no fim. Eu tenho a gravação!

**Jorge Audi** — Como? Vocês gravaram todas as conversações?

**Alberto Calvo** — Se ele tivesse falado no começo... Isto é uma questão de raciocínio simples! É raciocínio elementar. Se ele tivesse dito no começo, evidentemente não caberia dizer: “Alguém viu eu colocar aqui o pó!” Porque, então, ele saberia que ele mesmo tinha dito! Mas, não foi assim. Ele disse: “Alguém viu, alguém contou, e não pôs a mão na vitrola!”

**Carlos Éboli** — Dr. Calvo: não lhe parece profundamente ridículo que o senhor, um profissional, um médico, se dê ao trabalho de vir de Uberaba, aqui, para falar de pósinhos e algemas...

**Alberto Calvo** — Porque os médicos estão sendo injuriados, com infâmias!

**Carlos Éboli** — Eu quero colocar o assunto na altura que o senhor me falou.

**Luciano dos Anjos** — O senhor, naturalmente, também veio falar de fiapinhos!

**Carlos Éboli** — Pois é. Exato! Mas, os fiapinhos estão dentro da minha profissão. Eu não tenho a altura dele!

**Luciano dos Anjos** — Fiapinhos...

**Carlos Éboli** — Está na minha profissão. Algemas, só quando eu faço diligência. Mas, dr. Calvo, não lhe parece um pouco fora de propósito que o senhor, um médico, portanto, um homem desse gabarito, venha aqui para falar

de posinhos e algemas e coisa, etc. Eu gostaria de formular umas perguntas mais sérias!

**Alberto Calvo** — Não parece fora de propósito...

**Carlos Éboli** — O telespectador está interessado no resultado científico de suas experiências. Eu quero lhe arguir sobre isso.

**Alberto Calvo** — Mas, não parece fora de propósito...

**Carlos Éboli** — O senhor está em condições de responder minhas perguntas científicas sobre esse assunto dos experimentos?

**Alberto Calvo** — Vamos a ver!

**Carlos Éboli** — Eu não sou médico, na realidade. Confesso de público. Mas, eu quero lhe arguir sobre esse assunto.

**Alberto Calvo** — Não parece que...

**Luciano dos Anjos** — Espera aí, “seu” Éboli! O dr. Calvo não está aqui para ser arguido sobre nenhum outro problema, que não seja o da sessão!

**Carlos Éboli** — Mas, eu me submeto à arguição dele.

**Luciano dos Anjos** — Mas, o senhor vai querer, o quê? Testar a cultura do dr. Calvo?

**Carlos Éboli** — Não, absolutamente! Conhecer a profundidade do trabalho científico dele! O telespectador está interessado!

**Alberto Calvo** — Com licença? O importante... A nossa finalidade é saber se houve fraude ou não; se havia coleta de dinheiro ou não; está certo? E é isso o que estou fazendo aqui!

**Carlos Éboli** — Mas, não é só isso. Isso ficou claro, aqui!

**Alberto Calvo** — É isso, e não para saber o quanto sei sobre fenomenologia de parapsicologia. Mas, não é isso que viemos tratar, senão ele protestaria. Agora, é bom que não me tirem o encaminhar das idéias! Agora...

*Tumulto.*

**Jorge Rizzini** — Eu perguntaria, para esclarecimento do telespectador, eu perguntaria ao dr. Alberto Calvo qual é o objetivo da experimentação em torno da ectoplasmia? Qual é a função do ectoplasma, da ectoplasmia, à medicina? Qual é o objetivo desses trabalhos em torno do ectoplasma? Pode o ectoplasma servir de base para a cura? De cura de moléstias ainda incuráveis, etc.?

*Tumulto.*

**Jorge Rizzini** — Não ... É uma pergunta científica! Uma pergunta médica dirigida a um médico!

**Alberto Calvo** — O nosso doutor...

**Carlos Éboli** — Não sou doutor. Não sou médico. Sou perito criminal.

**Alberto Calvo** — Pois não ... É o “seu” Éboli.

**Luciano dos Anjos** — Quem lhe deu o título foi “O Cruzeiro”!

**Carlos Éboli** — É um título que não tenho. Nem sou um grande perito

criminal ...

**Alberto Calvo** — Não apoiado! Mas, o senhor Éboli, naturalmente ele me diz que seria estranho eu falar em posinhos... Mas, eu quis ressaltar o fato que houve pouco amor ao rigorismo da verdade na publicação de “O Cruzeiro”! Porque dizem coisas que eram de um jeito e eles dizem de outro! Então, está tudo suspeito o que escreveram na revista. Porque aquilo que o povo pode comparar, como, por exemplo, dizer que o Chico era bom e, depois, na outra reportagem, dizer que o Chico estava com um sorriso de falsa...

**Jorge Rizzini** — Falsamente inebriado!

**Alberto Calvo** — ... falsamente inebriado! Então, numa hora dizem que ele era bom, era honesto e acredita piamente no fenômeno...

**Carlos Éboli** — O Chico ninguém ataca, absolutamente.

**Alberto Calvo** — Mas, está lá, na revista!

**Carlos Éboli** — Não ...

**Alberto Calvo** — Mas, está lá, está aqui, na revista. Na outra edição, dizem que o Chico está falsamente inebriado... Está aqui!

**Kosinski** — Mas, são vários repórteres a escrever ...

**Alberto Calvo** — A gente conclui, o quê!? Que não existe concordância, lá, entre todos, mesmo nos argumentos. A gente conclui, o quê? Que existe, ali, uma falta de cuidado...

**Mário de Moraes** — Até agora não falei nada! Todo o mundo fala, quero ser escalado!

**Alberto Calvo** — ... uma falta de cuidado em busca da verdade, do rigorismo!

**Jorge Rizzini** — A função do ectoplasma...

**Mário de Moraes** — Qual é o objetivo? Para mim, é importantíssima a declaração do dr. Calvo! Para mim, que fui...

**Jorge Rizzini** — Claro!

**Mário de Moraes** — Importantíssima, para mim, que fui ofendido aqui! É importantíssima!

**Alberto Calvo** — Eu tenho a impressão de que não o ofendi.

**Mário de Moraes** — Não! Por isso é que eu quero o senhor! Eu confio. Tenho uma pergunta que vou lhe fazer.

**Alberto Calvo** — Mas, nós fomos ofendidos pelo “O Cruzeiro”! Ele pôs uma nota em São Paulo que não fazia programa com a gente porque com farsante não se faz programa e que a tribuna de vocês era “O Cruzeiro”! Desmoralizando-nos!

**Mário de Moraes** — Essa nota, está aí?

**Alberto Calvo** — Não, foi publicada ...

**Jorge Rizzini** — Está! Ela nos chama de farsantes!

**Mário de Moraes** — Mas, farsantes?  
**Jorge Rizzini** — E outras coisas!  
**Mário de Moraes** — Não!  
**Jorge Rizzini** — A “fraude” de Uberaba! Os médicos...  
**Mário de Moraes** — Não! Nós, desde o início, dissemos que alguns podiam estar iludidos e outros, não! Nós nunca acusamos, nominalmente...  
*Tumulto geral.*  
**Alberto Calvo** — Agora, em relação ao ectoplasma?  
**Peres Júnior** — A guisa de justificar a presença de médicos na experiência.  
**Alberto Calvo** — Ah, pois não! Em relação aos médicos, na experiência, o que se pensa... Porque ninguém sabe bem o que seria a substância do ectoplasma! É, em si, na sua textura ou na sua conformação mais simples...  
**Carlos Éboli** — O senhor sabe que há análise nêsse sentido...  
**Alberto Calvo** — Há análises, mas não são concludentes...  
**Carlos Éboli** — De qualquer forma, é uma substância orgânica parecida com albumina, não é?  
**Alberto Calvo** — ... no campo da perquirição! Mas, não se sabe...  
**Jorge Rizzini** — O senhor é um perito criminal e ele é o médico! Há diferença...  
**Alberto Calvo** — É, mas não seria esse o problema. Sobre a... sôbre o ectoplasma, quanto à sua composição na sua maior intimidade, ainda pouco se sabe. Ainda estamos em fase de pesquisa.  
**Carlos Éboli** — É exato.  
**Alberto Calvo** — E os médicos, é evidente que buscam por todos os meios facilitar a maneira de se prolongar a vida do homem, ou de socorrer o homem; então, é evidente que eles buscam armas cada vez mais eficientes ...  
**Carlos Éboli** — Nessas sessões com dona Otília, o senhor colheu material? Ectoplasma expelido por ela?  
**Alberto Calvo** — Infelizmente, não, por que...  
**Carlos Éboli** — Ah, nenhuma. Foram tantas sessões, deviam ter colhido amostras de material. Richet colheu!  
**Luciano dos Anjos** — Mas, trinta anos! O senhor está querendo isso muito depressa...  
**Carlos Éboli** — Mas, ele teve sessões com grande quantidade de ectoplasma.  
**Mário de Moraes** — Vocês divulgaram: seis meses de experiência!  
**Alberto Calvo** — Mas, o programa...  
**Carlos Éboli** — O senhor não tem amostra? Eu quero a resposta! Não tem amostra.

**Alberto Calvo** — Eu queria saber do senhor uma coisa: o senhor quer que eu fale em termos elevados ou está querendo me confundir? É preciso dizer! Se é pra me procurar confundir eu entro no seu terreno, também!

**Carlos Éboli** — Aí, o senhor perde!

**Alberto Calvo** — Não, eu não sei se perco porque então nós teríamos de analisar o nosso Q.I. Ver quem é que tem Q.I. mais elevado!

**Carlos Éboli** — O senhor perde porque sou um perito criminal, sou um homem esperto e a mim o senhor não engana.

**Alberto Calvo** — De quem seria o Q.I. mais elevado?

**Carlos Éboli** — Só isso.

**Alberto Calvo** — Só o teste... Não venha dizer que eu perderia! Vamos lá!

**Carlos Éboli** — Estou perguntando se o senhor, nessas múltiplas sessões em que Otília expeliu grande quantidade de...

**Alberto Calvo** — Vamos ao teste, ao Q.I. ... A modéstia cabe bem sempre em todos os lugares!

**Carlos Éboli** — Neste momento não estamos aqui para isso. Nessas inúmeras experiências em que Otília botou uma grande quantidade de ectoplasma pela orelha, segundo o senhor, o senhor colheu uma amostra desse material?

**Alberto Calvo** — Nós não colhemos amostra...

**Carlos Éboli** — Estou satisfeito, não precisa dizer mais...

**Alberto Calvo** — Nós não colhemos amostras porque ainda estamos no início de uma série...

**Carlos Éboli** — O senhor gostaria de amostras? Eu posso dar!

*Tumulto.*

**Alberto Calvo** — Parece que o senhor... O senhor sabe que em psiquiatria se diz que quando alguém discute com muita paixão, não tem bem certeza de seus argumentos?

**Carlos Éboli** — Não, é diferente. O senhor, em psiquiatria, pode me classificar de obstinado.

**Alberto Calvo** — É que não tem bem certeza da sua argumentação, então, deixa-se envolver e discute com paixão! Nós não devemos ser agressivos no falar; nós deveremos, apenas, procurar cada um expender seu ponto de vista... O interessante, o importante, não é se eu colhi ou não... Eu não tive oportunidade ainda de chegar lá. Eu estou me iniciando no estudo do ectoplasma. Não tive ainda essa oportunidade; quem sabe, tenha ainda. Porque nós vamos prosseguir!

**Kosinski** — Como o doutor justifica o título do livro que foi anunciado em Belo Horizonte “Materializações, fenômenos de efeitos físicos cientificamente comprovados por uma equipe de médicos”. Só isso o que eu queria

saber.

*Tumulto.*

**Carlos Éboli** — Qual é o instrumental que o senhor dispõe, lá, para as experiências?

**Alberto Calvo** — Isso é outra coisa.

**Carlos Éboli** — Não é outra coisa, não.

*Tumulto.*

**Alberto Calvo** — Se não devo falar então entrego o microfone!

**Carlos Éboli** — Nós não estamos aqui para enganar ninguém. Eu só quero saber qual é o instrumental que o senhor tem para as experiências!

**Alberto Calvo** — Não, apenas o senhor está procurando me desviar do meu raciocínio! Isso é uma técnica parlamentar muito conhecida!

**Luciano dos Anjos** — O senhor está muito apaixonado pela causa, hein, sr. Éboli?

**Alberto Calvo** — Técnica muito conhecida...

**Carlos Éboli** — Sinceramente, estou! E acredito que isto, até, termine num caso policial!

**Alberto Calvo** — Mas, isto é técnica parlamentar muito conhecida!

**Carlos Éboli** — Mas, eu não sou parlamentar.

**Alberto Calvo** — Dá licença, dá licença: eu lhe apresento os meus respeitos, faço questão de reiterar, mas, é que às vezes, intempestivamente, a gente é movimentado também. Mas, de qualquer forma, chegaremos lá. O livro não foi editado ainda. “Comprovadamente”, quando ele for editado. As pesquisas ainda se processam.

**Kosinski** — Eles anunciaram para o começo de 1964.

**Alberto Calvo** — Bem, nós fazemos os prognósticos! Mas, isto não é uma coisa matemática.

**Kosinski** — Mas, está na gravação. O senhor quer ouvir?

**Alberto Calvo** — Nós fazemos apenas os prognósticos!

**Kosinski** — Anúncio com tarde de autógrafos e outras coisas mais... Não foi prognóstico...

**Alberto Calvo** — Anunciamos para maio, mal não dando em maio vamos para junho, não dando em junho, vamos para julho... Estamos pesquisando! Isto, sim, me parecem coisinhas para confundir! Se o livro tivesse saído, agora, nesse momento, com esse título, o senhor poderia dizer... Mas, não foi, ainda não foi publicado! Não chegamos ainda num ponto em que se possa, já, publicar. Vamos, então, pesquisar! Mas, voltando àquele problema (se é que exatamente os senhores buscam a verdade, porque não me parece que isto seja geral; mas, vamos considerar de que há, realmente, uma boa vontade para ver se os fenômenos são ou não são reais); nós estamos pesquisando porque o ectoplasma poderia ser (isto, teoricamente) a fase final do metabolismo celular.



Por exemplo: os hidratos de carbono, as proteínas, as gorduras, assim por diante. Depois de metabolizadas, poderiam dar aquela fase final, desse metabolismo, que seria, por exemplo...

**Carlos Éboli** — Eu chamo a sua atenção... O senhor não está falando somente para nós; o senhor está falando para um auditório enorme! Atrás dessas câmeras estão cientistas, estão químicos estão biólogos...

**Alberto Calvo** — Perfeitamente!

**Carlos Éboli** — E tome cuidado! Eles estão criticando aquilo que o senhor está dizendo...

*Tumulto geral.*

**Carlos Éboli** — Estou só lhe chamando a atenção!

**Luciano dos Anjos** — O “seu” Éboli, pelo jeito não ouviu a expressão “teoria”! E deve saber o significado dela.

**Alberto Calvo** — É uma teoria, de forma que...

*Tumulto.*

**Peres Júnior** — Eu acredito que o doutor já tenha deixado esclarecida a posição dos médicos dentro das experiências e o que buscam eles.

**Jorge Rizzini** — Cientificamente!

**Alberto Calvo** — Um momento, para terminar. O ectoplasma seria a substância final e, provavelmente, se fôsse uma (se fosse, meu Deus!) uma energia condensada, quem sabe nós poderíamos utilizá-la para dar aos doentes que já estão minados na sua resistência física, na sua resistência orgânica, incapazes de reagir ante a medicação contra as moléstias; e, recebendo, então, esta energia condensada pudessem se colocar em posição de reagir a estas mesmas moléstias. E, daí por diante. Temos uma série de hipóteses que poderia... Mas, isto é pesquisa para milênios; não é para hoje ou amanhã... Mas, se tem de começar um dia, meu Deus do céu!

**Carlos Éboli** — Então, eu só pediria ao senhor, para concluir, que nos desse a relação do instrumental que o senhor usa para as pesquisas. Além do estetoscópio, além do termômetro, além da balança. Eu quero alguns instrumentos científicos de maior vulto. O senhor é capaz de nos dar? Só por curiosidade.

**Alberto Calvo** — Em relação aos instrumentos científicos, até agora nós temos, praticamente...

**Carlos Éboli** — Máquinas fotográficas...

**Alberto Calvo** — Eu não falseio a verdade!

**Carlos Éboli** — Exato. Eu sei que o senhor é um homem franco!

**Alberto Calvo** — Nós temos máquinas fotográficas; e temos, apenas, vamos dizer, os aparelhos... organolépticos: vista, tacto, olfato e gosto. De forma que, se os amigos nos querem dar crédito, nós poderemos dizer que, em pesqui-

sa, quando se inicia alguma coisa, não quer dizer que já se tenha um laboratório ultra-moderno, completamente montado. Nós vamos caminhando. Porque nós não podemos montar um laboratório ultra-moderno, quando ainda não temos os elementos necessários para utilizar...

**Carlos Éboli** — E por que o doutor receita medicamentos da Squibb e da Ciba? É porque provém de laboratórios altamente organizados não é verdade?

**Alberto Calvo** — Perfeitamente... Mas, não receitamos efeitos físicos para ninguém e nem ectoplasma para ninguém; é bom que se possa ressaltar!

**Peres Júnior** — Agora, doutor, um ponto a ser esclarecido. O senhor acompanhou a permanência dos repórteres de “O Cruzeiro”...

**Alberto Calvo** — Acompanhei de começo a fim!

**Peres Júnior** — Do começo a fim. É verdade a acusação que foi feita a eles de que tentaram violentar, vistoriando, rasgando peças até íntimas da sensitiva? Da médium?

**Alberto Calvo** — Eu não vi isso. Eu não vi rasgar a roupa...

**Mário de Moraes** — Não, não! Agora, dá licença!

**Alberto Calvo** — Está perguntando... Eu não vi!

**Mário de Moraes** — Houve uma fotografia feita por esse fotógrafo... Onde está êle?

**Nedyr Mendes da Rocha** — Estou aqui!

**Mário de Moraes** — Faça o favor! O senhor não tirou uma fotografia de todos juntos, confraternizando todos após a “solenidade”?

**Alberto Calvo** — Mas, veja se eu estou lá?

**Jorge Audi** — O senhor não ficou até o fim.

**Alberto Calvo** — Veja se eu estou na foto do grupo da “confraternização”!

*Tumulto.*

**Alberto Calvo** — A pergunta que me fizeram, foi se eu comprovei...

*Tumulto.*

**Mário de Moraes** — O escândalo da roupa rasgada, ele não vê?

**Peres Júnior** — O senhor teve conhecimento disso?

**Alberto Calvo** — Eu permaneci... estou sendo honesto! Eu poderia dizer que tinha visto!

**Jorge Audi** — Eu quero que o senhor seja honesto, dr. Calvo.

**Alberto Calvo** — Eu poderia dizer que tinha visto; mas os senhores não estão sendo justos comigo!

**Jorge Audi** — Dr. Calvo, um momento! O senhor viu algum movimento de zanga, entre nós e os médicos?

**Alberto Calvo** — Acontece que, quando terminou a reunião, o ambiente... Houve apenas um problema, que foi entre eu, o sr. Nilo e o sr. Henri Ballot. Quando eu disse: “Veja lá, sr. Nilo, se as algemas estão no lugar”. Ele respondeu: “Não, eu não me interesso por isso, porque ela não se soltou daí! Isto foi comparsa daqui de dentro!” O sr. Henri Ballot entra, logo atrás de mim, e diz: “Não! Foi a médium que se soltou!” E eu disse: “Puxa, não estão se entendendo!”

**Jorge Audi** — Perfeito.

**Mário de Moraes** — Eu quero saber da roupa ragada!

*Tumulto.*

**Alberto Calvo** — Não me perguntaram se houve uma rusga? Foi essa! E notem! Isto, dentro sala de sessões! Onde estava a médium. Mas, a sala de sessões tem uma sala contígua e tem uma ou sala, mais adiante, que é onde se guardam os medicamentos, que ali é um consultório médico.

*Tumulto.*

**Mário de Moraes** — Falaram da roupa rasgada?

**Alberto Calvo** — Falaram, falaram... Dá licença?

**Jorge Audi** — Quem falou, por favor? Quem falou?

*Tumulto geral.*

**Jorge Audi** — Quem falou que nós rasgamos roupa da médium Otília?

**Alberto Calvo** — Chegaremos lá. Então, tinha três salas. Eu fiquei na sala dos trabalhos.

**Mário de Moraes** — O senhor não acompanhou tudo?

**Alberto Calvo** — Acompanhei tudo, até que todos saíram da sala dos trabalhos.

**Mário de Moraes** — Da sala dos trabalhos eu fui embora! Fomos embora.

*Tumulto.*

**Alberto Calvo** — Eu tive oportunidade de conversar... Não foram embora porque (eu tenho a impressão de que estou sendo honesto até agora!) eu tive a oportunidade de conversar com os repórteres depois de ter saído de lá, de dentro! Logo, naquele instante que terminamos, que todos saíram (eu permaneci dentro da sala), todos saíram para a segunda sala, para a terceira sala; depois, nós fomos lá fora e, então, foi aí que houve um comentário no grupo, dizendo: “Êsses repórteres são demais incrédulos... Chegaram a rasgar a roupa de dona Otília!” Foi isto que me disseram. Nota!

**Carlos Pallut** — Foi um comentário, ele não pode situar quem disse. Êle está dizendo que houve um comentário.

**Mário de Moraes** — Quem disse?

**Alberto Calvo** — No grupo, comentaram!

**Carlos Pallut** — No início, ele disse que disseram!

*Tumulto geral.*

**Carlos Pallut** — Um momentinho, por favor, um momentinho! Alguém dissera, no início; agora, então o senhor ouviu um comentário. Houve esse comentário?

**Alberto Calvo** — Lá, no grupo. E disseram: “Os repórteres são tão incrédulos, que chegaram (imaginem) a rasgar a roupa da dona Otília na ânsia de buscar provas de delito!” Isto, foi o que me disseram. Eu, não vi! Porque eu estava lá, na outra sala.

**Carlos Pallut** — E o senhor não pode precisar quem disse isso?

**Alberto Calvo** — Não posso. Se eu não dei maior importância!

*Tumulto.*

**Carlos Pallut** — No dia seguinte, também, o senhor não soube de mais nada?

**Alberto Calvo** — Naquele dia marcado para o programa com os repórteres em São Paulo...

**Carlos Pallut** — Eu falo é sobre o local. Não é em São Paulo.

**Alberto Calvo** — Não, no local, no dia seguinte...

**Carlos Pallut** — Depois daquele comentário, existiram outros comentários?

**Alberto Calvo** — Não. Depois daquele comentário, eu fui embora para o hotel.

**Carlos Pallut** — Foi um comentário, assim, quando acabou; agora, no dia seguinte?...

**Alberto Calvo** — No dia seguinte eu viajei, saí logo cedo.

**Carlos Pallut** — E quando o senhor voltou...

**Alberto Calvo** — Ah, eu não voltei mais lá.

**Carlos Pallut** — Nunca mais voltou.

**Alberto Calvo** — Eu saí de São Paulo para ficar três dias em Uberaba. Mas, acontece que eu tive uma surpresa: tive a surpresa de que em Uberaba ia haver apenas uma sessão. E cada vez que saio de São Paulo (para aqueles que falam em “coletas”!) cada vez que saio de São Paulo eu perco trinta mil cruzeiros por dia! Sem contar as despesas de avião e de hotel. Que níqueis iria eu caçar naquelas reuniões?! Pois é. De forma que eu quis voltar rápido para pegar ainda alguns clientes, por que eu tinha suspenso a minha clínica até segunda-feira. Eu queria atender ainda no sábado. E voltei rápido para São Paulo. De forma que não entrei mais em contato... A não ser no dia em que

iríamos debater com os repórteres, lá, na televisão Tupi! No canal 2. E vieram, inclusive, médicos de Goiás para debater, lá, no canal 2, porque foi amplamente divulgado. Vários colegas vieram de Goiás. Fomos e soubemos que nós, os “farsantes”, tínhamos sido vetados na TV. Inclusive, deu margem a que um locutor do canal dissesse: “Os farsantes foram barrados (ou coisa parecida, não me lembro o termo) e agora ao invés desse programa, vamos passar um programa sério para gente séria que gosta coisa séria”. E projetaram uma operação. Aquilo foi doído para nós! Feriu, profundamente! Por quê? Nós não somos farsantes! Mas, nos colocaram perante a opinião pública como farsantes vulgares! E não nos deram a oportunidade de ir; pelo menos, de nos defender! Que o direito de defesa não é negado nem ao mais vil criminoso!

**Carlos Pallut** — Mas, hoje a oportunidade foi dada.

**Alberto Calvo** — Foi dada e estou satisfeito!

**Jorge Audi** — Em Belo Horizonte também foi dada.

**Alberto Calvo** — Mas, ninguém nos convidou, meu amigo!

**Mário de Moraes** — Mas, foi convidado.

**Alberto Calvo** — Eu não recebi convite.

**Luciano dos Anjos** — Como no programa “Sem Retoques” não fomos convidados!

**Mário de Moraes** — Foram, na presença do Pallut!

**Luciano dos Anjos** — Absolutamente!

**Jorge Rizzini** — Não!

**Jorge Audi** — Pallut, pelo amor de Deus!

*Tumulto violento.*

**Carlos Éboli** — Vocês mandaram representante!

**Luciano dos Anjos** — Mesmo porque eu teria ido!

**Mário de Moraes** — Pelo amor de Deus, Pallut!

*Tumulto.*

**Mário de Moraes** — Ah, não! Espera aí! Com mentiroso eu não vou brigar!

*Tumulto.*

**Mário de Moraes** — Na presença do Pallut, aí na porta da televisão! Na presença do Pallut, na porta da televisão!

*Tumulto.*

**Carlos Pallut** — O que ocorreu...

**Luciano dos Anjos** — Mentira! Está aqui! Vocês mentem a cada publicação que vocês fazem!

**Carlos Éboli** — Dr. Rizzini!

**Luciano dos Anjos** — Isto aqui, é mentira o que vocês publicaram! Mais uma!

*Tumulto geral.*

**Jorge Rizzini** — Eu queria concluir!

**Carlos Éboli** — O programa “Sem Retoques”... Ao meio do programa “Sem Retoques” (isso é importante porque alguém abusou de seu nome!) no meio...

*Tumulto.*

**Carlos Éboli** — Alguém abusou de seu nome, dr. Rizzini! Alguém! Nomeio do programa “Sem Retoques” alguém entrou e disse: “Estou representando aqui o dr. Rizzini e o dr. Anjos”. O nome desse cidadão é Elpídio Cardoso Filho. Teve ingresso...

**Jorge Rizzini** — Eu posso responder!

**Carlos Éboli** — Ele representava os dois.

**Jorge Rizzini** — Eu não tenho representante nenhum e...

**Carlos Éboli** — Mas, ele teve ingresso no programa!

**Jorge Rizzini** — Mas agradeço a brilhante atuação do senhor... Como é o nome dele?

**Carlos Éboli** — Elpídio Cardoso Filho.

**Jorge Rizzini** — Eu agradeço a vibrante atuação do sr. Elpídio Cardoso Filho no programa!

**Jorge Audi** — É, mas no dia seguinte ele foi se desculpar no O CRUZEIRO...

**Jorge Rizzini** — Se desculpou?... É, mas eu agradeço de qualquer maneira! Mas, que eu houvesse mandado, realmente não mandei. Mas, agradeço a participação dele!

**Jorge Audi** — Eu gostaria que você confirmasse, aqui, se nós fizemos ou não na porta da televisão...

**Jorge Rizzini** — Ah, isso ...

**Jorge Audi** — Ó Pallut, nós vamos ser honestos! Dissemos: “Nós vamos ter um programa “Sem Retoques” na TV Tupi e para o qual estão também convidados os senhores, se quiserem comparecer”.

**Carlos Éboli** — Ó Jorge, dr. Calvo... Evidentemente, o telespectador não está interessado...

*Tumulto.*

**Carlos Pallut** — Eu queria dizer agora, o seguinte: ninguém fugiu do debate de hoje, de maneira que quem não compareceu àquele debate, sorte minha porque compareceu neste debate!

**Luciano dos Anjos** — Pallut, para encerrar... Me dá licença, dr. Calvo. Só para dizer com que facilidade os senhores falseiam a verdade...

**Peres Júnior** — Aproveitando, para orientarmos nesse finalzinho do programa... Aproveitando a presença do doutor aqui... Se o doutor já havia

estado em outra oportunidade presente em alguma experiência de ectoplasma? Antes de Uberaba.

**Alberto Calvo** — Eu já tinha assistido a cinco experiências. Duas, eu tinha assistido há dois anos atrás e três (não de sessão de materialização, porque essa eu tenho procurado pesquisar, mas sem fenômeno, sem fenômeno!) e...

**Carlos Éboli** — E sem instrumental?

**Alberto Calvo** — Eu não ia levar instrumental sem ter o fenômeno antes! Evidente!

**Carlos Éboli** — Mas, o fenômeno só é visto através do instrumental.

**Alberto Calvo** — Não! Primeiro, o organoléptico, depois é que eu vejo se é certo ou não!

**Carlos Éboli** — Ah, é? Está bom.

**Alberto Calvo** — Primeiro, eu vejo o fantasma, depois vou ver se é fantasma ou não; certo?

**Carlos Éboli** — Conforme o diagnóstico da tuberculose, sem mandar examinar o estado...

**Alberto Calvo** — Não! Primeiro, eu tenho de ter a suspeita da coisa; não vou mandar tirar uma chapa, sem motivo...

**Carlos Éboli** — E, não obstante, manda fazer a lâmina...

**Alberto Calvo** — Mas, primeiro, tem que ter suspeita! Para ter suspeita que há fenômeno, preciso ver o fantasma. Então, pode ser fenômeno! Aí eu vou usar o instrumental para ver se é fantasma real ou não. Certo?

**Peres Júnior** — Sobre suas experiências, o senhor chegou a uma conclusão sã, legítima, de que “O Cruzeiro” está totalmente falhando em desmanchar a autenticidade da experiência?

**Alberto Calvo** — Perfeitamente!

**Peres Júnior** — É o que bastava, doutor.

**Carlos Éboli** — Então, finalmente, eu vou fazer o seguinte, dr. Calvo: uma surpresa para os senhores ...

**Alberto Calvo** — Pelo menos, não na forma como foi feita, não?

**Carlos Éboli** — Eu vou passar a palavra ao **Kosinski**, que vai lançar um repto em nome de “O Cruzeiro”, que se os senhores não atenderem...

**Luciano dos Anjos** — É importante o que vou mostrar agora! Para mostrar como se mente aqui com facilidade! Os senhores publicaram, nesta última reportagem, uma série... Um momentinho, “seu” Éboli! Deixa eu ir até o fim, dá licença! Uma série de depoimentos (é a facilidade com que se lança a mão da mentira; isso é que impressiona! O leitor que acompanha há de ficar impressionado!) Mas... me dá licença, deixa-me concluir?

*Tumulto.*

**Luciano dos Anjos** — Não, um momentinho!

**Nilo de Oliveira** — Dr. Alberto, eu quero saber! O senhor me responda com sinceridade. Foi o senhor o homem que eu disse, no início da sessão, que tinha passado o posinho ou não foi? Antes da sessão?

**Alberto Calvo** — O senhor me disse...

**Nilo de Oliveira** — Se o senhor me exhibir uma gravação... Se o senhor me exhibir uma gravação, depois de terminada a sessão... O senhor virou-se para mim e disse... Eu voltei aqui, dr. Alberto Calvo, porque eu disse ao senhor...

**Alberto Calvo** — Ele mesmo está confirmando que foi depois da sessão!

**Nilo de Oliveira** — Não, ao senhor eu disse antes da sessão!

**Alberto Calvo** — Não foi assim!

**Nilo de Oliveira** — Eu prometi a você, Rizzini, que quando conhecesse os falcatrueiros, eu vinha, aqui, denunciar os falcatrueiros...

**Alberto Calvo** — O senhor disse, lá fora...

**Nilo de Oliveira** — Antes da sessão?

**Alberto Calvo** — O senhor está querendo me confundir?

**Nilo de Oliveira** — Como foi que eu disse? Antes da sessão! Não tinha começado a sessão.

**Alberto Calvo** — Aliás, o senhor, ficando assim, perto, parece que vai me agredir...

*Tumulto.*

**Alberto Calvo** — Pelo jeito, ele parece que quer agredir-me...

**Nilo de Oliveira** — Eu estou voltando, porque... Eu teria de viajar, e o senhor... O senhor, Alberto Calvo, entrou depois da minha saída e só fez referência ao meu nome...

**Alberto Calvo** — Como?

**Nilo de Oliveira** — O senhor entrou no programa depois da minha saída, só fez referência ao meu nome, então eu quero fazer uma pergunta ao senhor.

*Tumulto.*

**Nilo de Oliveira** — Nós somos dois brasileiros honestos e queremos que o nosso Brasil progrida.

**Alberto Calvo** — Não... De início, vocês disseram que os médicos eram desonestos!

**Nilo de Oliveira** — Sei... Eu quero saber, o seguinte...

**Carlos Pallut** — Lá na sessão! Vamos na sessão!

**Nilo de Oliveira** — Antes de iniciar a sessão...

**Alberto Calvo** — Me deixa dizer uma coisa? Antes de iniciar a sessão (graças a Deus, tenho uma memória excelente!) antes de iniciar a sessão, o senhor me disse (duas horas antes de iniciar a sessão): “O senhor faz tempo que vem aqui?” Eu disse não. Esta é a segunda vez. Na primeira vez, assisti três. Esta, é a segunda. “Quem o trouxe aqui?” Eu disse que foi um amigo do



Hospital das Clínicas, que foi aluno de um colega meu do hospital.

**Nilo de Oliveira** — Eu o respeito até aí, nesse ponto.

**Alberto Calvo** — E o senhor disse: “O senhor tem utilizado meios para prevenir a fraude?” Eu disse: “Os meios que a equipe tem utilizado aqui; que a equipe apresenta”. E o senhor disse: “O senhor tem conhecimento (assim que o senhor disse) de uma substância que se passa no objeto a ser manipulado...”

**Jorge Audi** — Presta bem atenção...

**Alberto Calvo** — Exatamente! Pode até gravar. Porque eu repito isso quantas vezes forem necessárias!

**Nilo de Oliveira** — Eu estou acreditando na sua honestidade.

**Alberto Calvo** — Exato. “O senhor tem conhecimento de uma substância, que passada num objeto a ser manipulado fica... se alguém tocar nele fica indelevelmente marcada a mão e depois pode ser à luz...”

**Nilo de Oliveira** — Do infra-vermelho...

**Alberto Calvo** — Do ultra-violeta, não me recordo bem...

**Nilo de Oliveira** — Do ultra-violeta...

**Alberto Calvo** — Então, eu disse: “Não. Eu acho interessante que se usasse!” Eu não disse assim?

**Nilo de Oliveira** — Eu disse...

**Alberto Calvo** — Eu não disse que achava interessante?

**Nilo de Oliveira** — E eu disse: “Eu usei na eletrola”.

**Alberto Calvo** — Não senhor! Aí, o senhor falha com a verdade!

**Nilo de Oliveira** — O senhor traz a gravação!

**Alberto Calvo** — Aí, não!

**Nilo de Oliveira** — O senhor traz a gravação!

**Alberto Calvo** — Agora, eu não posso trazer!

**Nilo de Oliveira** — O senhor traz a qualquer momento, no programa do Pallut...

**Alberto Calvo** — O senhor não me disse onde pôs o pé! O senhor me perguntou se eu conhecia a substância. Eu disse que não! E disse que seria interessante usar!

**Peres Júnior** — O senhor tem a gravação, doutor?

**Alberto Calvo** — Nós temos em Uberaba a gravação dos trabalhos.

**Luciano dos Anjos** — Isso foi na rua... fora...

**Peres Júnior** — Não, na porta...

**Alberto Calvo** — Foi na porta! Duas horas da sessão.

**Carlos Pallut** — Não houve gravação.

**Nilo de Oliveira** — Mas, posteriormente... Posteriormente, quando eu entrei na sessão...

**Alberto Calvo** — O senhor não me disse que pôs o pé na vitrola. O

importante, é que o senhor me disse... O senhor disse que pôs um pé para poder, enfim, fazer com que a equipe tivesse medo e pôr a mão na vitrola. Mas, a verdade, e o senhor agora mesmo acabou de confessar, é que falou no fim!

**Nilo de Oliveira** — Eu falei no fim, não senhor! Eu falei com o senhor que tive essa conversa antes.

**Alberto Calvo** — Não, não, não! Sobre a música da vitrola, o senhor falou no fim!

**Nilo de Oliveira** — Eu o alertei...

**Carlos Pallut** — Mas, o pé foi colocado antes ou depois? Estava na rua ou não estava na rua?

**Alberto Calvo** — Bem... Aqui, o importante, é que o sr. Nilo me perguntou se eu conhecia uma substância, eu disse...

**Carlos Éboli** — E o senhor não concluiu que era um artifício?

**Alberto Calvo** — Mas não na vitrola, meu Deus do céu!

**Carlos Éboli** — O senhor é ingênuo se não concluiu assim, dr. Calvo.

**Alberto Calvo** — Eu sou ingênuo? Se tinha quinhentos aparelhos lá dentro!

*Tumulto geral.*

**Luciano dos Anjos** — Já foi esclarecido esse problema!

*Tumulto.*

**Alberto Calvo** — O importante... Dão licença? O importante é que no local da sessão tinha inúmeras máquinas fotográficas, tinha aparelhos gravadores...

**Nilo de Oliveira** — Dr. Calvo...

**Alberto Calvo** — Dá licença?

*Tumulto.*

**Luciano dos Anjos** — Eu estava com a palavra... Assim, não é possível...

**Alberto Calvo** — Deixem eu terminar! Tinham vários aparelhos, entre eles a vitrola.

**Luciano dos Anjos** — Um momento, dr. Calvo. O senhor diz que sim, eles dizem que não.

**Jorge Rizzini** — Ele já explicou!

**Luciano dos Anjos** — Pallut, eu queria que você me desse licença... Não me deixam falar...

**Carlos Pallut** — Vamos com calma! Ele já disse...

**Luciano dos Anjos** — Você diz que não, ele diz que sim!

**Nilo de Oliveira** — Eu tenho você, Pallut, como um dos grandes jornalistas deste país.

**Carlos Pallut** — Eu sei, Nilo, mas acontece, o seguinte: ele explicou!

Enquanto você não estava aqui... Eu não estou aceitando o argumento dele, mas ele já concluiu!

**Nilo de Oliveira** — Quando eu vi na televisão, na casa de um amigo meu dileto, o dr. Calvo que entrou depois da minha saída e só fez referência ao meu nome, o dr. Calvo disse o seguinte: que eu só havia mencionado no fim, no final da sessão. Não! Eu conversei com dr. Calvo a respeito desse posinho que se coloca em algum lugar...

**Alberto Calvo** — Mas, não foi bem isso! O senhor disse, aqui, no “O Cruzeiro”, que falou no começo! Não mencionou no fim! E eu disse que falou no começo!

**Nilo de Oliveira** — Não, eu falei no começo com o senhor, dr. Calvo.

**Alberto Calvo** — Comigo o senhor falou lá fora!

**Nilo de Oliveira** — É, lá fora...

**Alberto Calvo** — É, mas não na vitrola! Mas, não falou que ia por na vitrola! Perguntou se eu conhecia um pó! Eu disse que não conhecia o pó!

*Tumulto.*

**Luciano dos Anjos** — Pallut, você quer me dar licença?

*Tumulto.*

**Luciano dos Anjos** — Pallut, eu queria que vocês me dessem licença, só para concluir...

**Carlos Pallut** — Para concluir.

**Luciano dos Anjos** — É. Eu estava argumentando aqui para mostrar que esses depoimentos, e que tudo tem sido feito...

**Mário de Moraes** — Olhe... Pode ver que é um mentiroso que está falando...

**Luciano dos Anjos** — ...tudo que tem sido publicado é mentira! Porque a gente prova... Olhem! Nós nem vamos mais nos preocupar em apanhar os senhores em mentira! Vai ser a última vez.

**Mário de Moraes** — O senhor não deve se preocupar...

**Luciano dos Anjos** — Mas, deixa concluir, dá licença!

*Tumulto geral.*

**Luciano dos Anjos** — Muito bem! Eu também tenho! Eu também tenho! Aqui está! Os senhores publicam depoimentos de determinadas pessoas e colocam, em cada respectiva boca, uma informação inverídica. Vejamos, por exemplo, o depoimento do marido de Otília, que aqui está por escrito! “A quem possa interessar. Declaro, para os devidos fins, ser esposo de Otília da Costa Salmistraro, hoje Otília da Costa Diogo, e que atualmente estamos separados em concordância de ambas as partes, sendo infundadas todas as afirmativas publicadas na revista “O Cruzeiro” de 22 de fevereiro de 1964”.

*Tumulto.*

**Luciano dos Anjos** — Aqui está a fotografia do marido. Foi fotografado na hora.

*Tumulto.*

**Nilo de Oliveira** — Agora espera, Luciano. Registro da filha de Otília e de José Felisbino Diogo. Otília da Costa Diogo, doméstica, natural de Cosmópolis, Estado de São Paulo, residente na cidade, casada civilmente em Santo Antônio do Jardim. Quer dizer: o casamento dela é com José Felisbino Diogo!

**Luciano dos Anjos** — Ele desmente as declarações!

**Nilo de Oliveira** — Com firma reconhecida. Este, é um ébrio, que Otília traiu vilmente!

**Luciano dos Anjos** — Ele desmente essa informação!

**Nilo de Oliveira** — Esta, daqui!

**Luciano dos Anjos** — Esta! O casamento civil ninguém está negando. Ninguém está negando! O casamento civil ninguém está negando! Agora, ele é um ébrio para os senhores!

*Tumulto geral.*

**Carlo Éboli** — Dr. Calvo, eu sou capaz de apostar com o senhor...

**Luciano dos Anjos** — Tem mais! Mas, tem mais Éboli! O senhor me permite?

**Carlos Éboli** — Esse documento é um documento datilografado e simplesmente...

**Luciano dos Anjos** — Não tem dúvida!

**Nilo de Oliveira** — Não tem valor.

**Luciano dos Anjos** — Isso é uma afirmativa gratuita! Não vem ao caso!

*Tumulto geral.*

**Luciano dos Anjos** — Aqui está o segundo documento e é assinado por êste homem (foto) Divino Venturelli!

**Nilo de Oliveira** — Como é que o senhor justifica um documento com firma reconhecida...

**Luciano dos Anjos** — Esse documento... O senhor está querendo tumultuar!

**Nilo de Oliveira** — A sacerdotisa dos senhores...

**Luciano dos Anjos** — Está querendo tumultuar! Porque esse documento, aí, é a certidão do casamento civil e ninguém está negando isso, não!

**Nilo de Oliveira** — Não é certidão do casamento civil, não! Isto é um registro de um filho de Otília...

**Luciano dos Anjos** — Ah, do filho? Mas ninguém está negando isso, não. Mas, quem está negando isso? Ninguém está negando! Eu queria ler o

outro documento!

*Tumulto.*

**Luciano dos Anjos** — A firma está reconhecida, dr. Éboli... Para vocês vale datilografado, para nós não vale?! Quer me deixar ler o segundo documento?

**Carlos Pallut** — Vamos deixar ler o segundo documento! Pelo amor de Deus!

**Luciano dos Anjos** — Eu pediria a você, Pallut, que pusesse ordem nisso.

**Carlos Pallut** — Não é possível botar ordem nisso...

**Luciano dos Anjos** — “A quem possa interessar. Edivino Venturelli, brasileiro, casado, barbeiro, residente na cidade de Andradas, no Estado de Minas Gerais, a bem da verdade e somente da verdade declara, livre e espontaneamente, que a declaração contida na folha 102 da revista “O Cruzeiro”, do dia 22 de fevereiro próximo do corrente ano e atribuída a sua pessoa, referente a José Felisbino Diogo e Otília Diogo, que esta foi encontrada por aquele na zona do meretrício, foi pura e única invenção do repórter de “O Cruzeiro”, afirmando apenas que era amigo de José e que trabalharam juntos num salão de barbeiro. Declara ainda que grande foi a surpresa ao ver seu retrato naquela revista bem como as afirmações. A presente poderá ser usada como bem e melhor aprouver.

A QUEM POSSA INTERESSAR

Edivino Venturelli, brasileiro, casado, barbeiro, residente na cidade de Andradas, Estado de Minas Gerais, a bem da verdade e somente da verdade, declara livre e espontaneamente, que a declaração contida a folha 102 da Revista "O Cruzeiro", do dia 22 de fevereiro próximo do corrente ano, e atribuída a sua pessoa, referente a José Felisbino Diogo e Otilia Diogo, "que esta foi encontrada por aquele na zona do meretrício", foi pura e única inventiva do Reporter do "O Cruzeiro", afirmando apenas que era amigo de José e que trabalharam juntos em um Salão de Barbeiro. Declara ainda que grande foi a sua surpresa ao ver seu retrato naquela Revista, bem como as afirmações.

A presente poderá ser usada como bem e melhor aprover.

Andradas, 9 de fevereiro de 1964

Edivino Venturelli

TESTEMUNHA - Gulvino M. Ferraz  
Ary Carvalho Lourenço

FIRMA  
TABELÃO PENALIZ  
CUIDADOR. 68 - NO

NOTARIZ RIBRÃO GONCALVES  
R. ...  
Andradas - ME  
575

Reconheço verdadeiro a firma e  
supra indicado  
com número de  
... (3) ...  
Andradas, 10 de fev. de 1964  
Em test. da verdade  
João ...  
L. TABELÃO

RECONHECER NO  
TABELÃO  
FIRMA EM FOLHA HORIZONTE  
NO  
CARTÃO DE  
SUA ESPRITO SANTA. 946

“Edivino Venturelli, brasileiro, casado, barbeiro, residente na cidade de Andradas, Estado de Minas Gerais, a bem da verdade e somente da verdade, declara livre e espontaneamente, que a declaração contida a folha 102 da Revista “O Cruzeiro”, do dia 22 de fevereiro próximo do corrente ano, e atribuída a sua pessoa, referente a José Felisbino Diogo e Otilia Diogo, “que esta foi encontrada por aquele na zona do meretrício”, foi pura e única inventiva do Repórter do “O Cruzeiro”, afirmando apenas que era amigo de José e que trabalharam juntos em um Salão de barbeiro. Declara ainda que grande foi a sua surpresa ao ver seu retrato naquela Revista, bem como as afirmações”.

A presente poderá ser usada como bem e melhor aprover.

Andradas, 9 de fevereiro de 1964  
Edivino Venturelli

Testemunhas:  
Gulvino M. Ferraz  
Ary Carvalho Lourenço

Andradas, etc.” Aqui está a firma reconhecida!

Tumulto.

**Nilo de Oliveira** — Um momento, que vou explicar. Vou explicar...

**Luciano dos Anjos** — É assim que os senhores fazem as reportagens!

**Nilo de Oliveira** — Um momento, um momento, que vou explicar... Porque até agora eu o considero como um homem honesto. Leia o meu texto no “O Cruzeiro” em que eu digo que esse barbeiro Venturelli estava tímido! Ele, nesse documento, não sabe que foi fotografado.

**Luciano dos Anjos** — “Divino Venturelli, barbeiro, que trabalhou com o atual...”

**Nilo de Oliveira** — Não leia a legenda...

**Luciano dos Anjos** — A legenda não vale?!

**Nilo de Oliveira** — Leia o texto!

**Luciano dos Anjos** — O texto vale, a legenda não vale?...

**Carlos Pallut** — Bem, meus amigos, nós estamos praticamente concluídos!

**Mário de Moraes** — Posso falar?

**Carlos Pallut** — Não dei a palavra ao Mário para que fizesse uma pergunta. É verdade, êle entrou várias vezes, mas sem que nós déssemos a palavra, não é Peres? Então, Mário, agora você faz a pergunta para que nós possamos encerrar, ouvindo um a um e encerrar, realmente!

**Mário de Moraes** — Isto aqui só é uma curiosidade, ouviu Luciano? Algum dia você trabalhou com Fred Dalton? Só uma curiosidade...

**Luciano dos Anjos** — Isso é um caso pessoal, que não respondo.

**Alberto Calvo** — Aqui, a discussão é sobre a materialização!

**Mário de Moraes** — Perfeito. Por que não foi possível colocar talco em redor da cadeira?

**Luciano dos Anjos** — Não se colocou talco... Isso já foi dito mais de uma vez! Eu já cansei de explicar isso... Da mesma forma que vocês poderiam controlar se alguém... se a Otília se soltava e vinha fazer-se de fantasma... igualmente poderia um de vocês também chegar lá e colocar o pé e seria, então... Vai responder você: “Bom, então podia também soltar a algema!” É isso o que você vai querer dizer?

**Jorge Rizzini** — E o próprio espírito, materializado, poderia pisar no talco!

**Mário de Moraes** — Disseram aqui que eu tinha medo de espíritos... Olhem essa fotografia, que foi ampliada; foi bastante ampliada para mostrar os olhos! Eu quero esclarecer que isso é um fenômeno de fototropismo.

**Luciano dos Anjos** — Eu ouvi o seu esclarecimento; aliás, em um programa gravado: nós gravamos.

**Mário de Moraes** — Você ouviu o esclarecimento?

**Luciano dos Anjos** — Eu aceito seu esclarecimento.

**Mário de Moraes** — Porque para mim, um homem que já fez guerra, fez revolução, fica meio ridículo dizer que eu tive medo. Olha os olhos aqui do dr.

Waldo Vieira (foto) bem mais arregalados.

**Carlos Pallut** — Bem, meus amigos, agora, para encerrar eu vou perguntar se o Jorge Rizzini e o Luciano dos Anjos sustentam uma coisa: é falsa a reportagem de “O Cruzeiro”?

**Luciano dos Anjos** — As reportagens? Ah, sem dúvida! Evidentemente, se eles provarem que houve fraude (se houver prova patente) não tenham dúvida, eu darei a mão ao malho, darei a mão ao dr. Éboli, a todos eles, e vamos nos congregar porque esse é o meu objetivo, o nosso objetivo: é também evitar que os fraudadores se imiscuam, entre nós para em nome da Doutrina e em nome da ciência espírita, do Espiritismo, venham tomar alguma atitude fraudulenta.

**Jorge Rizzini** — Eu reafirmo a posição do Luciano, porque nós, os espíritas... Aliás, muitos telespectadores estão pensando que eu falo de uma maneira que foge, assim, à parte evangélica, etc.; mas, não é, não: é o entusiasmo! É bom que todos ouçam: é o entusiasmo! O tema é apaixonante, então, a gente se apaixonou (e eu estou gesticulando neste momento: é o sistema nervoso...).

**Luciano dos Anjos** — Eu estou calmíssimo! Mas, devo ter saído da linha...

**Jorge Rizzini** — Eu já esclareci ao telespectador, que não é bem “tom agressivo”, mas a emoção! O tema é apaixonante, então nos apaixonamos pelo tema! Estou esclarecendo essa nossa posição, que não é agressiva aos srs. repórteres, nesse sentido. Agora, quanto às reportagens de “O Cruzeiro”, meu caro Pallut, a posição é sempre aquela desde o primeiro programa que eu fiz, lá em São Paulo, no canal 9, com uma enorme audiência. Essa é a posição porque as reportagens de “O Cruzeiro”, dos srs. repórteres, não convencem! Até o momento, não conseguiram provar, a meu ver (e o telespectador é quem vai dizer, porque ele tem opinião própria e assistiu aos debates e leu as reportagens) até o momento não conseguiram convencer que a sessão de Uberaba se tratava de uma fraude! Tanto é isto verdade, que fizeram inúmeras reportagens, debateram o problema na televisão... E a esta altura certos telespectadores devem estar dizendo: farsa ou não foi farsa? Quer dizer: para mim, não se provou, até agora, que a experimentação Uberaba foi realmente uma farsa! Nós tivemos argumentos, estivemos baseados em documentos, não fizemos afirmações gratuitas, mostramos, meu caro Pallut, todas as contradições! Não houve “gozação”, como foi dito aqui, ouviu Nilo?

**Luciano dos Anjos** — Se houve, eu quero pedir desculpas!

**Jorge Rizzini** — Foram mostradas as contradições entre um repórter e outro repórter!

**Nilo de Oliveira** — Isso é evidente, Rizzini.

**Jorge Rizzini** — E basta!

**Nilo de Oliveira** — ...é evidente que nós não tivemos intenções de lançar um bombardeio con vocês: cada um disse o que sentiu e...

**Jorge Rizzini** — Perfeito!



**Luciano dos Anjos** — Eu acho que “O Cruzeiro” se precipitou...

**Carlos Pallut** — Nós estamos concluindo... Então, vamos terminar com o Rizzini...

**Jorge Rizzini** — Eu agradeço, Nilo, seu aparte sincero... Nós estamos aqui defendendo aquilo que nos parece a verdade!

**Nilo de Oliveira** — E nós defendendo aquilo...

**Jorge Rizzini** — Aquilo que vocês estão enxergando... Agora, o telespectador e o leitor é que vão tirar a conclusão definitiva. Nós achamos (e queremos deixar nossa posição clara, porque nossa posição é essa) achamos que as reportagens de “O Cruzeiro”, as reportagens dos srs. repórteres não convencem! Porque não houve uma prova concludente!

**Carlos Pallut** — São mentirosos?

**Jorge Rizzini** — Isso é outra coisa... Eu esclareci que eles defendem “aquilo que lhes parece a verdade”. Essa é, pois, a posição nossa, que ficou bem evidente!

A seguir, Carlos Pallut deu a palavra ao sr. Kosinski, representante da direção de “O Cruzeiro”, que leu o repto aos médicos. Esse repto foi violentamente criticado pelo dr. Alberto Calvo, mas o tema, por uma questão de ordem cronológica, será tratado, páginas adiante.

Esses debates, que tiveram a duração de três horas consecutivas, monopolizaram a atenção dos telespectadores da Guanabara. Mesmo porque, dias antes, a TV Continental e a TV Tupi haviam feito uma intensa propaganda. A Rádio Copacabana, idem. Assim, no dia seguinte aos debates, a imprensa comentou o programa, sendo de destacar-se o enorme artigo publicado pelo “Correio da Manhã” e assinado pela famosa romancista e jornalista Lásinha Luís Carlos.

Desse artigo, que tão bem retrata a estranha posição de Carlos Éboli (ao invés de apenas perito, foi ele acusador, defensor, testemunha e árbitro, atitudes essas que causaram suspeita...) vamos destacar dois itens.

Escreve Lásinha Luís Carlos:

“Diga-se de passagem que os espíritas se continham muito mais, eram mais controlados, não ultrapassando as barreiras da polidez”.

E, finalizando:

“Não sou espírita, mas, a bem da verdade, devo dizer que os vencedores da noite foram aqueles que se defendiam da acusação de mistificadores”.

## XII

### CHICO XAVIER E WALDO VIEIRA AMEAÇADOS DE MORTE

Já dissemos capítulos atrás, que a poderosa campanha da revista “O Cruzeiro” contra o Espiritismo estava tomando um caminho contundente — pelo qual, aliás, nós outros, pelos princípios que professamos, não caminharíamos.

Desesperados por não conseguirem provar que a materialização de Uberaba fora uma farsa, não obstante as reportagens contínuas, os repórteres desceram à sarjeta e proclamaram que dona Otília Diogo havia sido prostituta e, concomitantemente, investiram contra os médicos com os adjetivos mais indignos! Eu e Luciano passamos também a ser ofendidos pelo sr. Mário de Moraes, que nos intitulou de “os dois sujeitinhos da TV”. Esse desespero (é óbvio) prende-se ao fato de que os havíamos denunciado ao povo através da televisão, em Estados vários — atitude, essa, que eles jamais poderiam supor fôssemos capazes...

“Os mistificadores de Uberaba, entretanto (escrevem os repórteres) são petulantes. Querem polemizar, querem tentar destruir os depoimentos de nossos repórteres, estão indo a estações de televisão e a órgãos de imprensa, buscando falhas, ou supostas falhas nas afirmações dos repórteres. Querem salvar a todo custo UM NEGÓCIO QUE LHES PODERIA RENDER BOM PREÇO”.

As ofensas, pela revista, agora se sucediam — mesmo após os debates, quando a pedido de Carlos Pallut os abraçamos sob as vistas dos telespectadores... Aliás, depois dos abraços, foi publicada uma outra reportagem que nos classificava de “malta de escroques”... Também José Anchieta, em sua seção “Cochichos”, na edição de 7 de março de “O Cruzeiro” (edição após os debates) investiu contra o autor dêste livro chamando-o de “play-boy” e... secretário de finanças da Cia. Nacional de Materializações S/A; isso, foi publicado numa seção destinada à política...

Ora, a campanha violenta de “O Cruzeiro” contra o Espiritismo, tomando o caminho da agressão, despertou o ódio de fanáticos religiosos, — opositores da nossa Doutrina, os quais remeteram cartas anônimas a Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, ameaçando-os, inclusive, de morte!

Mas, o perigo se agravou, quando chegou à Uberaba um jipe trazendo placa da Guanabara e com cinco indivíduos dentro, todos mal encarados. Saltaram à porta da Comunhão Espírita Cristã de Uberaba, perguntaram por Chico e Waldo, misturaram-se ao povo.

Avisados a tempo, Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira entraram em um carro, pediram proteção à polícia e se resguardaram durante vários dias, em uma fazenda. O jipe já havia desaparecido, quando o destacamento policial chegou — mas, a polícia de Uberaba protegeu a Comunhão Espírita Cristã até a volta dos dois famosos médiuns, que documentos importantes, referentes à história do Espiritismo, estavam ali guardados.

### XIII

#### NOVA LUZ SOBRE O ESCÂNDALO PELA TV EXCELSIOR DE S. PAULO

Uma semana após os debates (22/2/64) voltamos à Guanabara, eu e Alberto Calvo para fazer com Luciano dos Anjos o último programa na TV Continental; o quarto programa, que iria consolidar nossa campanha no Rio de Janeiro contra as difamações e calúnias da revista “O Cruzeiro”. Ilustrando esse programa, projetamos diversas cenas de filme espíritas: inclusive, operações de Arigó e o impressionante documentário que mostra a distribuição de Natal feita por Waldo Vieira e Francisco Cândido Xavier a mais de onze mil favelados de Uberaba! Esses filmes tocaram fundo no coração dos telespectadores e dos próprios funcionários da TV.

Em São Paulo, todavia, continuava a dificuldade inicial: fechados os canais de televisão para o assunto “materialização de Uberaba”. Tínhamos feito (não obstante nossa insistência contínua) apenas um programa, de curta duração, na TV Excelsior — logo que “O Cruzeiro” abriu fogo contra a materialização de Uberaba; mas, era absolutamente necessário conseguíssemos um outro para desmontar diante dos olhos do povo paulista a fantástica farsa dos repórteres.

Voltei, pois, novamente a visitar o canal 5... Quase todos os dias! Por fim, Epaminondas, um de seus diretores, concordou em que eu fizesse o programa dentro do jornal da TV, mas... sem tomar posição no caso — evidentemente, recusei a condição estipulada, que nosso objetivo era bem outro.

Já estava resolvido o médico Oswaldo de Castro, que examina a médium Otília Diogo, a comprar do canal “uma hora livre”, quando, para surpresa nossa, Batista Lemos, diretor do Departamento Jornalístico do canal 9, TV Excelsior (TV que eu também visitava quase todos os dias...) deu-me a notícia de que iria lançar, dentro em breve, um programa novo, violento, sensacional, e que estava disposto a abordar com esse programa o escândalo da revista “O Cruzeiro”. O programa chamar-se-ia “Lavamos as Mãos” e seu lançamento seria divulgado em toda a imprensa. E ainda mais: o programa, sendo em “vídeo-tape”, iria correr outros Estados.

— Está disposto afazê-lo? Mas, aviso que esse programa poderá deixá-lo em má situação...

— Acabou o “pacto de não agressão” com os “Diários Associados”? Batista Lemos riu.

— Acabou... Então? Quer fazer o programa?

Eu pretendia lançar “Lavamos as Mãos” com o Nei Braga, governador do Paraná, mas acho o tema materialização de Uberaba muito bom... E quero dar a você oportunidade de responder, de uma só vez, através de vários canais de TV, inclusive do Norte, à revista “O Cruzeiro”. Mas, aviso, o programa será feito para provocar “suspense” e poderá deixá-lo em situação difícil... Aliás, é idéia minha, também, que a última pergunta dirigida a você seja formulada por um padre.

— Idéia magnífica! O povo está esperando um encontro, assim, pela televisão...

— Além do padre, pretendemos, também, levar ao estúdio testemunhas que poderão embarcá-lo...

— Eu farei o programa. Há dois meses, meu caro Lemos, que visito você! Enfim, os espíritos conseguiram convencê-lo a me deixar falar sobre Uberaba...

Rimos e, dias depois, ao lado de Irineu Alves, fui ao estúdio, onde, aliás, já se encontrava um padre rodeado pelos produtores, locutores, etc. Mas, após algumas considerações minhas, durante o programa, desistiu o pároco de fazer a pergunta... Desapareceu.

“Lavamos as Mãos” foi apresentado no dia 17 de março de 1964 e, conforme me avisara Batista Lemos, causou profundo impacto no Estado de São Paulo e, certamente, em outros Estados do Brasil. Um fato ficou patente e evidente com esse programa de 55 minutos: a mãe de dona Otília Diogo não é a sra. Maria Luiza Rodrigues, apresentada como tal pela revista “O Cruzeiro” a fim de desmoralizar a materialização de Uberaba. Provado isso, desmoronou-se a série de reportagens, quase tôda ela apoiada em dona Maria Luiza Rodrigues.

Com “Lavamos as Mãos”, totalizamos sete programas de televisão (em São Paulo, Belo Horizonte e Guanabara) durante os quais falamos cerca de dez horas sobre as materializações de Uberaba, provando que a farsa foi da revista, e não da médium e dos médicos. Foi uma campanha árdua, perigosa, mas, graças a Deus, vitoriosa.<sup>40</sup> Porque tínhamos ao nosso lado a Verdade, e a Verdade ninguém destrói.

Como os principais programas anteriores, também “Lavamos as Mãos” foi gravado. Quem formulou as perguntas, foi João Brasil Vita, vereador paulista e famoso advogado.

---

<sup>40</sup> Durante nossa campanha para impôr a Verdade, o mundo espiritual inferior, ficou agitado, procurando atingir a família do autor deste livro. Espíritos de padres invadiram nosso lar e minha esposa foi quem mais sofreu as terríveis influências. Mas, foi ela beneficiada pelas vibrações de Chico Xavier, Waldo Vieira, Spartaco e Luciano dos Anjos e o “clero astral” deixou-nos em paz. Depois de um mês de perguições!

Ouçamos o programa:

**Locutor** — Televisão Excelsior estréia hoje mais um programa! Trata-se de LAVAMOS AS MÃOS, realização de cunho eminentemente jornalístico, que conta com a participação de elementos laureados em diversas oportunidades. LAVAMOS AS MÃOS, em cinqüenta e cinco minutos, propõe-se a apresentar frente às câmeras homens que se fizeram cercar de acontecimentos que são do domínio público, mas que propiciam interpretações várias. Abordaremos hoje os fenômenos de Uberaba, taxados de farsa por certa imprensa!

*Ouve-se em som alto, uma marcha romana, enquanto surge no vídeo “Pôncio Pilatos” lavando as mãos, lentamente.*

**Locutor** — LAVAMOS AS MÃOS!

*Continua a marcha romana, impetuosa.*

**Locutor** — Realização: Glauro Couto; Produção do Departamento de Reportagem da Televisão Excelsior; Sonoplastia de Laurino Salvador; Iluminação de Mário Contreras; Cenografia de Benedito Garcia; Assistente A. Legnini; Locução de Antônio Pimentel; Apresentação: João Brasil Vita. Produtor Executivo: Mário Régis Vita; Direção: Hélio Tozzi!

*Continua a marcha romana, em segundo plano. Desaparece Pôncio Pilatos.*

**Locutor** — O senhor, — responsável, de alguma maneira, viu-se envolvido nos fatos que aqui agora vamos expôr. O público conhece esses fatos, sobre os quais ouviu mais de uma versão. Com muitas delas, o senhor, provavelmente, não concordará! Poderá negá-los, sim, mas não poderá ignorá-los! O público não os ignora! O público conhece esses fatos, mas... conhece, principalmente, o senhor! Não perca, pois, tempo em apresentar-se; nem precisa desculpar-se! Está, aqui, diante dessas câmeras, não por que quer, mas por que ele, o público, exigiu que comparecesse e desse a sua versão! Seca e direta, objetiva. E lembre-se: talvez, a última... Diga o que sabe. Negue o que ache que deve negar! Se não disser a verdade, se estiver nos enganando, não poderá esconder a mentira! Ela será vista e ouvida por milhares de testemunhas, que neste momento acompanharão o seu depoimento. E há mais: temos, aqui, a poucos metros do senhor os outros protagonistas dos fatos... São pessoas, são documentos, talvez, provas... São, também, a verdade! Portanto, vamos lá! Nós, de nossa parte, estamos aqui apenas na qualidade de uma testemunha a mais. Quem está com a Verdade? É o que queremos saber... De nossa parte, LAVAMOS AS MÃOS!

Para participar do programa de hoje, recebemos em nossos estúdios pessoas que representam a massa de brasileiros e se interessam em saber tudo sobre... AS MISTIFICAÇÕES DE UBERABA! Jorge Rizzini: o senhor se ofereceu para servir como advogado de uma causa mística: os fenômenos de materi-

alização, que estariam ocorrendo em Uberaba. O episódio de Irmã Josefa, no qual se envolvem médicos e médiuns, é recente. A revista “O Cruzeiro”, com o testemunho de seus repórteres, valendo-se de laudo pericial, investiu contra o que chamou de... FARSA! E os taxou de... mistificadores! Senhor Rizzini: o senhor vai defender um ponto de vista que não é apenas seu, mas de uma legião, incontável, que por certo contará em suas respostas outras histórias sobre o mesmo acontecimento. Lavamos as mãos!

*Desaparece a música criando o “suspense”.*

**Brasil Vita** — E você, Rizzini, aceita como verdadeiros os fenômenos desenrolados em Uberaba?

**Jorge Rizzini** — Esses fenômenos são, absolutamente, autênticos! Eu queria me deter um pouco nessa sua primeira pergunta. A revista gastou, até agora, cerca de setenta páginas para provar que as materializações são uma farsa. Nessas setenta páginas, os cinco repórteres de “O Cruzeiro” nos taxam de “inconseqüentes, desonestos, inconscientes, petulantes, mistificadores, embusteiros, farsantes, sujeitinhos, play-boys, escroques e... gangsters!” É com alegria, portanto, que participo deste programa, a fim de que o telespectador diga se tudo isto, somos nós, os que defendem os fenômenos de Uberaba, ou se tudo isto deve ser enquadrado na personalidade dos cinco repórteres.

**Brasil Vita** — E esse personagem? Esse personagem que está atrás de você, quem é?

*Aparece no vídeo a fotografia de Waldo Vieira.*

**Jorge Rizzini** — Este é o dr. Waldo Vieira, que além de doutor em medicina, é formado em odontologia. É médico e dentista.

**Brasil Vita** — Obrigado por essa apresentação. Agora, vamos ouvir alguém que tem uma pergunta a fazer e é um dos nossos visitantes.

**Visitante** — O senhor esteve presente na experiência a que se referem os jornalistas de “O Cruzeiro”?

**Jorge Rizzini** — Um advogado, quando defende uma causa, geralmente não esteve no local do crime, e nem por isso deixa de defendê-la! É a primeira etapa da minha resposta. No entanto, devo dizer que assisti inúmeras sessões de materializações, em Uberaba, com os médicos. E ainda mais: estou capacitado para discutir o problema porque enfrentei, juntamente com um médico e um jornalista, diante das câmeras de televisão, no Rio de Janeiro, os cinco repórteres, e os desmascaramos!

**Brasil Vita** — Por que o Dr. Waldo Vieira, após munir-se de documentos assinados pelos jornalistas, suspendeu a realização de novos trabalhos? Não foi para evitar que, conhecedores do ambiente, a farsa de Uberaba fosse desmascarada no local?

**Jorge Rizzini** — Acontece que o dr. Waldo não prometeu novas expe-

rimentações para os repórteres. Isto é uma farsa dos repórteres de “O Cruzeiro”! Essa promessa não foi feita. Simplesmente, porque o dr. Waldo Vieira não pode dominar o fenômeno mediúnico apresentado por dona Otilia. Quem teria de fazer essa promessa seria a própria Irmã Josefa, que se materializou nessa experimentação. Não o dr. Waldo Vieira. Ele não fez essa promessa; ele não tem procuração da Irmã Josefa...

**Brasil Vita** — Como diz que os trabalhos materialização são honestos, quando há um laudo assinado pelo perito Carlos de Mello Éboli, dizendo que as fotos cedidas pelos médicos confirmam existência de uma farsa?

**Jorge Rizzini** — Essa história do Éboli é muito interessante... O “seu” Éboli é um tipo curioso, porque ele examinou um fio (que se dizia colhido na sessão de Uberaba) chamado “fio ectoplásmico”... Acontece que o “seu” Éboli não perguntou se esse fio, os repórteres o trouxeram de Uberaba, ou se esse fio foi colhido na própria residência dos repórteres, ou se esse fio foi colhido em Nova Iorque ou em Moscou... O “seu” Éboli é um homem inconseqüente como perito! E é tão inconseqüente, que deu um laudo enorme sôbre as fotografias das materializações — um laudo que eu, com base, montado em documentos, vou provar que é um laudo falso! Assim que foi publicado o laudo...

**Brasil Vita** — Permite-me uma interrupção? Quer ver a fotografia que está ao seu lado, por gentileza?

**Jorge Rizzini** — Exatamente! Aí é o momento em que o sr. Éboli (ele não é doutor, não: “O Cruzeiro” é que lhe deu o título de “doutor”; ele é apenas perito) aí é o momento em que ele examinava o chamado “fio ectoplásmico”, que na verdade não passa de um fio de algodão. Porque esse fio não veio de Uberaba! Agora, essa pergunta sua, creio que está respondida, não? Sobre a pergunta anterior, eu disse que ia provar que o laudo pericial de Carlos Éboli é um laudo falso, um laudo inconseqüente, um laudo sem nenhuma responsabilidade. Nós temos aqui (câmera, por favor) nós temos aqui o perito Éboli examinando as fotografias das materializações: ele está olhando através de uma lupa monocular, excelente para se examinar selos... Ela aumenta apenas doze vezes. Acontece que eu fui à Polícia Técnica do Estado de São Paulo (porque eu estava empolgado pela Verdade) e fui procurar diretamente o Diretor! E mostrei as fotografias. E, três peritos examinaram essas fotografias, e aqui está o laudo dos peritos da Polícia Técnica de São Paulo, laudo que prova, de forma insofismável, que o laudo do sr. Éboli é inconseqüente, como já pude dizer!

**Brasil Vita** — Como advogado, meu caro Rizzini, você está demonstrando, dentro de sua profissão, aquela argúcia de todo bom defensor. E, daí, gostaria de fazer uma pergunta. Você recebeu algum pagamento, ou honorário em dinheiro, para fazer esclarecimento sobre a honestidade dos fenômenos de



Uberaba? Responda sim ou não!<sup>41</sup>

**Jorge Rizzini** — O dono deste programa recebeu alguma coisa da revista “O Cruzeiro” para defender as reportagens dessa revista?

**Brasil Vita** — O dono desta Estação é o povo; daí, não ter implicações de ordem profissional com “O Cruzeiro”! E nós não estamos defendendo “O Cruzeiro”. Estamos tentando defender, pelo menos, a Verdade!

**Jorge Rizzini** — Nós estamos também defendendo a Verdade, única e exclusivamente a Verdade! Evidentemente, não recebi coisíssima nenhuma. É uma pergunta interessante, e eu creio que minha resposta já a esclareceu de forma suficiente.

**Brasil Vita** — Muito obrigado, sim? Como advogado, que é, poderia estar recebendo honorário, legitimamente, para defender esclarecimentos; ou, eventualmente, a honestidade dos fenômenos de Uberaba!

**Visitante** — Não foi também a perícia do Rio de Janeiro que, examinando um fragmento ectoplásmico, concluiu tratar-se de algodão com textura de gaze e com acentuados esmagamentos? Não foi prova cabal de que o “tecido ectoplásmico” foi levado dobrado para maior sucesso da encenação materializadora?

**Jorge Rizzini** — Eu já expliquei que esse fio de algodão poderia ter vindo de Uberaba, de Nova Iorque, de Moscou; ou, até mesmo, da meia do próprio repórter... O “seu” Éboli nada diz no seu laudo... Mas, como perito, como homem arguto, ele devia perguntar: esse fio, veio de onde? Ele não perguntou aos repórteres: examinou o fio e deu o laudo... E a revista “O Cruzeiro” publicou esse laudo para dar autenticidade às reportagens! Mas, já disse e repito: ninguém prova que esse fio, que o sr. perito Carlos Éboli examinou, ninguém prova que esse fio veio de Uberaba. Isto é ridículo. É uma afirmação gratuita da revista “O Cruzeiro”. Como todas as afirmações!

**Brasil Vita** — Rizzini: como se explica que dezoito médicos...

**Jorge Rizzini** — Dezenove médicos!

**Brasil Vita** — Dezenove? Muito obrigado pela informação. Como se explica, então, Rizzini, que dezenove médicos, em muito pouco tempo, conseguissem resultados espetaculares no campo da materialização, quando se sabe que a Sociedade de Pesquisas Metapsíquicas, de Londres, há cem anos em atividade, não tenha logrado sucesso no campo dos fenômenos espíritos?

---

<sup>41</sup> Julgando-me advogado, e sendo ele próprio advogado, Brasil Vita ficou curioso em saber quanto estava eu “recebendo” para defender a médium... Não respondi, naquele instante, que não era advogado, porque antes havia eu visto no estúdio um padre que iria procurar embaraçar-me com perguntas sobre as reportagens de “O Cruzeiro”, Posteriormente, ficaram todos sabendo que, em verdade, não era eu advogado. Posteriormente, é óbvio.

**Jorge Rizzini** — Essa pergunta provoca o sorriso porque... Que sociedade é essa, com caráter científico, que ignora os trabalhos do maior químico e físico da Inglaterra, — que foi William Crookes, autor de obras sobre os fenômenos de materialização? Porque Crookes examinou, durante três anos consecutivos, a materialização de Katie King, em seu próprio laboratório de pesquisas... em Londres! Que sociedade científica é essa, que ignora os trabalhos de Charles Richet, prêmio Nobel de fisiologia? Richet escreveu um tratado de metapsíquica! Que sociedade é essa, que ignora os trabalhos de Cesar Lombroso, o pai da antropologia moderna? E que escreveu um livro sobre os fenômenos de ectoplasmia? Que sociedade é essa, telespectador, que ignora os trabalhos de Paul Gibier, Diretor do Instituto de Microbiologia de Nova Iorque? Ora, essa pergunta não tem cabimento! Acontece, ainda, que o presidente dessa sociedade (Sociedade de Pesquisas Psíquicas de Londres) foi Oliver Lodge e Oliver Lodge também escreveu inúmeras obras sobre os fenômenos de ectoplasmia! Essa pergunta não procede.

A QUEM POSSA INTERESSAR

DECLARO, para os devidos fins, ser espôso de OTILIA DA COSTA SALMISTRARO, hoje OTILIA DA COSTA DIOGO, e que atualmente estamos separados, em concordância de ambas as partes, sendo infundadas tôdas as afirmativas publicadas na revista "O CRUZEIRO", de 22 de fevereiro de 1.964.

Cosmópolis, 15 de fevereiro de 1 964

  
HUGO SALMISTRARO

Testemunhas

  
ROMEU ALVES DA SILVA

  
ANTÔNIO PIO

A QUEM POSSA INTERESSAR

"Declaro, para os devidos fins, ser espôso de OTILIA DA COSTA SALMISTRARO, hoje OTILIA DA COSTA DIOGO, e que atualmente estamos separados, em concordância de ambas as partes, sendo infundadas tôdas as afirmativas publicadas na revista "O CRUZEIRO", de 22 de fevereiro de 1964".

Cosmópolis, 15 de fevereiro de 1964

Hugo Salmistraro

Testemunhas:

Romeu Alves da Silva  
Antônio Pio

**Brasil Vita** — Procede porque para a Sociedade de Pesquisas Metapsíquicas de Londres não têm validade, não têm fundo científico as obras há pouco relatadas por você, Rizzini! Mesmo porque Lombroso, que você acaba de afirmar, autor de antropologia criminal, apenas tem vivência no set jurídico, de matéria penal. Para esta sociedade, portanto não tem validade... Não deram foros legalidade, de veracidade ou de autenticidade aos trabalhos por você descritos! Então, meu caro Rizzini por que os médicos, então, — e vamos sair Londres para Uberaba, por que os médicos obrigaram os jornalistas a tomar assento em cadeiras pré-determinadas?

**Jorge Rizzini** — Eu não vou sair de Londres não!

**Brasil Vita** — Vamos para Uberaba...

**Jorge Rizzini** — O senhor está enganado sobre Cesar Lombroso! Cesar Lombroso escreveu um livro intitulado “Hipnotismo e Espiritismo”. Como os trabalhos de Cesar Lombroso não procedem, não têm validade?! Ele conversou com o espírito da própria mãe, materializada, através da médium Eusápia Paladino! E foi uma das maiores sumidades científicas de seu tempo! Foi o maior psiquiatra de sua época!

**Brasil Vita** — Nós estamos falando de...

**Jorge Rizzini** — Como as experiências de Cesar Lombroso não têm validade?!

**Brasil Vita** — Nós estamos discutindo pesquisas metapsíquicas, e não psíquicas, psico-analíticas ou...

**Jorge Rizzini** — Você está fazendo confusão. Porque a pesquisa metapsíquica é também uma pesquisa psíquica... Porque os fenômenos, — os chamados fenômenos mediúnicos, nascem, brotam, surgem do psiquismo.

**Brasil Vita** — Mas eu quero ficar apenas no metapsiquismo. E não no psiquismo. Eu quero ficar aqui, e não além! Se não, nós transformaríamos este programa, que afinal de contas tem por único objetivo esclarecer fenômenos metapsíquicos... e não psíquicos ou psico-analíticos ou coisa que o valha...

**Jorge Rizzini** — É difícil encontrar o limite. Porque o fenômeno...

**Brasil Vita** — Mas, de qualquer forma... Porque senão teríamos de ficar aqui o ano inteiro a discutir assuntos que refugiriam do programa, completamente. Vamos sair de Londres, chegar à Uberaba e discutir, apenas, o que aconteceu em Uberaba, se me faz favor, Rizzini.

**Jorge Rizzini** — Pois não.

**Brasil Vita** — Responda sim ou não, Rizzini! No seu entender, os jornalistas mentiram. Para você, o laudo assinado pelo perito Carlos de Mello Éboli é mentiroso, falso.

**Jorge Rizzini** — É um laudo que não corresponde à verdade.

**Brasil Vita** — Portanto, é mentiroso, confirmado. De outro lado, temos o grupo de irresponsáveis, segundo você e os médicos. E, de outro, os donos da verdade: você e os médicos. É isso?

**Jorge Rizzini** — Se nós somos os mentirosos, é a pergunta?

**Brasil Vita** — Não. Vocês é que estão com a verdade?

**Jorge Rizzini** — Ah, estamos com a verdade!

**Brasil Vita** — Estão com a verdade. Então, eu lhe fiz uma pergunta. No seu entender, os jornalistas mentiram; inclusive, você lendo aquele resumo da notícia publicada no “O Cruzeiro”, você, inclusive, os culpou de injuriadores, caluniadores e de difamadores!

**Jorge Rizzini** — Eles nos chamaram!

**Brasil Vita** — E de até de play-boys, e outras coisas. Esse é um problema de processo de imprensa, que não nos diz respeito.

**Jorge Rizzini** — Pois não.

**Brasil Vita** — Apenas queremos nos situar no seguinte: você entende, portanto, que a verdade está com vocês? Que os jornalistas são mentirosos além de provocarem aquela série de crimes contra a honra, isto é, difamações, injúrias...

**Jorge Rizzini** — Perfeito. E o telespectador dirá no fim do programa se são os repórteres ou nós os inconscientes, desonestos, escroques, gangsters, farsantes, mistificadores, etc.

**Brasil Vita** — Então, por que razão os médicos obrigaram os jornalistas, lá em Uberaba, a tomar assento em cadeiras pré-determinadas?

**Jorge Rizzini** — Eu elaborei, aqui, um esquema, um fichário para não me perder... porque eles publicaram setenta páginas, e eu tenho dificuldades em encontrar certos detalhes ... Um momento.

**Brasil Vita** — Eu sei que é longa a matéria. Mas, para facilitar sua resposta, se você ficar apenas no caso da colocação das cadeiras em lugares fixados previamente...

**Jorge Rizzini** — Sim. Perfeitamente! Aqui está no fichário! Porque eu examinei todas as reportagens. Eles escreveram... Eles escreveram à página 75, e aqui está, se me permite que eu mostre ao telespectador a página... Diz Mário de Moraes: “Nós sentamos nas nossas cadeiras, previamente determinadas. Nenhum ficou ao lado do outro companheiro da Revista”. Diz Mário de Moraes: “Nós sentamos em nossas cadeiras, previamente determinadas”. Acontece...

**Brasil Vita** — Eles não tiveram oportunidade de se sentar onde queriam...

**Jorge Rizzini** — Exato! Acontece, que na página 74, uma página antes, José Franco, o outro repórter, escreve: “Pedi-nos, então, dr. Waldo

Vieira, que escolhêssemos, desde logo, as cadeiras onde quiséssemos sentar”. O repórter Mário de Moraes mentiu, porque seu colega, José Franco, uma página antes, em seu depoimento, diz o contrário, exatamente o contrário!

**Brasil Vita** — Rizzini, deixando de lado as cadeiras, e se você se dignar olhar para atrás, eu gostaria de perguntar se você conhece a médium Otília Costa? Se conhece qual o grau de instrução da sensitiva.

*Surge no vídeo a foto de Otília Diogo.*

**Jorge Rizzini** — Eu posso dizer que é uma senhora analfabeta...

**Brasil Vita** — Completamente analfabeta?

**Jorge Rizzini** — Completamente analfabeta.

**Brasil Vita** — Por que os pesquisadores de Uberaba a mantêm distante dos jornalistas? Por que não a trouxeram ao programa? Apesar de instados a fazê-lo?

**Jorge Rizzini** — Os jornalistas a convidaram?

**Brasil Vita** — Nós convidamos. Nós, do canal 9! Tivemos a satisfação de convidá-la. Instamos para que fôsse trazida a êste programa!

**Jorge Rizzini** — Não havia interêsse fundamental para estar ela aqui presente. Porque ela é sensitiva, cai em transe inconsciente, ela não participa conscientemente da fenomenologia. De modo, que ela não poderia dar as explicações, que porventura vocês desejassem.

**Brasil Vita** — E por que não foi permitido o uso do aparelho infravermelho, capaz de fotografar no escuro?

**Jorge Rizzini** — Ah, esse tópico é muito interessante... Eu o tenho aqui no meu fichário. Eu sou um homem organizado. O infravermelho?

**Brasil Vita** — É.

**Jorge Rizzini** — É interessante. À página 79... Porque eu devo responder montado em documento! Eu não mistifico como os reporteres de “O Cruzeiro”; nem pretendo ganhar o primeiro prêmio internacional de reportagem... Porque eles pretendiam, com essas reportagens, obter o primeiro prêmio! Nós, não: nós pretendemos, apenas, defender a verdade! Como? A verdade apresentada através de fatos ou documentos! Página 79! Vamos verificar, aqui, telespectador, com paciência para que a resposta seja cabal. À página 79, diz o sr. Jorge Audi, em seu depoimento: “Não permitiu o dr. Waldo Vieira o uso de equipamento fotográfico infravermelho, alegando que a penetração do raio dissolveria o ectoplasma”. Isso, diz o Jorge Audi. Mas, perdoamos a mentira do repórter Audi porque ele é analfabeto em fenômenos de metapsíquica. Qualquer menino que assiste às aulas de moral na Federação Espírita de São Paulo sabe, perfeitamente, que o raio infravermelho jamais poderá destruir o ectoplasma. Pelo contrário: o infravermelho é usado para filmar materializações. Dr. Waldo Vieira, mestre em parapsicologia, jamais poderia dizer uma estupidez dessa...

Creio que está respondida sua pergunta.

**Brasil Vita** — Dr. Rizzini, a fotografia que está projetada às suas costas (ou vai ser projetada às suas costas) é de Irmã Josefa. Medite bem para dar uma resposta.

*A foto é projetada.*

**Jorge Rizzini** — Já vi.

**Brasil Vita** — E essa, aí, Rizzini, é também sensitiva?

**Jorge Rizzini** — A foto aí, está mostrando dona Otília. Otília Diogo!

**Brasil Vita** — O slide vai projetar uma nova fotografia em que você observa que há um grupo de freiras.

**Jorge Rizzini** — Exatamente.

*É projetado o slide com o grupo de freiras.*

**Brasil Vita** — E a que está nesse grupo de freiras, é sensitiva, também?

**Jorge Rizzini** — Aí nós temos um grupo de freiras da Ordem...

**Brasil Vita** — É a segunda sentada da esquerda para a direita.

**Jorge Rizzini** — A Irmã Josefa se apresenta, aqui... Aliás, um pormenor, se me permite: eu quero agradecer de público à revista “O Cruzeiro” por haver publicado esta foto. Nós, em Uberaba, não a possuíamos. Então, pela primeira vez nós temos, graças à revista “O Cruzeiro”, a foto de Irmã Josefa quando viva! É esta aqui! A foto de Irmã Josefa viva. Ela não é uma sensitiva como foi dito. Ela é a mãe de dona Otília. Agora, qual é a intenção? Vamos a ver...

**Brasil Vita** — Não... Agora eu vou passar a palavra a um dos observadores dêste programa, que fará uma pergunta, evidentemente traduzindo a vontade do público, que pelo seu tamanho não pode ocupar todo este estúdio. Então, um dos representantes deste mesmo público vai fazer uma pergunta que você, Jorge Rizzini, fará a gentileza de responder.

**Jorge Rizzini** — Pois não.

**Visitante** — Sr. Jorge Rizzini: um dos argumentos mais poderosos dos médicos e médiuns de Uberaba para convencer os espíritas, ou não, é o de que Otília Costa incorpora o espírito de sua mãe, a Irmã Josefa, que a tivera num convento de Campinas. Daí, segundo os médicos e médiuns, a semelhança entre Otília e a figura materializada. É exato?

**Jorge Rizzini** — É exato. Absolutamente exato. É mãe e filha! Se me permitem, aqui o telespectador está vendo Irmã Josefa.

*Foto de Irmã Josefa é mostrada às câmeras.*

**Jorge Rizzini** — Observem bem, telespectadores. É Irmã Josefa! Vejam, agora, a dona Otília Diogo! Por gentileza...

*Foto de dona Otília Diogo é mostrada às câmeras.*

**Jorge Rizzini** — Dna. Otília Diogo! Notem semelhança: o nariz... o rosto ovalado... comprido... o canto do lábio inferior descido... É importante fazer esse confronto!

**Brasil Vita** — Para você, Rizzini, Otília é filha de Irmã Josefa?

**Jorge Rizzini** — Exatamente! Já disse isso.

**Brasil Vita** — Meu caro Rizzini: você conhece, meu caro Rizzini... Você conhece esta mulher?

**Jorge Rizzini** — Aí estou vendo Irmã Josefa!

*É mostrada no vídeo a foto de Irmã Josefa!*

**Brasil Vita** — É a Irmã Josefa. Você conhece há quanto tempo a Irmã Josefa?

**Jorge Rizzini** — Há vários meses.

**Brasil Vita** — E esta outra mulher, que está sendo apresentada neste instante? Você também a conhece?

*Surge, de súbito, no estúdio, Rosa da Costa Soares, irmã da médium.*

**Jorge Rizzini** — Essa é irmã de dona Otília...

**Brasil Vita** — Não tem ela, meu caro Rizzini não tem ela, realmente, muita semelhança de traços com Otília Costa? Tem ou não? Dê a sua resposta concreta!

**Jorge Rizzini** — Vamos mostrar a jovem?

*Rosa da Costa Soares é trazida à nossa presença.*

**Jorge Rizzini** — Essa prova, assim, que vocês querem dar ao telespectador, sugerir que Otília não é filha de Irmã Josefa, essa prova não convence por que quantas pessoas existem que não se conhecem, entre si e, no entanto, têm traços, têm um padrão, tem traços morfológicos?... Eu não vejo, sinceramente, uma prova concludente de que sejam, realmente, irmãs de sangue. Irmãs de sangue! De criação, sim, de sangue, não! A não ser que vocês me provem o contrário perante o grande público que nos está vendo, perante o grande público que nos está ouvindo.

**Brasil Vita** — Dona Rosa! A senhora é irmã de quem?

**Rosa da Costa Soares** — Da Otília.

**Brasil Vita** — Quer contar ao telespectador, da maneira como a senhora sabe conversar, quem são os seus pais, onde nasceu, qual a idade de sua irmã, dê ao telespectador informações no sentido de esclarecer esta posição. Fale à vontade, dona Rosa!

**Rosa da Costa Soares** — Falo que ela é minha irmã, mesmo. Otília é minha irmã!

**Brasil Vita** — Nasceu onde Otília?

**Rosa da Costa Soares** — Nasceu em Cosmópolis.

**Brasil Vita** — Cosmópolis?



**Rosa da Costa Soares** — Sim senhor.  
**Brasil Vita** — O nome da mãe, por gentileza.  
**Rosa da Costa Soares** — Maria Luiza da Costa.<sup>42</sup>  
**Brasil Vita** — Essa não é mãe de Otília?  
**Rosa da Costa Soares** — É mãe de Otília.  
**Brasil Vita** — A senhora tem mais irmãs?  
**Rosa da Costa Soares** — Tenho, sim senhor.  
**Brasil Vita** — Quantas?  
**Rosa da Costa Soares** — Tenho mais três.  
**Brasil Vita** — Os nomes das irmãs?  
**Rosa da Costa Soares** — É a Dalva...  
**Brasil Vita** — Essa moça?  
**Rosa da Costa Soares** — É. É irmã de Otília.  
**Brasil Vita** — Tem mais irmãs ainda?  
**Rosa da Costa Soares** — Tenho, sim senhor.  
**Brasil Vita** — Como se chama?  
**Rosa da Costa Soares** — Antônia da Costa.  
**Brasil Vita** — Antônia da Costa?  
**Rosa da Costa Soares** — Pedroso.  
**Brasil Vita** — Onde ela está?  
**Rosa da Costa Soares** — Está em Campinas.  
**Brasil Vita** — Dona Dalva! Seu nome todo qual é?  
*Entra no estúdio a sra. Dalva, irmã de Rosa Costa Soares.*  
**Dalva da Costa Fursato** — Dalva Fursato.  
**Brasil Vita** — É irmã de Otília?  
**Dalva da Costa Fursato** — Graças a Deus. Somos irmãs de Otília Diogo.  
**Brasil Vita** — Fale tudo o que sabe sobre o que nós estamos discutindo neste programa!  
**Dalva da Costa Fursato** — Somos todas irmãs, e somos filhas de dona Maria Luiza da Costa<sup>43</sup> e “seu” Casimiro da Costa.  
**Brasil Vita** — E você, Rizzini, que afirmou que era filha de freira, quando as próprias irmãs, as parentas consanguíneas, parentas imediatas, afins, afirmam o contrário?  
**Jorge Rizzini** — A pergunta é dirigida a mim?  
**Brasil Vita** — A Rizzini!

---

<sup>42</sup> A revista “O Cruzeiro”, datada de 22 de fevereiro de 1964, informa com “documentos oficiais” (...) que a pseudo-mãe de Otília se chama “D. Maria Luiza Barbosa, hoje Maria Luiza Rodrigues” e não, como afirma a sra. Rosa Soares “Maria Luiza da Costa”! Quem mentiu: a revista ou a própria filha?...

<sup>43</sup> Ora, a verdade é que uma filha jamais chama a mãe de “dona” e nem o pai de “seu” fulano... A trama dessas moças ficou ainda mais visível para o telespectador.

**Jorge Rizzini** — Eu acho que vocês poderiam trazer aqui, no estúdio da televisão, outras senhoritas que também diriam ser irmãs de dona Otília, tia de dona Otília, avó de dona Otília e...

**Brasil Vita** — Rizzini, perdoe-me interrompê-lo!

**Jorge Rizzini** — Essa prova...

**Brasil Vita** — Perdoe interrompê-lo! Mas, eu quero afirmar...

**Jorge Rizzini** — Não, um momento! Essa prova...

**Brasil Vita** — Eu quero afirmar a você que o Canal 9 não está tratando com mistificadores! Está trazendo aqui, apenas, neste programa neste estúdio, pessoas que realmente são parentes que vêm de afirmar, e não são mistificadores. Nós jamais seríamos capazes de forjar testemunhas, abrigar efeitos de programa para empolgar todo um auditório, todo um público sequioso de informações...

**Jorge Rizzini** — Perfeito...

**Brasil Vita** — Daí, a nossa afirmativa de que essas moças são, realmente, parentas, filhas, irmãs autênticas daquela que falamos no decorrer deste programa.

**Jorge Rizzini** — Até agora você não provou isso! Até agora, — as jovens que aqui estão, elas não deram provas de que são irmãs de dona Otília!

**Brasil Vita** — E se for mentira ... Rizzini, e se tudo isto for mentira, qual o interesse destas moças em virem a êste programa para esclarecer o público?

**Jorge Rizzini** — Elas já apareceram na revista “O Cruzeiro” e estão comprometidas com a revista... Elas já estão comprometidas com a revista “O Cruzeiro”, de um modo psicológico... Elas não podem voltar atrás! A situação delas é uma situação que está grave: porque apareceram no “O Cruzeiro”, os repórteres deram declarações atribuídas a elas, de modo que é impossível recuar agora! Mas... o que o telespectador não viu ainda (e eu também não vi) é a prova cabal, a prova irrefutável de que as duas senhoritas são irmãs de sangue de dna. Otília Diogo! Por enquanto, nada!

**Brasil Vita** — Respeito a sua informação, mas não posso concordar com ela. Porque o Canal 9, vou explicar, não tinha interesse algum em menosprezar a autenticidade e a veracidade deste programa! O Canal 9 tudo tem feito no sentido de bem orientar o público...

**Jorge Rizzini** — Um momento! Eu queria dar um esclarecimento! Eu não estou culpando o Canal 9!

**Brasil Vita** — O Canal 9, sabendo que ia ter hoje...

**Jorge Rizzini** — Um momento! Eu quero ressaltar a posição do Canal 9!

**Brasil Vita** — O Canal 9, sabendo que ia ter hoje em seus estúdios, com grande honra, e grande homenagem para nós, um extraordinário advogado, acostumado a compulsar as provas, trouxe, também, e como homenagem ao eminente advoga-

do, A MÃE DE OTÍLIA!

*De supetão, é trazida à nossa frente a sra. Maria Luiza Rodrigues, “mãe” da médium.*

**Jorge Rizzini** — Eu queria dizer o seguinte: eu não diminuí, não menosprezei de forma alguma o Canal 9. Apenas, quero reafirmar que as jovens, que aqui estão, não têm uma prova concludente de que são irmãs de sangue de dna. Otília! Vocês as trouxeram, não por má fé, — não por má fé, quero esclarecer esse ponto. Não por má fé, mas baseados na revista “O Cruzeiro”. Porque “O Cruzeiro” publicou o retrato delas, e vocês as trouxeram até aqui...

**Brasil Vita** — Acontece, porém, meu caro...

**Jorge Rizzini** — O que acontece é que elas não provaram nada! Vamos aos fatos!

**Brasil Vita** — Acontece que você, como advogado, está acostumado no trato da prova! Não trouxemos aqui moças colhidas aqui ou acolá, ou eventualmente comprometidas com reportagens anteriores. Trouxemos aqui também o que mais satisfaz ao eminente advogado e que é a única prova cabível dentro da lei brasileira: é uma certidão de nascimento, que vai ser também exibida a você! É a prova concludente, insofismável, inquestionável, de que essa senhora, que aqui se encontra, é mãe de Otília, realmente! Aqui está o registro civil de nascimento! Essa certidão vai ser exibida a você, com todo o prazer...

*A certidão é mostrada no vídeo.*

**Jorge Rizzini** — Eu gostaria de examinar esse documento!

*Continua a música irritante, em tom baixo, para criar “suspense”.*

**Glauro Couto (Realizador do programa)** — Aqui está o documento. Mas, eu queria fazer uma retificação ao que disse João Brasil Vita. Não é uma certidão de nascimento, é uma certidão de casamento, que acaba de chegar neste estúdio. Foi um erro do estúdio!

**Jorge Rizzini** — Ah... É uma certidão de casamento telespectador! A prova não é concludente como foi dito ainda há pouco! Certidão de casamento! Que o sr. Hugo Salmistraro casou com dona Otília Diogo, até então dona Otília da Costa! É uma certidão de casamento de dna. Otília com o sr. Hugo Salmistraro... Não é a certidão das simpáticas senhoritas... Esta prova não tem o menor valor... Isto é uma certidão de casamento, não de nascimento das pseudo-irmãs de dona Otília Diogo!

**Brasil Vita** — Os laços não invalidam o que eu afirmava em nome da equipe do Canal 9. A certidão de casamento vai ser agora consubstanciada e esclarecida através de perguntas que eu farei a essa senhora que nos honra com a sua presença, aqui. Por gentileza, qual é o seu nome?

**Maria Luiza da Costa** — Maria Luiza da Costa.<sup>44</sup>

**Brasil Vita** — Maria Luiza da Costa. A senhora o que tem a dizer sobre aquela certidão de casamento, lida ainda há pouco?

*(Ouve-se, em voz baixa, a sra. Dalva, dizer à sra. Maria Luiza da Costa: diga que é mãe da Otília!)*

**Maria Luiza da Costa** — Sou mãe dela. Graças a Deus.

**Brasil Vita** — A senhora é mãe de Otília?

**Maria Luiza da Costa** — Sou, graças a Deus!

**Brasil Vita** — Onde nasceu Otília?

**Maria Luiza da Costa** — Em Cosmópolis.

**Brasil Vita** — Em que data?

**Maria Luiza da Costa** — Ah, faz anos, não sei...

**Brasil Vita** — Não lembra a data? A senhora tem algum interêsse em estar aí fabricando uma maternidade inexistente? A senhora tem alguma coisa pouco favorável no sentido de vir aqui mentir que é ou não mãe de Otília? A senhora está realmente, falando a verdade? A senhora é mãe de Otília?

**Maria Luiza da Costa** — Ela é minha filha. Graças a Deus!

**Dalva da Costa Fursato** — Ela falou a verdade!

**Maria Luiza da Costa** — Eu falei a verdade, ela é minha filha.

**Brasil Vita** — Como é que a senhora vivia antes dessa publicação de “O Cruzeiro” dêsses fenômenos que se dizem ter acontecido em Uberaba? Como é que dava a sua vida?

**Maria Luiza da Costa** — Se dava pedindo esmola. Eu conheci meu marido, e depois de muitos anos... uma coisa e outra, e eu criei esses filhos pedindo esmola! Depois, ela casou, foi de lá prá cá, e eu também não sei de nada da vida dela.

**Brasil Vita** — Quer dizer que a senhora lutava com grande dificuldade para sustentar a sua família; daí, a senhora não tinha interêsse algum em pegar outras crianças que não fossem suas filhas para sustentar.

**Maria Luiza da Costa** — Eu não podia criar as minhas, ia pegar as outras?

**Brasil Vita** — Exato. Meu caro Rizzini, o que você tem a dizer a respeito desta prova testemunhal em consonância com a certidão exibida há pouco?

**Jorge Rizzini** — Quem tem a dizer é o telespectador! Até agora o telespectador está esperando a certidão de nascimento, onde se prove que a senhora... a senhora Maria Luiza é mãe de dona Otília. Até agora não se provou nada! Estamos aguardando!

---

<sup>44</sup> Agora é a própria Sra. Maria Luiz que se diz “da Costa”. Da Costa, ou... como afirma “O Cruzeiro” com “documentos oficiais”: “Barbosa, hoje... Rodrigues”?...

**Brasil Vita** — Rizzini, você sabe, como bom advogado que é, que...  
**Jorge Rizzini** — Vamos mostrar ao telespectador a dona Otília Diogo! Vamos mostrar de novo?

*A foto de Otília Diogo é mostrada às câmeras.*

**Jorge Rizzini** — Vocês já viram a pseudo-mãe natural. Observem...

**Brasil Vita** — Deixemos de lado... Nós voltaremos...

**Jorge Rizzini** — Observem, agora, a verdadeira mãe de dona Otília, que é esta senhora, a Irmã Josefa! Observem os traços morfológicos...

*A foto de Irmã Josefa é mostrada às câmeras.*

**Brasil Vita** — Ela é profundamente semelhante, diga-se de passagem!

**Jorge Rizzini** — Com quem?

**Brasil Vita** — Ah, são profundamente semelhantes!

**Jorge Rizzini** — Com dona Otília Diogo?!

**Brasil Vita** — Ah, sim!

**Jorge Rizzini** — Com dona Otília Diogo?!

**Brasil Vita** — São semelhantes! Há traços morfológicos iguais.

**Jorge Rizzini** — Vamos, então, mostrar de novo as fotografias!

**Brasil Vita** — Não precisa mostrar! Nós voltaremos às fotografias!

**Jorge Rizzini** — Ah, vamos mostrar!

**Brasil Vita** — Nós voltaremos às fotografias!

**Jorge Rizzini** — Não, nós vamos mostrar agora as fotografias! Aqui está a dona Otília Diogo! Agora vamos ver a mãe de dona Otília, a mãe adotiva!

**Brasil Vita** — Não é adotiva! É mãe legítima!

**Jorge Rizzini** — Mostrem a mãe adotiva!

**Brasil Vita** — Porque ela não tem interesse nenhum em se adotar como mãe!

**Jorge Rizzini (dirigindo-se a dna. Maria Luiza)** — A senhora quer tirar um retratinho ali, diante das câmeras? Por favor, mostrem ela...

**Brasil Vita** — Meu caro Rizzini... Meu caro Rizzini, eu gostaria de deixar as fotografias, por ora, de lado, para voltarmos à questão desta senhora aqui presente...

**Jorge Rizzini** — Pois não...

**Brasil Vita** — Porque senão perderíamos o nosso raciocínio!

**Jorge Rizzini** — Perfeito.

**Brasil Vita** — Como se falou há pouco que não havia a certidão para a prova de que, realmente, é filha, eu, então subsidiariamente, tratei da vinda da certidão de casamento e com a testemunha da senhora aqui presente quis definir a relação de parentesco entre elas. Sabe você, meu caro Rizzini, que no Interior, — não só no Interior de São Paulo, mas no Interior do Brasil, muita gente deixa de registrar seus filhos? E tanto é isto verdade, que houve uma lei

ao tempo de Getúlio Vargas que permitiu o registro, mesmo que tardio, das crianças nascidas antes daquela lei? Você está a par disto?

**Jorge Rizzini** — Perfeito.

**Brasil Vita** — Muito bem! Daí, eles pediam uma série de provas testemunhais, circunstanciais, no sentido de se provar que aquela criança não registrada era filha ou filho de determinado casal. Inclusive, pedia-se o batistério, — aquela certidão de batismo, pedia-se o concurso de testemunhas que eventualmente tinham morado ao tempo do nascimento da criança. Daí, então, justifica-se, plenamente a não existência de uma certidão de nascimento, pelo fato de, naquela ocasião, no Interior do país, haver realmente muita dificuldade em se conseguir da grande massa populacional que registrasse os seus filhos! Daí, aquela lei que vim de esclarecer, que você, como advogado, conhece. Uma lei no sentido de justificar o não lançamento nos livros de nascimento das crianças não registradas no seu tempo. Mas, meu caro Rizzini, vê-se, perfeitamente, que seria muito difícil... E aqui aproveitaria o argumento da própria condição de analfabeta, de pessoa simples, de que é realmente autêntica em muita coisa que conta esta senhora... Esta senhora, ainda há pouco dizia: “Graças a Deus, é minha filha!” É aquele sentimento de mãe; que naturalmente não esperava ela uma pergunta, desde logo, nesse estilo...

**Jorge Rizzini** — Não... A prova não tem valor nenhum!

**Brasil Vita** — Tem... É uma questão de sensibilidade!

**Jorge Rizzini** — Não... Não... Até agora, meu caro jornalista, até agora não foi provado que a dona Otília Diogo é filha da sra. Maria Luiza Barbosa, aqui presente! Ela entrou no estúdio de forma triunfante para provocar impacto, mas esqueceu, lá em Cosmópolis, a documentação que prova que ela é, realmente, mãe de Otília Diogo...

**Brasil Vita** — Não há esquecimento nenhum porque já dei uma explicação! Aliás, a senhora quer explicar, aqui, à câmara? Pode explicar a senhora, o que pretendia explicar ao advogado Rizzini? Pode contar aquilo que a senhora estava falando ao advogado Rizzini? Dona Maria, a senhora pode falar! A senhora quis falar qualquer coisa ao advogado e... A senhora quis falar o que, com o advogado? Eu tive a impressão...

**Maria Luiza da Costa** — Que eu vim aqui para confirmar que ela é minha filha!

**Brasil Vita** — Sim, senhora.

**Maria Luiza da Costa** — Só!

**Brasil Vita** — Essa afirmação...

**Maria Luiza da Costa** — Só. Não tenho mais nada para falar. Ela é legítima minha filha! Só.

**Brasil Vita** — Muito bem. A senhora está, através de sua palavra, afirmando que Otília é sua filha!

**Maria Luiza da Costa** — Graças a Deus.

**Brasil Vita** — Agora, a senhora peça ao advogado Rizzini para provar que ela não é sua filha! Rizzini, tem a palavra!

**Dalva da Costa Fursato** — Pergunte a ele, mãe, porque ela não é sua filha?

**Maria Luiza da Costa** — Por que o senhor diz que ela não é minha filha?

**Jorge Rizzini** — Por uma série de razões... Primeiramente, porque a senhora não tem documento, nenhum documento de acordo com a lei... nenhum registro de nascimento de dona Otília Diogo! Esse documento é fundamental. Uma pessoa, sem esse documento, não representa ninguém, não representa nada perante a sociedade. Segunda razão: os traços morfológicos, quero dizer, a semelhança... A senhora não tem a menor semelhança com a dona Otília Diogo! E, sim, a Irmã Josefa, que já foi mostrada aqui! As suas filhas não demonstram, não constituem uma prova evidente de que são, realmente, irmãs de sangue, de músculo, de sangue de dona Otília Diogo!

**Brasil Vita** — Rizzini, as irmãs apresentam traços de semelhança?

**Jorge Rizzini** — Isso não altera o valor maior, ou menor, dos fenômenos de materialização de Uberaba?! Nós estamos entrando em um setor, que está fugindo à materialização! Afinal, telespectador, foi farsa ou não foi farsa a materialização de Uberaba?! Eu vim para responder a isto! E estou à disposição. Até agora, infelizmente, nós estamos tergiversando, é filha, não é filha, ela diz que é filha, mas acontece que essa senhora não trouxe documento, é uma coisa no ar, vaga... Aliás, como a revista “O Cruzeiro”... Mas, nós não gostamos de coisas vagas! Nós gostamos de coisas positivas; com documentos!

**Brasil Vita** — Então prove, com documentos, que a freira é realmente mãe de Otília!

**Jorge Rizzini** — Competia a vocês provarem o contrário; à revista “O Cruzeiro” provar o contrário! Ela não provou!

**Brasil Vita** — Mas, nós não somos de “O Cruzeiro”! Somos do Canal 9! Nós não estamos advogando a revista “O Cruzeiro”.

**Jorge Rizzini** — Perfeito; eu sei disso.

**Brasil Vita** — Nós não estamos defendendo a revista “O Cruzeiro”! Nós estamos fazendo perguntas no sentido de se esclarecer a opinião pública.

**Jorge Rizzini** — Nós também. A nossa prova, é urna prova baseada na semelhança extraordinária entre Irmã Josefa viva (esta, que a revista publicou) e dona Otília! É extraordinária a semelhança! A conformação facial, os traços morfológicos do rosto; é uma prova que faz pensar! Até, então, nós não tínhamos o retrato da Irmã Josefa viva; nós dizíamos ser ela a mãe de dona Otília, mas não tínhamos a fotografia da Irmã Josefa viva! “O Cruzeiro” a publicou, e então ficou provado que, realmente, a semelhança é notável entre dona

Otília Diogo e a Irmã Josefa, viva!

**Brasil Vita** — Mas... somente! Usando do seu argumento: somente a aparência de traços fisionômicos.

**Jorge Rizzini** — O argumentador, naturalmente, não está esperando que a Irmã Josefa, do mundo dos espíritos, traga a certidão de nascimento de dona Otília Diogo?...

**Brasil Vita** — Ela deveria existir em algum lugar. Mas, eu não preciso invocar o auxílio de um espírito para que me traga uma certidão.

**Jorge Rizzini** — Então, por que vocês não trouxeram a certidão de nascimento? Então, por que vocês não trouxeram a certidão de nascimento de dona Otília Diogo?

**Brasil Vita** — Mas, pela explicação que eu dei (e que você sabe que é verdade) que grande parte da população rural, em todo o Interior do Brasil, deixou de ser registrada, daí, então, aquela lei do tempo da ditadura, que dava validade ao registro de crianças não registradas anteriormente... Voltando ao assunto...

**Jorge Rizzini** — Que Deus me perdoe, mas essa senhora devia, ao menos, ter ido a um cartório e registrar dona Otília como filha, como filha natural! Era tão fácil! Bastava dizer que era filha natural filha de fulana e de sicrano. Nem isso ela fez! E ainda diz: “Graças a Deus, é minha filha, eu não renego minha filha!” E nem tem documentos!

**Brasil Vita** — Mas é uma mulher simples, uma mulher simples.

**Jorge Rizzini** — Mas, não... Cosmópolis é uma cidade que fica pertinho de São Paulo!

**Brasil Vita** — Mas, as pessoas há pouco exibidas para você, Rizzini, não vieram ao estúdio para afirmar...

**Jorge Rizzini** — Afinal, a materialização foi farsa ou não foi farsa?! Eu vim aqui para responder isso!

**Brasil Vita** — Iremos ao fato!

**Jorge Rizzini** — Eu vim para responder isso!

**Brasil Vita** — Iremos ao fato.

**Jorge Rizzini** — Então, vamos!

**Brasil Vita** — Ambas as irmãs, há pouco apresentadas, também não se apresentam com traços semelhantes. E são realmente irmãs!

**Jorge Rizzini** — Não sei, eu não vi os documentos!

**Brasil Vita** — De qualquer forma, são irmãs!

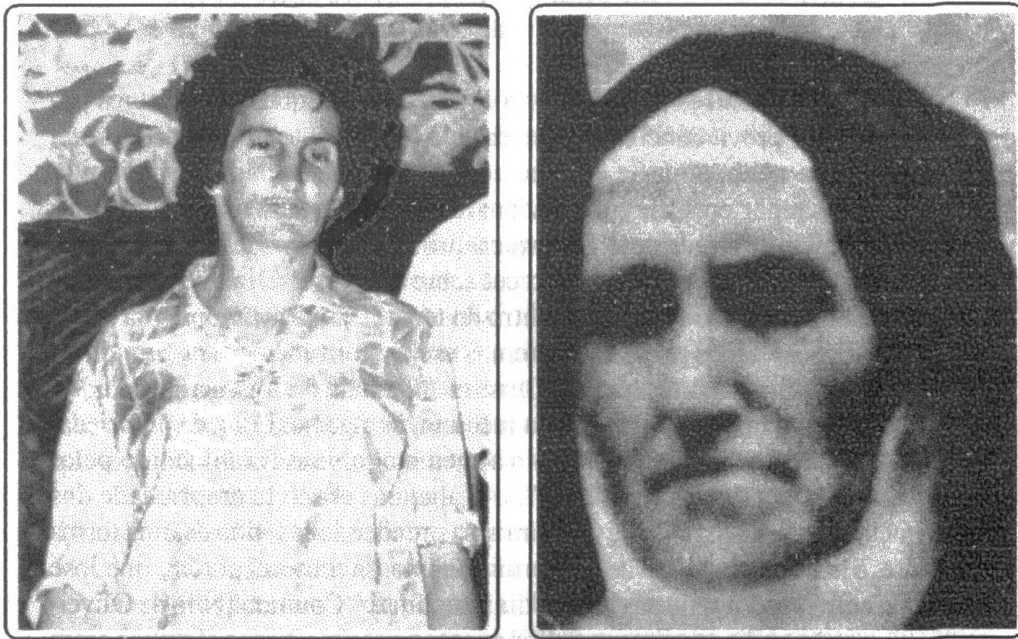
**Jorge Rizzini** — Não sei! Eu não vi os documentos!

**Brasil Vita** — A simples aparência também não traz implicações de relação de parentesco? Se aqui se sentar neste instante...

**Jorge Rizzini** — O senhor já está saindo do assunto! Não há meio de entrar no assunto!

**Brasil Vita** — Se aqui se sentar neste instante, para lhe fazer pergun-





*Otília Diogo e sua mãe (Irmã Josefa) quando viva. A foto de Josefa pertence ao Convento das Irmãs de S. José e foi estampada pela revista “O Cruzeiro” de 22 de fevereiro de 1964. Observe o leitor o nariz de ambas... os lábios finos e descidos nos cantos... a testa alta... o queixo... Se a foto mostrasse os cabelos de Irmã Josefa, a notável semelhança seria ainda maior.*

tas, o grande músico Wadeco, você vai confundir-lo comigo! É quase que meu irmão gêmeo, e ele nasceu em Minas Gerais, e eu em São Paulo...

**Jorge Rizzini** — Então? O senhor está indo a meu favor!

**Brasil Vita** — Mas, ele não é meu parente! Daí, então, nós devemos receber com reservas os traços fisionômicos parecidos. Daí, então, essas irmãs que se apresentaram aqui, serem totalmente diversas uma da outra!

**Jorge Rizzini** — Então, vamos ao fato!

**Brasil Vita** — Muito bem!

**Jorge Rizzini** — Vamos ao fato! Houve ou não farsa em Uberaba?

**Brasil Vita** — Muito bem. Então, por que as algemas e os cadeados pertenciam aos médicos? Isso invalida, de certa forma, a experimentação, não é verdade?

**Jorge Rizzini** — Se não havia condições para que os repórteres pudessem ter uma prova concludente se era ou não farsa, eles não deviam ter publicado coisa nenhuma! Se as condições estabelecidas não satisfaziam às exigências dos repórteres, eles não deviam ter feito a experimentação. Depois, sobre esse tópico, é interessante... Porque aqui, no fichário que eu fiz... É interessante ver o que o fichário vai esclarecer sobre este caso! Diz o repórter Nilo de Oliveira... Agora, sim, estamos dentro do tema! Vamos ver a página 79 da revista... Nós não temos pressa. Queremos esclarecer tudo com documentos! Diz, à página 79, o repórter Nilo de Oliveira: “Quando fui algemar (está aqui: câmera, por favor) quando fui algemar a médium, as algemas eram de propriedade dos experimentadores. Quis fazê-lo a meu modo, mas fui impedido pelos protestos dela e de alguns assistentes”. As algemas eram de propriedade dos experimentadores, mas o Nilo de Oliveira quis prender dona Otília de uma forma diferente, e não se deixou... Não foi permitido isso. Acontece, porém, que José Franco, o outro repórter, à página 74, diz o seguinte: “Contudo Nilo de Oliveira disse que não podia manietar a médium como queria e que as algemas eram de propriedade dos médicos) contudo (escreve José Franco) os jornalistas poderiam adquirir cadeados e manietar, como quisessem, a médium”. Quem está mentindo? O repórter José Franco ou o repórter Nilo de Oliveira? As reportagens são todas assim, telespectador: um depoimento contraria o outro depoimento! É um amontoado de contradições! E custa a crer que a revista publicasse essa reportagem com cinco depoimentos, um contrariando o outro!

**Brasil Vita** — Rizzini, se porventura, como quer a sua tese, a Irmã Josefa é mãe de Otília, e se ela, realmente, praticou uma monstruosidade como Irmã (não deveria fazê-lo!)...

**Jorge Rizzini** — Não entendi ... A Irmã Josefa praticou uma monstruosidade por que teve uma filha?!

**Brasil Vita** — De acordo com...

**Jorge Rizzini** — Por que teve uma filha?!

**Brasil Vita** — De acordo com os cânones da religião a que pertence, evidentemente praticou uma monstruosidade!

**Jorge Rizzini** — Aí, depende da interpretação!

**Brasil Vita** — Aí não depende! É que a Igreja Católica entende que freiras são solteiras, não podem ter filhos, daí a monstruosidade! Mas, é isto um outro problema.

**Jorge Rizzini** — Não, eu não concordo...

**Brasil Vita** — Então, não seria mais fácil para o padre ou para quem dirigisse aquele convento em que se encontrava Josefa, não seria mais fácil, então, usando de seu argumento, mandar registrar a menina como filha de Josefa e evitar tanta confusão?

**Jorge Rizzini** — Não... Foi uma medida de precaução da própria Ordem! Evidentemente, não iria a Ordem das freiras mandar registrar a dona Otília Diogo...

**Brasil Vita** — Muito obrigado.

**Jorge Rizzini** — ...como filha da Irmã Josefa! Aí, sim, seria uma monstruosidade! Porque comprometeria a Igreja!

**Brasil Vita** — Dona Maria! Consta, em Cosmópolis, sendo voz corrente inclusive entre os espíritas locais, que os fenômenos de Uberaba não passam de processos desonestos com o fim de arrancar dinheiro. É verdade isto? A senhora também ouviu estes rumores, estes comentários, estes diz-que-diz, esta conversa em Cosmópolis, dona Maria?

**Maria Luiza da Costa** — Eu não ouvi muito, mas que falam, falam.

**Brasil Vita** — Há comentário?

**Maria Luiza da Costa** — Falam, falam!

**Brasil Vita** — A senhora, também ouviu alguma coisa?

**Dalva da Costa Fursato** — Falam que minha mãe recebeu duzentos contos para que dissesse que Otília Diogo não era filha dela.<sup>45</sup>

**Jorge Rizzini** — Ah, recebeu duzentos contos?

**Brasil Vita** — Quem ofereceu esse dinheiro?

**Dalva da Costa Fursato** — O povo é que fala.

**Brasil Vita** — Ah, o povo é quem fala.

**Maria Luiza da Costa** — Ninguém ofereceu nada.

**Brasil Vita** — Mas, houve comentários...

---

<sup>45</sup> Dona Dalva estava em outro estúdio, por isso não a ouvi bem. Mas, o boato que corre em Cosmópolis é o oposto: que a sra. Maria Luiza da Costa recebeu duzentos mil cruzeiros para afirmar que era mãe de Otília. Infelizmente, não temos prova ... Mas, o boato é corrente e dona Otília nos disse que a “mãe”, em verdade, os recebeu!

**Dalva da Costa Fursato** — Ninguém ofereceu nada. É coisa de nossa livre vontade. Queremos ver as coisas não com mentiras.

**Jorge Rizzini** — E é uma tentação, porque é uma família pobre...

**Brasil Vita** — Muito obrigado. E agora, meu caro Rizzini, você deve ter percebido que foi nossa intenção não entrar no mérito das experimentações materializadoras de Uberaba. Para a equipe deste programa, o fundamental foi situar Otília no desenvolvimento dos fenômenos. Se mentira houve, — e há no tocante ao nascimento de Otília, tudo o mais não passa de uma grande farsa. Concorde comigo, Rizzini?

**Jorge Rizzini** — A grande farsa é da revista “O Cruzeiro”! E já começo, aos pouquinhos a mostrar ao telespectador, a monstruosa farsa dos cinco repórteres dessa revista! É evidente, é uma coisa que brota aos nossos olhos, uma coisa quase que palpável: dezenove doutores em medicina iriam se envolver numa história com baixa moral, uma história que revolta, uma mistificação?! Dezenove doutores em medicina, telespectador? Sendo alguns professores em faculdades de medicina? Evidentemente a farsa é dos repórteres!

**Brasil Vita** — Muito obrigado, Rizzini! O assunto Otília deixamos ao público o julgamento. Há ou não semelhança de traços? As irmãs de Otília, parecem-se ou não com ela? Muito obrigado a você, Rizzini!

*Volta a marcha romana.*

**Locutor** — O homem que as câmeras focalizaram documentou as suas respostas, interpretou os fatos como quis e entendeu. Pode ter convencido ou não àqueles que o assistiram. O problema deixou de ser nosso. Por isso... LAVAMOS AS MÃOS!

## XIV

### **RESPOSTA DOS MÉDICOS AO REPTO ABSURDO DA REVISTA “O CRUZEIRO”**

Tendo sido completamente desmoralizada perante a opinião pública do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas Gerais, num gesto de desespero a revista “O Cruzeiro”, em sua edição de 21 de março de 1964 lançou um repto aos dezenove médicos.

Digamos, logo, que entre os inúmeros reptos que a história mundial do Espiritismo registra, o da revista brasileira é o mais esdrúxulo. Foi ele escrito com toda a seriedade, quase em tom solene, mas nem por isso deixa, em certos tópicos, de provocar o sorriso nos leitores mais atentos... Por exemplo: esse repto curioso exige com dona Otília Diogo uma nova experimentação “exclusivamente na zona urbana da cidade”. Se a materialização não for realizada em zona urbana, não terá validade... Por quê?

Eles não explicam. Nem nós, sabemos...

Em outro tópico do referido repto, lemos: “Se não fizerem a “Materialização”, objeto do repto, no prazo estipulado, os reptados se comprometerão, em documento firmado em cartório, a declarar falsas todas as suas declarações anteriores em testemunho do dito fenômeno, ou a indenizar, em Cr\$ 3.000.000,00 (três milhões de cruzeiros) cada um dos Repórteres que acusaram de falsear os fatos”.

Como se nota, até prazo para a verificação dos fenômenos eles estipulam... E se o fenômeno não se realizar “no prazo estipulado”, terão os médicos de declarar, em documento firmado em cartório, que a materialização de Uberaba foi farsa... ou, então, dar a cada repórter nada menos de... três milhões de cruzeiros! São cinco repórteres, quinze milhões de cruzeiros, portanto!

E, se porventura a materialização se verificar “nas condições por eles estipuladas”, receberão os médicos, em troca, um prêmio no valor de vinte milhões de cruzeiros... Publicado em uma revista sensacionalista, que tem por título “O Cruzeiro” natural que esse curioso repto falasse em milhões de cruzeiros!

A essa coisa esdrúxula, chamaram os repórteres de “Repto de Honra”. Trata-se, pois, de um repto honrado.

Mas, perguntamos:

**A)** A revista, plebéia que é, estruturada exclusivamente no sensacionalismo barato, tem autoridade científica para lançar um repto a dezenove doutores em medicina?

É óbvio, que não.

**B)** A revista, em pauta, tem (ou já teve) condições morais para lançar “repto de honra”? Mesmo a um desclassificado?

Não. Leia o leitor, com calma, a confissão estarrecedora do repórter Mário de Moraes, publicada na própria revista “O Cruzeiro”, em sua edição de 1 de fevereiro de 1964. A confissão está à página 85, na secção intitulada “A Reportagem que não foi Escrita”, para cuja transcrição pedimos vênua. Confessa Mário de Moraes:

“Naquele tempo eu trabalhava na paginação desta revista. E estava atrapalhado, separando fotos, quando o homem chegou. Vinha muito sem jeito e perguntava pelo Diretor. Levei-o até ele. Explicou-se, bastante encabulado: fora ao Copacabana, sem licença da esposa, e tinha a impressão de ter sido fotografado por um profissional de “O Cruzeiro”. Fui o encarregado de levá-la até as oficinas, onde já estava rodando a reportagem daquele baile. Encontrei boa partida da revista pronta. Apanhei uma, ao acaso, e, folheando-a, procurei a página referente ao Baile do Copacabana. O homem olhava por cima dos meus ombros. E soltou um “oh”, misto de espanto e pavor, quando viu a foto que abria a reportagem. Grande, ocupando toda uma página, mostrava-o de cabelos revoltos e cheios de confete, camisa esporte aberta no peito, totalmente tomado pelo espírito do Carnaval. Como se isso não bastasse, uma esbelta morena, pernas de fora, fantasiada de grega, estava escarranchada sobre os seus ombros. E ele pulava indiferente ao “flash” do fotógrafo, trotando pelo salão com sua curvilínea e bem despida cavaleira. Os detalhes vieram a seguir:

“— Eu não vi quando bateram a foto... o senhor sabe, a gente vai bebendo, bebendo, e acaba não vendo mais nada... Foi um amigo quem me chamou a atenção, dizendo que o fotógrafo era de “O Cruzeiro”. Por favor, me ajude...

“Eu não podia ajudá-lo. Mas levei-o de volta ao gabinete do Diretor. Vendo o desespero do rapaz, e condoído da sua situação, este resolveu chamar um retocador. Explicando-lhe que deveria colocar, no próprio cilindro onde estava gravada a foto, bigode e barba no alegre folião. Ficaria irreconhecível. Curioso, acompanhei o trabalho do nosso exímio profissional. Ao término do mesmo, nem a mãe do irresponsável marido o reconheceria”. Etc., etc.

Ora, aí está a confissão de que a revista “O Cruzeiro” adultera fotografias! “Nem a mãe do irresponsável marido o reconheceria”... E o próprio diretor autorizou o retoque... feito pelo “exímio retocador”... Pode-se, portanto, acredi-

tar no que essa revista publica..?

Não se pode dar crédito ao texto e, muito menos, às fotografias estampadas! E, note-se, trata-se de uma auto-confissão! E feita por um dos repórteres mais categorizados da revista.

Insistimos, pois: tem a revista “O Cruzeiro” condições morais para lançar reptos a quem quer que seja?

Que responda o leitor ...

C) Quem garante que a revista proclamaria a autenticidade da materialização, caso aceitassem os médicos o “repto de honra”? Retratar-se-ia ela, depois de uma campanha violenta contra a dignidade dos médicos e da médium? Retratar-se-ia, depois de chamar os dezenove médicos de escroques e de... gangsters?! Não, que nem deu ela aos médicos o direito de réplica.

Só um ingênuo, portanto, aceitaria esse paradoxal “repto de honra”. Assim, a resposta só poderia ser a que os médicos deram à revista<sup>46</sup> e cujo texto é o seguinte:

“Na qualidade de relatores, em nome da equipe médica que investiga os fenômenos de materialização em Uberaba, considerando os conceitos afrontosos que nos foram lançados em recentes reportagens por uma revista editada na Guanabara; o recuo dos autores dessas reportagens, através de um comunicado que deram à imprensa paulistana, assinado pela Direção dessa mesma revista, à mesa redonda esclarecedora, conosco, organizada pela TV-Cultura, Canal 2 de São Paulo, em 18 de janeiro findo, conforme reportagem do “Diário de São Paulo”, de 17 do referido mês; a não publicação em época oportuna da réplica que remetemos à Direção da mesma revista, em 19 do mês atrasado; e os termos injuriosos com que se referiu ao nosso colega dr. Waldo Vieira, que nos cedeu gentilmente o seu consultório para as experimentações; não apenas recusamos todo aviso proveniente desse semanário, como também não reconhecemos honorabilidade moral na Direção dessa revista para nos dirigir repto que visa exploração sensacionalista com fins publicitários. “Informamos às pessoas interessadas que as pesquisas metapsíquicas, nesta cidade, prosseguem normalmente.

Uberaba, 4 de março de 1964

**Dr. Adroaldo Modesto Gil**  
**Dr. Eurípedes Tahan Vieira**  
**Dr. Elias Barbosa**

---

<sup>46</sup> A resposta dos médicos ao repto foi divulgada nos principais jornais do país. Em São Paulo, veio à lume pela primeira vez em 9/3/64 no “Diário da Noite”.

**DEPOIMENTO DE CHICO XAVIER SOBRE  
AS SESSOES COM OTILIA DIOGO**

*Eu tenho muita confiança na  
mediunidade de nossa Otilia”.*  
*(Chico Xavier)*

É importante, agora, oferecer ao leitor as impressões de Francisco Cândido Xavier sobre as experimentações em Uberaba com a médium Otilia Diogo. Por três motivos: Chico participou de reuniões com a médium; é, talvez, o maior conhecedor da Doutrina Espírita no Brasil; e é possuidor de inúmeras mediunidades, provadas e comprovadas. Espírito de uma evolução notável, sua palavra representa, para todos nós, uma garantia.

Ouçamos o belo depoimento de Chico:<sup>47</sup>

“Nós tivemos (diz o famoso médium mineiro) a felicidade de receber o contentamento dessas tarefas, aqui em nossa casa, porque as atividades todas de dona Otilia se desdobraram no consultório do nosso Waldo e que está anexo a nossa residência. Foi uma alegria conhecer a nossa irmã Otilia Diogo e o nosso amigo Walter Rezende, que é também médium na cidade de Araguari e que esteve conosco por ocasião de algumas tarefas mediúnicas com dona Otilia.

“Eu tive o prazer de assistir experiências, havidas por deferência dos nossos amigos da medicina; experiências de caráter científico. Eu creio mesmo que seria dispensável minha presença; mas, fui convidado e compareci com muito prazer. Foi para mim um conforto muito grande poder abraçar a nossa Irmã Josefa materializada em nossa reunião. Tive a felicidade de conseguir sair numa foto em que eu estava (para muita alegria minha) ao lado dela. Os nossos amigos espirituais, o nosso Emmanuel e o nosso André Luís sempre estimam em alta conta os trabalhos de materialização no setor da comprovação científica da sobrevivência da alma, além da morte. E, sobretudo, há muitos anos, eles me ensinam, e me constringem mesmo, a considerar a oportunidade da mediunidade de efeitos físicos no setor do alívio das dores da humanidade. De modo, que eu, desde há muito tempo, interesse-me pessoalmente por esses trabalhos com o objetivo do socorro ao sofrimento humano.

---

<sup>47</sup> O depoimento foi gravado em fita magnética. Doado à Exposição Espírita Permanente, de Uberaba.



Porque eu acho, que a mediunidade de efeitos físicos pode cooperar com a medicina, que eu respeito como sendo a ciência que Deus nos concedeu neste mundo, para a cura das doenças. Mas, creio que as religiões podem cooperar também com a medicina para socorro ao sofrimento humano. De modo que eu, Rizzini, reafirmo a você o contentamento que senti ao partilhar dessas experiências com dona Otilia.

“O nosso André Luís, que desde a primeira hora tem estado à testa deste serviço através da mediunidade do nosso Waldo e mesmo através de nós, insiste para que venhamos a trabalhar também na comprovação científica, positiva, da imortalidade, a trabalhar na orientação dos problemas da ectoplasmia, da mediunidade a serviço da ciência como elucidação, mas num setor de respeito recíproco entre a ciência e a fé, com a honestidade e o respeito que nós devemos uns com os outros: os médiuns para com os médicos e os srs. médicos para com os médiuns. De modo que esses trabalhos visam isso: uma aproximação em que nós possamos orientar melhor os médiuns para a tarefa espírita e um aprimoramento espiritual dos médiuns. E ao mesmo tempo nos sentirmos garantidos por médicos humanos, consagrados a fraternidade humana que amam aos seus semelhantes, para que tenhamos confiança uns nos outros e podermos compreender que essa obra e uma obra de nós todos, em nome de N. S. Jesus Cristo em benefício da humanidade. Quem nem os médiuns são donos da verdade, nem a mediunidade é dona da verdade, e nem a ciência. Todos podemos trabalhar em conjunto: os médiuns, respeitando a medicina (porque a medicina vem de Deus para a cura das nossas doenças) e os médicos, também (humanos, amigos, fraternos, honestos) respeitando a mediunidade. Então, sim, nós acreditamos, pessoalmente, que háverá um grande progresso: porque e o coração aliado ao raciocínio, o raciocínio ao sentimento para que a obra seja de nós todos, da humanidade.

“Eu tenho muita confiança na mediunidade de nossa dona Otilia, que é realmente uma senhora digna do maior respeito pela honestidade, pela bondade e, vamos dizer, pela espontaneidade com que se entrega aos controles, pelo respeito aos cientistas. Ela se entrega de coração às exigências que foram feitas para que se verificasse a comprovação científica do fenômeno. De modo que eu respeito nela imensamente a bondade e esse amor a verdade. Dona Otilia se submeteu a todas as exigências que nós fizemos, porque eu, de minha parte, entrei na sessão sem um lenço no bolso.

“Chico (perguntamos) qual a conexão entre os fenômenos registrados nos mais antigos documentos e os apresentados por dona Otília Diogo?

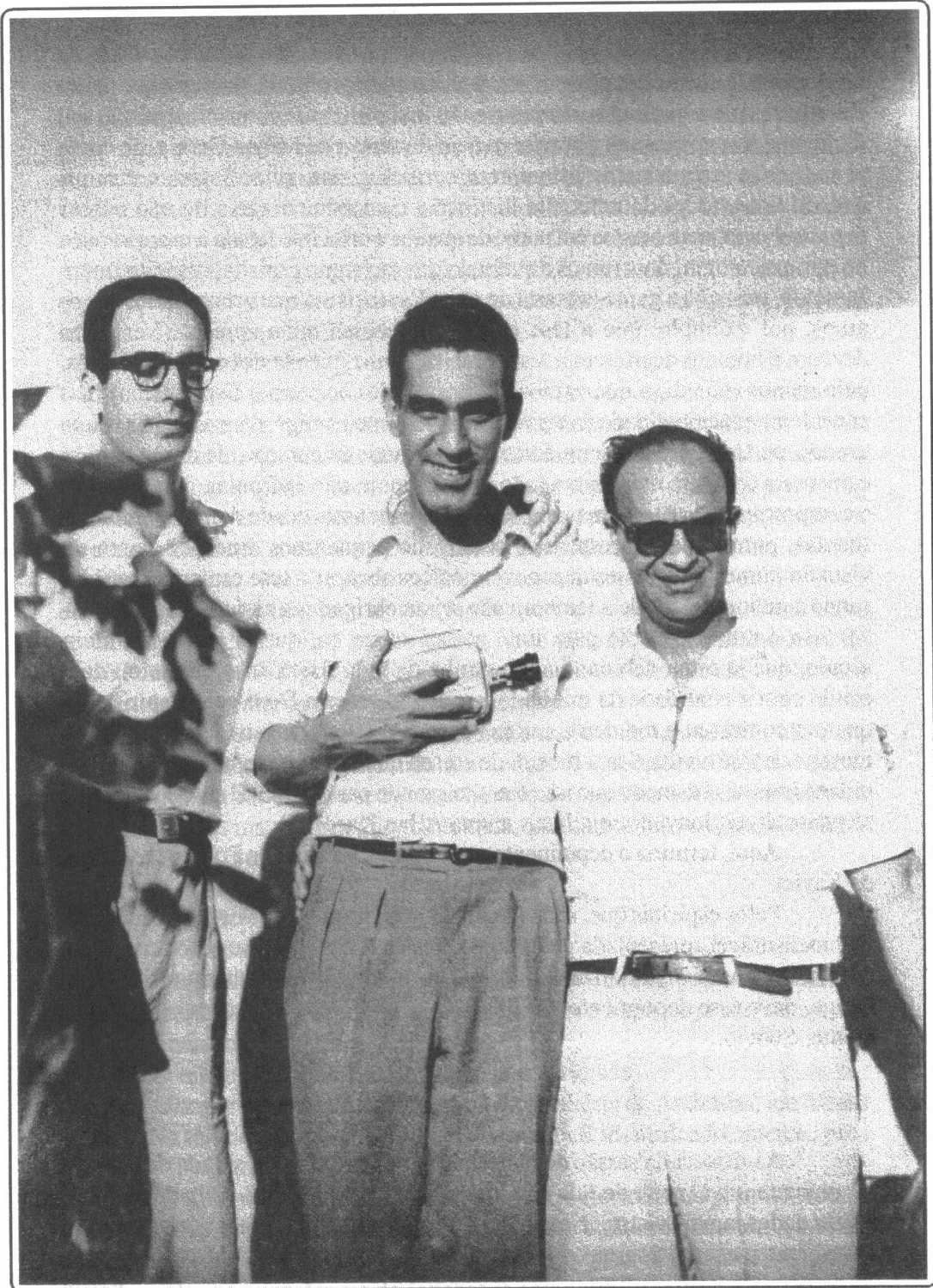
“A pergunta é muito interessante, porque quando os nossos amigos médicos completaram o vedamento das menores frestas, de todas as aberturas no consultório do nosso Waldo; depois que a médium dona Otilia já estava

com os pés e mãos atados e que os trabalhos foram iniciados, eu vi ao nosso lado o espírito de Emmanuel, que naturalmente você conhece.

Então, ele se referiu que a nossa reunião lembrava aquele grande dia de Jerusalém quando os discípulos, de portas fechadas (conforme a palavra indiscutível do Evangelho) receberam a visita de N. S. Jesus Cristo, plenamente materializado depois da crucificação. Então, disse o nosso Emanuel, que guardadas as proporções, muito longe de querermos comparar a reunião nossa com a reunião apostólica, disse ele que o fenômeno da reencarnação do Cristo lembrava o da Irmã Josefa e do nosso amigo dr. Alberto Veloso que foram os espíritos que se materializaram no consultório: um, na condição de mulher, porque a Irmã Josefa foi uma freira muito distinta, e o outro na condição de homem, o dr. Veloso, que aparece à moda oriental. De modo que Emmanuel, após lembrar a materialização de Jesus, lembrou ainda que a religião do espírito, sem o túmulo, a religião que não tem cadáver, e o Cristianismo, que o Espiritismo hoje está revivendo! O Cristianismo é uma religião sem cadáveres, pois começou com Jesus Cristo ressuscitado: foi o grande morto revivido para demonstrar que não há morte.

“Emmanuel lembrou também o fenômeno do Tabor (vamos nós referir apenas ao Evangelho para dizer que as nossas religiões, as religiões nascidas do Cristianismo estão corretas na essência, porque elas cuidam da imortalidade da alma; se há algum assunto fora disso, não corre por conta do Evangelho); o Evangelho diz que quando Jesus subiu ao Tabor, diante dos discípulos, lá estavam Moisés e um outro varão devidamente materializados. Ora, é muito importante para nós, recordar que as grandes verdades da antiguidade são as verdades modernas, por muito que queiramos traçar figurino para atitudes de interpretação do mundo; acrescentou ainda o nosso benfeitor Emmanuel, cuja voz eu estou ouvindo na minha vida desde o ano de 1931. Desde essa data, o espírito de Emmanuel está cuidando de mostrar a raiz do Espiritismo no Evangelho de Jesus e a grandeza do Evangelho do Espiritismo como desdobramento um do outro. Porque toda a pregação de N. S. Jesus Cristo transcorreu entre fenômenos mediúnicos: voz direta no dia do encontro de Jesus com João Batista; no dia de Pentecoste, quando os apóstolos se sentiram com a missão de evangelizar; a materialização no Tabor; a materialização de Jesus depois da crucificação; a cura dos obsediados por espíritos das trevas em túmulos; visões; etc.

“Nós, os cristãos, que estamos cuidando do nome de Jesus Cristo na terra, nós não podemos esquecer estes assuntos! Nós não podemos querer afastar o problema espiritual da nossa vida por uma questão de fuga, de fuga à responsabilidade, mas não podemos fugir da verdade: a vida continua, além da morte! De modo que, meu caro Rizzini, creia que se eu desencarnar, agora, levo



*Waldo Vieira, Jorge Rizzini e Chico Xavier em Uberaba*

uma alegria muito grande no meu coração porque tive a honra, e a felicidade, de ver dezenove médicos, homens de uma cultura profunda, homens de muita responsabilidade (juntos de uma pessoa tão insignificante como eu, que não sou nada, que sou apenas um pobre sertanejo do sertão de Minas Gerais, de curso primário) ver esses homens, psiquiatras, cardiologistas, ginecologistas, cirurgiões, clínicos, todos da mais alta distinção, com esta coragem de não buscar fuga nenhuma, nem mesmo em nome de qualquer princípio ligado à metapsíquica ou parapsicologia, dois ramos da ciência que eu, como espírita, respeito imensamente, mas que a gente gostaria de ver o Espiritismo mais respeitado: queríamos, por exemplo, que a tese espírita recebesse mais apreço... Ver esses dezenove homens aceitarem a tese espírita, sentir que ela deve ser respeitada, pelo menos (não digo que vamos exigir que eles aceitem o Espiritismo) mas considerar a racionalidade da tese espírita, isto, meu amigo, é uma alegria muito grande, porque é preciso ser médico muito grande de coração, de muita cultura e de muita coragem moral para (não digo afrontar, não é afrontar, mas é aceitar o compromisso diante da maioria; aceitar a responsabilidade diante da maioria imensa, porque nós, os espíritas, somos tão pequeninos ainda do ponto de vista de número) ver esses dezenove médicos abraçar a tese espírita, considerando a racionalidade dela (embora não sejam obrigados a assumir compromisso) isso é muito consolo para uma pessoa como eu, que já passei do meio século, que já estou descendo a montanha da vida física, mas que estou descendo com a vitalidade da minha fé, rendendo graças a Deus pelo Espiritismo que me confortou e me deu a certeza de que a vida continua, de que não há morte e de que a vida e esta mocidade eterna que Deus reservou para a humanidade inteira! De modo que isso é muito grande para mim... E eu, ao terminar, só posso dizer: louvado seja Jesus e viva Allan Kardec!”

Aqui, termina o depoimento magnífico e decisivo de Francisco Cândido Xavier.

Petos espíritas que, infantilmente, aceitaram como verdade a mentira incomensurável apresentada pelos repórteres da revista “Cruzeiro” em torno dos fenômenos de materialização, através da mediunidade exuberante de Otília Diogo, deve esse depoimento de Chico Xavier ser lido, mais uma vez — atentamente, é óbvio.

\* \* \*

A odisséia da sessão de materialização realizada na cidade de Uberaba, na memorável noite de 3 de janeiro de 1964, termina aqui. O balanço final revela dados jamais vistos. Note o leitor que a campanha difamatória ocupou, exatamente, setenta páginas do semanário. Setenta páginas ilustradas por...

oitenta e sete fotografias! A campanha teve a duração de três meses consecutivos, o que é, também, fato inédito na imprensa brasileira. E, ainda, este detalhe fantástico: foram espalhados em todo o território nacional quatro milhões, seiscentos e setenta e cinco mil exemplares de “O Cruzeiro”, apresentando como “embusteiros, mistificadores e escroques” Otília Diogo e os dezenove médicos que lhe experimentavam a mediunidade. Francisco Cândido Xavier não escapou à sanha dos cinco repórteres de “O Cruzeiro”. Além dos cinco milhões de exemplares em português arrasando o Espiritismo, lembremo-nos de que a revista “O Cruzeiro” percorria os países da América Latina, pois era editada, também, em castelhano!

Foi um furacão que repercutiu na imprensa européia, inclusive.

De nossa parte, para repor a verdade em seu devido lugar, totalizamos nada menos que dez horas falando diante das câmeras de televisão.

Otília Diogo, depois do escândalo da materialização de Uberaba, viveu ainda vinte e quatro anos. A derrocada da médium começou em 1965, quando passou a fazer sessões de efeitos físicos na residência de famílias ricas, recebendo em troca presentes. Os Espíritos bons afastaram-se, então, e Otília passou a fraudar. Foi, finalmente, desmascarada em setembro de 1970. O dinheiro que acumulara com as fraudes evaporou-se, aos poucos, e em 1 ano conheceu a miséria. Mas, graças ao seu novo marido, um caminhoneiro de nome Pedro, homem digno, Otília Diogo recuperou-se, moralmente. Quanto à mediunidade, porém, estava perdida para sempre.

Otília Diogo desencarnou cancerosa no dia 8 de agosto de 1988. Fato notável: durante a fase terminal não sentiu dor. Desencarnou lúcida, o que é, também, de admirar-se. Em seu quarto humilde, paupérrimo, estava presente a misericórdia divina. Otília Diogo, deitada, pálida e muito magra, de súbito dissera a Pedro, num sussurro:

— Estou indo, Pedro.

— Indo para onde? Perguntou ele.

— Indo embora.

Ela pediu água. Bebeu um pequeno gole. Pedro, sentado à beira da cama, amparava-a e lhe acariciava os cabelos, mas o Espírito já não estava ali: Otília desencarnara.

O relógio marcava quatro horas da madrugada.

O corpo da médium foi enterrado no cemitério de Andradas, em Minas Gerais. No túmulo não consta, sequer, seu nome. É identificado, apenas, pela inscrição: “Perpétua 1.107”.

Quanto aos “Diários Associados” (a maior rede de jornais, revistas, emissoras de Rádio e Televisão, não apenas, do Brasil, mas da América do Sul, e da qual fazia parte a revista “O Cruzeiro”) foram à falência — quem diria? — alguns anos depois da tenebrosa campanha contra o Espiritismo.

## OBRAS DO MESMO AUTOR

**O Regresso de Glória** — Editoras EME/Eldorado - 2a. edição

**Kardec, Irmãs Fox e Outros** — Editoras EME/Eldorado - 2a. edição

**Materializações de Uberaba** — LivroFácil-NovaLuz Editora - 2a edição

**Escritores e Fantasmas** — Editora Correio Fraternal do ABC - 2a edição

**Caso Arigó** — Editora Supertipo

**O Sexo nas Prisões** (com um parecer do Procurador da República. Estudo jurídico) — Editora Nova Época

**Beco dos Aflitos** (contos) — Editora Civilização Brasileira. Obra laureada pela União Brasileira de Escritores: “Prêmio Fábio Prado”.

**A Verdade sem Véu** — a sair.

**Herculano Pires, o Apóstolo de Kardec** — em preparo.

## PEÇAS TEATRAIS

**A Terceira Revelação** (peça em três atos) - FEESP.

**A Cidade Perdida** (peça infanto-juvenil) Peça laureada pelo Departamento de Cultura do Estado de São Paulo.

## LITERATURA INFANTO-JUVENIL

**Vida de Monteiro Lobato** — Editora Correio Fraternal do ABC - 2a. edição

**Carlito e os Homens da Caverna** (novela) — Editora Brasiliense

**Histórias de Dona Santinha** (contos) — Editora Piratininga

**A Cidade perdida** (teatro) — Peça laureada pelo Departamento de Cultura do Estado de São Paulo.

## BIOGRAFIAS SONORAS

**A Vida Missionária de Allan Kardec e A Vida Maravilhosa de Chico Xavier** (texto teatralizado para um CD) — NovaLuz Editora

## OBRAS PSICOGRAFADAS

**Antologia do Mais Além** — Editora Paulo de Tarso - 3a. edição

**Sexo e Verdade** — Editora Correio Fraternal do ABC - 4a edição

**Castro Alves Fala à Terra** — Editora Instituto Maria - 2a. edição

## MÚSICAS MEDIÚNICAS

**Compositores do Além, vol. 1** — LP e Fita K-7 com músicas populares nacionais cantadas. USE.

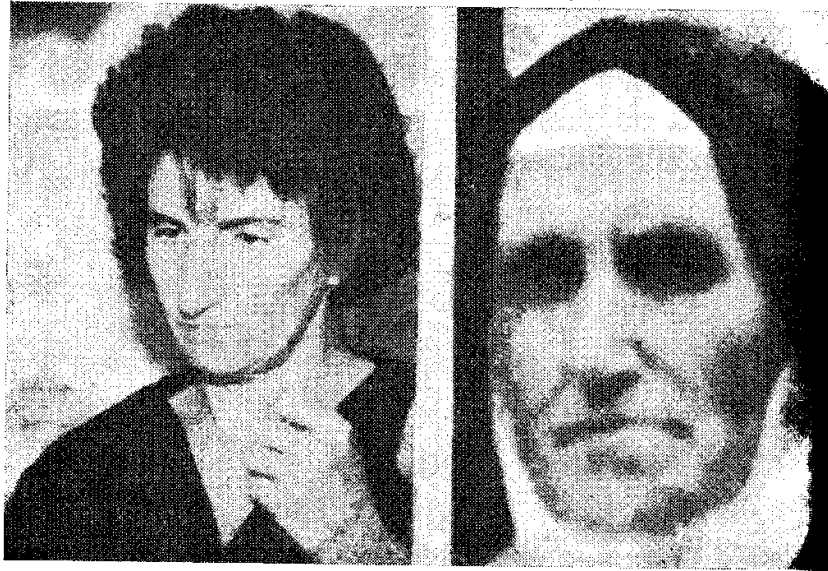
**Compositores do Além, vol 2** — LP com músicas nacionais, argentinas e norte-americanas cantadas. USE.

**Compositores do Além, vol. 3** — LP com músicas líricas italianas cantadas USE.

**Marchas Mediúnicas** — Disco compacto. Ed. Correio Fraternal do ABC.

**Espiritualidade** — CD com músicas nacionais cantadas. FEESP.

FOTOS QUE CONSTAM APENAS NA 1ª EDIÇÃO





*O autor deste livro e Otília Diogo. Foto batida, em São Paulo, horas antes da sessão em nossa residência.*